

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

Vander Lúcio de Souza

Caminho do boi, caminho do homem:
O léxico de Águas Vermelhas – Norte de Minas

Belo Horizonte
2008

Vander Lúcio de Souza

Caminho do boi, caminho do homem:
O léxico de Águas Vermelhas – Norte de Minas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da
Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito
parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de Concentração: Linha B
Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Lingüística
Orientador: Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2008

**Dissertação aprovada em 18 / 03 / 2008 pela Banca Examinadora constituída pelos
Professores Doutores:**

Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra – UFMG
Orientadora

Profa. Dra. Aparecida Negri Isquendo - UFMS

Profa. Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen - UFMG

A Arthur e Thaís, adoráveis filhos, frutos da minha existência neste mundo.

À Lílíam Carla, mais que esposa, companheira em todos os momentos, abdicando, muitas vezes, durante esta pesquisa, do lazer e do descanso.

Agradecimentos

A Deus, que sempre esteve ao nosso lado, iluminando nosso caminho nos momentos difíceis.

À Profª Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, pela dedicação e orientação na presente pesquisa, e, muito mais, pelo grande incentivo que me tem dado para trilhar novos caminhos nos estudos lexicais.

A todos os professores da Graduação e da Pós-Graduação, que muito contribuíram para que eu chegasse até aqui, e em especial à Profª Dra. Viviane Cunha, que me despertou o gosto pela pesquisa lingüística ainda na Graduação.

A todos os colegas do Curso de Pós-Graduação, pela amizade e pelo entusiasmo que me passaram, contribuindo para que esta jornada fosse mais tranquila.

Ao colega Humberto Mendes, pela amizade e pela assessoria técnica prestada na elaboração desta dissertação.

Aos coordenadores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos – FALE/UFG, que acreditaram em nossa proposta, viabilizando este Mestrado.

As entrevistados, que, mesmo sem nos conhecer, receberam-nos como se fôssemos de casa, contribuindo imensamente para esta pesquisa com seus “causos” e suas histórias de vida.

Aos parentes e amigos de Águas Vermelhas, que muito nos ajudaram durante os trabalhos de campo, em especial a Enilsa, Odete e Olivérica, à bibliotecária da Escola Estadual Coronel José Venâncio de Souza, Marlene de Souza Queirós, à Prefeitura de Águas Vermelhas e ao Sr. José Heraldo – tabelião de Águas Vermelhas - que nos forneceram material sobre a história do município e se mostraram muito prestativos.

Aos nossos familiares, esposa, filhos, pais e irmãos, que, mesmo muitas vezes sentindo a nossa ausência, souberam compreender a importância deste nosso trabalho, em especial à minha mãe, “Dona Vanda”, pelas suas preces costumeiras.

Aos colegas de trabalho, pela inestimável colaboração, tornando possível este trabalho de Mestrado.

Finalmente, a todos aqueles que, de alguma forma, nos incentivaram e encorajaram a seguir firme nesta empreitada, nossa eterna gratidão.

“E a gente, aqui nesses Gerais, estava tão longe de tanta coisa!”

Guimarães Rosa

RESUMO

Esta pesquisa estuda o léxico do município de Águas Vermelhas, no Norte de Minas, parte constitutiva de duas rotas ligadas ao desbravamento do território mineiro: 1) a rota de uma das bandeiras mais antigas que adentrou o Estado de Minas (século XVI), (cf. VASCONCELOS, 1944); 2) a rota do caminho do boi – responsável pelo abastecimento em Minas Gerais a partir do século XVIII. O objetivo é realizar um estudo lingüístico-histórico-cultural do município, tendo como foco o campo semântico do mundo rural, por meio de entrevistas orais – posteriormente transcritas segundo a metodologia adotada pelo *Projeto Pelas Trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais* da FALE-UFMG –, estudo descritivo do léxico, agrupamento do vocabulário selecionado em campos lexicais, e contextualização histórico-cultural. O referencial teórico baseia-se na Sociolingüística (LABOV, 1972 e MILROY, 1992), na Antropologia Lingüística (DURANTI, 2000 e HYMES, 1964), no conceito de “região cultural” (DIÉGUES JR., 1960); em estudos históricos sobre a região (MAGALHÃES, 1935, ZEMELLA, 1990 e ABREU, 1963 e 1982); na teoria dos campos lexicais (BIDERMANN, 1978, 1998 e 2001, COSERIU, 1977). Após a análise dos dados, constataram-se casos de retenções lingüísticas, de variações e de mudanças lingüísticas ao longo do tempo, a existência de um vocabulário regional e de casos de influências lexicais da região nordeste do Brasil, principalmente da Bahia. Os resultados deste estudo ressaltam aspectos históricos, sociais e culturais da região, destacando a importância do homem rural e da pecuária no município de Águas Vermelhas, assim como a relevância de um estudo lingüístico, com enfoque no léxico, para a descrição da língua portuguesa contemporânea do Brasil.

ABSTRACT

This research shows the lexicon of the North part of Minas Gerais State, especially Águas Vermelhas (Red Waters) – its location placed between two routes that discovered the Minas Gerais territory. The routes are: 1st) the route of one the oldest flags that uncovered the State of Minas Gerais (16th century), as mentioned by Vasconcelos (1944); 2nd) the oxen route – a route used to provide supplies to Minas Gerais from the 18th century. The objective was to perform a linguistic historical and cultural study, focusing on the semantic area of this rural area, through oral interviews. On these transcripts, we followed the methodology used on other projects performed by members of Through the Walkways of Minas Project: the flags and language of the Gerais (FALE-UFMG) a detailed lexical study, grouped in two kinds of vocabulary: lexical field and historical and cultural context. As for theoretical support we relied on Sociolinguistics (LABOV, 1972 and MILROY, 1992), on Anthropological Linguistics (DURANTI, 2000 and HYMES, 1964), on the concept of “cultural region” (DIÉGUES JR., 1960); on historical studies of the region (MAGALHÃES, 1935, ZEMELLA, 1990 e ABREU, 1963 e 1982); on the lexical field theory (BIDERMAN, 1978, 1998 e 2001, COSERIU, 1977). After analyzing the data, this study revealed retention linguistic cases of variation and linguistic modification through the years; a regional vocabulary and cases of lexical influence from the northeast region of Brazil specially Bahia. On this vocabulary study, we could bring back certain historical, social and cultural aspects of the region and also highlight the importance of the countrymen and cattle breeding in Águas Vermelhas (Red Waters) town, by proving the importance of a linguistic study with a lexical focus in order to describe the contemporary Portuguese language in Brazil.

Abreviaturas^{*}

Adj. – adjetivo
Adv. – advérbio
Cap. - Capitania
Cf. – confira
Entr. – entrevistador
Inf. - informante
Interj. – interjeição
Loc. adv. – Locução adverbial
Loc. verb. – Locução verbal
n/e – não encontrado
NE – Nordeste
Prep. - preposição
Pron. – pronome
s. – substantivo
Terc. – terceiro
TN – Tradução Nossa
v. - verbo

^{*} Essa lista se refere apenas àquelas abreviaturas utilizadas em nosso texto, não relatadas aqui aquelas pertencentes aos dicionários consultados.

LISTA DE TABELAS

Tabela nº 1 – Classe gramatical dos dados analisados.	179
Tabela nº 2 – Distribuição dos campos lexicais.	191

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico n.º 1 – Número de lemas encontrados em cada dicionário.....	178
Gráfico n.º 2 – Distribuição percentual das lexias dicionarizadas e não dicionarizadas.....	179
Gráfico n.º 3 – Percentual de lexias dicionarizadas por classe gramatical.....	180
Gráfico n.º 4 – Percentual de lexias não dicionarizadas por classe gramatical.....	181
Gráfico n.º 5 – Percentual de <i>brasileirismos</i> , e de lexias de origem indígena e africana entre as lexias dicionarizadas.....	183
Gráfico n.º 6 – Distribuição percentual dos casos de mudança e manutenção lingüística.	186

LISTA DE FOTOS

Foto nº 1 – Silhueta do gado.....	17
Foto nº 2 - Vista do rio Mosquito	27
Foto nº 3 - Águas Vermelhas no início do século passado.....	53
Foto nº 4 – Senhora de Águas Vermelhas fazendo rendas com bilros	71
Foto nº 5 – Bois no engenho.....	184
Foto nº 6 – Casarão antigo de Águas Vermelhas	216
Foto nº 7 – Zona rural de Águas Vermelhas	238

LISTA DE MAPAS

Mapa 01 – Regiões culturais do Brasil.....	44
Mapa 02 – Localização do município de Águas Vermelhas – MG.....	45
Mapa 03 – Povos indígenas que viviam em Minas Gerais no século XVI	55
Mapa 04 – Mapa das entradas, caminhos e bandeiras.....	57
Mapa 05 – Recorte das rotas alternativas	60
Mapa 06 – Mercados abastecedores de Minas Gerais.....	62
Mapa 07 – Planta Geográfica do Continente que corre da Bahia de Todos os Santos até a Cap. do Espírito Santo e da Costa do mar até o rio São Francisco.....	63

SUMÁRIO

Introdução.....	13
Capítulo 1 – Léxico e Cultura.....	18
1.1. Os estudos lexicais	18
1.2. A relação entre língua e cultura	22
Capítulo 2 – Procedimentos Teórico-Metodológicos.....	28
2.1. Pressupostos teóricos	28
2.1.1. Campos lexicais	28
2.1.2. Variação e mudança lingüística	32
2.1.2.1. A Sociolingüística	33
2.1.2.2. As redes sociais e a mudança lingüística.....	36
2.1.2.3. A mudança lexical	37
2.1.3. Cultura	39
2.1.3.1. Região cultural.....	40
2.2. Métodos e procedimentos	45
2.2.1. A ficha de análise.....	47
2.2.2. A coleta de dados	48
2.2.3. A escolha dos informantes	49
2.2.4. As transcrições	49
Capítulo 3 – Aspectos Históricos da Região Norte de Minas	54
3.1. História do povoamento da região norte de Minas Gerais	54
3.1.1 Primeiros habitantes.....	54
3.1.2 A chegada do europeu.....	56
3.1.2.1. Caminhos e povoamento da região.....	58
3.1.2.2. Outros caminhos	60
3.1.2.3. Formação de vilas	64
3.1.3 Figuras importantes na constituição social no Norte de Minas	65
3.1.3.4. Heterogeneidade étnica no Norte de Minas.....	67
3.2. Histórico do município de Águas Vermelhas	68
Capítulo 4 – Apresentação e Análise dos Dados	72
4.1. As fichas lexicográficas	72
4.2. Análise quantitativa.....	177
4.2.1. Quanto ao número de lexias presentes em cada dicionário	177
4.2.2. Quanto à classe gramatical.....	178
4.2.3. Quanto às lexias dicionarizadas e não dicionarizadas.	179
4.2.3.1. Dicionarização segundo a classe gramatical	180
4.2.4. Quanto à origem.....	182
Capítulo 5 – Discussão dos Resultados	185
5.1. Variação, manutenção e mudança dos lexemas ao longo do tempo	185
5.2. Quanto aos arcaísmos.....	187
5.3. Campos lexicais	190
5.3.1. Macrocampo: natureza.....	193
5.3.1.1. Campo léxico: flora/fauna	193
5.3.1.2. Campo léxico: água	194
5.3.1.3. Campo léxico: espaço.....	195

5.3.1.4. Campo léxico: tempo.....	196
5.3.2. Macrocampo: sociedade.....	197
5.3.2.1. Campo léxico: sociedade.....	197
5.3.2.2. Campo léxico: crenças/costumes.....	198
5.3.2.3. Campo léxico: produtos.....	200
5.3.2.4. Campo léxico: fazenda	201
5.3.2.5. Campo léxico: comida/bebida	203
5.3.2.6. Campo léxico: saúde.....	204
5.3.2.7. Campo léxico: quantidade.....	205
5.3.2.8. Campo léxico: estado	205
5.3.2.9. Campo léxico: morfologia	205
5.3.3. Macrocampo: atitudes.....	206
5.3.3.1. Campo léxico: vontade	206
5.3.3.2. Campo léxico: convivência	2067
5.3.3.3. Campo léxico: conhecimento	208
5.3.3.4. Campo léxico: existência.....	208
5.3.3.5. Campo léxico: sentimento	209
5.3.3.6. Campo léxico: causalidade	209
5.3.3.7. Campo léxico: conduta/moral.....	206
5.3.3.8. Campo léxico: relação	206
5.3.3.9. Campo léxico: movimento	210
5.4. A influência de redes sociais no léxico de Águas Vermelhas.....	213
5.5. A relação entre o léxico de Águas Vermelhas e sua cultura	215
Capítulo 6 – Glossário	217
Considerações Finais	239
Referências	243

INTRODUÇÃO

A partir da década de 90 do século passado, os estudos lingüísticos, com enfoque no léxico, passaram a ocupar um espaço cada vez maior, com o desenvolvimento de vários trabalhos, tanto no exterior como no Brasil.

Dentre essas linhas de pesquisa, uma que tem despertado o interesse dos estudiosos é a que relaciona língua e cultura. Sabemos que a língua está intimamente relacionada com a cultura de um povo e por meio dela que todo conhecimento, valores e crenças adquiridas ao longo do tempo são transmitidos de geração a geração. É por meio do léxico que os traços culturais de um povo mais se evidenciam.

Partindo dessa premissa, propomos realizar um estudo lingüístico com enfoque no léxico, no município de Águas Vermelhas / MG, tendo como suporte o tripé léxico, cultura e sociedade. A idéia é mostrar que, mediante um estudo lexical, podemos conhecer um pouco da história e cultura local de um povo ou comunidade.

Analisar o léxico da região norte de Minas, mais especificamente do município de Águas Vermelhas, despertou nosso interesse pelo fato de esse município fazer parte de uma das rotas de entradas e bandeiras mais antigas do território mineiro – a entrada de Spinosa e Navarro (1554). O município também faz parte do “caminho do boi” – rota de tropeiros vindos da Bahia e Pernambuco, com o objetivo de abastecer as regiões mineradoras de Minas Gerais no século XVIII. As fazendas ou “currais” que aí se desenvolveram tornaram-se o principal motivo de povoamento da região, o que dá um traço peculiar à cultura local.

Ganha importância ainda para os estudos lingüísticos o fato de esse município estar localizado em uma região de fronteira, uma zona de transição, fazendo divisa com o estado da Bahia. Outro dado relevante é a localização de Águas Vermelhas em relação aos grandes centros urbanos, fato que pôde contribuir para uma menor interferência lingüística de outros falares.

A partir das características da região citada, levantamos algumas hipóteses que nos nortearam nesta pesquisa:

a) dado o isolamento e distanciamento da região em relação aos grandes centros urbanos, considerados centros de inovação lingüística, esperávamos obter casos de retenções lingüísticas no léxico local;

b) por ser o município de Águas Vermelhas / MG fronteiro com o estado da Bahia, influências lingüísticas – sobretudo no nível do léxico – poderiam ser encontradas na língua dos falantes entrevistados;

c) levando-se em conta que o léxico pode revelar aspectos históricos, sociais ou culturais de uma língua, presumíamos que o vocabulário apresentado pelos entrevistados – habitantes da região, com idade superior a 70 anos e de baixa escolaridade – pudesse mostrar a estreita relação entre língua e cultura, em especial, à cultura do gado, tão presente na vida de grande parte dos moradores não só da região, mas de todo o Norte de Minas;

d) por ser uma região povoada, em tempos pretéritos, por tribos indígenas e identificada com o uso do trabalho escravo nas fazendas, contávamos encontrar unidades lexicais que fossem de origem indígena ou africana, ou que designassem coisas ou objetos que fizessem parte da cultura desses povos;

e) uma vez que a maioria dos entrevistados é de origem rural, esperávamos encontrar unidades lexicais que comprovassem um linguajar próprio do meio rural.

Isso posto, elegemos como objetivos desta pesquisa:

a) realizar um estudo léxico-cultural no município de Águas Vermelhas/MG, tendo como foco o campo semântico do “mundo rural”;

b) descrever o léxico coletado em entrevistas, agrupando-os em campos semânticos;

c) levantar aspectos socioculturais da região estudada, para posterior auxílio à análise do *corpus*;

d) procurar vestígios de vocabulários setecentistas e oitocentistas que se configurassem como casos de retenção lingüística;

e) relacionar os dados coletados à história e à cultura local e, principalmente, ao “caminho do boi”.

A fim de atender aos objetivos propostos neste estudo, dividimos nosso trabalho em sete capítulos.

No capítulo 1, denominado **Léxico e Cultura**, apresentamos um breve histórico a respeito dos estudos lexicais, mostrando seus primeiros contornos e seu desenvolvimento desde a antigüidade até os dias atuais. A seguir, tratamos da relação entre língua, sociedade e cultura, mostrando o desenvolvimento dessa linha de pensamento desde o século XIX, destacando principalmente os estudos de Duranti e Hymes. Apresentamos ainda, nessa segunda parte, algumas definições de cultura tratadas por Duranti, importantes para este estudo.

O capítulo 2 – **Procedimentos Teórico-Metodológicos** – apresenta algumas teorias lingüísticas que servirão de base para nosso estudo, assim como métodos e procedimentos utilizados nesta pesquisa. A primeira seção desse capítulo foi dividida em três partes, sendo que na primeira abordamos a teoria dos campos semânticos, em que o léxico é visto sob a noção de “sistema”. Para tal, apoiamos-nos principalmente em Biderman e em lingüistas que se debruçaram sobre o estudo sistemático do léxico, como Saussure, Coseriu, Trier, Matoré, Guiraud e outros. Na segunda parte, tratamos da teoria da variação e mudança lingüística. Nessa seção, abordamos principalmente a proposta da Sociolingüística acerca da mudança e variação lingüística. Tratamos ainda da noção de “redes sociais” apresentada por Milroy como apoio às nossas análises. Apresentamos, também, algumas questões sobre a relação entre mudança cultural e mudança lexical. Na terceira parte desse capítulo, abordamos o conceito de “região” segundo Cunha (1998) e também o conceito de “região cultural” apresentado por Diégues Júnior. Na segunda seção desse mesmo capítulo, abordamos questões práticas: explicamos como se constituíram as fichas lexicográficas apresentadas no capítulo 4 e quais foram os critérios utilizados para a escolha dos dicionários consultados. Em seguida, apresentamos os procedimentos metodológicos que foram utilizados na pesquisa de campo: apoiamos-nos em Labov e Duranti, quando escolhemos os informantes; seguimos as normas do Projeto *Pelas Trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais* quando fizemos as entrevistas, a mesma metodologia usada em vários trabalhos (cf. SEABRA, 2004).

No capítulo 3 – **Aspectos Históricos da Região Norte de Minas** – tratamos da história do povoamento da região norte de Minas Gerais – as primeiras entradas e bandeiras ainda no século XVI, e o processo de colonização e povoamento da região, mostrando ainda uma breve história do município de Águas Vermelhas / MG, em virtude de os aspectos histórico-sociais da região contribuírem para a análise lingüístico-cultural.

O capítulo 4 – **Apresentação e Análise dos Dados** – apresenta os nossos *corpora*, composto por 15 entrevistas com moradores do município analisado. As lexias auridas dos *corpora* são apresentadas na forma de fichas lexicográficas, contendo informações que nos dão subsídio para uma análise lingüística. Em seguida, apresentamos uma análise quantitativa desses dados.

O capítulo 5 – **Discussão dos Resultados** – apresenta uma análise dos casos de variação, manutenção e mudança lingüística presentes nas fichas lexicográficas, levando em consideração as informações dos seis dicionários consultados. Após essa análise, segue-se uma apresentação dos casos de retenções lingüísticas encontrados nas fichas citadas. Nesse capítulo, é apresentado ainda um estudo descritivo dos dados a partir da noção de campos

lexicais. As lexias foram divididas em três macrocampos – natureza, sociedade e atitudes – os quais, por sua vez, foram divididos em campos léxicos, procurando reunir todos os vocábulos segundo redes de significações. Por último, é demonstrada a relação entre o repertório lexical dos entrevistados e a noção de rede social difundida por J. Milroy.

No capítulo 6 – **Glossário** – apresentamos o vocabulário extraído das fichas lexicográficas, com os seguintes dados lingüísticos: a) informações gramaticais; b) acepções dos vocábulos nas entrevistas; c) abonações.

Por último, nas **Considerações Finais**, apresentamos os resultados encontrados a partir das análises realizadas e retomamos as informações a respeito da história e cultura da região, relacionando o léxico de Águas Vermelhas com a sociedade local. Anexado à dissertação segue um CD contendo as 15 entrevistas utilizadas em nossa pesquisa.



Foto nº 1 – Silhueta do gado. Foto de Saulo Mazzoni e outros (MARTINS, 1992, p.122)

CAPÍTULO 1 – LÉXICO E CULTURA

1.1. Os Estudos Lexicais

O léxico é a área dos estudos da linguagem que melhor espelha a realidade lingüística cultural e social de uma comunidade. É pela palavra que todo conhecimento adquirido em várias áreas do saber e acumulado ao longo da história de um povo é transmitido às gerações seguintes. Desse modo, quando uma comunidade se serve de vocábulos que expressam ou tentam expressar sua maneira de ver e sentir o mundo, ela passa a constituir uma espécie de documento vivo de sua própria história como, também, de toda a sociedade e cultura que a regem.

Assim sendo, é compreensível o fato de, desde a antiguidade, a palavra ter sido sempre foco de atenção. A relação entre as coisas e os “nomes das coisas”, há muitos séculos, constitui-se objeto da reflexão dos homens. Vários estudiosos sempre procuraram dar respostas à questão: qual a relação entre as palavras e aquilo que denotam? Essas e muitas outras questões relativas à palavra permitiram que se desenvolvesse, no âmbito dos estudos lingüísticos, o estudo científico do léxico.

Segundo Mounin¹, já os escribas acádios, a fim de facilitar a leitura de textos sagrados sumérios, elaboravam dicionários bilíngües, em que figurava o ideograma sumério, sua transcrição fonética e tradução em acádio. Algumas vezes, além da tradução, constavam até explicações mediante um sinônimo ou definição da palavra, constituindo-se a gênese dos estudos lexicográficos. Os acádios também já tinham consciência da variedade lingüística das palavras, como cita Mounin²:

Têm-se formado léxicos nos quais aparecem registradas, uma junta a outra, estas duas formas distintas, que eles denominavam a *eme-sal* e a *eme-ku*. Porém não se sabe se se trata de dialetos geográficos ou, pelo contrário, se o *eme-ku* é um dialeto “social”, usado especificamente no âmbito religioso. (TN)

A reflexão lingüística no campo lexical também já era comum entre os gregos. Estes consideravam a palavra como a unidade significativa de articulação do discurso, conforme aponta Biderman³. Um dos grandes estudiosos gregos nessa área foi Dionísio da Trácia (séc. II a.C.) que, além de dar continuidade às idéias de Platão e Aristóteles sobre as partes da

¹ MOUNIN, 1968, p. 56.

² *Ibidem*, p. 56: “Han formado léxicos em los que aparecen registradas, una junto a otra, estas dos formas distintas, que ellos denominaban la *eme-sal* y la *eme-ku*. Pero no se sabe si se trata de dialectos geográficos o, por el contrario, si el *eme-ku* es un dialecto ‘social’, usado específicamente en el ámbito religioso”.

³ BIDERMAN, 1978, p. 72.

oração e a estrutura da frase, mostra em sua obra a tomada de consciência frente ao envelhecimento da língua dos antigos poetas como Homero, destacando os arcaísmos e as diferenças dialetais frente à língua grega comum, conforme cita Mounin (*Op. cit.*, p. 98).

Os estudiosos da língua no mundo romano aceitaram e aplicaram ao latim, em linhas gerais, as mesmas idéias que os gregos haviam desenvolvido em seus estudos. Segundo Câmara Junior⁴ “o objetivo principal da gramática latina foi o que vimos chamando de ‘o estudo do certo e errado’”. Esse objetivo estava aliado à necessidade de manter a unidade política do império por meio da língua face à ampliação contínua dos seus limites. Sob uma perspectiva etimológica, podemos citar os estudos de Aelius Stilo (séc. I) que estendeu seus estudos aos dialetos fora do latim e Santo Isidoro de Sevilha (séc. V) que desenvolveu, em vinte livros, um amplo tratado de Etimologia⁵.

O foco de estudo da linguagem no “certo e errado” e numa visão filosófica percorreu toda a Idade Média. A partir do Renascimento e da descoberta pelos europeus de um vasto número de línguas exóticas do Oriente Médio, da Costa Africana, das Américas e da Ásia, começaram a surgir vários glossários e isso despertou um interesse entre os estudiosos pelos aspectos que diferenciavam uma língua da outra, principalmente no tocante à forma, conforme cita Weedwood⁶. É esse estado de coisas o verdadeiro embrião para os estudos lexicais comparativistas.

No século XIX, os estudos lexicais giravam em torno da história das palavras e sua comparação com vocábulos de outras línguas, os aspectos fonológico e formal eram o itens mais estudados. Posteriormente, o foco principal de análise das unidades lexicais passa a se concentrar nos estudos semânticos, destacando-se a chamada Semântica Evolutiva que, como o próprio nome diz, tratava da evolução do significado das palavras no decorrer do tempo. A grande dificuldade enfrentada pelos pesquisadores dessa área era explicar por que uma palavra apresentava grande diferença de significação em relação ao seu étimo. Daí a afirmação, por parte desses pesquisadores, de que toda palavra tem sua própria história.

No final desse período, Hugo Schuchardt⁷ (1899) se destaca dos demais autores, quando procura estudar o significado das palavras por meio das coisas que elas representam. A metodologia proposta por Schuchardt, denominada “*palavras e coisas*” (*Wörter und Sachen*), tinha como base uma análise metódica da história e distribuição geográfica dos objetos da cultura material de um povo e o vocabulário respectivo para designá-los. Segundo essa teoria,

⁴ CÂMARA JR., 1979, p. 20.

⁵ *Ibidem*, p. 21.

⁶ WEEDWOOD, 2002, p. 79.

⁷ *Romanischen Etymologien*, 1899.

existiria uma relação direta entre as duas partes, isto é, conhecendo bem as coisas, chegaríamos com maior facilidade a origem dessas palavras. Apesar de ter dado uma grande contribuição aos estudos lexicais, essa teoria foi deixando de ser aplicada, visto que, muitas vezes, a idéia expressa pelo significante é muito mais complexa e, às vezes, abstrata.

Posteriormente, surge um novo método: a Geografia Lingüística. O precursor deste estudo foi Gilliéron (1895), responsável pelo levantamento e mapeamento dos vários dialetos encontrados em grande parte da França. Esse trabalho, de caráter empírico, possibilitou a constatação da complexidade da evolução lingüística: área móvel dos falares, entrecruzamento de isoglossas e acidentes imprevisíveis que atingem as palavras. Trata-se, portanto, de um estudo sistemático de interpretação de dados coletados em uma determinada área geográfica, possibilitando a elaboração de mapas a partir dos traços lingüísticos dialetais dos falantes. Vários outros trabalhos se seguiram a esse, sempre utilizando ou adaptando o método geográfico, dentre eles, os Atlas Lingüísticos.

O século XX traz novas luzes para o estudo do léxico. A partir das idéias de Ferdinand de Saussure (1916), a língua passa a ser vista sob a ótica social, reconhece-se que a língua muda face às mudanças ocorridas na sociedade. Entretanto, mesmo reconhecendo a natureza social da mudança lingüística, o falante não é levado em conta nas análises propostas pelos estruturalistas.

A grande contribuição de Saussure aos estudos lexicais é a sua abordagem vista sob a perspectiva de sistema. Nessa perspectiva, o léxico é visto como um conjunto organizado de itens lexicais com valores próprios, relacionados, por sua vez, com outros elementos. Nas palavras de Robins⁸ “Cada elemento lingüístico define-se em função dos outros e não de modo absoluto”.

Ao caráter paradoxal do signo, pode-se dizer que a língua aparece como uma realidade imutável, independente não só do sujeito como da própria comunidade lingüística, porque aparece como herança das gerações anteriores, ou seja, a língua é um bem cultural e histórico e é, ao mesmo tempo, mutável porque é social, sujeita, portanto, à ação do tempo.

Posterior a Saussure, André Martinet institui o conceito de mudança ao afirmar que a modificação é inerente ao funcionamento da língua, como se destaca a seguir⁹:

(...) nos contentaremos em lembrar que as línguas se modificam sem jamais cessarem o funcionamento e que existem chances para que a língua que abordamos para descrever o funcionamento esteja em curso de modificação (...)

⁸ ROBINS, 1983, p. 163.

⁹ MARTINET, 1971, p. 29.

É a partir da década de 50, com a obra *La méthode en lexicologie*, de Georges Matoré (1953), seguindo ainda a linha estruturalista, que os lingüistas passam a considerar os aspectos sociais no estudo do léxico. Matoré (*Op. cit.*) via a Lexicologia como uma disciplina sociológica e considerava a palavra não como um objeto isolado, mas como parte de uma estrutura social. Segundo esse lingüista, o léxico é um fato social, é o espelho de uma sociedade; fora dessa sociedade, a linguagem não encontra expressão. Matoré ainda informa que:

(...) ao constatar a impossibilidade de dissociar na linguagem a forma de conteúdo, a lexicologia se fundamentará não sobre formas isoladas, mas sobre conjuntos de noções, a estrutura e as relações sendo explicadas pelos fatos sociais, dos quais os fatos do vocabulário são ao mesmo tempo o reflexo e a condição.¹⁰

Por meio do léxico – conjunto de vocábulos de um sistema lingüístico – a língua revela características peculiares do local onde se vive como, também, das crenças e costumes de um grupo social. No ato de nomear, conservando ou criando palavras, ou mesmo no ato de se comunicar, é que se evidencia a importância do léxico, o seu papel como elemento revelador de aspectos socioculturais de uma comunidade.

É por fazer parte do universo social que, diferentemente da gramática da língua, o léxico é um sistema aberto e em expansão, impossível de cristalizar-se, a não ser que a língua morra. Segundo Biderman (1978, p.139):

Qualquer sistema léxico é a somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa mesma sociedade funcionam como sujeitos-agentes no processo de perpetuação e reelaboração contínua do léxico de sua língua.

Ainda tratando da estruturação do léxico, não podemos deixar de mencionar os estudos de Kurt Baldinger (1970) sobre o significado, mais especificamente, sobre a teoria dos campos semasiológico e onomasiológico. Para Baldinger, enquanto a Onomasiologia representa a face das designações (nomes das coisas reais ou abstratas), a Semasiologia representa a face das significações (os significados), constituindo assim dois enfoques do fenômeno léxico-semântico, ao mesmo tempo, opostos e complementares. Para ilustrar melhor essa dualidade do significado, Biderman¹¹ faz uma relação entre esse modelo proposto por Baldinger e a teoria da comunicação:

A Onomasiologia visualiza os problemas sob o ângulo do que *fala*, daquele que deve escolher entre diferentes meios de expressão. A Semasiologia focaliza os problemas

¹⁰ MATORÉ, *apud* OLIVEIRA, 1999, p. 44.

¹¹ BIDERMAN, 1978, p. 156.

sob o ângulo do que *ouve*, do interlocutor que deve determinar a significação da palavra que ele entende dentre todas as significações possíveis.

A partir da idéia de se trabalhar o léxico na perspectiva de sistema, aliando os estudos lexicais aos estudos semânticos, surge, entre os lingüistas, a noção de “campos lingüísticos”. Nas palavras de Niklas-Salminen¹² :

Isso significa que no conjunto do léxico se descrevem subconjuntos organizados, de microssistemas lexicais, em que os elementos possuem um denominador comum. [...] Um sistema não é, portanto, uma simples coleção de unidades, mas implica relação e organização. Os microssistemas lexicais são habitualmente chamados ‘*campos semânticos*.’”¹³. (TN)

Essa idéia de tratar o léxico na perspectiva de sistema torna o estudo mais realista, visto que um item lexical não é apenas a relação de um som a um conceito como já dissemos. Na verdade, a palavra tomada de forma isolada só adquire significado diante de um conjunto de oposições com outras que fazem parte do mesmo campo.

Entre os pesquisadores nessa área podemos citar Duchácek, que apresentou um estudo denominado “O campo conceitual da beleza no francês moderno” e Jost Trier que vai mais além, ao propor o estudo de campos lingüísticos numa perspectiva sincrônica e diacrônica, conforme cita Seabra¹⁴.

Ainda dentro da concepção de que a língua é um fato social, vários estudiosos das ciências do léxico têm, contemporaneamente, desenvolvido trabalhos relacionando língua e cultura, orientados, sobretudo, pela Antropologia Lingüística ou Etnolingüística. Esse enfoque tem constituído a base para vários trabalhos que vêm sendo realizados hoje no Brasil.

O próximo tópico é destinado à discussão de aspectos teóricos relacionados à língua e cultura.

1.2. A relação entre língua e cultura

É inegável o caráter social da linguagem. Podemos ter certeza disso quando vemos que a língua é o principal instrumento pelo qual a comunidade representa o mundo e expressa suas idéias e experiências. Ao utilizá-la, o indivíduo cria uma realidade que procura representar. É, portanto, por meio da língua, que o indivíduo interage com outras pessoas da sua comunidade, fortalecendo os laços sociais desse grupo.

¹² NIKLAS-SALMINEN, 1997, p. 40.

¹³ *Ibidem*, p. 40: “Cela signifie que dans l’ensemble du lexique se dessinent des sous-ensembles organisés, des microsystemes lexicaux dont les éléments possèdent un dénominateur commun. [...] Un système n’est donc pas une simple collection d’unités, mais implique relation et organisation. Les micro-systèmes lexicaux sont habituellement appelés ‘champs sémantiques’”.

¹⁴ SEABRA, 2004, p. 32-33.

A preocupação com o aspecto social da linguagem já era uma realidade para alguns lingüistas do século XIX, como William Whitney (1827-1894) e Michel Bréal (1832-1915), conforme destaca Faraco¹⁵. No século XX, essa preocupação sociológica ganha mais visão com o advento da chamada Lingüística Moderna e com as idéias de Saussure. Ao dar à língua um caráter social, Saussure admite que essa muda, posto que a sociedade muda.

André Martinet¹⁶, posteriormente a Saussure, mesmo seguindo a teoria estruturalista, institui o conceito de mudança, quando defende que a modificação é inerente ao funcionamento da língua, às vezes pela justaposição de gerações diferentes em uma mesma comunidade, em um dado momento, outras pela diversidade de situações lingüísticas reais. Mas foi A. Meillet quem, de fato, mostrou que as condições sociais têm influência decisiva na variação e mudança da língua de um povo. Esse autor foi mais além, ao afirmar que a lingüística é parte da Antropologia num sentido amplo¹⁷.

Outros autores, entre eles Sapir e Coseriu, continuaram a tratar dos aspectos sociais da linguagem sob diferentes abordagens, mas foi com o advento da Sociolingüística, no início dos anos 60, principalmente pelos estudos desenvolvidos pelo lingüista norte-americano William Labov que os aspectos sociais da linguagem passaram a ser melhor sistematizados, a fim de mostrar a influência que os fatores externos têm sobre os processos de variação e mudança das línguas.

Se a língua é um fato social, isso implica dizer que ela é também um fato cultural, pois não há como separar sociedade e cultura. Vista como uma instituição social, a língua é instrumento de difusão da cultura e da ideologia de um povo, pois deixa transparecer o modo de pensar e encarar o mundo num determinado tempo e espaço. É sob essa perspectiva, ou seja, estudando a relação entre língua, sociedade e cultura que surge a Antropologia Lingüística ou Etnolingüística..

Para Duranti¹⁸, a Antropologia Lingüística vê os falantes, principalmente como “atores sociais”, isto é, como membros de comunidades singulares e complexas, articuladas a uma rede entrecruzada de crenças e valores morais, a uma rede cultural. A Antropologia Lingüística é, pois, uma área da ciência lingüística que, com o apoio de outras áreas como a Dialetoлогия e a Sociolingüística, se constitui em uma excelente ferramenta para investigar a língua de uma determinada região.

¹⁵ FARACO, 1998, p. 97.

¹⁶ MARTINET, 1975.

¹⁷ MEILLET, *apud* FARACO, 1998, p. 97.

¹⁸ DURANTI, 2000, p. 21.

Enquanto alguns estudiosos da língua preocupam-se apenas com o uso da linguagem, os antropólogos lingüistas, por sua vez, vão mais além ao visualizarem a linguagem como um conjunto de estratégias simbólicas utilizadas tanto pelo indivíduo como pela sociedade. Nessa perspectiva, os antropólogos lingüistas abordam a linguagem associada a temas da investigação antropológica como as políticas de representação, a constituição da autoridade, a legitimação do poder, a socialização, a construção cultural do indivíduo, o contato cultural, a mudança social, dentre muitos outros.

A idéia de relacionar língua e cultura não é tão recente. O campo da Antropologia Lingüística vem sendo construído desde o final do século XIX. Segundo Hymes¹⁹, quem primeiro tratou do assunto de forma mais relevante foi Sir Edward Tylor, em duas obras: *Primitive Culture* (1871) e *Anthropology* (1881). Ainda na Inglaterra, Hymes destaca Malinowski²⁰ que propôs uma pesquisa lingüística entre nativos em conexão com um estudo etnográfico. Entretanto, é a partir de Franz Boas (1911) – americano de origem alemã – que os estudos da Antropologia Lingüística ganhariam, mais tarde, maior impulso, influenciando novos seguidores como Sapir, Kroeber e Bloomfield. Segundo Hymes (*Op. cit.* p. 8), a grande contribuição de Boas foi combinar a escola humanística com os ideais da ciência, desenvolvendo, principalmente, métodos estatísticos para pesquisas de campo. Outra importante contribuição de Boas, segundo Duranti²¹, foi apontar a noção de arbitrariedade das línguas. Boas, mediante seu conhecimento das línguas ameríndias, mostrou que o modo como as línguas classificam o mundo é arbitrário, ou seja, cada língua tem sua própria forma de construir um vocabulário e categorizar suas experiências.

Segundo os estudos de Boas, Edward Sapir (1921) tornou-se o mais famoso investigador da história da Antropologia Lingüística. Esse lingüista acreditava que a língua era uma condição imprescindível para o desenvolvimento da cultura e criticava, veementemente, o fato de muitos considerarem algumas línguas mais primitivas ou limitadas que outras. Segundo Sapir²², “a trama de padrões culturais de uma civilização está indicada na língua em que essa civilização se expressa”. Isso mostra o reconhecimento por parte desse autor de que fatores socioculturais se refletem na língua de um povo. Como discípulo de Boas, também defendia a idéia de que cada língua tem uma visão particular de mundo e, conseqüentemente, cada língua expressa, de forma própria, a sua realidade.

¹⁹ HYMES, 1964, p. 3.

²⁰ MALINOWSKI, 1920.

²¹ DURANTI, 2000, p. 88.

²² SAPIR, 1969, p. 20.

Outro importante nome que contribuiu, de certa forma, para a Antropologia Lingüística foi Benjamin Lee Whorf (discípulo de Sapir), o qual, além de ter reconhecido a relação entre língua e cultura, defendeu que essa relação ocorre de maneira mais profunda. Para Whorf, cada língua expressa no seu léxico e na sua gramática uma classificação dos dados da realidade que lhe é própria, em virtude do seu meio. Essa posição teórica de Whorf, de ver a gramática como produto direto da cultura, foi muito questionada, embora tenha contribuído para a atual noção de língua e cosmovisão. Podemos dizer que seus estudos deram grande impulso à Etnolingüística, à Antropologia e, conseqüentemente, à Lexicologia.

Contemporaneamente, a Lingüística Antropológica vem enfocando, sobretudo, a questão da interação social. Nessa área, a língua é vista como condição e resultado da interação social de pessoas e de comunidades, de culturas.

Duranti (2000, p. 47) critica a noção totalizadora de cultura, argumentando que ela reduz as complexidades sócio-históricas a meras caracterizações, enquanto esconde as contradições morais e sociais que existem no meio das comunidades. Assim sendo, esse autor, em vez de revisar as diferentes teorias de cultura propostas pelos antropólogos, procura expor seis teorias da cultura em que a linguagem desempenha um papel decisivo:

a) a cultura como algo distinto da natureza, ou seja, a cultura é aprendida e transmitida de geração em geração mediante a comunicação lingüística. Dessa forma, ninguém nasce com uma cultura, mas, ao contrário, adquire-a por meio das pessoas com quem convive;

b) a cultura como conhecimento: se a cultura se adquire mediante o aprendizado, isso implica dizer que grande parte dela é obtida por meio do conhecimento de mundo, conhecimento que é compartilhado entre os membros de uma comunidade;

c) a cultura como comunicação, isto é, a cultura conecta indivíduos, grupos, situações e objetos com outros grupos, situações e objetos. Nessa perspectiva, a comunicação não apenas representa, mas também indica alguma coisa, pressupõe, deduz;

d) a cultura como um sistema de mediação: segundo essa visão, o homem utiliza-se de ferramentas para produzir um trabalho ou interagir com o mundo social ou físico. Nesse caso a cultura inclui tanto os objetos materiais como as ferramentas de trabalho e também os sistemas de crenças e códigos lingüísticos como mediadores entre o homem e seu entorno;

e) a cultura como um sistema de práticas: a cultura não é algo simplesmente externo ao indivíduo (como os rituais ou símbolos que têm herdado os membros antigos da sociedade), nem algo simplesmente interno (por exemplo, a mente individual). Ela existe por meio de uma prática rotineira que inclui as condições materiais e, também, pela experiência dos homens no seu meio familiar;

f) a cultura como um sistema de participação: essa idéia se relaciona à idéia de cultura como um sistema de práticas, na medida em que parte do pressuposto de que a comunicação verbal é de natureza inerentemente social, coletiva e participativa. Usar uma língua significa participar em interações com o mundo que nos cerca. A cultura é, nessa medida, um sistema de participação em que os indivíduos de uma comunidade compartilham os recursos existentes como as crenças, a linguagem, os costumes, etc.

Conforme se pode notar, é muito complexa uma definição totalizadora de cultura. Nessas seis teorias aqui propostas podemos ver que a linguagem desempenha um papel decisivo em uma sociedade, daí a proposta de um estudo em que se correlacionam língua, cultura e sociedade. Só assim acreditamos que iremos entender melhor o sistema lingüístico utilizado por uma comunidade.



Foto n.º 2 - Vista do rio Mosquito – Águas Vermelhas-MG, fevereiro de 2006. (Acervo particular)

CAPÍTULO 2 – PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

2.1. Pressupostos teóricos

2.1.1. Campos lexicais

Em qualquer sistema lingüístico, o conjunto de lexemas que cobre uma área conceitual é um *campo lexical*. Conseqüentemente, esses lexemas, que estão relacionados entre si pelo significado, dão origem à estrutura do campo lexical. O campo lexical representa um subconjunto do léxico de uma língua, ao passo que a totalidade dos campos lexicais constitui o vocabulário dessa língua.²³

O agrupamento de palavras em campos parece ter sido objeto de reflexão desde a época dos sumérios e acádios, os quais teriam levantado uma lista de palavras denominada “a ciência das listas” conforme cita Mounin²⁴. Essas palavras foram agrupadas seguindo uma classificação semântica em que apareciam nomes de animais, pássaros, divindades, nomes de ofícios e de objetos, todos dentro de um mesmo campo.

A partir do desenvolvimento de novas disciplinas e linhas teóricas na Lingüística, a partir do século XIX, é que vai tomando força a noção de organização do léxico. Os estudos na área da Semântica, sejam de forma sincrônica ou diacrônica, mostraram a relação de sentido entre vários itens lexicais, os quais poderiam fazer parte de um mesmo subgrupo do léxico. A Geografia Lingüística, por sua vez, também mostrou que por meio dos diferentes dialetos encontrados numa determinada região era possível mostrar diferentes formas ou nuances diferentes para um mesmo conceito, o que evidencia que o léxico pode ser sistematizado. Entretanto, é a partir do Estruturalismo que o léxico passa a ser definitivamente estudado numa perspectiva de sistema.

Saussure foi o primeiro estudioso a desenvolver, com rigor científico, pontos referentes às relações estabelecidas entre as palavras²⁵. Afirmar esse autor que qualquer palavra pode servir de ponto de partida para a estruturação de séries associativas, que têm por base estrutural a afinidade de sentidos. Para Saussure,

os termos de uma família associativa não se apresentam, nem em um número definido, nem em uma ordem determinada” e que “um termo dado é como o centro

²³ DUBOIS, J. et. al. 1993, p. 95-97.

²⁴ MOUNIN, 1968, p. 56.

²⁵ *Curso de Lingüística Geral*.

de uma constelação, o ponto onde convergem outros termos coordenados, cuja soma é indefinida.²⁶

Esses princípios teóricos foram, posteriormente, ampliados por Charles Bally que propôs, em sua concepção associativa de campo, a existência de constelações de palavras dentre as quais eram estabelecidas esferas de relações múltiplas, configuradas por semelhanças entre significantes ou entre significados, por contigüidade física dos objetos representados ou por proximidade culturalmente determinada.²⁷

Mostra-se também importante a contribuição de Trier (1934)²⁸. Este lingüista buscou fundamentos nos princípios teóricos estabelecidos por Humboldt (noção de articulação), por Saussure (idéia de sistema) e, também, por Weisgerber. Segundo sua posição teórica, o estudo referente à segmentação da linguagem em campos representaria uma das maiores contribuições à teoria do significado. A proposta teórica de Trier considera o vocabulário de uma língua como uma massa léxica semanticamente articulada e estruturada em campos lexicais que podem estar vinculados entre si por relações de coordenação ou de hierarquia.

A grande contribuição de Trier, segundo Câmara Jr.²⁹, é que esse autor procurou mostrar que o significado de uma forma lingüística, inserido em um campo associativo, depende do significado das outras formas colocadas nesse mesmo campo. Mediante um estudo diacrônico da língua alemã³⁰, Trier mostrou que o vocabulário, assim como a visão de mundo sobre o conhecimento mudou ao longo do tempo, e que essa mudança nos limites de um conceito acarretou uma mudança dos conceitos vizinhos e das palavras que os exprimem. Dessa forma, Trier mostra que as palavras, além de poderem ser agrupadas em campos lingüísticos, dependem uma das outras dentro desse sistema.

Ao resumir o pensamento de Trier com referência à teoria dos campos, Vilela³¹ pondera que

o léxico de uma língua não está ordenado num Thesaurus segundo critérios arbitrários e extralingüísticos, mas em estruturas articuladas, de acordo com as regras da própria língua em questão e as palavras interligam-se significativamente; por outro lado, as palavras não se ligam diretamente ao léxico total, mas integram-se em conjunto parciais cujo somatório é o léxico total.

Georges Matoré é outro autor que trabalhou o léxico sob o enfoque de sistema. Matoré propôs um estudo a partir dos “*campos nocionais*”, ou seja, um estudo a partir de palavras-

²⁶ SAUSSURE, 1970, p. 146.

²⁷ BALLY, *apud* HERNÁNDEZ, 1989, p. 64.

²⁸ TRIER, *apud* CÂMARA JR., 1979, p.194.

²⁹ CÂMARA JR., 1979, p. 195.

³⁰ “*O léxico alemão*”, 1931.

³¹ VILELA, 1979, p. 45.

chaves que comandariam outras dentro de um campo escolhido. O diferencial do trabalho de Matoré é que ele busca um enfoque sociológico por meio do estudo do vocabulário. Guiraud³² assim trata a diferença entre Trier e Matoré:

Trier estuda antes de tudo a vida espiritual e moral com a finalidade de atingir ‘o espírito’ de uma nação e de uma época, enquanto Matoré interessa-se principalmente pelo substrato material, econômico, técnico e político do léxico.

A concepção de Matoré se fundamenta na possibilidade de discernir uma organização de conceitos próprios de uma sociedade, em uma época, estudando as palavras documentadas em textos que representam esse período. Segundo sua posição teórica, o léxico é a expressão da sociedade, refletindo, assim, fatos de caráter sociológico. Segundo sua teoria lexicológica³³, cada um dos períodos históricos é caracterizado por palavras-testemunhas, ou seja, neologismos cujo nascimento, em um dado período e numa dada comunidade lingüística, é determinado por situações de ordem social e econômica, totalmente novas. Se as palavras-testemunhas forem muito numerosas, será preciso escolher as palavras-chaves, caracterizando o período em questão. Esclarece ainda que as palavras-chaves constituem o cerne do campo nocional, caracterizando a sociedade da época. Os trabalhos desenvolvidos por Matoré, tanto pela sua originalidade como pela sua preocupação metodológica, consagraram a importância da noção de “campo lingüístico” conforme afirma Guiraud (*Op. cit.*, p. 97).

Outra noção que deve ser abordada é a de campos lexicais, tratada por Geckeler³⁴, o qual retoma pontos da teoria proposta por Coseriu e aplica em sua análise. Ao tratar da noção de campos lexicais, Geckeler utiliza-se do conceito de lexema – “uma unidade de conteúdo lexical expressa no sistema lingüístico...”.(TN)³⁵ Assim entendido, o lexema deve ser considerado como uma unidade léxica abstrata de uma língua e que pode fazer parte de um ou vários campos lexicais. O lema é a representação canônica no dicionário, ao passo que a lexia seria cada uma das manifestações discursivas expressas por um lexema.

Em estudo realizado sobre a tipologia dos campos léxicos, Coseriu³⁶ chama a atenção para o fato de o léxico de uma língua não se configurar como uma estrutura plana, ao contrário, ele possui lacunas, podendo ser comparado a um prédio de vários patamares, evidenciando vários campos.

³² GUIRAUD, 1972, p. 93.

³³ MATORÉ, 1953, p. 67-68.

³⁴ GECKELER, 1976.

³⁵ - “Une unité de contenu lexical exprimée dans le système lingüistique (par exemple le contenu “senex” en Latin) est un lexème”. (GECKELER, 1976, p. 297)

³⁶ COSERIU, 1977, p. 242.

Dentre os vários pesquisadores que trabalham com a forma como se estrutura o léxico de uma língua, destacamos Kurt Baldinger³⁷ com a teoria dos *campos semasiológicos e onomasiológicos*. De acordo com esse estudioso, na estruturação do léxico, um campo onomasiológico reúne todos os significantes de um dado significado, enquanto que um campo semasiológico engloba todos os significados possíveis que possam representar um determinado significante. Nessa perspectiva, a Onomasiologia representa a face das designações, enquanto a Semasiologia traduz a face das significações. Para esse semanticista, a Onomasiologia e a Semasiologia representam dois enfoques, opostos e complementares, que se interpenetram, do processo léxico-semântico.

a **onomasiologia** corresponde à situação do **falante** que, tendo a sua disposição o tesouro estruturado da língua, deve expressar seu pensamento; a **semasiologia**, em troca, corresponde à situação do **ouvinte** que percebe formas já selecionadas – quer dizer, palavras sujeitas à polissemia – e que deve determinar as significações em questão. Ao longo da comunicação oscilamos continuamente entre a onomasiologia (ao falar) e a semasiologia (ao ouvir).³⁸ (TN)

Em uma sociedade moderna, esses campos estão em constante mutação, tendo em vista a evolução da sociedade.

Outra grande contribuição para a noção de sistemas lexicais diz respeito ao armazenamento do léxico na memória do falante, proposto por Biderman³⁹. Embora reconhecendo que a forma como se dá esse armazenamento do léxico pelo falante seja desconhecida, a autora reconhece a existência de processos mnemônicos na memória do falante, que, de forma ordenada, fornece várias palavras de um mesmo subsistema léxico ao indivíduo. Biderman (*Op. cit.*, p. 141) cita como processo mnemônico mais comum o modelo binário de oposição: bom/mau; bonito/feio, etc. Segundo a autora, há também outras associações semânticas evocadas pela memória como vocábulos antônimos, sinônimos, semelhantes formalmente e de significações contíguas. Essas associações estabelecidas na mente do falante parecem resultar de uma estruturação do léxico em redes semânticas e que, segundo a autora, parecem resultar de duas operações complementares:

a) o conhecimento de mundo e da taxionomia que uma língua atribui a uma mesma realidade;

b) o esforço cognitivo pessoal de armazenar e catalogar os itens lexicais.

³⁷ BALDINGER, 1970, p. 200-201.

³⁸ - “La *onomasiología* corresponde a la situación del *hablante* que, teniendo a su disposición el tesoro estructurado de la lengua, debe expresar su pensamiento; la *semasiología* corresponde a la situación del *oyente* que percibe formas ya seleccionadas - es decir, palabras sujetas a la polisemia - y que debe determinar las significaciones en cuestión. A lo largo de la conversación oscilamos continuamente entre la onomasiología (al hablar) y la semasiología (al escuchar)”. (BALDINGER, 1970, p. 203)

³⁹ BIDERMAN, 1978, p. 140.

Biderman propõe também uma relação entre essas redes semânticas evocadas pela memória e os campos léxicos. Segundo a autora⁴⁰,

uma rede semântica é composta da integração estruturada de vários campos léxicos. Um campo léxico integra uma rede semântica juntamente com muitos outros campos léxicos. As palavras nucleares dentro de um campo léxico provavelmente são as palavras mais freqüentes dentre as palavras de conteúdo léxico. Podem também constituir os primitivos léxicos de uma língua, sendo por isso, as primeiras palavras significativas que um indivíduo aprenderia.

Os estudos referentes aos campos⁴¹, desenvolvidos pelos diferentes autores aqui apresentados, mostram, pelo menos em parte, enfoques lingüísticos e extralingüísticos. Mesmo sabendo que a lingüística estrutural se apóia em critérios formais, na determinação dos campos lexicais não se devem desprezar métodos de natureza extralingüística em uma pesquisa de cunho sociocultural. É o que se pode inferir do pensamento de Weisgerber, para o qual “a maior importância da idéia de campo é a de ter chegado a ser o conceito metodológico central da investigação aplicada ao conteúdo lingüístico e, ao mesmo tempo, a chave para a descoberta de uma visão lingüística do mundo”.(TN)⁴²

Neste item, reforçamos alguns pontos básicos da ciência lexicológica, destacando a Teoria dos Campos Lexicais, percurso metodológico por nós assumido no tratamento dos dados desta pesquisa. Em seqüência, o subcapítulo 2.1.2. abordará pontos acerca da teoria da variação e mudança lingüística.

2.1.2. Variação e mudança lingüística

Embora no dia-a-dia o falante não tenha consciência de que a sua língua está sempre em processo de mudança, hoje é fato reconhecido que as línguas variam e mudam com o tempo. Diferentemente dos estudos lingüísticos nos séculos XVII e XVIII, que abordavam a língua como uma realidade estável e organizada e, ainda, dos estudos necessariamente históricos do século XIX, Saussure, rompendo radicalmente com a tradição dos neogramáticos, estabeleceu que os estudos lingüísticos comportam duas dimensões: a histórica (diacrônica) e a estática (sincrônica). Na primeira dimensão, estão as variações e mudanças por que passa uma língua; na segunda, as características da língua vista como um sistema estável num espaço de tempo determinado.

⁴⁰ BIDERMAN, *apud* OLIVEIRA, 1999, p. 55.

⁴¹ Tendo em vista a variedade de termos empregados pelos pesquisadores, no que diz respeito à denominação dos campos (semânticos, léxicos, associativos, nocionais), preferimos adotar a designação *campo léxico* por entendermos que esta é a terminologia que melhor se ajusta aos propósitos de nossa pesquisa.

⁴² - “La mayor importancia de la idea del campo es la de haber llegado a ser el concepto metodológico central de la investigación aplicada al contenido lingüístico y, al mismo tiempo, la clave para el descubrimiento de una visión lingüística del mundo.” (WEISGERBER, *apud* GECKELER, 1976, p. 127)

Saussure acreditava que era possível focar a língua em cada um desses sistemas, apesar de dar prioridade à pesquisa sincrônica, em detrimento da pesquisa diacrônica. Para esse lingüista, as mudanças da língua no tempo nunca afetam, globalmente, um sistema lingüístico, uma vez que não há uma transformação total de um sistema x para um sistema y, mas alterações de valor de elementos de um sistema, levando o mesmo a rearranjos. Ele ainda entendia que a imobilidade total das línguas não existe e afirmou várias vezes que as línguas estão em permanente transformação.

A doutrina de Saussure teve repercussões extraordinárias para os estudos descritivos. Porém, para os estudos históricos, é só a partir dos estudos sociolingüísticos, como área de investigação, que o estudo da variabilidade lingüística ganha força.

2.1.2.1. A Sociolingüística

A preocupação central dos estudiosos dessa área é mostrar a relação entre as variações lingüísticas observáveis em uma comunidade e as diferenças existentes na estrutura social dessa mesma comunidade.

O objeto da Sociolingüística é o estudo da língua falada em seu contexto social, ou seja, em situações reais de uso, como afirma Labov⁴³:

parece bastante natural que os dados básicos para qualquer forma de lingüística geral seria a linguagem como ela é usada pelos falantes nativos um com outro na vida do dia a dia. (TN)

Em lugar de analisar a língua apenas em seus aspectos internos, como faz o estruturalismo ou por meio da idealização da língua como faz o Gerativismo, a Sociolingüística analisa a língua na “comunidade de fala”. Essa se caracteriza por um conjunto de pessoas que falam de maneiras distintas, embora orientadas por um mesmo conjunto de regras. Vê-se, desse modo, que a grande contribuição da Sociolingüística é sua visão da língua como um sistema heterogêneo em que atuam fatores de natureza lingüística e extralingüística, abordadas dentro de uma teoria e metodologia bem definida. Como se depreende, a Sociolingüística parte do pressuposto de que toda língua é passível de sistematização; de que a variação é inerente ao sistema e de que há uma forte relação entre a língua e a sociedade em que ela se insere.

Como orientação para o estudo de mudança, a Sociolingüística sugere que sejam seguidas cinco etapas propostas pelos teóricos Labov, Weinreich e Herzog (p. 83)⁴⁴, explicitadas por Tarallo (p. 73)⁴⁵, que descrevemos:

⁴³ LABOV, 1972, p. 184: “it seems natural enough that the basic data for any form of general linguistics would be language as it is used by native speakers communicating with each other in everyday life”.

“1 – Fatores condicionantes: quais são os fatores gerais efetivos para a mudança – se é que existem – que determinam e distinguem possíveis mudanças de mudanças impossíveis do sistema e que, ao mesmo tempo, apontam direções de mudança?

2 – Encaixamento: como uma determinada mudança lingüística se encaixa no sistema circundante de relações sociais e lingüísticas?

3 – Avaliação: como os membros de uma determinada comunidade lingüística avaliam a mudança e, em especial, quais são os efeitos dessa avaliação, sobre o processo de mudança em si?

4 – Transição: como e por quais caminhos a língua muda?

5 – Implementação: por que, quando e onde determinada mudança ocorreu?”

A metodologia da pesquisa sociolingüística se baseia na escolha das variáveis a serem pesquisadas e em seguida procede-se a uma pesquisa de campo, utilizando-se de técnicas previamente definidas com o objetivo de registrar a fala de pessoas. Posteriormente, os dados coletados são transcritos e analisados de forma quantitativa e qualitativa.

Entendida de forma mais simples, a variação lingüística se refere a duas ou mais formas de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto. Ao lado do termo “*variação*” há ainda os termos “*variável lingüística*” e “*variante lingüística*”. A variável lingüística se refere a uma classe de variantes que constituem duas ou mais formas de dizer alguma coisa, ao passo que as variantes seriam cada uma dessas formas utilizadas, conforme aponta Camacho⁴⁶. De acordo com Alkimim⁴⁷, “o conjunto de variedades lingüísticas utilizado por uma comunidade é chamado ‘repertório verbal’”.

Tratando ainda da questão das variáveis, os lingüistas fazem uma distinção entre variáveis dependentes e independentes. A diferença é que na primeira as variações que ocorrem em relação à forma padrão estão relacionadas com algum aspecto interno ou externo à língua, ao passo que na segunda não.

As variedades lingüísticas podem ser originadas por diversos fatores, entre eles regiões diferentes, idade, sexo, escolaridade, etc. Desse modo, podemos ter a variação diatópica, que estaria relacionada a origens geográficas diferentes; a variação diatrástica, que estaria relacionada a classes sociais diferentes; a variação diafásica, que estaria relacionada ao universo do discurso; a variação diacrônica, que se refere à variação no tempo; a variação estilística ou de registro, que se referem ao uso de estilos ou registros diferentes pelo falante.

⁴⁴ WEINREICH; LABOV; HERZOG. 1968.

⁴⁵ TARALLO, 1986, p. 73.

⁴⁶ CAMACHO, 2000, p. 56.

⁴⁷ ALKIMIM, 2000, p. 32.

Quando as variedades lingüísticas são tratadas sob o aspecto valorativo, constata-se a existência de duas variedades: a variedade padrão e a variedade não padrão. A variedade dita padrão é aquela socialmente mais valorizada, e que, em geral, tem mais prestígio dentro de uma comunidade, sendo normalmente utilizada pelas altas classes sociais. A variedade não padrão seria aquela mais utilizada no convívio familiar, nas relações informais, etc. Segundo Alkimim⁴⁸, a variedade dita padrão não detém propriedades que lhe garantem ser melhor que as demais variedades. Na verdade, a padronização é historicamente definida, ou seja, uma forma determinada como padrão em uma época pode deixar de sê-la em outra.

As mudanças ou variações que ocorrem na língua são ocasionadas por fatores estruturais e não estruturais. Falamos em fatores estruturais quando o que motiva a variação ou mudança lingüística está relacionado à própria estrutura interna da língua. Por outro lado, os fatores não estruturais são aqueles motivados por questões externas à língua, como o local em que o falante vive, a organização social, o estilo de fala da pessoa, etc.

Outra distinção importante que devemos ressaltar é quanto aos termos “mudança lingüística” e “variável estável”. Quando falamos que ocorreu uma mudança lingüística em determinado elemento da língua, pressupõe-se que em um determinado momento a língua apresentava duas variantes para um mesmo fenômeno lingüístico, coexistindo em um mesmo espaço. Com o passar do tempo, uma das variantes toma o espaço da outra na comunidade de fala, passando ser a única forma utilizada pelos falantes. Dizemos, portanto, que houve uma mudança lingüística. A variável estável, por sua vez, remete à coexistência de duas formas lingüísticas em um mesmo tempo e espaço sem que uma prevaleça sobre a outra.

Ao relacionar a variação e o fator tempo, outro conceito muito difundido na sociolingüística é a “*mudança em progresso*”. Trata-se de um processo de mudança verificável mediante uma análise em tempo aparente em que se verifica que determinada variante lingüística utilizada por uma geração mais velha perde cada vez mais espaço para uma outra variável concorrente na medida em que decresce a faixa etária dos falantes. A mudança em progresso pode também ser verificada em uma análise em tempo real, embora esse método apresente o tempo de pesquisa como elemento complicador. Embora a mudança em progresso indique que uma mudança está em curso, isso não implica que ela realmente irá se concretizar. Vários fatores podem interferir ao longo do tempo nesse processo.

Sobre a relação entre variação e mudança lingüística, afirma Camacho⁴⁹:

⁴⁸ ALKIMIM, 2000, p. 40.

⁴⁹ CAMACHO, 2000, p. 56.

Toda mudança é o resultado de algum processo de variação, em que ainda coexistem a substituta e a substituída, embora o inverso não seja verdadeiro, isto é, nem todo processo de variação resulta necessariamente numa mudança diacrônica, caso em que a variação é estável e funciona como indicador de diferenças sociais.

2.1.2.2. As redes sociais e a mudança lingüística

O termo “rede social” é usado na sociolingüística para demonstrar os contatos lingüísticos que uma pessoa mantém com outras. Na análise das redes sociais, James Milroy⁵⁰, considera que existe um núcleo estável de pessoas que, mesmo sem morar em uma mesma comunidade, mantém contatos entre si e se “contaminam”. Milroy não estuda a mudança lingüística – ou a sua manutenção - a partir do grupo, como ele mesmo afirma:

Labov tem afirmado que o local da mudança não está no falante individual, mas no grupo, ou no mínimo que nós temos que procurar no comportamento do grupo. O que está implicado aqui é mais específico que isso: é que a mudança lingüística está localizada na interação do falante e é negociada entre os falantes no curso da interação, tal como outros aspectos do discurso são negociados entre eles.⁵¹ (TN)

A contribuição de J. Milroy para os estudos sociolingüísticos é o tratamento que ele dá à mudança lingüística a partir da interação entre os falantes. É a partir dessa interação e das normas construídas em consenso por um grupo ou comunidade que as mudanças podem ou não ocorrer.

Tal como Labov, uma das preocupações de James Milroy em sua teoria é que os dados lingüísticos coletados para uma pesquisa não devam ser retirados da língua padrão, mas sim de dados da linguagem vernacular, tal como ele faz em Belfast. Desse modo, Milroy ressalta a importância daquelas variedades mais distantes da norma: “Quanto mais distante a variedade está da norma padrão, mais importante torna-se sua prévia descrição”(TN)⁵².

Um ponto importante para Milroy em sua teoria é quanto ao conceito de norma, que para ele difere do tradicional. Para Milroy, norma deve ser entendida como um padrão lingüístico consensual entre os falantes de determinado grupo. Desse modo, a norma de uma comunidade difere da norma padrão de uma língua, visto que a norma padrão é uniforme, ao passo que a norma da comunidade é, na maioria das vezes, variável, conforme afirma esse autor (1992, p. 82). Milroy ainda relaciona norma e sexo à comunidade de fala e destaca que essas normas incluem diferenças estáveis no uso lingüístico entre os sexos. (p. 87)

⁵⁰ MILROY, 1992.

⁵¹ *Ibidem*, p. 36.: “Labov has argued that the locus of change is not in the individual speaker, but in the group, or at least that we have to look for it in group behavior. What is implied here is more specific than that: it is that linguistic change is located in speaker-interaction and is negotiated between speakers in the course of interaction, much as other aspects of discourse are negotiated between them”.

⁵² *Ibidem*, p. 59: “the further away the variety is from mainstream norms, the more important this prior description becomes”.

A partir dessa visão da norma como consenso, Milroy destaca que as mudanças lingüísticas ou a manutenção de determinadas características lingüísticas são resultado de um “acordo” entre os participantes de um grupo ou comunidade. Nesse caso, a mudança lingüística não seria resultado de fatores externos ao grupo, como escolaridade, classe social, mas resultado de fatores internos ao grupo. Nesse ponto reside a diferença fundamental entre a proposta de Milroy e de Labov. Para o primeiro, os fatores idade, sexo, área são considerados fatores internos, pois têm um caráter universal. Para Labov, esses fatores sociais vistos como internos por Milroy, seriam vistos como externos. Para Milroy, o social está implícito na língua, e as diferentes normas carregam um significado social, ao passo que Labov vê as duas coisas como distintas, embora valorize o social na sua análise.

Uma outra grande contribuição de Milroy para a lingüística é a abordagem da noção de “rede social”. Para esse autor o importante no estudo da língua é o indivíduo e suas relações com os demais, visto que, diferentemente de classe social, escolaridade, ou outros fatores externos tratados nos estudos lingüísticos, as situações de contato são universais (1992, p. 85). Outra questão apontada pelo autor é que, embora a variável social tenha sido a principal variável na sociolingüística, alguns lingüistas perceberam que alguns grupos sociais não são diferenciados por classe e, mesmo assim, apresentaram diferenças lingüísticas.

Ao tratar das “redes sociais”, Milroy mostra que estas são formadas por grupos de indivíduos que dividem características lingüísticas comuns, ou seja, há uma norma em consenso de forma subconsciente entre seus membros. Muitas vezes essas redes são homogêneas em relação à classes social, idade, etnicidade e outras variáveis. Chambers⁵³ denota que a diferença entre o sistema de classes e as redes sociais em relação aos mecanismos de normatização tem a ver com a proximidade do indivíduo ou a proximidade da sua influência.

2.1.2.3. A mudança lexical

O léxico, como sistema dinâmico, evolui sempre, sofre adaptações que se fazem necessárias e configura-se como um portador de valores, de significações e de matizes semânticos novos. Sem dúvida alguma, todo o movimento de uma cultura leva ao movimento de palavras. Essa é a maneira como a língua se ajusta à evolução da sociedade.

Guilbert⁵⁴ ressalta que o léxico, ao contrário da gramática, sofre transformações muito mais rápidas, visto que não se constitui de natureza puramente lingüística. Para ele, o léxico

⁵³ CHAMBERS, 1995, p. 68.

⁵⁴ GUILBERT, 1972, p. 30.

participa da estrutura lingüística da língua e também espelha nessa língua as diversidades sociais e culturais.

No mundo contemporâneo, a expansão do léxico tem sido maior, conforme atesta Biderman⁵⁵:

No mundo contemporâneo, sobretudo, está ocorrendo um crescimento geométrico do léxico português e das línguas modernas de modo geral, em virtude do gigantesco progresso técnico e científico, da rapidez das mudanças sociais provocadas pela frequência e intensidade das comunicações e da progressiva integração das culturas e dos povos, bem como da atuação dos meios de comunicação de massa e das telecomunicações.

Sendo assim, o léxico deve, necessariamente, atender às necessidades de um povo, de uma sociedade, uma vez que toda “coisa”, conforme aponta Guilbert (1972, p. 41), todo conceito deve ser nomeado para ser objeto do conhecimento e ter acesso a uma existência social.

Do mesmo modo que vão surgindo novas realidades, outras vão perdendo espaço na comunidade, seja por questões culturais, técnico-científicas, etc., e dessa forma muitas palavras vão caindo em desuso. Inversamente, vários itens lexicais podem ser ressuscitados, às vezes com novas conotações. A realidade da língua mostra que há uma luta constante entre a mudança e a não-mudança, como afirma Barbosa⁵⁶: “Os sistemas semióticos sustentam-se, com efeito, numa tensão dialética – imprescindível ao seu pleno funcionamento – entre duas forças contrárias, não excludentes mas complementares, a da conservação e a da mudança”.

Essa dinâmica lexical não acontece de forma igual em todo o conjunto léxico de uma língua. Como salienta Barbosa⁵⁷, existe uma parte nuclear do vocabulário em que essa mudança se processa mais lenta, garantindo, pois, a possibilidade de comunicação. Desse modo, o vocabulário fundamental de uma língua permanece mais estável, sendo mais resistente às mudanças.

⁵⁵ BIDERMAN, 1998, p. 15.

⁵⁶ BARBOSA, 1998, p. 35.

⁵⁷ *Ibidem*, p. 36.

2.1.3. Cultura

A lingüística contemporânea vem tratando da relação língua, cultura e sociedade por meio de pesquisas que envolvem duas ciências distintas: a Sociolingüística e a Etnolingüística ou Antropologia Lingüística. A Sociolingüística trata das relações entre traços lingüísticos e fatores socioculturais no seio de uma comunidade. Já a Etnolingüística aborda a língua como expressão de uma cultura. São, pois, áreas distintas, mas complementares.

Entre os pesquisadores, no âmbito da Sociolingüística, situa-se Labov, conforme apontamos anteriormente. Suas pesquisas trouxeram importantes contribuições para o estudo da diversidade lingüística, ao abordá-la como fenômeno de variabilidade dentro de um sistema naturalmente dinâmico.

Abordando a relação língua-cultura, Sapir⁵⁸ destaca o léxico como o nível lingüístico que mais revela o ambiente físico e social dos falantes. É o léxico, portanto, que reflete de maneira mais evidente a relação da língua com todos os aspectos da civilização. Sendo criações dos homens, as línguas são, conseqüentemente, fatos culturais.

Assim, a língua constitui uma ponte entre sociedade e cultura, existindo, na prática, uma interdependência entre língua, cultura e sociedade, uma vez que uma é necessária à outra, tanto para sua sobrevivência quanto para sua perpetuação.

Em seus escritos, Sapir⁵⁹ enfatiza, sempre, que a linguagem espelha o ambiente físico e social dos falantes e que as atitudes lingüísticas assumidas por uma comunidade predispõem algumas opções de interpretação que, por sua vez, fixam o modo pelo qual os membros dessa comunidade percebem a realidade que os cerca.

Embora enfatize a influência exercida pelo ambiente e o seu reflexo na linguagem, Sapir menciona que a influência do meio físico só se reflete na língua, na medida em que atuem sobre ele fatores de natureza social. Vários estudiosos se beneficiaram desses ensinamentos de Sapir, principalmente os estudiosos da Etnolingüística, da Psicolingüística, da Antropologia, da Lexicologia.

É o que, também, podemos inferir da teoria de Duranti⁶⁰. Ao centrar-se no uso lingüístico de uma sociedade, esse antropólogo lingüista considera que as formas lingüísticas adquirem significados nos contextos em que são utilizadas, o que permite descobrir padrões interativos que revelam visões de mundo e formas de relação entre os indivíduos.

⁵⁸ SAPIR, 1969, p. 51.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 52.

⁶⁰ DURANTI, 2000, p. 8.

Como podemos verificar sendo criações dos homens, as línguas são, conseqüentemente, fatos culturais. Entendemos cultura como uma somatória de valores de um grupo humano em que a língua exerce um papel prioritário, uma vez que ela se constitui em instrumento revelador do pensamento e dos costumes daqueles que a utilizam.

2.1.3.1. Região cultural

Como vimos no capítulo I, definir “cultura” não é tarefa simples visto que não há um único conceito que dê conta de abarcar todas as suas possibilidades de significação. Conceituar “região” apresenta também algumas dificuldades para os estudiosos das ciências humanas e sociais, principalmente da Geografia, disciplina que trata de perto das questões espaciais humanas e naturais.

Cunha⁶¹ discorre sobre as várias abordagens que cercam essa definição. Segundo ele, a denominação “região” é algo que remonta à época do império romano. Citando Gomes⁶², mostra que a palavra *regione* era utilizada para referir-se a áreas que estavam subordinadas ao império romano, mas conceituavam, também, espaço (*spatium*) e província (*provincere*). O primeiro se referia a áreas de um contínuo ou de espaços isolados e o segundo se referia àquelas áreas que estavam sob o controle de Roma. Com o fim do império romano, o termo passa a ser muito utilizado em referências aos diversos feudos da Idade Média e, também, às áreas administrativas da Igreja. Mais tarde, com o advento do Estado Moderno e o problema da centralização político-regional, o termo torna-se ainda mais abrangente.

Segundo Cunha (*Op. cit.*, p. 42), além dessa abordagem histórica, Gomes distingue três domínios em que a noção de “região” está muito presente: a) a linguagem cotidiana do senso comum, com seu sentido de localização e extensão; b) o domínio administrativo, ou seja, a região vista como uma unidade administrativa; c) o domínio das ciências em geral, em que a noção de região se associa à localização de determinados fenômenos.

Uma dificuldade apontada por Cunha⁶³ em seu artigo é que a noção de “região” pode abarcar desde um quarteirão até um hemisfério. Para tentar definir melhor o termo, Cunha busca aproximar os conceitos de “região” e “território”. Tomando uma citação de Souza⁶⁴, assim ele define território: “o espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder”. A partir de observações de outros autores, entre eles Haesbaert e Éster, Cunha afirma que essa definição apresenta apenas uma visão político-jurídica, e que aspectos culturais e

⁶¹ CUNHA, 1998, p. 39-54.

⁶² GOMES, *apud* CUNHA, 1998, p. 41.

⁶³ CUNHA, 1998, p. 44.

⁶⁴ SOUZA, *apud* CUNHA, 1998, p. 49.

econômicos também devem ser levados em conta em uma definição. Cunha⁶⁵ recorre novamente a Haesbaert, o qual, em face do processo de globalização, defende que a noção de região deve levar em consideração as transformações sociais, econômicas e culturais que alteram a coesão regional, redefinindo as suas fronteiras a todo instante. O que se conclui do artigo de Cunha é que a definição de “região” é algo bem mais complexo e que as novas realidades devem ser levadas em consideração no tratamento desse tema.

Trabalhando com o conceito de “região cultural”, Manuel Diégues Júnior⁶⁶ discorre sobre a origem da cultura brasileira e ressalta que o Brasil participa de uma área cultural maior que o seu território, denominada “área cultural luso-cristã”, compreendida por Portugal e suas províncias ultramarinas, e o que marcaria esta área seria o elemento lusitano e o cristianismo, este servindo como base religiosa.

Diégues Júnior afirma, a partir desse laço lusitano comum, que a nossa formação cultural é resultado da integração de diversas condições geográficas e humanas, e para compreender melhor essa cultura é preciso estudá-la sob o ângulo de regiões culturais. Desse modo, Diégues Júnior (*Op. cit.*, p. 6) afirma que “a caracterização de regiões culturais constitui um ponto de partida fundamental para certos estudos, sobretudo para compreensão das diversidades culturais de hoje – e quase diria: pluralismo cultural”.

Para Diégues Júnior⁶⁷, o conceito de região cultural pode ser entendido

como um conjunto ecológico de pessoas, aproximadas pela unidade das relações espaciais da população, da estrutura econômica e das características sociais, dando-lhe, em conjunto, um tipo de cultura que, criando modo de vida próprio, a difere de outras regiões.

O autor lembra que diversas tentativas de se estudar a cultura e a história brasileira de modo regionalizado foram feitas desde meados do século XIX, citando as propostas de Martius, Nina Rodrigues, Roquete Pinto, Silvio Romero e outros. Entretanto, o autor afirma que nenhuma dessas classificações pode ser considerada como de região cultural. Segundo esse estudioso,⁶⁸

De modo geral, verifica-se nessas classificações – como, aliás, em outras que se destinam a estudos lingüísticos ou de alimentação ou de literatura ou de geografia – tomar-se como base apenas um elemento – a língua, a alimentação, a literatura ou a geografia, respectivamente – que, considerado predominante, torna-se o centro da região. Parece-nos um sentido restrito esse em que se ignoram outros aspectos deixando de lado a conjugação de vários elementos que, através da Antropologia, da

⁶⁵ CUNHA, 1998, p. 50.

⁶⁶ DIÉGUES JÚNIOR, 1960, p. 5.

⁶⁷ *Ibidem*, p. 6-7.

⁶⁸ *Ibidem*, p. 12-13.

Sociologia, da Economia, da História, da Geografia, da Etnografia, possam oferecer as características fundamentais a fixar numa região cultural.

A partir do exposto, fica claro que a caracterização de região cultural deve levar em conta diversos aspectos, como as relações do homem entre si e do homem com o seu meio. Desse modo, Diégues⁶⁹ afirma que, para tratar de forma completa a noção de “região cultural”, é preciso buscar no processo de ocupação humana os elementos que oferecem as bases para as caracterizações de cada região.

Partindo dessa premissa, de que a noção de região é algo mais complexo, Diégues Júnior aponta o trabalho de Mukerjee (sociólogo hindu) e cita a obra desse autor - “*Regional Sociology*” - como ponto de partida para a conceituação de região cultural. Segundo as idéias de Mukerjee⁷⁰, deve-se levar em consideração, ao abordar uma região cultural, os tipos de evolução econômica, política e social que determinada região experimentou. Diégues ressalta que, no caso do Brasil, as atividades da mineração, da pecuária, da produção açucareira, da extração do cacau e da borracha, e outras mais, associadas à diversidade humana de ocupação do nosso território nacional contribuíram para a formação dessas regiões culturais. Segundo Diégues⁷¹, é “a existência de certos elementos que dão unidade e mesmo homogeneização à cultura”, que delimita uma região cultural.

A partir do exposto, Diégues Júnior propõe uma divisão do Brasil em 10 regiões culturais⁷², a saber:

- a) o nordeste agrário do litoral, caracterizado pelo ponto de vista étnico, pela mestiçagem entre brancos e negros, e do ponto de vista socioeconômico, pelos engenhos de açúcar;
- b) o nordeste mediterrâneo, caracterizado pela mestiçagem entre brancos e índios e pela atividade da criação de gado, com seus currais e a figura do vaqueiro;
- c) a Amazônia, caracterizada principalmente pelo elemento indígena e pelo extrativismo vegetal da borracha (que teve no seringal seu *focal point*), da madeira, do castanheiro;
- d) a mineração no planalto, caracterizada economicamente pela formação dos arraiais de mineração, e socialmente pela presença de várias correntes como mamelucos, mulatos, reinóis, judeus, paulistas e nordestinos;
- e) o centro-oeste, que no início teve a mineração como atividade principal, e que após seu declínio deu espaço à pecuária, que hoje tem grande destaque. O elemento humano

⁶⁹ DIÉGUES JÚNIOR, 1960, p. 14.

⁷⁰ MUKERJEE, *apud* DIÉGUES JÚNIOR, 1960, p. 15.

⁷¹ DIÉGUES JÚNIOR, *Op. cit.*, p. 19.

⁷² *Ibidem*, p. 20.

predominante foi o português mestiçado com o indígena e que hoje sente um pouco a influência cultural espanhola das regiões vizinhas;

f) o extremo sul, que teve na pecuária sua principal atividade econômica e que teve sua formação humana resultante da expansão de correntes paulistas, nordestinas e fluminenses. A influência cultural da vizinhança deu a essa região aspecto peculiar, e tem a estância como seu núcleo social mais marcante;

g) as regiões de colonizações estrangeiras, as quais foram formadas inicialmente por alemães e italianos, e depois por poloneses, russos, árabes, tendo ainda, mais tarde, chegado os holandeses e japoneses. Compreende áreas isoladas do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná;

h) a região do café, que teve expansão a partir do século XIX, irradiando-se do Rio de Janeiro e alcançando São Paulo, Minas Gerais e posteriormente o estado do Paraná. Socialmente teve a figura dos escravos e posteriormente dos imigrantes que trabalhavam na exploração do café. A partir da fazenda de café e dos barões do café é que essa região gozou de grande influência no cenário político e econômico nacional, e que mais tarde passou por intensas transformações, experimentando um grande desenvolvimento industrial;

i) a região do cacau, no sul da Bahia, que experimentou grande desenvolvimento;

j) a região do sal, localizada no Rio Grande do Norte e também no Rio de Janeiro.

Segue o mapa com as regiões culturais propostas por Diégues na introdução de sua obra “Regiões Culturais do Brasil”.



Mapa 01 – Regiões culturais do Brasil (Diégues Jr., 1960)

Embora reconhecendo a existência de dez “regiões culturais” no território brasileiro, Diégues Júnior (*Op. cit.*, p. 23) lembra que essas regiões vêm passando por profundas transformações em face do desenvolvimento dos transportes e das comunicações, e que pode ocorrer permuta de elementos culturais, alterando os valores e características dessas áreas. Reconhece, também, que cada região caracterizada por ele não apresenta um exclusivismo de um tipo de cultura, mas ao contrário, há uma diversidade, como se vê a seguir⁷³:

Daí podemos encontrar em cada região cultural diversidades que não lhe quebram a hegemonia, traduzida esta pela maior importância dos estilos de vida criados em torno de uma atividade. Como as regiões culturais diversas não quebram a unidade da cultura brasileira.

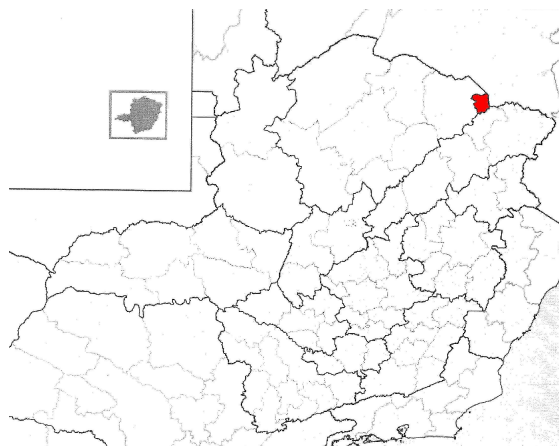
Mesmo reconhecendo que não há esse exclusivismo cultural, Diégues ressalta que há um elemento ou um aspecto que marca cada região, denominado *focal point* (p.24).

⁷³ DIÉGUES JÚNIOR, 1960, p. 23.

Outro trabalho que merece ser citado é o do antropólogo Darcy Ribeiro⁷⁴, cujo estudo divide o Brasil não a partir do elemento humano associado às atividades de uma região, mas a partir de suas raízes étnicas. O crioulo, o caboclo, o sertanejo, o caipira e o sulino são as cinco etnias apontadas por ele.

2.2. Métodos e procedimentos

Conforme apontamos na *Introdução* deste trabalho, a nossa pesquisa caracteriza-se por realizar um estudo lingüístico com enfoque no léxico, no município de Águas Vermelhas-MG⁷⁵, região de fronteira com o Estado da Bahia, tendo como suporte teórico fundamentos da Sociolingüística, da Lexicologia e da Antropologia Cultural.



Mapa 02 – Localização do município de Águas Vermelhas (Wikipédia, 25/07/2007).

Seguindo metodologia laboviana⁷⁶, partimos do presente, observando dados de língua falada, coletados em 15 entrevistas gravadas com moradores da região. A partir das transcrições desses dados, cujos critérios serão apresentados na seção 2.2.4., fizemos levantamento das lexias que nos causaram certa estranheza ou que, a nosso ver, melhor refletiam a cultura das pessoas da região. Em seguida, conferimos em dicionários contemporâneos de língua portuguesa, em dicionário regional e em fontes lexicográficas do século XVIII e XIX a existência da forma coletada, a fim de observarmos seu registro em várias obras especializadas, ao longo do tempo. Para esse fim, selecionamos: *Vocabulário Portuguez e Latino* (P. Raphael Bluteau), *Diccionario da língua portuguesa* (António de Moraes Silva), *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa* (Laudelino Freire), *Aurélio Séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa* (Aurélio Buarque de Holanda Ferreira),

⁷⁴ RIBEIRO, 1995.

⁷⁵ Cf. localização no mapa acima.

⁷⁶ LABOV, 1972 e outros.

Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa (Antônio Geraldo da Cunha) e *O Dialeto Caipira* (Amadeu Amaral).

Selecionamos o *Vocabulário Portuguez e Latino* por dois motivos: ser este um dicionário que contempla grande parte do léxico da língua portuguesa até início do século XVIII, aumentando e atualizando aproximadamente em cinco vezes o vocabulário até então dicionarizado, conforme destaca Verdelho⁷⁷ e, principalmente, por ser reconhecido pelos estudiosos da área como uma obra de referência nos estudos lexicográficos de língua portuguesa.

Já o *Diccionario da lingua portugueza* de Antônio de Moraes Silva, mesmo dando continuidade ao *Vocabulário Portuguez e Latino*, é uma obra que traz grande número de vocábulos não dicionarizados por Bluteau. Moraes utiliza-se de obras de vários autores como fonte, o que, talvez por influência do Tribunal do Santo Ofício e, ainda, pela censura literária, tenham sido deixadas de lado pelo P. Raphael Bluteau, conforme destaca Murakawa⁷⁸. Segundo, ainda, essa autora⁷⁹, “o *Diccionario* de Moraes pode ser considerado como o primeiro dicionário de uso da língua portuguesa, porque os que o antecederam não podem ser classificados de tal maneira”. Tal fato se explica porque, para a Lexicografia moderna, um dicionário de uso é aquele que registra o vocabulário usual mais freqüente na língua escrita e oral, destacando os diferentes registros e as variações lingüísticas.

Em relação aos dicionários contemporâneos, o *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Laudelino Freire, foi escolhido como obra de referência da primeira metade do século XX, por tratar-se de um dicionário que apresenta grande riqueza vocabular, por incluir muitas locuções, expressões e brasileirismos.

A escolha do *Aurélio Sec. XXI: o dicionário da língua portuguesa* deu-se por ser este considerado como um dicionário padrão da sociedade brasileira, apresentando um vasto repertório lexical, incluindo grande número de brasileirismos. É um dicionário que, embora conte com limitações, apresenta grande número de abonações de obras variadas, exemplificações, exemplos a partir da linguagem falada e escrita, indicação da variabilidade lingüística no território nacional, além de concisão e clareza nas definições.

Quanto aos dois últimos dicionários, a escolha do *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* teve como objetivo principal esclarecer a etimologia dos vocábulos e a datação aproximada da sua entrada na língua portuguesa, uma vez que parte

⁷⁷ VERDELHO, 2002, p. 23.

⁷⁸ MURAKAWA, 2006, p. 31.

⁷⁹ *Ibidem*, p. 119.

desses vocábulos selecionados não constavam nos dicionários mais antigos. Outra finalidade da escolha desse dicionário foi a de identificar as formas variantes que tais vocábulos adquiriram ao longo do tempo, podendo com isso, verificar se algumas dessas formas coincidiam com aquelas encontradas no nosso *corpus*. A escolha do dicionário de Amadeu Amaral, *O Dialeto Caipira*, teve como objetivo comparar itens lexicais usados por nossos entrevistados com os lexemas que constam nesse dicionário, representantes do falar caipira.

Para sistematizar os dados por nós coletados, elaboramos uma ficha para cada lexia. Na seção seguinte apresentaremos a constituição dessa ficha.

2.2.1. A ficha de análise

Elaboramos 258 fichas lexicográficas, dispostas em ordem alfabética, contendo informações para posterior análise lingüística e que serão apresentadas em 4.1. Em seguida, apresentamos o modelo que construímos e adotamos. Tanto nas fichas a seguir quanto em nossas análises a partir do capítulo 4 citaremos os dicionários descritos na seção 2.2. pelo nome de seus autores: Bluteau, Moraes, Laudelino Freire, Aurélio, Cunha e Amadeu Amaral.

Número da ficha – lexia (classe gramatical)_____ <i>abonação</i> Registro em dicionários: 1. Bluteau: 2. Moraes: 3. Laudelino Freire: 4. Aurélio: 5. Cunha: 6. Amadeu Amaral:
--

A seguir apresentamos algumas observações quanto as fichas:

- a) Ao lado do número da ficha, apresentamos o vocábulo selecionado para análise e, entre parênteses, sua classe gramatical, segundo o contexto em que se encontra inserido.
- b) Em relação ao lema adotado pelos dicionários consultados, nem sempre encontramos correspondentes em nossas fichas. Há variações quanto a gênero, número, ortografia.
- c) No item “abonação”, apresenta-se, em itálico, um recorte da fala do entrevistado, contendo uma amostra contextualizada da lexia em estudo. No final desse item, são identificados o número da entrevista e a linha em que o vocábulo aparece no *corpus* anexo.
- d) No item “registro em dicionários”, destaca-se como o vocábulo é descrito em cada obra. Quando isso não ocorre, ou seja, o dicionário não registra o termo, indicamos “n/e”.

Por meio das fichas, podemos visualizar se a lexia em estudo é ou não dicionarizada por um ou mais autores, ou por nenhum deles, se é arcaica, se é um brasileirismo, etc. A ficha lexicográfica constitui-se, pois, como uma boa ferramenta para nos auxiliar no trabalho de quantificação e análise dos dados.

2.2.2. A coleta de dados

Inicialmente, deslocamo-nos para a região em análise em busca de dados. A idéia era entrevistar pessoas moradoras em várias áreas do município. Em convívio com as pessoas da localidade, realizamos 15 gravações orais. As entrevistas foram gravadas, em sua maioria, na própria casa do entrevistado, em conversa informal. Não nos munimos de perguntas prévias, os diálogos eram bem soltos, com temas que enfocavam o dia-a-dia das pessoas, como costumes, casos, tradições, a lida no campo, entre muitos outros temas. Procuramos, durante as gravações, ter sempre em mente o que ensina Paiva Boléo (1924)⁸⁰:

O explorador de palavras locais ou regionais deve estabelecer bem no seu espírito o fato de que é ele quem deve se adaptar às conveniências do informante e não este às suas. Por conseguinte, servir-lhe-ão todos os lugares para fazer o inquérito, de que o informante esteja à vontade e haja o sossego suficiente. Chamá-los à pensão ou à casa onde habitamos a pretexto de que as casas do povo são pobres e tão pouco asseadas que não nos sentiríamos bem lá, é princípio que se deve pôr de lado, aceitando-o apenas quando de todo não puder deixar de ser. Convém não nos esquecermos de que o homem ou mulher do povo só está à vontade no seu meio próprio: a sua casa ou sítio onde trabalha é aí que devemos proceder ao inquérito, tanto mais que só desta maneira teremos ao nosso alcance um grande numero de objetos do seu uso e que nos interessam.

Todas as fitas, com duração de 60 minutos, foram etiquetadas no momento da gravação. O tempo para a gravação e o número de sessões dependeu da disponibilidade e interesse de cada informante, variando de vinte minutos a uma hora de conversa, embora duas delas tenham tido tempo inferior ao mínimo citado.

Como a variante zona – urbana e rural – não apresentasse diferenças significativas nesta análise, foram entrevistadas pessoas das duas áreas, predominando a urbana com 90% dos informantes. Outras três entrevistas gravadas na zona rural não puderam ser aproveitadas por problemas técnicos.

⁸⁰ PAIVA BOLÉO, *apud* SEABRA, 2004, p. 61.

2.2.3. A escolha dos informantes

Quanto à escolha dos informantes, seguimos as normas do Projeto *Pelas Trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais*⁸¹, utilizada em vários trabalhos, dentre eles o de Seabra (2004), que postula, como condições ideais, que o entrevistado deve:

- a) ter idade igual ou superior a setenta anos;
- b) ter nascido ou ter vivido a maior parte da vida no município;
- c) ter baixa ou nenhuma escolaridade.

Tal requisito para a escolha dos informantes deu-se, ainda, em face de ser este perfil o que acreditamos que pode revelar um léxico mais próximo do vernacular, além de apontar possíveis retenções lexicais.

Realizadas as gravações, apuramos os seguintes dados dos nossos informantes:

Quanto à idade: (70-75 anos: 6 pessoas (40%); 76-80 anos: 2 (13,3%); 81-85 anos: 1 (6,6%); 86-90 anos: 2 (13,3%); 91-95 anos: 3 (20%); 96-100 anos: não tem; acima de 100 anos: 1 (6,6%).

Quanto ao sexo: masculino: 6 (40%) e feminino: 9 (60%).

Quanto ao grau de escolaridade: analfabetos: 13 (86,6%) e 1ª a 4ª série: 2 (13,3%)

Quanto à ocupação profissional: lavrador: 6 (40%) e do lar: 9 (60%)

2.2.4. As transcrições

Quanto às transcrições, elas seguiram o modelo adotado por Amaral (2001)⁸² e Seabra (2004) que, por sua vez, seguem, em sua maioria, normas adequadas pela equipe de trabalho do projeto *Filologia Bandeirante*⁸³. Não se trata de uma transcrição fonética, já que foram vários os interesses da equipe (léxico, sintaxe, morfologia, etc). É uma transcrição ortográfica, porém adaptada. As normas estabelecidas para a transcrição foram:

Orientações gerais:

- a) a transcrição não pode ser sobrecarregada de símbolos;
- b) deve ser adequada aos fins;
- c) deve permitir a compreensão do significado do texto;
- d) deve respeitar o vocábulo mórfico como unidade gráfica⁸⁴;

⁸¹ Projeto da FALE/UFMG, apoio da FAPEMIG, sob coordenação da Profa. Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen (2003-2006).

⁸² AMARAL, 2001.

⁸³ COHEN, et alli, 1997.

⁸⁴ FERREIRA NETTO; RODRIGUES, 2000, p. 172.

e) deve tentar facilitar ao leitor a criação de uma “imagem” do texto elaborado no plano da oralidade⁸⁵.

1 – Nem tudo será registrado:

a) o alçamento das postônicas não será registrado.

ex.: aguardenti = aguardente; espuletadu = espuletado

(A idéia é: o que é categórico, não-marcado no dialeto, não precisa ser registrado)

2 – Serão registrados:

a) alteamento/abaixamento das pretônicas, quando for marcado na fala local.

deferente = diferente // imbigio = umbigo

premeiro = primeiro

b) nasalização de segmentos normalmente não nasalizados deverão ser marcados com o til:

ẽizame = exame

c) prótese: as próteses serão marcadas ortograficamente, como pronunciadas:

izabelê = zabelê

intradição = tradição

alembrar = lembrar

d) supressão de consoantes, vogais ou mesmo sílabas, serão marcadas com o que foi suprimido entre colchetes:

mai[s] = mais

ago[ra] = agora

e) paragoge:

mali = mal

f) iotização, grafando com i:

fia = filha

jueio = joelho

g) aglutinação, com apóstrofo:

dex'eu = deixa eu

pr'eu = para eu

⁸⁵ FERREIRA NETTO; RODRIGUES, 2000, p. 172..

h) pronomes *ele, ela, eles, elas* e *eu* serão grafados como realizados:

eis = eles;

ê = ele;

ea = ela

eas = elas

i) variação fonética do s – será grafada como efetivamente realizada:

mermo = mesmo

memo = mesmo

j) Casos de aférese - serão registrados como pronunciados:

tá = está

3) Indicações de:

- Pausa: reticências...
- Inaudível ou hipótese do que foi ouvido, parênteses simples: (). Nas entrevistas, o espaço vazio dentro dos parênteses varia de acordo com a extensão do trecho não entendido.
- Comentários: (())
- Sobreposição de fala: { }
- Discurso direto: “ ”
- Ênfase: maiúsculas
- Truncamento: /”⁸⁶

Procuramos seguir, na medida do possível, as indicações acima relacionadas para as transcrições das entrevistas utilizadas que se encontram no *CD-ROM*, acompanhando este trabalho.

Considerando a importância da história do povoamento e o processo migratório em estudos que enfocam o léxico, procuraremos, no próximo capítulo, caracterizar a região em estudo.

A região se mostra singular ao estudo proposto pelo fato do local nos ser familiar, o que propicia que penetremos em “redes sociais”⁸⁷. Segundo Duranti⁸⁸, para que o pesquisador obtenha um bom conhecimento da cultura de uma comunidade por meio de entrevistas, é necessário que tenha uma identificação ou empatia com os membros do grupo, pois só desse

⁸⁶ SEABRA, 2004, p. 62-64.

⁸⁷ MILROY, 1992.

⁸⁸ DURANTI, 2000, p. 127.

modo ele conseguirá obter uma boa perspectiva interna desse grupo, dentro daquilo que os antropólogos chamam de “ponto de vista êmico”.



Foto n.º 3 - Águas Vermelhas no início do século passado
(quadro de José Heraldo dos Santos. Acervo particular do pintor)

CAPÍTULO 3 – ASPECTOS HISTÓRICOS DA REGIÃO NORTE DE MINAS

Analisar o léxico da região norte de Minas Gerais, mais especificamente do município de Águas Vermelhas, despertou nosso interesse por estar esse município inserido em uma das rotas de entradas e bandeiras mais antigas de Minas – a entrada de Spinosa e Navarro (1554). Bem sabemos que esses primeiros desbravadores que por lá passaram não deixaram nenhum núcleo de povoamento na região, mas os caminhos trilhados por eles serviram de rotas, tempos depois, aos desbravadores do nordeste do país, principalmente baianos e pernambucanos e, também, para os portugueses, oriundos no norte de Portugal, que aportavam na Bahia com destino a Minas. Além disso, esse caminho antigo serviu de rota para os tropeiros que transitavam com suas boiadas em direção norte-sul do país, com o objetivo principal de abastecer as regiões mineradoras do centro-sul. Dá-se, desse modo, o início do povoamento na região, com algumas populações se fixando em torno do “caminho do boi”, construindo fazendas ou “currais”. Como o léxico é o subsistema da língua que mais retrata a cultura local, optamos por focalizar neste estudo itens lexicais do “mundo rural”, acreditando nele encontrar resquícios de um passado lingüístico e, assim, contribuir para a história social da língua portuguesa.

3.1. História do povoamento da região norte de Minas Gerais

3.1.1 Primeiros habitantes

Há poucos registros dos povos que habitaram a região norte de Minas antes da chegada do homem europeu. Há, também, poucos estudos – os autores afirmam não ter conhecimento dos costumes desses povos. Falta, ainda, consenso entre os historiadores e antropólogos sobre este tema. O que se sabe é que havia índios de etnias variadas e negros fugidos da escravidão.

Capistrano de Abreu⁸⁹ destacou alguns povos indígenas que habitavam as margens do São Francisco antes da chegada do homem branco. Segundo esse autor, na região existiam numerosas tribos pertencentes ao tronco *Cariri*, outros do tronco dos *Caribas* como os *Pimenteiras*, e ainda do tronco dos tupis, como os *Amoipiras*.

Outros povos indígenas são citados por Campos & Faria⁹⁰. De acordo com o mapa a seguir, apresentado por esses autores – embora se enfatize o Vale do Jequitinhonha –

⁸⁹ ABREU, 1963, p. 146.

⁹⁰ CAMPOS; FARIA, 2005, p. 25.

Ainda segundo Costa (p.13), antes mesmo da chegada dos portugueses à região, já havia “pequenos agrupamentos de africanos e seus descendentes que, fugindo da escravidão, deram origem a quilombos”. De acordo com esse autor, os grupos de africanos se localizavam, principalmente, no interior da floresta de caatinga, próxima aos vales do rio Verde Grande e cultivavam mandioca, milho, arroz, feijão e fava, além de outros produtos.

Salomão de Vasconcelos⁹² também mencionara a existência de escravos fugitivos na região antes da chegada dos bandeirantes:

Alude ainda Antonil ao velho arraial de Morrinhos como já existido em 1711. Daí partiam, diz ele, os caminhos margeantes do São Francisco e do rio Verde. Ora, esse povoado – o 1º desse nome era verdadeira atalaia contra os bugres e os furtadores de gado, ciganos e negros fugidos, que infestavam desde épocas remotas toda a região lindeira com a Bahia.

3.1.2 A chegada do europeu

Para muitos estudiosos, a história de Minas Gerais tem início efetivo a partir do advento das bandeiras em busca do ouro, sobretudo da Bandeira de Fernão Dias Pais de 1674, que, tendo como ponto de partida a região do atual estado de São Paulo, adentrou nosso território, dando início ao povoamento dessa terra. Entretanto, não podemos esquecer que muito antes desses desbravadores do sul sulcaram essas terras e navegaram por esses rios, já os baianos e pernambucanos por aqui andavam conforme cita Vasconcelos⁹³ :

Antes, com efeito, que o almocafre de Fernão Dias, de Miguel Garcia de Almeida, de Bartolomeu Bueno de Siqueira... rangesse promissor nos cascalhos da Itacambira, do Itatiaia, do Ribeirão do Carmo, do Sabará e do Itacolomi; quando os “calçados” do sul mal começavam de sortir de malotagem os seus surrões e aprestar as monções para madrugarem à tona do Tieté e do Paraíba, rumo ao sertão do ouro e dos seixos verdes – já os baianos e os pernambucanos, cedendo ao passo tardo, mas seguro, dos seus rebanhos... sulcavam de trilhos e de corredores todo o vale imenso do rio Verde, do rio Pardo, do São Francisco e do Jequitinhonha, em busca dos altiplanos verdejantes do rio das Velhas e do Paraopeba.

Notícias oficiais apontam Francisco Bruza de Spinosa e Aspicuelta Navarro (1554) como os primeiros desbravadores que percorreram as terras mineiras. Abreu⁹⁴ faz referência a uma dessas viagens:

O padre Navarro refere-se a uma entrada que fez ao sertão nos primeiros tempos de Duarte da Costa (pois a 24 de junho de 1555 já passava de ano e meio) com doze portugueses, e em que andou pela terra 350 léguas.

⁹² VASCONCELOS, 1944, p. 12.

⁹³ VASCONCELOS, 1944, p. 10.

⁹⁴ ABREU, 1982, p. 280.

homem ao solo, em decorrência da exploração do ouro, na região norte, em face da atividade da criação de gado, houve predominância das fazendas ou “currais de gado”. Foram esses “currais” que ao longo dos tempos deram surgimento a vários povoados e mais tarde aos municípios atuais. É a criação de gado, portanto, o principal motivo do povoamento da região norte de Minas Gerais.

3.1.2.1. Caminhos e povoamento da Região

A fixação do homem na região norte de Minas Gerais, mais especificamente, às margens do São Francisco, é quase tão antiga quanto sua fixação no solo da Região do Carmo⁹⁵. Segundo Diogo de Vasconcelos⁹⁶, o Mestre de Campo Matias Cardoso, após acompanhar Fernão Dias em sua expedição à Região do Carmo, foi convidado pelo governo da Bahia a combater os índios naquela Capitania em 1690. Matias Cardoso chegou à planície do rio Verde, às margens do rio São Francisco, nesse mesmo ano, onde assentou um arraial que levou seu nome. Em outra obra, Diogo de Vasconcelos mostra a antiguidade desse arraial fundado por Matias Cardoso: “Depois dos arraiais fundados por Fernão Dias em caminho do paiz das esmeraldas, foi este de Mathias Cardoso o mais antigo do nosso território”.⁹⁷

Sobre a importância da figura de Matias Cardoso para a história do Norte de Minas, Costa⁹⁸ salienta que “a chegada da bandeira anônima paulista capitaneada por Mathias Cardoso de Almeida constitui-se, pois, como o evento fundante da sociedade pastoril situada no atual Norte de Minas”.

Um importante ponto a destacar é que o Norte de Minas, já no período dessas incursões, não se constituía de terras devolutas. Segundo Miranda⁹⁹, por carta de Sesmaria, de 26 de outubro de 1652, registrada em Salvador – BA, o rei de Portugal, D. João IV, doou ao Mestre de Campo e Capitão Antônio Guedes de Brito uma sesmaria localizada no lado direito do rio São Francisco, paragens hoje conhecidas como Norte de Minas. Posteriormente, Antônio Guedes de Brito adquiriu outra sesmaria, e em 1684 ganhou uma terceira, ficando, então, dono do maior latifúndio da colônia, com 160 léguas de extensão, a qual abrangia parte da Capitania da Bahia e todo o Norte de Minas. Após sua morte, todo o seu patrimônio ficou reconhecido como a dinastia da *Casa da Ponte*.

⁹⁵ Cf. SEABRA, 2004, p. 66-67.

⁹⁶ VASCONCELOS, 1918, p. 19-20.

⁹⁷ VASCONCELOS, 1974, p. 13.

⁹⁸ COSTA, 2006, p. 15.

⁹⁹ MIRANDA, 1997, p. 25.

Além de Matias Cardoso, uma figura que teve grande importância para o povoamento do Norte de Minas foi Manuel Nunes Viana. Segundo Diogo de Vasconcelos¹⁰⁰, Manoel Nunes Viana, *ainda moço e ambicioso*, obteve de D. Isabel Maria Guedes, filha sucessora de Antônio Guedes de Brito, procuração para representá-la em seus direitos e tomar conta do vasto latifúndio deixado como herança. Após conseguir junto ao Governador Geral ser investido da autoridade de Mestre de Campo, Manoel Nunes Viana partiu para o sertão com o objetivo de expulsar os índios e outras pessoas que estivessem ocupando suas terras. Mais tarde, com as notícias do descobrimento do ouro em Sabará, Viana deixou o São Francisco e veio atrás de novas oportunidades nessa região. Percebendo a necessidade da população local por gêneros de todo tipo e sendo profundo conhecedor das rotas para a Bahia, Manuel Nunes Viana tornou-se grande mercador, acumulando em pouco tempo riqueza e poder político na região, envolvendo-se como um dos principais personagens no episódio dos Emboabas, conforme aponta Diogo de Vasconcelos¹⁰¹.

A despeito de toda a importância da figura de Manuel Nunes Viana na região mineradora, o que mais nos interessa aqui é sua importância na dinamização dos caminhos ligando a região mineradora à Capitania da Bahia, contribuindo para o povoamento do Norte de Minas. Através das vastas possessões de D. Isabel Guedes, das quais ele tomava conta e ainda das suas grandes fazendas ao longo do São Francisco, passava o gado oriundo da Bahia e Pernambuco. Essa rota permitiu a criação de um grande negócio na região, conforme cita Diogo de Vasconcelos (1974, p.36): “Uns compravam, outros vendiam. Os tropeiros ganhavam no transporte das boiadas e pelo caminho os fazendeiros tiravam rendoso aluguel dos pastos de engorda e descanso das reses”.

É importante destacar aqui que esse comércio de gado entre a região mineradora e as Capitanias da Bahia e de Pernambuco era permitido, conforme aponta Zemella¹⁰²: “Só o comércio de gado era permitido, atendendo ao fato de que o mercado paulista ou o do Rio de Janeiro não se achavam em condições de abastecer de carne as cidades mineiras”.

Como vemos, Manuel Nunes Viana teve importante participação no processo de ocupação do Norte de Minas, principalmente através das grandes fazendas de criação de gado e das rotas de comércio que se desenvolveram ao longo dessas fazendas e que deram a região o nome de *Currais da Bahia*. Ressaltamos ainda outros nomes de grande importância nesse processo, como João Peixoto Viegas e Antônio Gonçalves Figueira, ambos citados por

¹⁰⁰ VASCONCELOS, 1918, p. 23.

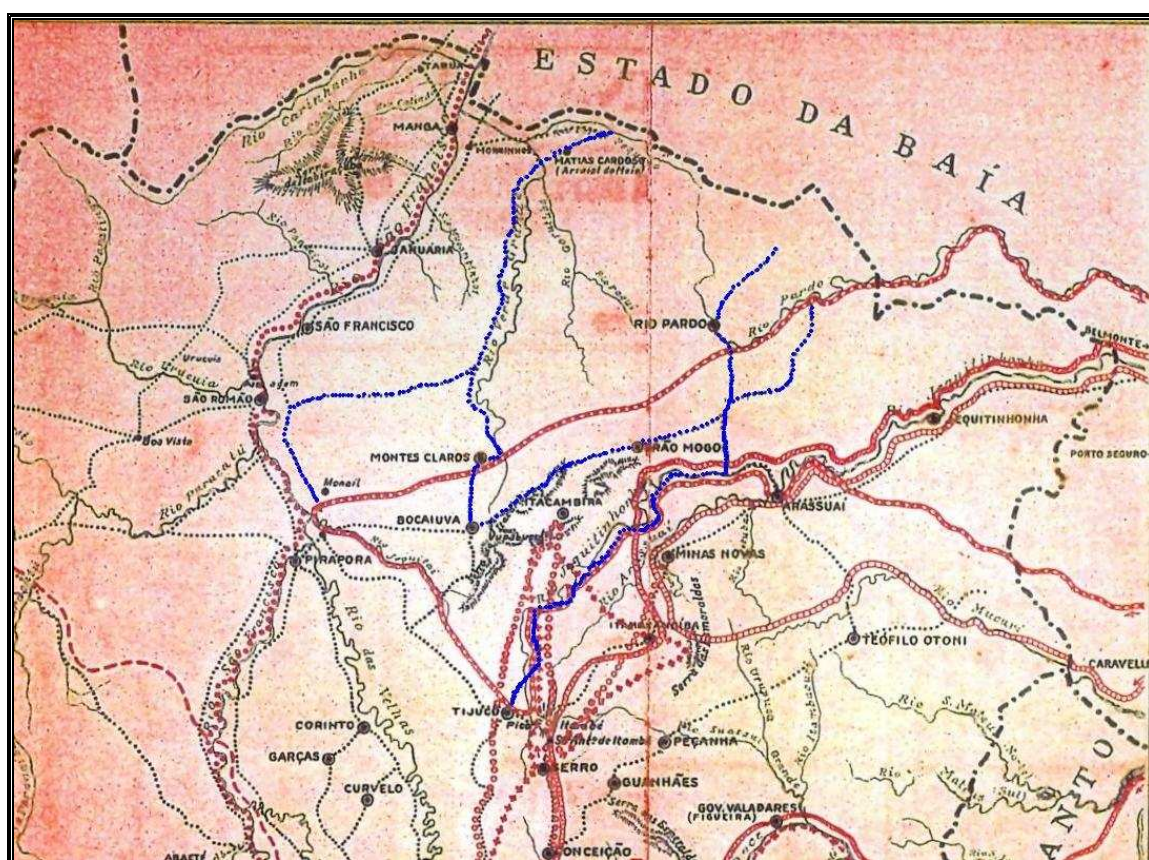
¹⁰¹ VASCONCELOS, 1974, p. 25-69.

¹⁰² ZEMELLA, 1990, p. 72.

Capistrano de Abreu (1963, p. 147) e também Domingos Dias do Prado e Januário Cardoso, esses citados por Salomão de Vasconcelo¹⁰³.

3.1.2.2. Outros caminhos

O caminho margeando o rio São Francisco não era o único caminho que ligava a região das minas à Bahia, conforme se pode conferir pelo mapa apresentado a seguir. Havia outras rotas de boiadeiros que se situavam mais a leste, em direção à região onde hoje se localiza o município de Águas Vermelhas. Dentre essas podemos citar a rota que liga a Bahia a Minas a partir de Matias Cardoso (antigo Arraial do Meio), subindo o rio Verde Grande até alcançar a região onde é hoje Montes Claros e as regiões mineradoras. Mais a leste, existiam outros dois caminhos antigos de boiadeiros: um deles que cortava a região onde hoje se localiza o município de Rio Pardo, e outro que se valia das águas do rio Pardo, esta rota bem próxima ou dentro dos limites do município de Águas Vermelhas. Esses dois últimos caminhos se encontravam pouco antes do local onde é hoje o município de Grão Mogol. Daí seguiam em direção à Serra do Itacambira, depois em direção ao rio Jequitinhonha, margeando-o até chegar às regiões auríferas mais ao sul.



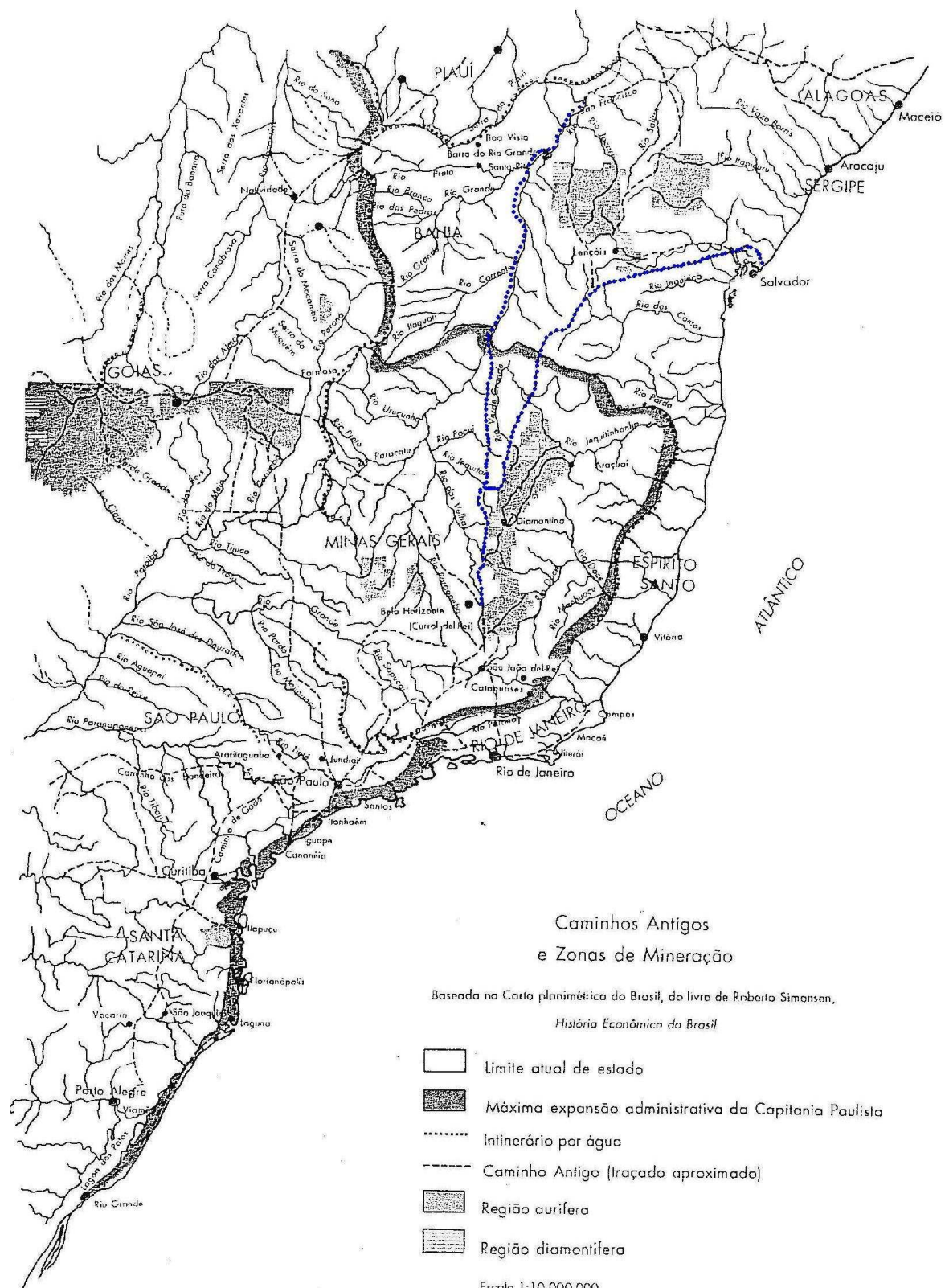
Mapa 05 – Rotas alternativas (recorte do mapa 04)

¹⁰³ VASCONCELOS, 1944, p. 15.

Esses outros caminhos se originaram para burlar a fiscalização, conforme menciona Zemella (1990, p. 71):

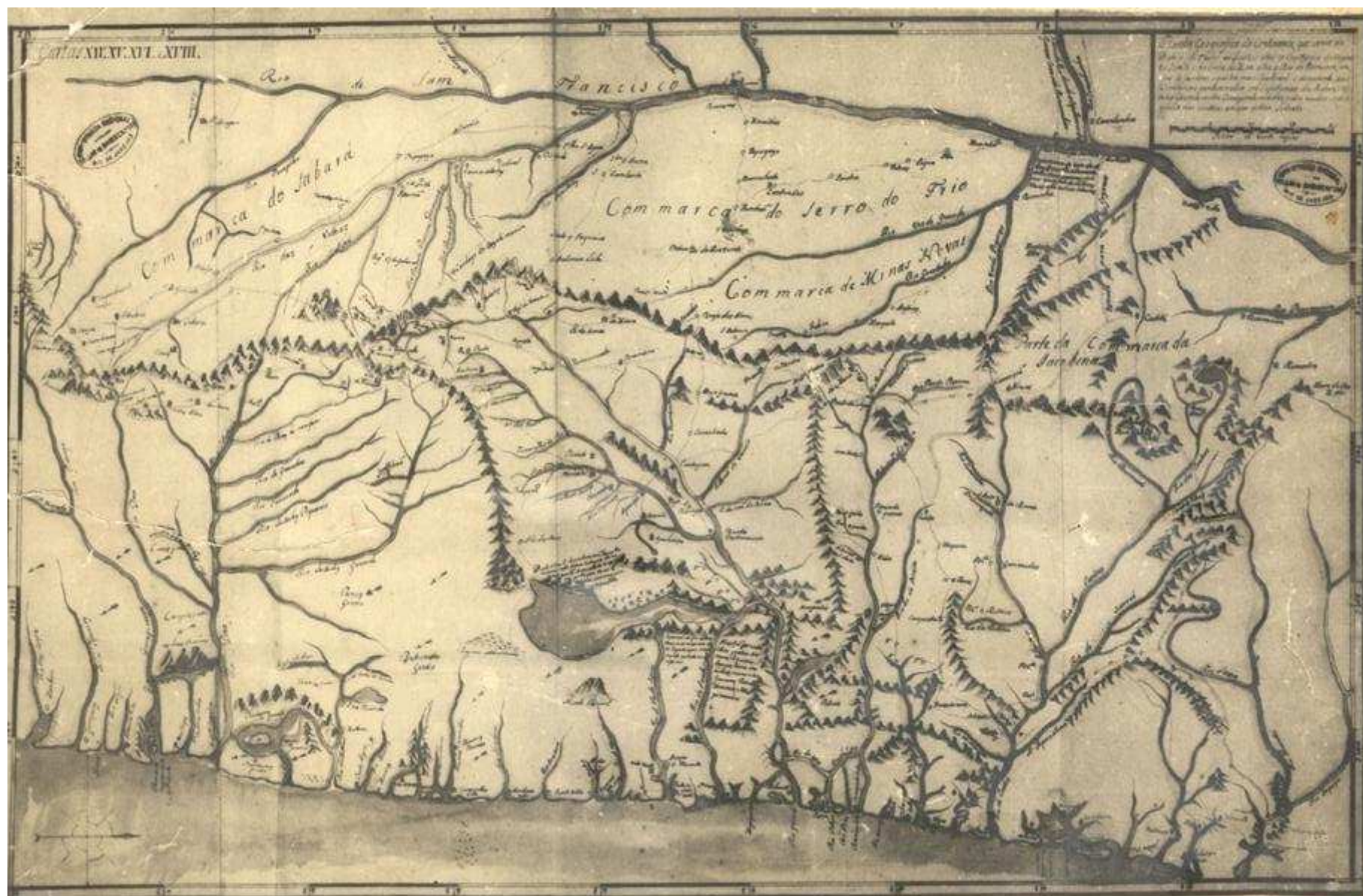
Contudo a onda de contrabando era irreprimível. Em 23 de agosto de 1707, o governador do Rio de Janeiro, D. Fernando Martins Mascarenhas de Lencastro, denunciou a passagem de grandes partidas de negros, boiadas e cavalos carregados de gêneros que entravam nas minas, vindos da Bahia, sem pagar os direitos. Diligência alguma era suficiente para obstar tais descaminhos.

Esses vários caminhos citados acima, na verdade, tinham duas origens conforme o mapa apresentado por Zemella (*Op. cit.*, p.103) e que pode ser conferido na página seguinte: o caminho mais a oeste, que margeia todo o rio São Francisco em terras baianas, por onde flui o comércio com baianos e pernambucanos, e o caminho mais a leste que parte de Salvador e chega a Minas cortando o rio Pardo.



Mapa 06 – Mercados abastecedores de Minas Gerais, Zemella (1990, p. 103).

Além desses caminhos antigos de boiadeiros que contribuíram para o desbravamento do sertão norte-mineiro, novos caminhos foram surgindo com o passar do tempo, resultando na formação de vários povoados, conforme mostra o mapa do século XVIII apresentado a seguir.



Mapa 07 – Planta Geográfica do Continente que corre da Bahia de Todos os Santos até a Cap. do Espírito Santo e da Costa do mar até o rio São Francisco. (APM, [17..]).

Como se vê, o caminho do boi e o caminho das águas, principalmente através dos rios São Francisco, Verde Grande, Gorutuba e Pardo é que possibilitou o desbravamento, a ocupação e o desenvolvimento da região norte do nosso estado.

3.1.2.3. Formação de Vilas

Diferentemente das regiões mineradoras do sul que tiveram suas vilas formadas a partir do advento do ouro, com a fixação do homem ao solo, no Norte de Minas, a maioria das vilas teve como elemento propulsor a criação do gado. Foi a partir dos “currais de gado” que surgiram os primeiros povoados e, mais tarde, os municípios. Diégues Jr.¹⁰⁴ discorre sobre a importância do gado no processo de povoamento da região: “Com o gado e as atividades que lhe eram relacionadas... as populações foram se fixando... os currais e fazendas de gado alastraram-se, tornando-se também centros demográficos e sociais...”.

É importante salientar que os povoados e vilas da região norte experimentaram um crescimento bem menor que aquele das regiões do Sul. Enquanto no sul a riqueza do ouro permitiu um grande desenvolvimento do espaço urbano, com construções grandes e vistosas, igrejas suntuosas e recheadas de ouro, prédios públicos que foram sede de importantes personalidades da vida política da época, no Norte a riqueza do gado concentrou-se nas mãos de poucos e estes se preocuparam apenas em aumentar seus latifúndios. A maioria das vilas e cidades foi surgindo apenas em face dos pousos de tropas que passavam por ali, o que permitiu o comércio entre essa região e alguns municípios da Bahia. A região norte que já estava inicialmente isolada entre a Capitania da Bahia e a Capitania de São Paulo, mais tarde, com a perda de importância da rota comercial da região mineradora com a Bahia em prol da nova rota de comércio para o Rio de Janeiro, conhecida como “caminho novo”, fica esquecida de vez.

Outro motivo desse lento e fraco desenvolvimento das vilas e cidades do Norte de Minas é que não havia um Estado forte e presente que organizasse a vida social e econômica como no sul. Do mesmo modo, as relações sociais verificadas nas formações urbanas no sul foram mais democráticas, resultando em diversas classes sociais. No Norte de Minas a realidade era bem diferente: havia apenas a figura do fazendeiro e a do vaqueiro, o que resultava numa relação desigual entre as partes. A diferença entre a realidade das duas regiões, Norte e Centro-Sul de Minas, é tão visível que Costa¹⁰⁵ afirma em sua tese que para falar de Minas Gerais “há que se recorrer aos dois signos que informam sua realidade social: Minas Gerais e Sertão Mineiro”.

¹⁰⁴ DIÉGUES JR., 1960, p. 150.

¹⁰⁵ COSTA, 2003, p. 289.

Quanto aos primeiros núcleos de povoamento da região norte de Minas Gerais, podemos destacar o arraial de Morrinhos como o primeiro da região norte, arraial esse fundado por Matias Cardoso ainda no século XVII, conforme citado por Salomão de Vasconcelos e vários outros historiadores. Mais tarde, ainda na primeira metade do século XVIII, surgiram os arraiais de Brejo do Amparo (atual Januária), São Caetano do Japoré (atual Manga), Paracatu e Santo Antônio da Manga (atual São Romão). Na segunda metade do século XVIII surgem novos arraiais, entre eles, Formigas (atual Montes Claros), Serrinha (atual Grão Mogol) e Rio Pardo (atual Rio Pardo de Minas). A partir do século XIX surgem vários povoados que depois de serem elevados a município, destacam-se na região, como Santo Antônio das Salinas (Salinas) e Vila Nova do Jequitaiá (Bocaiúva), conforme afirma Barbosa¹⁰⁶.

3.1.3 Figuras importantes na constituição social no Norte de Minas

O vaqueiro, o tropeiro, o boiadeiro e o coronel são quatro figuras importantes na constituição social do Norte de Minas.

Segundo Capistrano de Abreu¹⁰⁷, o vaqueiro é o responsável em amansar e ferrar os bezerros, curá-los das bicheiras, escolher os melhores pastos, abrir cacimbas e bebedouros. É ele que passa noites em claro, muitas vezes debaixo de chuva, esperando a vaca parir o bezerro. Segundo esse autor, é só a partir de quatro ou cinco anos de serviço que o vaqueiro começa a receber pelos serviços prestados, ganhando como recompensa a quarta parte do gado, podendo assim fundar sua própria fazenda. Para as pessoas que viviam de tal atividade, constituía-se um prêmio receber algum dia o nome de vaqueiro, sinônimo de fazendeiro – título honorífico entre eles. Basílio de Magalhães¹⁰⁸, assim o descreve:

Quanta página brilhante não se perdeu, na espessura dos sertões do norte, durante essa pujante expansão da nossa pátria, - por não haverem de antanho ligado importância de maior aos audazes vaqueiros, cujo imerecido anonymato provém de não terem sido contribuintes de peso do erário de Portugal!.

Salomão de Vasconcelos¹⁰⁹ também reconhece sua importância na ocupação e no desenvolvimento do território mineiro:

No particular, portanto, da casa Mineira, como dizíamos, o precursor dos caminhos, o povoador ancestral, foi incontestavelmente, o vaqueiro do norte, a cujo esforço, conjugado logo depois com o do bandeirante do sul, devemos precipuamente os

¹⁰⁶ BARBOSA, 1995.

¹⁰⁷ ABREU, 1963, p. 148.

¹⁰⁸ MAGALHÃES, 1935, p. 182.

¹⁰⁹ VASCONCELOS, 1944, p. 22.

alicerces da independência econômica, da ocupação territorial e da civilização do planalto”.

Outra figura humana de grande importância no Norte de Minas, a partir do século XVIII, muitas vezes confundida com a do vaqueiro, é o tropeiro. Enquanto o vaqueiro é aquele indivíduo que cuida do *gado vacum* nas grandes fazendas, o tropeiro é o responsável por guiar uma tropa de burros ou mulas, carregadas de gêneros de toda espécie, de um local para outro. Bernardino José de Souza¹¹⁰ fala do surgimento e da importância das tropas de muares para o transporte no Brasil:

Vale recordar que foi nesse século (o XVIII) que apareceram e se generalizaram em certas regiões do Brasil as famosas ‘tropas de muares que, daí por diante, até o fim do século XIX e mesmo nos anos transcorridos do séc. XX, dividiram com os carros de bois as tarefas dos transportes por terra no interior do Brasil.... foram os carros de bois e as tropas os únicos meios de ligação dos núcleos de povoamento entre si e entre eles e as roças e lavouras. De outra forma não se venceriam os obstáculos naturais.

Silvio Elia (p. 96) assim se refere às tropas e ao tropeiro:

Criou-se assim um novo meio de transporte, a tropa, espécie de caravana das matas, geralmente em fila indiana, conduzida pelo tropeiro e dividida em *lotes*, de que cuidava um auxiliar do tropeiro. O tropeiro era, como diríamos hoje, uma espécie de profissional autônomo. A tropa lhe pertencia e ele alugava os seus serviços, algo assim como o atualmente chamado ‘transporte a frete.

Como visto, o tropeiro e o vaqueiro são de suma importância para o desenvolvimento não só do Norte de Minas, mas para todo o Brasil. No caso particular do Norte de Minas, é pela atividade do tropeiro e de suas tropas que foram abertas várias picadas, dinamizado o comércio entre os povoados da região e de vários povoados da Bahia. Segundo Nelson de Faria¹¹¹, os tropeiros que vinham da Bahia traziam principalmente sal e miudezas; aqueles que vinham da região de Diamantina traziam panos, utilidades e quinquilharias; aqueles que iam para a Bahia levavam principalmente couros, fumo, algodão e jabá. Segundo esse autor, “coisas da Europa e Índia misturavam-se à pobre produção do artesanato sertanejo”. É importante ressaltar ainda que, além de transportar gêneros de todo tipo, os tropeiros também levavam correspondências de um lado para outro, servindo como um verdadeiro “agente dos correios”.

O boiadeiro ou boieiro é outra figura muito marcante na região. É ele o responsável em conduzir a boiada de um lugar para outro. Alguns prestavam serviços a compradores ou vendedores de gado. Outros eram pessoas que compravam o gado de algum fazendeiro e

¹¹⁰ SOUZA, *apud* ELIA. 1974, p. 94.

¹¹¹ FARIA, *apud* SANTIAGO & SOUZA, 1996, p. 36.

levavam para serem vendidos em outros centros mais distantes. Assim como os tropeiros, os boiadeiros abriram muitas trilhas por esse sertão afora. Sergio Buarque de Holanda¹¹² afirma que, muitas vezes, o próprio ameríndio trabalhava como boiadeiro:

Se os vaqueiros às vezes maltratavam os aborígenes e surrupiavam-lhes suas terras, muitos ameríndios encontram emprego nas fazendas. Muitas vezes trabalharam como boiadeiros com o gado enviado em longa fila para o mercado de Salvador – embora se saiba que nem sempre lhes pagavam a taxa devida pela sua tarefa.

A atividade do tropeiro e do boiadeiro é tão importante para a unidade de regiões que Silvio Elia (1974, p. 86) afirma que: “a pata do boi e lombo de burro é que se foi consolidando a ocupação do solo que os bandeirantes desbravaram”.

Outra figura muito conhecida no Norte de Minas e também no Nordeste do Brasil é o coronel. Normalmente ele é o proprietário de grandes latifúndios e detém o poder econômico e político da região. É ele quem exerce, principalmente nas pequenas comunidades, o poder de árbitro absoluto sobre todos os assuntos e contendas entre os moradores. Até a chegada do “Estado” nos povoados do Norte de Minas, era ele que desempenhava as funções de juiz.

3.1.2.4. Heterogeneidade étnica no Norte de Minas

Conforme descrito, o elemento indígena já ocupava todo o Norte de Minas antes mesmo da chegada do europeu àquela região. Ressalta-se ainda que esses grupos indígenas não são originários de um único tronco, contribuindo assim para uma maior miscigenação. Mostramos, também, apoiando-nos em Costa¹¹³, que já havia comunidades negras, fugidas das lavouras de cana do Nordeste, em áreas isoladas daquele território. Essas comunidades negras, por sua vez, mantinham contato entre si para proteção do território negro, gerando redes de parentesco conforme aponta esse mesmo autor¹¹⁴. Costa informa a existência de contatos entre negros quilombolas e índios nas florestas de caatinga do vale do rio Verde.

A partir da chegada dos bandeirantes e mais tarde dos tropeiros, a heterogeneidade de raças se acentua. Do sul vieram os paulistas, trazendo para a região o sangue e a cultura do europeu. Esses bandeirantes também trouxeram consigo índios de outras regiões e também escravos para ajudá-los na viagem e nas guerras, contribuindo ainda mais para a formação de uma sociedade multiétnica. Os tropeiros vindos da Bahia e Pernambuco, a maioria formada por indivíduos de origem portuguesa, também contribui para a formação de uma sociedade “pluriétnica”.

¹¹² HOLANDA, *apud* ELIA, 1974, p. 93.

¹¹³ COSTA, 2006, p. 14.

¹¹⁴ *Ibidem*, p. 14.

Outra onda de migração acontece a partir de meados do século XIX, quando várias famílias mineiras, de regiões mais ao sul, migram para o norte. Compostas na maioria por funcionários do império que levam para a região toda a estrutura estatal, até então ausente, essas famílias, a partir de então, assumem o poder político e, por consequência, também o poder econômico da região.

No fim do século XIX chegam ao Norte de Minas os padres belgas para “civilizar as sociedades locais” e também imigrantes italianos que tinham por finalidade embranquecer a população regional, conforme aponta Costa¹¹⁵.

Não desconsiderando a participação dos imigrantes, mas que tem menor influência no processo cultural, as três correntes principais - o índio, o negro e o português – propiciaram uma cultura de traços marcantes e que dá uma identidade singular ao norte-mineiro, o que se evidencia principalmente no seu sotaque meio baiano, meio mineiro.

3.2. Histórico do município de Águas Vermelhas

A região onde se situa o município de Águas Vermelhas foi concedida como sesmária¹¹⁶, pelo rei de Portugal, ao Conde da Ponte – Manoel de Saldanha da Gama Melo e Torres Guedes Brito – e a sua esposa, Condessa Joaquina de Castelo Branco. Em 1821, o casal vende parte dessa terra à Joaquim Gomes Quaresma que em 1844, conforme consta em uma escritura do cartório da cidade de Águas Vermelhas (Cf. anexo 2), com data de 1º de janeiro, faz doação da propriedade ao padroeiro São Sebastião. O povoado, que surgiu de um “curral” as margens do rio Mosquito, tinha a denominação de São Sebastião de Águas Vermelhas, pertencendo naquela época ao município de Rio Pardo. De acordo com Barbosa¹¹⁷, em 1863, o povoado foi elevado a distrito, mediante a lei de nº 1169, de 27 de novembro daquele ano, passando a se chamar Água Vermelha. Em 1880, passou a fazer parte do município de Salinas, quando passou a figurar com o nome de Águas Vermelhas (no plural). O município foi criado em 1962, pela lei de nº 2764, de 30 de dezembro daquele ano.

Águas Vermelhas está situada no Norte de Minas, fazendo divisa com o estado da Bahia e, também, com vários municípios mineiros – Ninheira, São João do Paraíso, Berizal, Curral de Dentro, Santa Cruz de Salinas, Cachoeira do Pajeú, Divisa Alegre e Pedra Azul.

A cidade é banhada pelo rio Mosquito, mas o principal rio da região que faz divisa com o município é o rio Pardo, muito citado na história do povoamento de Minas Gerais, por ter

¹¹⁵ COSTA, 2006, p. 24.

¹¹⁶ Livro 2º do Tombo – Portugal – Nº 1, *apud* MIRANDA, 1997, p. 26.

¹¹⁷ BARBOSA, 1995.

servido de entrada aos sertões mineiros para muitos desbravadores vindos da Bahia e Pernambuco.

A respeito da origem do nome “Águas Vermelhas”, alguns moradores mais velhos afirmam que isso se deve às águas ferruginosas do córrego Boa Esperança, o qual deságua no rio Mosquito. Sobre o nome desse rio, alguns poucos moradores afirmam que o rio recebeu esse nome por ter sido encontrado em suas águas um minúsculo diamante, e que foi comparado aos olhos de um mosquito pelo seu tamanho e brilho.

Historicamente, está inserida em uma das regiões de incursões mais antigas, senão a mais antiga, de Minas Gerais – a rota de entradas e bandeiras do norte e, também na rota dos tropeiros que vinham da Bahia, trazendo suas boiadas. Constitui-se, por isso, de vários traços comuns à região vizinha, com a qual faz divisa, caracterizada por Diégues Jr.¹¹⁸ como a “região cultural do gado”.

Embora a formação do distrito seja relativamente nova, a região onde se situa Águas Vermelhas, por estar no caminho, já era bem conhecida dos tropeiros que vinham da região de Montes Claros, Araçuaí, Salinas e outras, para municípios da Bahia, como Encruzilhada, Jequié, Feira de Santana, desde meados do século XIX. Esse caminho era conhecido como “estrada do boi magro”.

Segundo relatos dos moradores, os primeiros habitantes de Águas Vermelhas são oriundos de Rio Pardo de Minas, de localidades da Bahia e também de italianos que chegaram à região norte de Minas no século XIX. Costa (2006, p. 23) relata essa chegada de imigrantes no Norte de Minas:

Em fins do século XIX, com a chegada da Ordem Premonstratense, conhecida regionalmente como os padres de batina branca, dá-se partida ao processo de civilização dos norte-mineiros. [...]. Por esse mesmo período, imigrantes italianos se fixaram nos sopés da serra do Espinhaço, na região de Porteirinha, Mato Verde, Rio Pardo de Minas e Riacho dos Machados, e introduziram uma racionalidade bastante diferenciada das racionalidades das populações das camadas inferiores da sociedade norte-mineira existentes na região.

De acordo com dados do Plano de Inventário do Patrimônio Histórico e Cultural do Município de Águas Vermelhas, os pioneiros da cidade foram as famílias Antunes, Quaresma e os Arruda, e também o italiano Victor Rufino Spósito. Os principais nomes que se destacaram na história da cidade foram Pacífico Antunes Pereira, Esperidião Ferreira de Oliveira, Anatólio José de Souza, o Coronel José Venâncio de Souza e muitos outros que contribuíram para o desenvolvimento do município.

¹¹⁸ DIÉGUES JÚNIOR, 1960, p. 19.

Segundo dados do IBGE¹¹⁹ (2005), o município de Águas Vermelhas, distante de Belo Horizonte de 756 km e de Salvador quase a mesma distância, conta com uma população de 12.889 habitantes, sendo que cerca de 2/3 desses moram na zona urbana. O município, além da sede, compreende ainda dois distritos, Itamarati e Machado Mineiro, o povoado de Campo Novo e as seguintes localidades rurais: Mocó, Bom Jardim, Limeira, Paraguá, Sobrado, Lagoa dos Patos, Empedrado, Vazante Funda, Boa Vista, Boa Vista de Baixo, Barra do Mosquito, Cotia, Brejão, Abacaxi, Pedrinha, Seco, Mangabeira e Morro Queimado. De acordo com dados do IBGE de 2000, o setor agropecuário juntamente com a extração vegetal e pesca é aquele que mais emprega mão-de-obra no município (1137), seguido do setor de serviços (1091), num total de 3221 empregos. Isso demonstra a força que a pecuária ainda tem para a região. Em relação aos produtos agrícolas, dados do IBGE de 2003 apontam a mandioca como o principal produto de plantio da região, ocupando uma área de 800 hectares, seguido do feijão com 680 hectares e café e milho com 170 e 140 hectares plantados, respectivamente. A fruticultura também tem-se destacado a partir de algum tempo com a produção principalmente de abacaxi, banana e laranja.

O setor de comércio e serviços é bastante tímido, mas têm-se buscado linhas de financiamento junto às entidades do governo para dinamizar a economia do município. O setor de artesanato é uma das áreas que tem grande potencial de crescimento e que deve ser mais explorado.

Quanto à atividade industrial do município, as principais atividades são ligadas ao beneficiamento de produtos agrícolas, principalmente a mandioca e a cana-de-açúcar, além de produtos derivados do leite. Sendo assim, os principais produtos são: rapadura, aguardente de cana, manteiga, queijo, requeijão, polvilho e a farinha de mandioca. Esta última é vendida em grande parte para estados do nordeste. Outro produto gerado pela indústria local é o carvão vegetal, extraído principalmente das matas nativas e que durante muito tempo propiciou emprego para uma boa parte da população. Não podemos deixar de mencionar que a derrubada das matas para a produção de carvão trouxe sérios problemas ambientais para a região. Hoje, devido ao maior rigor da fiscalização de áreas do meio ambiente, a atividade vem perdendo força, mas as plantações de eucalipto que se tem ampliado nas fazendas tende a ocupar parte dessa mão-de-obra excedente.

Após focalizar aspectos históricos da região norte de Minas, necessários para embasar um estudo do léxico, passemos à apresentação e análise dos dados.

¹¹⁹ IBGE – Município de Águas Vermelhas (cf. bibliografia).



Foto n.º 4 – Senhora de Águas Vermelhas fazendo rendas com bilros. (Acervo particular)

CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Tendo em vista o exposto, procuraremos descrever e analisar os dados hauridos do *corpus*, selecionados a partir de entrevistas realizadas na comunidade de Águas Vermelhas, região norte de Minas Gerais, apresentados em fichas para fins de sistematização. São 258 lemas, apresentados em ordem alfabética e transcritos conforme mostram as regras já citadas na seção 2.2.4. Passemos à apresentação e análise dos dados.

4.1. As fichas lexicográficas

A seguir apresentamos as 258 fichas, conforme já explicitadas na seção 2.2.

Ficha 1 – **Acá** (advérbio)

"... tudo era mato... acá tinha uma casinha nesse ponto." (Entr. 15, linha 6)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e.

2. Moraes:

A cá. "v. cá." "Cá, adv. Neste lugar. Este adv. tem significação semelhante à de aqui; mas não é tão demonstrativo."

3. Laudelino Freire:

Acá. "Adv. Ant. 1. Cá, para cá. // 2. Aqui, neste lugar: "Já devia estar bem longe de acá." (V. de Taunay)."

4. Aurélio: n/e.

5. Cunha:

Cá. "adv. 'neste lugar, aqui' / XIII, *aca* XIII, *acaa* XIV, *aqua* XIV / Da var. ant. *aca*, derivado do lat. *eccum hac* 'eis aqui'. No port. Med. as vars. *aca* e *aco* (< lat. *eccum hoc*) concorriam com aqui e cá; v. aqui."

6. Amadeu Amaral: n/e.

Ficha 2 – **Acolá** (advérbio)

"Toda hora saía... saía um conjunto de gente né... cantando pelas casas né... cantava aqui cantava ali cantava acolé..." (Entr. 1, linha 455)

"... aí me pegou... rodou praqui... pra acolé..." (Entr. 4, linha 115)

"... cantava aqui cantava acolé... seis dias né..." (Entr. 5, linha 385)

"... nós morava aqui no mato... era uma casa... uma aqui outra acolé né..." (Entr. 7, linha 5)

"... aquele tica de homem assim... aí um panhando daqui... outro apanhando acolé..." (Entr. 12, linha 193)

"Tinha festa mas era uma festinha praqui pra acolé." (Entr. 14, linha 109)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Acolá. “Acolá, acolá. Para aquella parte. Illic. Sic. Acolá. Naquella parte. (Quando não há movimento de hum lugar para outro.) Illic. Terent. Duarte Nunes de Leão, na reformação das palavras, de que usa o vulgo, quer que se escreva Aquolâ.”

2. Morais:

Acolá. “Adv. de lugar. Aquella parte. O lugar distante que se aponta, onde não está quem fala, nem a pessoa a quem se fala.”

3. Laudelino Freire:

Acolá. “adv. Do lat. *eccu'illac*. Em lugar afastado (de quem fala e da pessoa com quem se fala); além, naquele lugar: “Ali dois velhos; além duas irmãs,... acolá duas criancinhas, cada uma em seu berço, vagindo” (Camilo)

4. Aurélio:

Acolá. “[Do lat. vul. *eccu(m) illac*, eis lá] Adv. 1. Em lugar afastado da pessoa que fala e daquela com quem se fala; naquele lugar; mais além; lá ao longe: “Aqui fareja, ali pára a coçar uma orelha, acolá cata uma pulga na barriga” (Machado de Assis, Quincas Borba, p. 42); “Ali dous velhos; além duas irmãs,...; acolá duas criancinhas” (Camilo Castelo Branco, Agulha em Paleiro, p. 200). 2. Para aquele lugar; para mais adiante, mais além: “Saiu agorinha, foi acolá à casa do tio.”

5. Cunha:

Acolá. “Adv. ‘lá, mais além’ XIII. Do lat. *eccum illac* ‘eis ali’.”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 3 - **Adbenção** (verbo)_____

“Deus que adbenção o senhor também...” (Entr. 3, linha 228)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Morais: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 4 - **Adonde** (advérbio)_____

“... num sei adonde que tá chuvendo... num sei adonde que diz que o sol tá quente...” (Entr. 6, linha 365)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Adonde. “Adverbio local. Adonde vas? Duo abis? Quo te agis? Terent. Vid. Donde”

2. Morais:

Adonde. “é erro. Ver aonde; sendo *a*, prep. junto a palavra relat. onde: v.g. o lugar aonde estou, i. e., no qual estou. Em *adonde*, junta-se de *a* *a* perissologicamente: o mesmo é de d’onde.” Tomei adonde saíra” é correto, i. e., tomei, ao lugar d’onde saíra.”

3. Laudelino Freire:

Adonde. “adv. Ant. O mesmo que aonde: “Irei adonde os fatos ordenaram” (Dic. Acad. Lisb.). // 2. Ant. e Pop. O mesmo que onde: “Uma ilha nas partes do Oriente, adonde o duro inverno

os campos reverdece alegremente” (Dic. Acad. Lisb.). “Adonde você já viu falar em paqueiro que não acoe tatu...?” (Valdomiro Silveira)”

4. Aurélio:

Adonde. “Adv. Ant. Pop. 1. Aonde: “esse caminho/ Bem sei adonde vai” (Fr. Agostinho da Cruz, Obras, p. 1918; “--De noite a gente come. / -- Aonde? / -- Não sei.” (Bariani Ortêncio, Vão dos Angicos, p.103.” 2. Onde: “Se eu fosse as pedras morenas / Lá da serra adonde estás / As pedras seriam penas, / As penas que tu me dás...” (Augusto Gil, O craveiro da Janela, p. 14); “-- Mas o que é que anda fazendo? / -- Procurando serviço. Será que ocê, que conhece tudo aqui pra vila, sabe adonde tem?” (Amadeu de Queirós, João, p. 15). Interj. 3. Bras. Pop. Qual! Não é possível: Pode me emprestar algum dinheiro? / -- Adonde meu amigo!”

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral:

Adonde. “onde, adv. / Só nas partes mais altas pareciam / Uns vestígios das torres que ficavam, / Adonde a vista o mais que determina / É medir a grandeza co’a ruína. (G. P. de Castro, “Ulisséia”). Também no Norte do Brasil persiste esta forma: Eu ante queria sê / a pedra adonde lavava / sua roupa a lavandera. (Cat., “Meu Sertão”)

Ficha 5 - **Aduquei** (verbo)

“... trabalhei muito...aduquei meus filho tudo... tem filho formado...” (Entr. 6, linha 200)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 6 - **Agregado** (substantivo)

“...quem tinha suas fazenda dava a pessoa pra morar de agregado...” (Entr.4, linha 597)

“...meu pai nunca possuiu terra não... sempre nós morava...como se diz...de agregado né...” (Entr.5, linha 130)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Agregado. “s. m. Lavrador pobre que, em falta de terras próprias, se estabelece nas fazendas alheias, com permissão dos proprietários, mediante condições que variam de um lugar para outro: “Os fazendeiros e agregados que se achavam nas imediações” (R. Moraes).”

4. Aurélio:

Agregado: “S.m. 9. Bras. Lavrador pobre estabelecido em terra alheia mediante certas condições. 10. Bras. NE. Aquele que vive em fazenda ou engenho alheio, cultivando certa porção de terra e prestando serviço ao proprietário alguns dias por semana, mediante remuneração; morador.”

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral:

Agregado: “s.m. – indivíduo que vive em fazenda ou sítio, prestando serviços avulsos, sem ser propriamente um empregado.”

Ficha 7 - **Água inglesa** (substantivo)_____

“... lá dentro tinha um creme e tinha o sal amargo... pra beber com purgante né... e tinha a resina... que vendia né... aguardente... (carnevan) pra pereba né... e bebia né... saúde das mulher e água inglesa...” (Entr.6, linha 404)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Água de Inglaterra. “s.f. Lus. Cozimento da casca da quina, usado em medicina como febrífugo.”

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 8 - **Água venença** (substantivo)_____

“... tinha a farmácia / só vendia era água venença...” (Entr.6, linha 402)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 9 - **Aguardente** (substantivo)_____

“... lá dentro tinha um creme e tinha o sal amargo... pra beber com purgante né... e tinha a resina... que vendia né... aguardente...” (Entr.6, linha 403)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Agoa ardente. “Vid. agoa ardente.” “Agoardente, He vinho destillado até ficar a sexta parte.”

2. Moraes:

Aguardente. “s.f. licor espirituoso do vinho, grãos, succo de canna, borras de assucar.”

3. Laudelino Freire:

Aguardente. “s.f. De *água* + *ardente*. Produto da destilação do vinho, da cana, dos cereais, das frutas doces e quaisquer outros produtos sujeitos a fermentação.”

4. Aurélio:

Aguardente. “[De *água* + *ardente*.] S. f. 1. Bebida de elevado teor alcoólico (40% a 60%), que se obtém por destilação de inúmeros frutos, cereais, raízes, sementes, tubérculos, etc. [Sin. moç., nesta acepç.: tontonto.] 2. V. cachaça (1).”

5. Cunha:

Aguardente. “v. água.” “aguardente / XVI. Agua ardente XV.”
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 10 - **Alembro** (verbo)_____

“Eu alembro... um mucado eu alembro...” (Entr.7, linha 9)

“Se eu alembro?... alembro... as vez que nós panhava água era no rio...” (Entr.8, linha 112)

“... num fazia nada no rio... que num caía nada dentro... de sujeira... eu alembro desse tempo.” (Entr.9, linha 52)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Alembra. “Vid. Lembrar”

2. Moraes:

Alembro, alembração. “&c. v. lembrado, lembrança, lembrar.”

3. Laudelino Freire:

Alembra. V.r.v. O mesmo que lembrar: “Mais estancas cantara esta sirena em louvor do ilustríssimo Albuquerque, mas alembrou-lhe u’a ira que o condena, posto que a fama sua o mundo cerque” (Camões). “Alembra-me que outrora... conheci um corício em anos já maduros, dono duma chãzinha ali desamparada” (Castilho).”

4. Aurélio:

Alembra. “[De *a-4 + lembrar*.] V.t.d. / V.t. d. e i. / V. p. Ant. Pop. 1. Lembrar: “encanecidos / Pescadores de outrora alembra com saudade / As pescarias” (Vicente de Carvalho, Versos da Mocidade, p.124); “Algumas vezes eu me alembro duma / tarde na roça” (Gilberto Mendonça Teles, Saciologia Goiana, p. 34).”

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral:

Alembra: “lembrar, v. // Esta prótese vem de muito longe na história da língua, e ainda é pop. Alembra-vos eu lá? (Gil V., “Auto da Índia”)”

Ficha 11- **Alevantei** (verbo)_____

“... quebrei o resguardo... mas eu alevantei inflada de camisa...” (Entr.3, linha 105)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Alevantar. “com os mais. Vid. Levantar”

2. Moraes:

Alevantár. “v. levantar. Cast.2. 161. a não carregava de poupa, e alevantava de proa.

Neutramente. Cujas migalhas me criarão, e os benefícios alevantarão do poo em que nasci. Ined. 3.9.”

3. Laudelino Freire:

Alevantar. “v.r.v. De *a + levantar*. Levantar, erguer (tr. Dir.; bitr., com prep. a, em; pr. ; com prep. de): “O menor incêncio bastaria para alevantar as chamas” (Herculano). “Alevantem uma oração fervorosa ao senhor” (Id.). “O olhar celeste alevantando aos ramos do salgueiro” (Machado de Assiz)”

4. Aurélio:

Alevantar. “[De *a-4 + levantar*] V.t.d. / V.p. 1. levantar-se: “E um pássaro, com as asas espalmadas, / o vôo alevantou” (Múcio Teixeira, Brasas e Cinzas, p. 84); “Este Povo ressurgue

e novas forças, / Muito embora contrárias, se alevantam.” (Teixeira de Pascoais, D. Carlos, p.18); “Quando o dia se alevanta, / Virgem Santa! / fica assim de sabiá.” (Heckel Tavares e Luís Peixoto, na canção Casa de Caboclo.)”

5. Cunha:

Levantar. “vb. ‘alçar, erguer’ XIII. Do lat. **levantare* (de *levare* ‘erguer’) // Alevantado XIV // Alevantamento XIII // Alevantar XIII // levantadiço XIV // levantamento XIV // levantante XIV // levante¹ sm. ‘orientes’ XIII. De *levantar*, usado originariamente como adj. Na expr. *Sol levante*, que se opõe a *sol poente* // levante² sm. ‘rebelião’ XVI // levantino XVI. Do it. *Levantino*. Cp. LEVAR, LEVE.”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 12 - **Altura** (substantivo)_____

“... brincava bastante até uma altura... até uma altura eu brinquei...” (Entr.5, linha 4)

“...num tinha () nenhuma né...agora... quando deu de uma altura pra cá... cresceu o movimento...” (Entr.5, linha 221)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio:

Altura. “[De *alto*² + *-ura*.] S.f. 7. Momento, instante: A certa altura do discurso a emoção embargou-lhe a voz.”

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 13 - **Alumiava** (verbo)_____

“... naquele tempo num tinha vela...alumiava com azeite e cera do mato né...” (Entr.6, linha 15)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Alumiar. “Fazer luz. Quando se, falla no sol, em huma tocha, em huma, candéia, &c. *Alicui illucere*. Plaut. *Aliquem*, ou *aliquid illuminare*. Plin. Hist. Ou ilustrare. Horat. O sol alumiava todo o mundo. *Sol omnia claríssima luce collustrat*. Cic. Em outro lugar diz, *quippe qui inmenso mundo tam longe, late que colluceat*. A luz deste castiçal alumea o templo. *Collucet templum fulgore candelabri*. Cic.

Alumiar. Ir diante de alguém com huma tocha, ou com qualquer outra luz. *Alicui lunem, ou facem preferre*. Cic. Plauto diz, *Huic lucebis facem*, & em sentido alegórico. *Nequicquam tibi fortuna faculam lucrisicam allucere vult*.”

2. Moraes:

Alumiár. “v.ar. Dar luz, acclarar. Fez Deos luminarias no ceo... para que resplandeção no ceo, e allumiem a terra. Vasc. Sitio, D. 2, f. 90.”

3. Laudelino Freire:

Alumiar. “v.r.v. Lat. hisp. *Adluminare*. Dar luz a (tr. dir.): “Um sol amarelado, luz de fogueira, alumiava sinistramente as terras” (C. Neto) // 2. Pôr claridade em, iluminar (tr. dir., pr., bitr., pr. ou tr. ind., com prep. com; intr.): “Duas tristes luzes alumiavam aquela pequena

sala” (Machado de Assis). “A luz viva de muitas tochas alumiou subitamente as escadarias” (Herculano).”

4. Aurélio:

Alumiar. “[Do lat. *iluminare*.] V.t.d. 1. Dar luz ou claridade suficiente a; iluminar, (desus.) alumiar: “A lamparina alumiaava o seu quarto de dormir.” (Machado de Assis, Esaú e Jacó, p. 258); “Leitor, foi um relâmpago. Tão depressa alumiou a noite, como se esvaiu” (Id., Dom Casmurro, p. 200)” 2. Dar lume a; acender, (desus.) alumiar. 3. Dar claridade, brilho, vida, a; iluminar: “Um sorriso alumiou o rosto da enferma sobre o qual a morte batia a asa eterna” (Machado de Assis, Memórias Póstumas de Brás Cubas, p.78). 4. Fig. Instruir, ilustrar, esclarecer; iluminar. V. int. 5. Dar ou espargir luz, claridade; iluminar: “É a luz mais benigna que o sol; porque o sol alumia, mas abrasa: a luz alumia, e não ofende.” (P.e Antônio Vieira, Sermões, I, p. 250). 6. Bras. Reluzir, rebrilhar, resplandecer.V.p. 7. Ficar iluminado; iluminar-se. 8. Ilustrar-se, instruir-se; iluminar-se.”

5. Cunha:

Alumiar. “iluminar.” “iluminar vb. ‘derramar luz sobre, tornar claro’ ‘fig. Esclarecer, ilustrar’ ‘ornar com iluminuras’ 1530. Do lat. *illuminare* // alumiador / *alomeador* XIV. alumeador XV // alumiamento / *alomeamento* XV // alumiar / -mear XIII / Do lat. **alluminare* // iluminação / illu- XVI / Do lat. *illuminatio* –onis // iluminado 1530 // iluminador XVI // iluminante / illu- 1881 // iluminativo XVII // iluminismo / illu- 1844 / Do fr. *illuminisme* // iluminura 1530.”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 14 - **Alvinha** (adjetivo)_____

“...uma folha que tinha dentro d’água que ocê pisava assim... afundava... a água vinha... aquela água alvinha...” (Entr.2, linha 151)

“... ninguém fazia panhar água em cacimba... só panhava no rio... ocê olhava assim... tava que nem uma prata... alvinha...” (Entr.12, linha 69)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Alvo. “Branco. *Albus*, a, um. Cic. *Candidus*, a, um. Plin. Hist. Vid. Branco.”

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio:

Alvo. “Adj. 1. branco, claro”.

5. Cunha:

Alva¹. “sf. ‘primeira claridade da manhã’ XIII. Do lat. *alba*, fem. Sing., ou neutro coletivo de *albus* ‘alvo, branco’. Diretamente do lat. *alba*, documenta-se, em 1871, o voc. *alba* ‘canção poética trovadoresca, cantada ao romper da manhã’ // albente XX / albescente XX. Do lat. *albescens* –entis // alvação / XVI, aluação XV // alvacento XVI // alvadio XVI / cp. Alvo.”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 15 - **Amigalhou** (verbo)_____

“...e ela amigalhou com dezoito anos (Entr.2, linha 360)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 16 - **Amorosa** (adjetivo)_____

"... era de minha casa pra fonte e pro meu quintal... num sou amorosa caminhar pra casa de ninguém não." (Entr.3, linha 195)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes:

Amoroso. "Adj., que tem amor."

3. Laudelino Freire:

Amoroso. "adj. De *amor* + *oso*. Que tem relação com o amor, que é sinal de amor."

4. Aurélio:

Amorosa. "[F. subst. do adj. *amoroso*.] S. f. 2. Bras. Indisposição para o trabalho; preguiça, lombo."

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 17 - **Andu** (substantivo)_____

"Nós plantava tudo né... nós plantava as mesma coisa de hoje... era manaíba... feijão... milho... é cacatua... andu..." (Entr.5, linha 102)

"... se fosse gripe tem o suco do algodão... do andu..." (Entr.10, linha 443)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes:

Andu. "s.m. Bras. Um legume vulgar, que nasce em um arbusto, tem flores amarellas, e de cada flor sai uma vagem."

3. Laudelino Freire:

Andu. "

4. Aurélio:

Andu. "S. m. Bras. 1. Fruto do anduzeiro; guando, guandu, feijão-guando."

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 18 - **Anté** (preposição)_____

"Foi a vida toda anté / apareceu esse sofrimento ni mim e eu parei de trabalhar." (Entr.14, linha 98)

"...entrava numa casa e entrava ni outra cantando... e tocava aí afora / a gente ia / anté a gente podia ir a gente ia..." (Entr.14, linha 307)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 19 - **Antigório** (adjetivo)_____

"... mas se o governo num fazer lei nós já vai pr'um caminho de ficar pior... nós já vai pr'aquele caminho antigório que era..." (Entr.10, linha 328)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 20 - **Antonte** (advérbio)_____

"Essa semana mesmo eu fui lá duas vezes... eu fui lá antonte e fui ontem." (Entr.11, linha 259)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Antontem. "O dia antes da vespóra do dia, em que estamos. *Nudius tertius*. Cic. 3.de Nat. 38. Esta palavra se poem a modo de advérbio, sem mudança alguma, como se se dissera. *Nunc dies tertius est*, à saber, hoje he o terceyro dia."

2. Moraes:

Antóntem. "Adv. No dia anterior a hontem."

3. Laudelino Freire:

Antontem. "adv. De *ante* + *ontem*. Pop. O mesmo que anteontem."

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral:

Antonte. "ante-óntem, adv. // V. ante.

Ficha 21 - **Aparrambado** (substantivo)_____

"É dez filho...ele tinha um aparrambado de menino pequeno ainda... ainda tinha um tanto né..." (Entr.5, linha 150)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 22 - **Aranhando** (verbo)_____

"... e nunca deixei também de tá aranhando meu servicinho não..." (Entr.8, linha149)

"...eu tanto aranho aqui dentro de casa que ainda tem hora... por fora que eu ainda faço ainda um servicinho pra uma pessoa." (Entr.8, linha 150)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Aranhar. "v. intr. De aranha + ar. Andar vagarosamente, não ter pressa."

4. Aurélio:

Aranhar. "[De *aranha* + -ar2.] V. int. Bras. S. 1. Andar vagarosamente, como a aranha.

2. Tardar, remanchar, na execução de um serviço."

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 23 - **Arapuca / urupuca** (substantivo)_____

"...amarrou uma corrente lá no carrinho lá e nos boi... aí arrastou igual uma arapuca." (Entr.4, linha 675)

"Ah naquele tempo num tinha o que fazer não... (brinquedo) era bodocar... fazer urupuca né..." (Entr.1, linha 101)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Arapuca. "s.f. Tupi *guira* + *puc*. Armadilha para caçar pássaros, feita de talas, juncos, em forma de cestos, gaiolas ou paneiros; alçapão.

4. Aurélio:

Arapuca. "[Do tupi.] S.f. Bras.1.Armadilha para apanhar pássaros pequenos, formada de pauzinhos cada vez mais curtos, dispostos em forma piramidal; urupuca: "Os braços roliços de fora, o colo trigueiro à vista, armando arapucas aos pássaros pela aba do morro."(Herman Lima, Tijipió, p.123). 2. Por Ext. Cilada, armadilha."

5. Cunha:

Arapuca. "sf. 'armadilha para apanhar pássaros' 1865; 'ext. negócio suspeito' 1872. Do tupi **ara'puka*."

6. Amadeu Amaral:

Arapuca. "urupuca, s.f. _ armadilha para apanhar pássaros, feita de pequenos paus arranjados horizontalmente e em forma de pirâmide. // B. Rodrigues registra "arapuca" e "urapuca", do nheengatu."

Ficha 24 - **Arranchado** (verbo)

"... hoje eu tou arranchado aqui... como tou até hoje..." (Entr.5, linha 58)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Arranchar. "Derivaç. do fracez, *Arranger*. Vai o mesmo, que distribuir, ou dividir em ranchos. Ex. *ordine collocare*, com acusativo. Nessas barracas cada qual se arrancha de um esteio para outro. Vasconc. Notícias do Brasil, p.121. E como estive sem estes gentios arranchados junto ao lugar, em que eu dormia. Godinho, Viagem da Índia, 50."

2. Moraes:

Arranchado. "p. passado de arranchar." "Arranchar, v.at., arranchar alguém; dar-lhe rancho, pousada, albergá-lo. Dar-lhe sitio para vivenda, e lavouras; Distribuir em ranchos."

3. Laudelino Freire:

Arranchar. "4. Fixar morada, aboletar-se (pr. ou tr. ind., com prep. em): "Essa gente arranchou-se na caserna que o Bargado, como todas as grandes fazendas de então, possuía para aquartelamento dos acostados" (Alencar). 5. Estabelecer pouso provisoriamente (pr.; intr.; pr. ou tr. ind., com prep. em): "Arranchei-me para madornar um pedaço. Vamos arranchar. Arrancharam-se em um campo vizinho."

4. Aurélio:

Arranchar. [De *ar-1* + *rancho* + *-ar2*.] V. t. d. 1. Reunir em ranchos. 2. Dar pousada a. V. t. c. 3. Alojjar, albergar. V. int. 4. Reunir-se em rancho ou mesa comum. V. p. 5. Tirar e comer o rancho (5) (no quartel). 6. Hospedar-se ou estabelecer-se provisoriamente. 7. Juntar-se, amasiar-se."

5. Cunha:

Arranchar. "rancho"; "Arranchar vb. 'reunir em ranchos' 'dar pousada' 1813."

6. Amadeu Amaral:

Arranchar. "v.i. – armar barraca, ou "rancho"; estabelecer-se provisoriamente; fig. Hospedar-se sem cerimônia (com alguém): "No fim do segundo dia fumo arranchá na bêra do Mugi". "O Bituca arrancho na casa do cumpadre, sem mais nem menos"."

Ficha 25 – **Arreado-de-cangaia** (substantivo)

"... *amarrava carga e mais cargas... lote-de-burro... o arreado-de-cangaia...*" (Entr.5, linha 472)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Arreio. "Arreio ou arreyo. Adereços ordinarios do cavallo. V. G. arriata, cabeçadas, sustinentes, frontal, cirgola, rédeas, panno da silha, rabicho, etc. Jaezes saõ arreios de maior preço, & primor."

2. Moraes:

Arreio. "sm. peça de adornar, enfeitar, adereçar a pessoas, casas, &c. / Hoje dizemos arreyos, das peças que adereção as bestas de serviço, cargas, carruages, e dos coches, seges, &c."

3. Laudelino Freire:

Arreado. "adj. P. p. de *arrear*¹. Que tem os arreios. // 2. Enfeitado, ataviado."

4. Aurélio:

Arreio. "[Dev. de *arrear*.] S. m. 1. V. arreamento (3). 2. Conjunto de peças necessárias ao trabalho de carga do eqüideo. [Tb. us. no pl., nessas acepç.] 3. Enfeite, ornamento, adorno."

5. Cunha:

Arreio. “v. arrear” “arreio sm. ‘conjunto de peças necessárias ao trabalho de carga do equídeo’ ‘adorno’ / -yo 1572.”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 26 - **Arreou** (verbo)

“É... um lote é treze burro arreado...” (Entr.5, linha 484)

“... montou numa bestona bonita diacho / arreou bem arreado... e chegou lá na beira do rio...” (Entr.4, linha 476)

“... quando a gente cabava de fazer a compra a gente tornava a arrear esses animal e nós voltava e ia pra fazenda do Sapé...” (Entr.2, linha 49)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Arrear. “Ornar. Adereçar. Enfeitar. Vid. Nos seus lugares. Arrease a noite, das esperanças, que pesa. Vieira, Oração fúnebre de D. Mar. De Attaide, 143.”

2. Moraes:

Arreiar. “v. at., arraiar, ornar, ataviar as bestas.”

3. Laudelino Freire:

Arrear. “v. r. v. De *arreio* + *ar*. Colocar os arreios em (tr. dir.): “Felipe chamou à meia-noite o seu lacaio, e mandou arrear os cavalos” (Camilo) // 2. Pôr enfeites em, adornar (tr. dir.; pr.; bitr. ou pr., com prep. de, com): “Arreavam os aposentos”. (Goulart de Andrade).”

4. Aurélio:

Arrear. “[Do lat. vulg. **arredare*, 'prover', < gót. **reths*, 'conselho'; 'provisão'.]

V. t. d. 1. Pôr arreios em; aparelhar. 2. Pôr arreios ou enfeites em; enfeitar, adornar, ataviar. 3. Mobiliar, mobilhar. V. p. 4. Enfeitar-se, adornar-se, ataviar-se. [Conjug.: v. frear. Fut. do pret.: arreararia, etc. Cf. arriar, v. e arriaria, s. f.]”

5. Cunha:

Arrear. “vb. ‘pôr arreios em, aparelhar, adornar’ / *arrayar* XVI / Do lat. vulg. **arredare* ‘prover’, deriv. do gót. **reths* ‘conselho, previsão, provisão’ // arreamento XX // arreio sm. ‘conjunto de peças necessárias ao trabalho de carga do equídeo’ ‘adorno’ / -yo 1572 // arrieiro / arreeiro XVII // desarrear 1881.”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 27 - **Arrepresentava** (verbo)

“Ah... o namoro de antigamente a moça só casava com vinte e cinco anos e assim mesmo num arrepresentava o rapaz.” (Entr.7, linha 93)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 28 - **Arribava** (verbo)_____

“...o sujeito arribava cedo... viajava... meio dia derrubava pra ele almoçar e dar lombo os animal...” (Entr.5, linha 485)

“Pois é... cê vai assuntando ó... ele arribou cedo e viajou... meio dia derrubou... e tornou arribar outra vez meio dia...” (Entr.5, linha 490)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Arribar. “Levantar arriba. Vid. Levãtar. Vinte homens não podiaõ arribar, este peixe ao convez. Man. Sever. de Faria, disc. var. 27.”

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Arribar. “v. r. v. Lat. *adripare*. 5. Subir ou chegar ao cimo de algum lugar (tr. ind., com prep. a; intr.): “Toca de um monte a testa levantada, que faz coluna ao céu co’as penhas graves, a que co’a leve pena exercitada podem mal arribar ligeiras aves” (Dic. Acad. Lisb.)”

4. Aurélio:

Arribar. “[De *ar-1* + *riba* + *-ar2*.] V. t. c. 3. Subir ou chegar ao cimo de algum lugar. V. t. d. 14. Levantar, erguer.

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 29 - **Arrieiro** (substantivo)_____

“... bota um lote de burro nesse asfalto e vê se ele acha quem vai trabalhar de arrieiro.” (Entr.5, linha 507)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Arrieiro. “O que vive de guiar bestas de alquile. *Mulio, onis*. Masc. Iuven. Sêneca lhe chama *Mulio perpetuarius*, porque sempre anda com mus.

2. Moraes:

Arriéiro. “sm. Homem, que aluga, e acompanha as bestas de estrada, de cavalgar.”

3. Laudelino Freire:

Arrieiro. “s.m. De *arreeiro*. O mesmo que *arreeiro*. // 2. Indivíduo que inspeciona e cura os animais da tropa.”

4. Aurélio:

Arrieiro. “[Do esp. *arriero*.] S. m. 1. Arreeiro1 (q. v.): “O arrieiro decidiu aliviar o burro da carga” (Braga Montenegro, As Viagens, p. 164).”

5. Cunha:

Arrieiro. “v. arrear” “arrieiro / arreeiro XVII”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 30 - **Assombramento** (substantivo)_____

“... eu nunca vi não mas... o povo contava muito esses caso de assombramento né...” (Entr.4, linha 547)

“Acompanhava ele né... mode... pra mode fazer assombramento...” (Entr.4, linha 559)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Assombramento. “Espanto causado do medo. Terror, is. Masc. Cic.”

2. Moraes:

Assombramento. “sm. Acção de assombrar; Sombra, feição; susto, espanto.”

3. Laudelino Freire:

Assombramento. “s.m. De *assombrar* + *mento*. 2. Terror, susto, pavor. // 3. Assombro, admiração, pasmo: “Foi enorme o assombramento causado por essa revelação” // 5. Atordoamento causado por grande comoção: “O estalar do raio causou um assombramento geral: parecia que o céu se desmoronava”.”

4. Aurélio:

Assombramento. “[De *assombrar* + *-mento*.] S. m. 1. V. assombração.”

5. Cunha:

Assombramento. “v. sombra” “assombramento XVI”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 31 - **Assuntando** (verbo)_____

"Pois é... cê vai assuntando ó... ele arribou cedo e viajou... meio dia derrubou... e tornou arribar outra vez meio dia..." (Entr.5, linha 490)

"... abasta ocê ficar um tempo aí e ir assuntando e andando aí devagarzinho e assuntando procê ver..." (Entr.12, linha 506)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Assuntar ou assumptar. “v. r. v. De *assunto* + *ar*. Prestar atenção a (tr. dir.): “Assuntando, através da telha vã do quarto, a obscura claridade da noite” (Afrânio Peixoto) // 2. Considerar, meditar (tr. ind., com prep. em): “Assim pensou, assuntando no caso” (Afrânio Peixoto). // 3. Verificar, apurar (tr. dir.): “Que foi o que você assuntou?” (V. de Taunay) // 4. Vigiar, tomar conta de alguma coisa (intr.): “Eu fico por aqui a assuntar, para que não façam barulho” (Afrânio Peixoto)”

4. Aurélio:

Assuntar. “[De *assunto* + *-ar*2.] Bras. V. t. d. 1. Dar ou prestar atenção a; observar: “Ia para a loja de seu Bernardino, ficava assuntando os fregueses que por ali faziam ponto” (Autran Dourado, *O Risco do Bordado*, p.14); “De olhos sem luz, imóveis, vagos, cedo / já me não vêes, nem me ouves, nem me assuntas” (Da Costa e Silva, *Sangue*, p. 65);

V. t. i. 2. Prestar atenção. 3. Considerar, meditar. 4. Informar-se sobre, observando e/ou indagando. V. int. 5. Escutar ou olhar; observar; espreitar: “Assuntaram algum tempo, mas ouviram logo outro ruído igual” (Afonso Arinos, *Pelo Sertão*, p. 131); “Assuntei. A noite estava turva, o céu sem lua, aqui e ali picado de estrelinhas” (Hugo de Carvalho Ramos, *Tropas e Boiadas*, p. 5). 6. Meditar, refletir, pensar.”

5. Cunha:

Assuntar. “vb. ‘prestar atenção, sondar’ / *assumptar* 1899.”

6. Amadeu Amaral:

Assuntar. “v.i. – escutar refletindo, considerar, observar: Pois ensilhe o seu “bicho” e caminhe como eu lhe disser. Mas assunte bem, que no terceiro dia de viagem ficará decidido quem é “cavoqueiro” e embromador”. (Taun., “Inoc.”).”

Ficha 32 - **Atropelado** (verbo)

"... eu já passei na barba da morte porque... eu já fui atropelado por um ladrão / eu requeri ele... o que eu fui atropelado por gente de olho grande querendo tomar o que eu tinha... eu num quis entregar porque... enfrentei com eles..." (Entr.10, linha 307)

"Bandido?... não... já fui atropelado... bandido entrou na minha casa... Deus me ajudou que eu requeri ele... já fui roubado... é já fui roubado." (Entr.10, linha 320)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Atropelado. "Opprimido. Anda o senado atropellado, & sem autoridade. *Senatus oppressus est, & afflictus*. Cic. Neste proximo verão, verás a triste Itália, atropellada dos escravos. *Conculcari astate proxima miseram, Italiam videbis a mancipis*. Cic. Somos as mais atropellados. *Sunt nulli, quibus ônus tantum incumbat*."

2. Moraes:

Atropellado. "p. pass. de *atropellar*; / fig. Atropellado dos mares, e dos ventos; atormentado. Amaral, 5. / Perseguido, trabalhado. Paiva, serm.I, f.5. "Se todos os máos andassem atropellados".

3. Laudelino Freire:

Atropelado. "adj. P. p. de *atropelar*. 3. Perseguido, atormentado."

4. Aurélio:

Atropelado. "[Part. de *atropelar*.] Adj. 1. Que sofreu atropelamento (1). 2. Desordenado." "Atropelar [De *a-2* + *tropel* + *-ar2*.] V. t. d. 1. Fazer cair, derrubar, por impacto, passando ou não por cima e em geral machucando, provocando contusões leves ou graves. 2. Dar, ao passar, encontrão violento em; empurrar, empuxar. 3. Desprezar, preterir, postergar. 4. Atormentar, torturar, afligir, mortificar: Problemas numerosos o atropelam. 5. Falar ou agir abruptamente, como que atropelando."

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 33 - **Avexado** (adjetivo)

"... se eu gostei das menina... eu nunca namorei... eu muito avexado... eu num podia dar decisão nenhuma..." (Entr.4, linha 56)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Avexado. "V. vexado. Christanda-, de muy avexada dos Infieis. Barros. Fol. 122, col.2."

2. Moraes:

Avexado. "v. sem A, V. de *Suso*, c.22 "E serás cruelmente avexado".

3. Laudelino Freire:

Avexado. "adj. P. p. de *avexar*. Humilhado, envergonhado, vexado."

4. Aurélio:

Avexado. "[Part. de *avexar*.] Adj. 1. V. *vexado*: "Adão, o arrependido, e a arrependida / Eva, ei-los avexados, ante o iroso / Bíblico Deus" (Raimundo Correia, Poesias, p. 21)"

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 34 - **Avultado** (adjetivo)_____

"... tem hora que a gente vai com o dinheiro mais avultado pro armazém ou prum açougue e... e... num dá pra nada..." (Entr.8, linha 183)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Avultar. "Fazer vulto. Parecer grade à vista. Maiorem, altiolem, crassiolem videre. (Fallando em cousa, que avulta na grandeza, ou altura, ou na grossura, &c.) Huma quase infinita multidão de cavallaria, & de infantaria, que avulta muito mays, do que he na realidade. *Equitum, peditioque, propensodium innumerabilis turba, maiorem quam pro numero speciem ferens*. Quint. Cart. Hum glóbo, de avultada, & proporcionada grandeza. Queiros, Vida do Irmão Basto, p. 345, col. 2"

2. Moraes:

Avultado. "p. pass. de *avultar*. Coisa que tem volume grande. / Fig. *Sommas avultadas*; grande: rendas -."

3. Laudelino Freire:

Avultado. "adj. P. p. de *avultar*. Que tomou vulto. // 4. Grande, considerável: A jugada, o tributo direto mais avultado, que pesava sobre os pequenos agricultores" (Herculano)"

4. Aurélio:

Avultado. "[Part. de *avultar*.] Adj. 2. Intensificado, aumentado. 3. Grande, volumoso, considerável, avultoso, avultante."

5. Cunha:

Avultado. "v. *vulto*" "Avultado XVII // *avultar* vb. 'orig. representar em vulto ou em relevo' 'ext. aumentar, intensificar' XVII"

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 35 - **Badoque** / **bodoque**(substantivo)_____

Entr: Quando o senhor era pequeno o senhor caçava também?/ Inf: Caçava. / Entr: É mesmo! / Inf: Era badoque ((risos)) / Entr: Ah! / Inf: Era badoque de linha. (Entr.7, linha 250)
"Enfia o algodão e bate...tinha um arco assim...bem igual um bodoque..."(Entr.9, l. 143)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes:

Bodóque. "sm. Arco com duas cordas, e uma rede no meyo, na qual se poe a balla, ou pellouro de barro, com que se atira."

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio:

Badoque. "[Var. de *bodoque*.] S. m. Bras. AL 1. V. atiradeira."

5. Cunha:

Bodoque. "sm. 'arco para atirar bolas de barro endurecidas ao fogo, pedrinhas, etc.' 1813. o voc. port. talvez remonte, com visível ext. de sentido, ao ár. *Bunduq* 'noz, avelã' 'bala de espingarda', deriv. do gr. *pontikón* '(noz) pântica'."

6. Amadeu Amaral:

Bodóque. "s.m. – arco, quase idêntico ao com que os índios atiram frechas, mas de pequenas proporções (cinco, seis, oito palmos), usado para arremessar pelotas de barro, à caça de passarinhos: E o caboclo perdeu meio dia de serviço para fazer o bodoque, bem raspado com

um caco de vidro que levou da cidade, encordoando-o com corda de linha “clark” encerada a capricho, rematando com gosto de artista a obra, desde o cabo até a malha”. (C. P.) // O “Novo Dic.” dá como ant., significando “bola de barro, que se atirava com besta” e aponta-lhe o étimo no ar. “bandoque”. – V. pelóte.”

Ficha 36 - **Barro** (verbo)

"... *lavo uma roupa lavo um prato barro casa... barro terreiro.*" (Entr.8, linha 9)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Barrer. “(Com os mais.)Vid. Varrer. O author da Ortographia Portugueza, nas suas advertencias, impressas no fim do seu livro, dez, que se há de escrever Varrer & não Barrer.”

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Barrer. “v. r. v. Ant. e pop. O mesmo que varrer.”

4. Aurélio:

Barrer. “V. t. d. V. t. d. e i. V. int. Ant. Pop. 1. Varrer.”

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 37 - **Barroca** (substantivo)

"... *o carro virou... também caiu dentro de uma barroca...*" (Entr.4, linha 664)

"...*o automóvel vi / escorregou / virou / caiu dentro de uma barroquinha mas nun chegou a machucar ninguém não...*" (Entr.4, linha 665)

"*Sim... tinha um mercado... e aí as barroca em roda... porque não era calçado... e a água descia ()...*" (Entr.15, linha 10)

"*Barroca / tinha barroca... pra andar de carro pulava daqui pulava dali.*" (Entr.5, linha 182)

"*Oito casinha... e aqueles barrocoão dentro daquele matão...*" (Entr.10, linha 188)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Barroca. “Barrôca. Covas, que fazem as agoas impetuosas. *Povea vebementi aquarum impetu.* Por a terra ser, huma barroca em lugar de muro. Barros, i. Dec. Fol.162. col.3.”

2. Moraes:

Barrôca. “Monte ou rocha de barro, piçarra.”

3. Laudelino Freire:

Barroca. “s.f. 4. Escavação natural proveniente das erosões.”

4. Aurélio:

Barroca. “[De *barro*.] S. f. 1. Monte de barro ou de piçarra; barroco. 2. Bras. Cova feita por enxurradas; barranco, barroco. 3. Despenhadeiro, grot, precipício.

[Pl.: barrocas. Cf. barroca (ô) e barrocas (ô), flex. do adj. barroco.]”

5. Cunha:

Barroca. “v. barro” “barroca sf. ‘monte de barro’ XIII”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 38 - **Batistério** (substantivo)_____

"... o povo era tão simples... todo mundo... só o padre que dava batistério... dali ninguém sabia... num perguntava..." (Entr.12, linha 3)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Baptisterio. "Baptisterio ou bautisterio. He huma capella, ou arca com grades de pao, junto as portas principais da parte de dentro das igrejas, à mão esquerda dos que entrao pella porta, em que está a Pia Baptismal."

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Batistério ou Baptistério. "s.m. gr. *baptisterion*. Lugar onde está a pia do batismo. // 2. Pequena capela à entrada das igrejas. // 3. Certidão de batismo."

4. Aurélio:

Batistério. "[Do gr. *baptistérion*, pelo lat. *baptisteriu*.] S. m. 1. Lugar onde se acha a pia batismal. 2. Bras. Pop. Certidão de batismo."

5. Cunha:

Batistério. "batistério sm. 'lugar em que se acha a pia batismal' / *bap*- XVI / Do lat. *baptisterium* –ii, deriv. do gr. *Baptisterion* 'casa de banho' 'batistério'"

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 39 - **Beijaiada** (substantivo)_____

"Agora a gente vê essas beijaiada tudo nojenta... é um nojo..." (Entr.15, linha 69)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 40 - **Beiju** (substantivo)_____

"... aqui era um areão só... nós fazia aqueles fornão de areia né... e fazia beiju dentro..." (Entr.15, linha 52)

"É... a areia era os beiju... dentro desses fornão era assim..." (Entr.15, linha 55)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Beijũ. "Beijũ. (Termo do Brasil). As raizes verdes da mandioca depois de limpas, partemse em diversos pedaços; & estes se poem a secar ao sol, depois de seca, pizãose em hum pilão, & faz-se farinha, a que os indios chamão *Typyrtati*, os Portugueses *farinha crua*. Desta fazem os beijús, que são huns pequenos bolos alvissimos, & delicadissimos, que he o comer mais mimoso, ou em quantomolles, & frescos, ou depois de duros, & torrados.(...)Beijũ. *Crastulum, ex subacta mandiocae radicum farina.*"

2. Moraes:

Beiju. “sm. Massa de tapioca, ou de farinha de pão, applanada, e cosida no forno, fica a modo de coscorões.”

3. Laudelino Freire:

Beijú. “s.m. Do tupi-guar. Espécie de filhó, feita de tapioca ou de massa de mandioca e também chamada miapiata ou mal-casado.”

4. Aurélio:

Beiju. “[Do tupi.] S. m. Bras. Cul. 1. Bolo de massa de tapioca ou de mandioca, do qual há numerosas espécies. [Sin.: beijuaçu ou beijuguaçu, beijucica ou beijuxica, beijucuruba, beijumembeca, beiju-moqueca ou beiju-poqueca, beijuteica, biroró, malcasado, sarapó, sola e tapioca. Var.: biju.]”

5. Cunha:

Beiju. “beiju sm. ‘bolo de farinha de mandioca’ / c1584, beijú a 1576, bejú 1618 etc. / Do tupi *me’iu*.”

6. Amadeu Amaral:

Biju. “s.m. – placa de farinha de milho, ou mandioca, que se despega do fundo do “forno”, ao fazer-se a farinha, sem se esfarelar com o resto desta. // Existe em todo o Br., sob essa forma e sob a forma *beju*, com significados vários. Escreve-se geralmente “beijú”, ou por ligá-lo a “beijo”, ou porque realmente se guarda a tradição da sua origem indígena, que dizem ser a verdadeira. B. Rodr. registra “beyu”, nhengatú, e “meyu”, língua geral. B. R. e outros apontam vocábs. Semelhantes, tupinambás, etc.

Ficha 41 - **Bestagem** (substantivo)_____

“... o médico falou: ‘Deixa de bestagem dona Maria!... o homem num vai morrer não!’...”
(Entr.7, linha 345)

“... eu falei: ‘Qual minha filha!... deixa de bestagem!... num tem bicho não!’...” (Entr.7, linha 442)

“... quando nós junta conversando bestagem... nós morre de rir né...” (Entr.6, linha 439)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Bestagem. “s.f. O mesmo que besteira.”

4. Aurélio:

Bestagem. “[De *besta* (ê) + *-agem2*.] S. f. Bras. 1. Besteira, bestice. [V. asneira (1).]”

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 42 – **Bicho-da-carneira** (substantivo)_____

“... ele dava risada... ela falou ‘É o bicho-da-carneira’... deu uma risada.” (Entr.6, linha 467)

“o povo fala que tem... esse bicho-da-carneira... os povo fala isso... que tem né...” (Entr.8, linha 209)

“Tem um tal de homem de Pedra Azul que chama Joaquim Antunes... diz que ele chama bicho-da-carneira...” (Entr.9, linha 107)

“‘Ocê num tava atirando no cachorro?... pois aí... ele era um cachorro e agora virou um urubu... aí ele aí’... era o bicho-da-carneira...” (Entr.12, linha 285)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 43 - **Birro** (substantivo)_____

"Agora eu num faço... de primeiro quando eu fazia os birro..." (Entr.6, linha 65)

"... o cara lá que fazia os birro... nos torno né... de madeira né..." (Entr.6, linha 65)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Birro. "De fazer rendas. *Fusus tescendis e lino, vel ex auro, vel ex argento denticulatis operibus*."

2. Moraes:

Birro. "sm. Peça de fazer renda; é a modo de fuso, com mais barriga."

3. Laudelino Freire:

Birro. "s.m. Lat. *pílula*. Utensílio semelhante a um pequeno fuso ou a uma pêra, e com o qual se fazem rendas ou obras de cabelo."

4. Aurélio:

Birro². "birro² S. m. 1. Bras. N. Bengala pesada e grossa. 2. V. cacete (1)." "Birro "[De or. controversa.] S. m. 1. Peça de madeira ou de metal, semelhante ao fuso (1), usada para fazer rendas de almofada: "Era o branco da linha, e a renda que lhe dá / graça e forma, ao crescer sob os bilros cantantes." (Valdemar Lopes, Elegia para Joaquim Cardoso, p. 9)."

5. Cunha:

Birro. "sm. 'cacete, bordão' 'barrete' 1813. De origem obscura." "Birro sm. 'peça semelhante ao fuso, usada para fazer rendas de almofada' 1813. De origem controvertida."

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 44 - **Bodocar** (verbo)_____

"Ah naquele tempo num tinha o que fazer não!... (brinquedo) era bodocar... fazer urupuca né..." (Entr.1, linha 101)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 45 – **Boi-janeiro** (substantivo)_____

“Vestia e saía andando pelas rua com essa Maria Tereza e boi-janeiro e o povo atrás.” (Entr.15, linha 230)

“Boi-janeiro... é justamente... é incluído dentro dessa época.” (Entr.5, linha 367)

“Esse boi-janeiro é um homem... que gente coloca dentro de / faz um caixão-de-vara...” (Entr.5, linha 371)

“... mas o povo corre / () / será possível que esses menino tá sabendo que é boi-janeiro... isso aí num é boi vivo não...” (Entr.12, linha 341)

“Era um boi... era uma espécie de um boi mesmo... e aí / isso / faz () o boi-janeiro... o retrato... ocês tem um retrato do boi?” (Entr.9, linha 86)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 46 - **Boiadeiro** (substantivo)_____

“... era boiadeiro... o boiadeiro é que toca / tocava o gado na estrada...” (Entr.5, linha 539)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e.
2. Moraes:

Boieiro. “sm. Pastor de manada de bois. V. vaqueiro.”

3. Laudelino Freire:

Boiadeiro. “s.m. Condutor de boiada; capataz de gado. // 2. Comprador de gado para revender.”

4. Aurélio:

Boiadeiro. “boiadeiro1 [De *boiada* + *-eiro*.] S. m. 1. Tocador de boiada. 2. Capataz de gado.

3. Bras. Comprador de gado para revenda. 4. Marchante (1).”

5. Cunha:

Boiadeiro. “1899”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 47 - **Boneca** (substantivo)_____

“... que as rocinha que nós faz num... e olha porque tá de noite e eu () chamar o senhor pro senhor ver meu quintal aí... é... é um () de terreno... tá todo papado no meio e banana e... cana mandioca... é... mas tudo ()... tá tudo crescidinho assim esperando secar... e já tá todo empenhuado já com as boneca. (Entr.7, linha 292)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Boneca. “7. Espiga de milho antes de estar granada; panícula do milho em flor.”

4. Aurélio:

Boneca. “[Do esp. *muñeca*, poss.] S. f. 7. Bras. A espiga de milho ainda em formação.”

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral:

Boneca. “s.f. – espiga de milho nova: “Vieram as chuvas a tempo, de modo que em janeiro o milho desembrulhava pendão, muito medrado de espigas. Nunes não cabia em si. Percorria as roças contente da vida, unhando os caules polpudos já em pleno arreganhamento da dentuça vermelha e palpando as bonecas tenrinhas a deixarem-se duma cabelugem louro-translúcida”. (M.L.)

Ficha 48 - **Boqueirão** (substantivo)_____

“... fui aí num *boqueirão*... eu tinha roça... três roça num *boqueirão* aí...” (Entr.7, linha 351)

“... quando tinha fazenda boa nós ia pro fundo do *boqueirão*... pro mato...” (Entr.6, linha 274)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Boqueiram. “Boqueirão. Cova grãde & profunda. Caverna. Baratbrum, i. Neut. Virg.”

2. Moraes:

Boqueirão. “sm. Quebrada, aberta, como grande boca, em muro, vallo, ou qualquer defesa.”

3. Laudelino Freire:

Boqueirão. “s.m. 3. Saída larga para um campo, depois de uma estrada apertada ou de um desfiladeiro. // 5. Quebrada entre montes, rotura larga em valados ou em muralhas de defesa. // Cova grande e profunda.”

4. Aurélio:

Boqueirão. “[De *boqu(i)*- + *-eirão*.] S. m. 2. Abertura em costa marítima, rio ou canal. 3. Covão (1). 5. Quebrada de serra. 6. Foz de um rio. 7. Bras. N.E. Abertura ou garganta na serra, onde corre um rio. 8. Bras. MA Braço de mar, entre uma ilha e a costa esbarrancada. 9. Bras. BA Terreno úmido e fértil, bom para a cultura de cacau. 10. Bras. S. V. brechão. 11. Bras. RS Saída larga para um campo, após uma estrada estreita ou um desfiladeiro.”

5. Cunha:

Boqueirão. “v. *boca*” “boqueirão sm. ‘abertura de costa marítima, rio ou canal’ XVI”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 49 - **Botar sentido** (locução verbal)_____

“... botaram duas mulher solteira pra *botar sentido*...” (Entr.6, linha 456)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 50 - **Bramura** (substantivo)_____

"... é tinha / pegou os revoltoso andava na frente fazendo bramura..." (Entr.4, linha 452)

"...eles passou só naqueles meio aí do Berizal aí ó... eles fizeram muita bramura aí." (Entr.4, linha 456)

"É... fizeram muita bramura aí." (Entr.4, linha 458)

"Ô moço... quando eu era menino eu recorde de algumas coisa... e eu fazia bastante bramura né..." (Entr.5, linha 4)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 51 - **Bravando** (verbo)_____

"É... e... ainda saiu bravando aí... isso porque ele num disse nada né... dissesse qualquer coisa... ainda saiu gabando..." (Entr.4, linha 485)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 52 - **Brocotó** (substantivo)_____

"... hoje que eu num vou mais... que eu num guento mais ir nesses brocotó... mais caçar essas coisas..." (Entr.4, linha 368)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Brocotó. "s.m. Tupi *mboru* + *cotog*. 2. Solo ressecado das baixadas, no período da estiagem, com montículos de terra, mais ou menos friáveis. // 3. Lugar cheio de morros e grotas; graguedo. // 4. Terreno desigual, com altos e baixos. // 5. Mato seco impenetrável."

4. Aurélio:

Brocotó. "S. m. Bras. 1. V. *borocotó*." "Borocotó [Do tupi.] S. m. Bras. 1. Terreno escabroso, com muitos altos e baixos, escavado ou obstruído de pedras. 2. Sulco irregular aberto por águas pluviais em ruas sem calçamento. [Var.: brocotó.]"

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 53 - **Buguelão** (substantivo)_____

"... se andar com fé em Deus aqui ele num passa... () que chegou dois buguelão... preto assim... ()... tem parente dele aqui... ele fala que é pra comer... os parente comer... daí comer numa redondeza de dez léguas... ele tá enternado lá... ele num acabou não... ele andava aqui... feito uma roda de carretão... dois olhão assim..." (Entr.6, linha 454)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e.
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 54 - **Caboclo** (substantivo)_____

"... levava pra Jequié pra trazer sal pra nós comer aqui... que aqui num tinha... se ele num fosse buscar nós comia sem sal que nem caboclo." (Entr.12, linha 38)

"...meu pai era folgado (engraçado) a caboclo... a mãe dele foi pegada até de cachorro... meu pai era caboclo... agora minha mãe não... agora meu pai era... ele era (enrascado) a caboclo..." (Entr.8, linha 107)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Caboclo. "s.m. Indígena brasileiro de cor acobreada. // 2. mulato cor de cobre, descendente de bugres. // 3. Homem do sertão, de cor morena acobreada; caipira, roceiro, sertanejo."

4. Aurélio:

Caboclo¹. "caboclo1 (ô). [Do tupi.] S. m. Bras. 1. Mestiço de branco com índio; cariboca, carijó. 2. Antiga denominação do indígena. 3. Caboclo1 (1) de cor acobreada e cabelos lisos; caburé, tapuio. 4. V. caipira (1).

5. Cunha:

Caboclo. "sm. 'índio, mestiço de branco com índio' 'indivíduo de cor acobreada e cabelos lisos' / 1781, *cauoucolo* 1645, *cabocolo* 1648 etc. / Do tupi **kari'uoka* (< *kara'ia* 'homem branco' + '*oka* 'casa')".

6. Amadeu Amaral:

Cabocro. "s.m. – mestiço de branco e índio. // os vocabularistas registam outras formas, estranhas a S.P.; "cabôco", "cabôclo", "caboucuro", etc. De "curiboca"? De *cabouco*?"

Ficha 55 - **Cabrocha** (substantivo)_____

"Sem mulher num vou ficar / arrumo uma cabrocha / nem que seja um pururu / tem de lá da banda nova / ou então da banda sul / está tudo azul." (Entr.6, linha 126)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Cabrocha. “s.m. Mulato jovem: “E ela reparava nos cabrochas” (J. A. de Almeida). // Gram.: Fem., cabrocha.”

4. Aurélio:

Cabrocha. “[De cabra (6)] S.f. 4. Mulata jovem.”

5. Cunha:

Cabrocha. “s2g. ‘mulato, mestiço’ 1899.”

6. Amadeu Amaral:

Cabrocha. “s.m. – mulato ou mulata jovem.”

Ficha 56 - **Cacatua** (substantivo)

“... nós plantava as mesma coisa de hoje... era manaíba... feijão... milho... é cacatua... andu...” (Entr.5, linha 101)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes:

Cacatous. “sm. pl. Papagayos brancos.”

3. Laudelino Freire:

Cacatua. “s.f. Mal. *Kakatuava*. Ave trepadora, da família dos papagaios.”

4. Aurélio:

Cacatua. “[Do tax. *Cacatua* < mal. *kakatEwa*.] S. f. Zool. 1. Gênero de psitacídeos maiores que o papagaio, cuja plumagem pode ser branca, ou branca com manchas róseas, acinzentada, vermelha, ou negra, conforme a espécie. Têm o bico volumoso, a cauda curta, e um penacho grande e erétil. 2. Qualquer espécie desse gênero como, p. ex., a *Cacatua sulphurea*. 3. Qualquer espécime desse gênero. [Var. (pop.): *catatua*.]”

5. Cunha:

Cacatua. “sf. ‘espécie de papagaio branco das molucas’ / 1630, çagatua 1561 / Do mal. *Kakatuwa*.”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 57 - **Cacetinho** (substantivo)

“... ocê pode ir rompendo que eu vou com o cacetinho e Deus me ajuda que eu chego lá...” (Entr.7, linha 377)

“...quando ela chegou aqui eu também cheguei... com o cacetinho...” (Entr.7, linha 379)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Cacete. “s.m. 2. Bordão grosso em uma das extremidades; moca. // 3. Bengala.”

4. Aurélio:

Cacete. “(ê). [Dim. de *caço* (por alusão ao cabo), poss.] S. m. 1. Peça de pau com uma das pontas mais grossa que a outra; biriba, birro, bordão, buduna, cachamorra, cacheira, manguara, moca, porrete, quití.”

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 58 - **Cachaça** (substantivo)

"... peguei a usar / a tomar um trucidinho na cachacinha..." (Entr.4, linha 353)

"...era divertido demais moço... e ês tinha uma cachaça pura..." (Entr.1, linha 464)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Cachaça. "A parte do pescoço, posterior a garganta."

2. Moraes:

Cachaça. "s.f. vinho das borras. No Brasil, aguardente do mel, ou borras do melaço."

3. Laudelino Freire:

Cachaça. "s.f. Aguardente extraída das borras do melaço e das limpaduras do suco da cana de açúcar."

4. Aurélio:

Cachaça. "[De or. controvertida.]S. f. Bras. 1. Aguardente que se obtém mediante a fermentação e destilação do mel¹ (4), ou borras do melaço. [Sin. (pop. ou de gir., e bras. na maioria, muitos deles regionais): abre, abrideira, aca, aço, a-do-ó, água-benta, água-bruta, água-de-briga, água-de-cana, (...) tira-teima, tiúba, tome-juízo, três-martelos, uca, veneno, xinapre, zuninga.]"

5. Cunha:

Cachaça. "sf. 'aguardente de cana de açúcar' 1711. De origem controvertida."

6. Amadeu Amaral:

Cachaça. "s.f. – aguardente de cana."

Ficha 59 - **Cachimband** (verbo)

"... ela era morena... ela andava assim... meio cachimband né..." (Entr.6, linha 372)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 60 - **Cacimba** (substantivo)

"Esse rio... ele era um rio muito limpo... ninguém fazia panhar água em cacimba... só panhava no rio..." (Entr.12, linha 68)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Cacimbas. "(Termo do Brasil) Assim chamão humas covas, que como pequenos poços abrem junto do mar, para tirarem água doce, que como tão vizinha da salgada fica ainda demasiadamente salobra, & apenas de serviço para o uso mais ordinario. Sahião, por agua as cacimbas do Recife. Britto, Guerra Brasilica, pág. 186. Os nossos, cõ o lodo dos charcos, & com as cacimbas das prayas. Vieira, Tom. 8. 547."

2. Moraes:

Cacimba. “sf. Cova que se faz em lugar humido, para nella se ajuntar agua, que reçuma; fazem-se junto as prayas e lenteiros.”

3. Laudelino Freire:

Cacimba. “s.f. Quimb. *quixima*. Cova feita no leito seco dos rios temporários ou na areia e terrenos úmidos, para recolher água para usos domésticos.”

4. Aurélio:

Cacimba¹. “[Do quimb. *Kixima*] S.f. 3. Bras. NE. Escavação em baixadas úmidas ou no leito de um rio, no qual a água se acumula como num poço.”

5. Cunha:

Cacimba¹. “sf. ‘cova que recolhe a água dos terrenos pantanosos’ ‘poço’ / 1675, *quixima* 1575, *casima* 1681 / Do quimb. *Ki’sima*, var. despalatalizada de *ki’sima* ‘poço’.

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 61 - **Cacunda** (substantivo)_____

“... as perna endureceu tudo... tã tudo dormente... meu caminho é com este ganho... () me leva na privada ó... na cacunda...” (Entr. 3, linha 6)

“...por fim eu casei foi com esta aí... minha prima carnal aí... porque... que eu carreguei até na minha cacunda.” (Entr.4, linha 83)

“É... porque num tinha condição de fazer outra cerca né... () tudo na cacunda...” (Entr.7, linha 48)

“aí veio um lá... com uma taca cheio de argola sacudindo assim... ‘Porque que esse () num panha?’... e puxou a taca na cacunda do velho...” (Entr.12, linha 196)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Cacunda. “s.f. Corr. de *carcunda*. Costas, dorso.”

4. Aurélio:

Cacunda. “[Do quimb. *kakunda*.] S. f. Bras. 1. Dorso, costas. [Sin. (bras.): canastra.] 2. V. corcunda (1). S. 2 g. 3. V. corcunda (2).”

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral:

Cacunda. “s.f. – costas: “... e ela se ponhou outra vez de cacunda, que é como dormia quase que a noite inteirinha”. (V. S.). – “Para dor de peito que responde na cacunda, cataplasma de jasmim de cachorro é porrete. (M. L.). // Orig. afric., como querem alguns, ou simples corrupt. de corcunda, passando por carcunda, como querem outros.”

Ficha 62 - **Cadê** (Pronome interrogativo)_____

“... cadê que essa Águas Vermelha tá chovendo...” (Entr.6, linha 366)

“...ela falou: “Cadê a menina?... ela passou melhor?”...” (Entr.6, linha 411)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio:

Cadê. “Bras. Fam. Pop. 1. V. quede2: “Ó Fulô? Ó Fulô? / Cadê meu lenço de rendas, / Cadê meu cinto, meu broche, / Cadê meu terço de ouro / Que teu Sinhô me mandou?” (Jorge de Lima, *Obra Completa*, 1, p.293).”

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 63 - **Caindo pra idade** (locução verbal)_____

“... enquanto eu tava agüentando eu ainda tava trabalhando... depois que eu fui caindo pra idade aí eu não trabalhei mais não...” (Entr.8, linha 7)

“...agora qu’eu num tou mais alembando né... porque a gente vai caindo pra idade...” (Entr.8, linha 236)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 64 - **Caititu** (substantivo)_____

“Tinha jacu... tinha izabelê... tinha caititu... tinha... aí já num é pássaro... é animal...” (Entr.5, linha 650)

“...tinha muita caça né... tinha muita caça de pena aqui... de toda qualidade... veado... caititu... tinha tudo quanto era peixe...” (Entr.4, linha 296)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Caititú. “s.m. Mamífero paquiderme, também chamado porco do mato, queixada, tajacutirágua (Tajassu tajassu, Lin.): “e as ramarias taladas, as ervas altas amolecidas em sulcos, assinalavam a passagem das antas ou das varas vorazes dos caititús” (C. Neto)”

4. Aurélio:

Caititu. “[Do tupi.] S. m. Bras. 1. Zool. Mamífero artiodáctilo, taiaçuídeo (Tayassu tajacu), da região cisandina da América do Sul. Pelagem anelada de branco, ou amarelo e negro, ou castanho-claro, resultando numa coloração rosada; linha de longos pêlos no pescoço, e patas pretas, com faixa característica em forma de colar branco cingindo o pescoço até os ombros. [Var.: caitatu, caitetu, taititu. Sin.: cateto, tateto, pecari, e (impr.) porco-do-mato.]”

5. Cunha:

Caitetu. “sm. ‘porco do mato da fam. dos taiaçuídeos’ / *taiaçetu* 1610, *tahitetu* 1618 etc.; *cahetatu* 1730, *caitetu* 1789 etc. / Do tupi *taite’tu*; v. *Taiachu*.”

6. Amadeu Amaral:

Caititú. “catêto, tatêto, s.m. – espécie de porco do mato, “*Dicotyles torquatus*”. – Tupi.”

Ficha 65 – **Caixão-de-vara** (substantivo)_____

"Esse boi-janeiro é um homem... que a gente coloca dentro de / faz um caixão-de-vara... como se fosse / como essa mesa né... igual essa mesa tá aí..." (Entr.5, linha 371)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 66 - **Calundum** (substantivo)_____

"... isso aqui era só mato... aquele matagal... só tinha aqueles calundum..." (Entr.2, l. 50)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 67 – **Cama-de-vara** (substantivo)_____

"É... e cama-de-vara... com umas teinha velha de tapuia até ()." (Entr.7, linha 57)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 68 - **Camarada** (substantivo)_____

"... meu pai num deixava nós vadiar com boneca não... ele levava nós pra roça... nós ia sameando manaíba e ia plantando mais os camarada." (Entr.3, linha 19)

"... então quando eu morava mais meus pais... quando era no tempo de fazer roça... ele num / era fraquinho... nós tudo fraquinho... ele num podia botar um camarada... era nós era mulher era homem..." (Entr. 7, linha 267)

"... trabalhava muito... na roça... ganhava meu dinheiro... meu marido trabalhava ni carvoeira... nós que era os camarada dele..." (Entr.8, linha 5)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Camarada. “Camarada. Derivase de camara, ou de cama; & valo mesmo que companheiro de casa, & mesa, & he particularmente usado entre gente de guerra, & soldados, alistados na mesma companhia, ou que vivem no campo, ou arrayal de baixo da mesma tenda.”

2. Moraes:

Camarada. “sf. Vivenda, e conversação de pessoas no mesmo rancho, ou câmara, nos navios e quartéis.”

3. Laudelino Freire:

Camarada. “s.m. 8. Indivíduo empregado nos serviços de campo ou das fazendas.”

4. Aurélio:

Camarada. “[Do fr. *camarade*.] S. m. 8. Bras. Indivíduo empregado em serviços avulsos, nas fazendas.”

5. Cunha:

Camarada. “camarada s2g. ‘companheiro’ XVI. Do fr. *camarade*, deriv. do cast. *camarada*.”

6. Amadeu Amaral:

Camarada. “s.m. – indivíduo que, nas fazendas, está encarregado de vários serviços; trabalhador de roça.”

Ficha 69 - **Campa** (substantivo)

“As mala tinha... tinha um lugar de botar candieiro... botar tudo pra sair vendendo... era diferente... a outra era mais diferente um pouco... chamava campa... () põe o candieiro de um lado... põe um trem do outro e deixa encher de coisa.” (Entr.15, linha 38)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 70 - **Campesta** (substantivo)

“Aí virou essa campesta desse jeito aí ó... num chove... tem época que a chuva vem curta né...” (Entr.5, linha 678)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 71 - **Cancela** (substantivo)

"... meu negócio era fazer curral de pau... e cancela... e cerca e fazer... e fazer aqueles gado de osso né.." (Entr.5, linha 7)

"...eu ia brincar e fazia aqueles curral... até nessa época eu não sabia fazer as cancela né..". (Entr.5, linha 14)

"... entonce meu avô e meu pai deixou o grupo... não... não era grupo não... um negócio que tinha lá ()... escolar né... ali praca da igreja... era bem pequenininho e tinha as cancelinha assim ao redor..." (Entr.6, linha 13)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Cancela. "Clausura de paos, alguma cousa afastados, que deixando o ar, & a vista livre, impedem a entrada. *Cancelli, orion*. Masc. Plin. Cancela de fazendas, hortas, pomares, &c. He uma porta de paos no comprido, de peralto, & entre hum, & outro de vão de meyo palmo, com travessas, aonde estes paos se mettem. Tem fechadura, & chave de pao. A fechadura tem dentes dentro, que quando se mette a chave, encaixão nos dentes dela, & de mais tem hum pao com faces, & moças onde encaixão os dentes, que estão dentro da fechadura, para se não abrir, senão com a chave, que as levanta. *Janua ex cancellis, ou clatbris*. Nas suas exercitações sobre Solino, p. 927.col.2, chama Salnasio a este gênero de portas, *Fores cancellatae, ac reticulatae*. Também lhe podemos chamar *Clatbrata porta, ae*, fem."

2. Moraes:

Cancela. "sf. Porta de grades de pao."

Cancela.

3. Laudelino Freire:

Cancela ou cancella. "s.m. Lat. *cancelli*. Porta gradeada, de ferro ou Madeira."

4. Aurélio:

Cancela. "[De *cancelo* (ê).] S. f. 1. Porta gradeada, em geral de madeira e de pequena altura; porteira."

5. Cunha:

Cancela. "cancela sf. 'porteira' / -lla XVI"

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 72 - **Candeia** (substantivo)

"...morava num ranchinho de pindoba... é... a candeia nossa era candeia de cera ou então de mamona." (Entr.7, linha 49)

"É... candeia... naquele tempo num tinha vela... alumiaava com azeite e cera do mato né..." (Entr.6, linha 15)

"... agora eu vou panhar a candeia... tem cinqüenta e cinco anos que eu comprei... ó uma candeinha aqui ó... de azeite..." (Entr.6, linha 43)

"Candeia que ilumina o prédio...é prédio que chamava...né né grupe não..." (Entr.6, l. 46)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Candea. "Candea de garavato. He uma candea pequena sem pe, & que tem hum ganchosinho, donde se pendura."

2. Moraes:

Candeia. "sf. Ant. vela. vaso de metal para luz; e a luz: v.g. "apagar a candeia"."

3. Laudelino Freire:

Candeia. “s.f. Lat. *candela*. Vaso de barro ou de folha que se usa suspenso da parede ou do velador e em que se coloca azeite ou querosene para alimentar a luz na torcida que sai por um bico do mesmo vaso: “Pelas frestas das casas contíguas às de Álvaro Pires bruxuleava o clarão das candeias e tochas” (Herculano).”

4. Aurélio:

Candeia¹. “candeia1 [Do lat. *candela*, 'vela de sebo ou de cera'.] S. f. 1. Pequeno aparelho de iluminação, que se suspende por um prego, com recipiente de folha-de-flandres, barro ou outro material, abastecido com óleo, no qual se embebe uma torcida, e de uso em casas pobres; *candela*, *candil*: “Leva a candeia e vê se os alumia” (Domingos Carvalho da Silva, *Liberdade Embora Tarde*, p.34). [Cf. *lâmparina* (2).] 2. Ant. Vela de cera.”

5. Cunha:

Candeia. “sf. ‘pequeno aparelho de iluminação, abastecido com óleo’ ‘vela de cera’ / XVI, *candea* XIII / Do lat. *candela*.”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 73 - **Candieiro** (substantivo)

“É... hoje é... e antigamente ocê amanhecia o dia aí tranqüilo... com os candieiro aceso assim ó... amarrado lá em cima na telha...” (Entr.7, linha 188)

“...vez tava na janela lá em casa... passava aquela porção assim e a moça tava na janela assim... e eu tou sentada pro lado de fora... todo mundo correu... escurecendo... botava o candieiro assim... na janela e o ()” (Entr.6, linha 463)

“... a outra era mais diferente um pouco... chamava campa... () põe o candieiro de um lado... põe um trem do outro e deixa encher de coisa.” (Entr.15, linha 38)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Candieiro. “Vaso de latão, folha de Flandes, ou outra materia, em q se deita azeite com torcida, para alumear. Segundo F. de Oliveira, no cap. 39 da sua *Gramm. Port.*, *candieiro*, se deriva do verbo latino *Candeo*, *candes*, que quer dizer *Resplandecer*, (ou para melhor dizer), *Arder*, & o *candieiro* resplandece, & arde, porém quando tem lume, & não sempre, (como advertio o dito author)”

2. Moraes:

Candiêiro. “sm. Vaso de metal para óleo, com bicos por onde sai torcida, que se accende.”

3. Laudelino Freire:

Candeeiro. “s.m. De *candeia* + *eiro*. Vaso de várias formas, em que se coloca azeite, querosene ou gás inflamável para iluminação: “O bofete de pau santo e pés torneados, o candeeiro de latão e a anarquia dos papéis completavam o pitoresco painel do lar doméstico” (Rebello da Silva).”

4. Aurélio:

Candeeiro. “[De *candeia*1 + *-eiro*.] S. m. 1. Aparelho de iluminação, alimentado por óleo ou gás inflamável, com mecha ou camisa incandescente; lâmpião, leocádio: “Acendia, tão logo anoitecia, um candeeiro de querosene” (Povina Cavalcanti, *Volta à infância*, p.18)”

5. Cunha:

Candeeiro. “Candeeiro XIV.”

6. Amadeu Amaral:

Candiêiro¹. “s.m. – lâmparina de lata, com torcida, e que se alimenta com azeite ou querosene”

Ficha 74 - **Canga** (substantivo)_____

"... chama carro de boi... aí pegava uma parêlhona de boi... enfiava a canga no cangote do bicho..." (Entr.1, linha 577)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Canga. "He hum pao grosso com faces, o qual puxão os boys, para levare o carro, com os pescoços numas travessas, a que chamão *cangalhos*. Jug. i. Neut. Cic."

2. Moraes:

Cánga. "sf. O jugo, com que se jungem os bois para a lavoira."

3. Laudelino Freire:

Canga. "s.f. Jugo de madeira, com que se prendem os bois para o trabalho."

4. Aurélio:

Canga¹. "canga¹ [Do celta **cambica*, 'madeira curva', poss.] S. f. 1. Peça de madeira que prende os bois pelo pescoço e os liga ao carro, ou ao arado; jugo: "Um boi magro... esticava o pescoço esfolado pela canga e mugia" (Coelho Neto, Sertão, p. 79)"

5. Cunha:

Canga¹. " 'peça de madeira que prende os bois pelo pescoço e os liga ao carro ou ao arado' 1813. Provavelmente do célt. **cambica* 'madeira curva', de *cambus* 'curvo'"

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 75 - **Canoeiro** (substantivo)_____

"... então as pessoas contador dessas estória... era esses homem... era o canoeiro que viaja pro rio... era o tropeiro que é esse..." (Entr.5, linha 537)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Canoeiro. "s.m. De *canoa* + *eiro*. Indivíduo que dirige uma canoa.// 2. Fabricante ou vendedor de canoas."

4. Aurélio:

Canoeiro¹. "canoeiro¹ [De *canoa*¹ + *-eiro*.] S. m. 1. Aquele que dirige uma canoa. [Sin. (bras., Amaz.): igariteiro, igaruana.] 2. Fabricante de canoas."

5. Cunha:

Canoeiro. "canoeiro 1899."

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 76 - **Capadão** (substantivo)_____

"...ês chegava aqui / aqueles capadão gordo / naquele tempo tinha fartura demais... atirava na cacunda de um porco..." (Entr.12, linha 227)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Capado. "Filho da cabra, já mayor, passando de anno, ordinariamente são capados."

2. Moraes:

Capado. “Substantivamente se entende do porco, e talvez do bode, castrados, e dos homens capados.”

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio:

Capado. “[Part. de *capar*.] Adj. 1. Que se capou; castrado. S. m. 2. Carneiro ou bode castrado.

3. Bras. Porco castrado que se destina a engorda.”

5. Cunha:

Capado. “v. capão¹” “capão¹ sm. ‘galo castrado’ XIII. Do lat. **cappō –ōnis* (class. *Cāpō –ōnis*)

6. Amadeu Amaral:

Capado. “s.m. – porco castrado.”

Ficha 77 - **Capanga** (substantivo)_____

“... a pessoa panhava uma espingarda... dava uma voltinha... quando pensava que não enchia a capanga...” (Entr.4, linha 298)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Capanga. “s.f. Pequena bolsa que se leva a tiracolo; bocó: “pôs-se a remexer numa capanga de baeta a tiracolo” (Afrânio Peixoto).”

4. Aurélio:

Capanga. “[De or. afr.] S. f. 1. Bras. Espécie de bolsa pequena que os viajantes usam a tiracolo para conduzir pequenos objetos.”

5. Cunha:

Capanga. “sf. ‘espécie de bolsa’ 1881; De origem africana, mas de étimo indeterminado.”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 78 - **Capenga** (adjetivo)_____

“...ali tinha um mercado... mercado capenga... ocê precisa de ver...” (Entr.2, linha 100)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Capenga. “adj. Que capengueia, que claudica; coxo, torto, manco.”

4. Aurélio:

Capenga. “S. 2 g. Adj. 2 g. Bras. 1. V. coxo (1 e 4).” “Capengar [De *capenga* + -ar2.] V. int. Bras. 1.V. coxear (1). 2. Pender para um dos lados. 3. Falhar; faltar: “A imaginação capengava” (Graciliano Ramos, Memórias do Cárcere, II, p. 232.). [Conjug.: v. largar.]”

5. Cunha:

Capenga. “adj. S2g. ‘coxo, manco, pernetá’ 1899. De origem controvertida.”

6. Amadeu Amaral:

Capenga. “q. – cambaio, de perna torta. // Talvez de origem afric. Cp. Os brasileirismos *pengó*, *capiangar*, *caxingó*.”

Ficha 79 - **Capoeira** (substantivo)

"... aí nós ia pro mato... a capoeira assim..." (Entr.1, linha 118)

"...isso aqui era um matão... esquisito... que tinha aqui... aquela capoeira esquisita que tinha aqui tudo." (Entr.14, linha 229)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Capueira. "s.f. Tupi-guar. *capuêra*. Floresta que substitui a mata secular depois de ser esta derrubada. 2. Mata que se roça ou derriba para lenha, para cultivar a terra ou para qualquer outro fim. 3. Roça abandonada. 6. Mato miúdo."

4. Aurélio:

Capoeira². "capoeira² [Do tupi = 'mata que foi'.] S. f. 1. Bras. Terreno em que o mato foi roçado e/ou queimado para cultivo da terra ou para outro fim. 2. Bras. Santom. Mato que nasceu nas derrubadas de mata virgem."

5. Cunha:

Capoeira². "sf. 'terreno onde já houve roça e que foi reconquistado pelo mato' / 1577, *capuera* 1579, *quapoeira* 1581, *copuera* c1584 etc. / Do tupi *ko'puera* (< 'ko 'roça' + 'puera 'que já foi')"

6. Amadeu Amaral:

Capuêra. "s.f. – mato que nasceu em lugar de outro derrubado ou queimado. // De "*caapuanuera*", mato isolado que foi, antigo mato virgem. – A forma culta é *capoeira*, assimilada a palavra já existente na língua."

Ficha 80 - **Carapina** (substantivo)

"Era de madeira e barro... o (sujeito) enchia de madeira assim e embarriava né... e as portas... arrumava um carapina ()..." (Entr.1, linha 398)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Carapina. "s.f. O mesmo que *carpinteiro*: "o vigário no meio do povo, guiando os cânticos religiosos enquanto os carapinas, ajoelhados devotamente, serravam o tronco" (C. Neto). "O Teixeira Maneta era um carapina ruim inteirado, que vivia de biscates e remendos". (Monteiro Lobato)."

4. Aurélio:

Carapina. "[Do tupi.] S. m. Bras. 1. V. *carpinteiro* (1). [Var.: *carpina*.]"

5. Cunha:

Carapina. "sm. 'carpinteiro' 1623. Do tupi *kara'pina*."

6. Amadeu Amaral:

Carapina. "s.m. – carpinteiro ordinário: "... o Teixeira Maneta era um carapina ruim inteirado, que vivia de biscates e remendos". (M. L.)"

Ficha 81 - **Carneira** (substantivo)

"... um bicho de Pedra Azul que saía da carneira." (Entr.2, linha 559)

"...aí o moço diz que todo ano essa carneira pocava e saía aquele fio de cabelo na/no caixão da carneira né." (Entr.7, linha 470)

"aí disse que o padre mandou que eles juntasse lenha e cobrisse o carneiro... a carneira com feixe de lenha e pusesse fogo." (Entr.5, linha 573)

"foi cemitério...isso aqui...que o povo fazia esses carneirinho né..."(Entr.2, linha 125)

"é falava carneirinho...enterrava o povo e levantava aquelas carneirinha...chamava carneirinha."(Entr.2, linha 128)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Carneiro de Ossos. "Sepultura. Neste sentido. Deriva-se de carnarium, que se acha em autores antigos por sepultura, mas he usado só na baixa latinidade (...). Por carneiro, entendemos uma sepultura comuna, em que se metem, & se confundem hum com os outros os ossos dos defuntos."

2. Moraes:

Carneiro d'ossos. "Cova vasia de terra, onde se mettem caixões de defuntos".

3. Laudelino Freire:

Carneiro. "S.m. B. lat. *carnarium*. Casa subterrânea abobadada onde os cadáveres eram sepultados; cripta: 'Quatro sergentes haviam pegado no esquife, e a comunidade encaminhou-se em duas alas para os degraus do carneiro' (Herculano) (...) 2. Ossuário: 'Apoiou a testa nos frios varões de ferro e mergulhou os olhos queimados de lágrimas por entre os carneiros humildes em busca do que lhe escondia Cristina' (Monteiro Lobato). 'É verdade que, em 1792, foi trasladado a Nogent o carneiro que continha as duas ossadas no Paracleto, e viu-se que uma grossa lâmina de chumbo os separava' (Camilo). 3. Jazigo, sepulcro. 4. Cemitério.

4. Aurélio:

Carneiro². "[Do lat. vulg. *Carnariu*.] S.m. 1.Gaveta ou urna, nos cemitérios, onde se enterram cadáveres."

5. Cunha:

Carneiro. "2. 'sepultura' 1813. do lat. Vulg. *Carnariu* (cláss. *Carnarium* 'gancho onde se pendura a carne')."

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 82 - **Carrancismo** (substantivo)

"O filho quer ensinar o pai... e de primeiro num tinha isso né... então isso é o que eu quero dizer... mais carrancismo pra trás que eu não alcancei..." (Entr.5, linha 432)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

Carrança. "sf. O semblante triste, carregado, cenho."

3. Laudelino Freire:

Carrancismo. "s.m. Rotinismo."

4. Aurélio:

Carrancismo. "[De *carrança* + -ismo.] S. m. 1. Modo de proceder do carrança." "Carrança Adj.2g. s.2g. 1. Diz-se de, ou pessoa apegada ao passado."

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 83 - **Carreira** (substantivo)_____

"... ele passou pra essa beira do córrego... e foi lá pra praça né... com pouco ele chegou aqui na carreira..." (Entr.2, linha 566)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Carreira. "O movimento de quem corre certo espaço de lugar.[?] Nent. Cic. Dar uma carreira."

2. Moraes:

Carrêira. "O movimento do que corre, ou móvel."

3. Laudelino Freire:

Carreira. "s.f. Corrida veloz."

4. Aurélio:

Carreira. "[Do lat. vulg. *carraria*, i. e., via carraria, 'caminho de carro'.] S. f. 1. Corrida veloz; correria: "Veio numa carreira para chegar a tempo"."

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral:

Carrêra². "s.f. – ato de correr. De -; a correr."

Ficha 84 - **Carreiro** (substantivo)_____

"fazendo aqueles carreiro velho... cortava de machado e limpando..." (Entr.1, linha 348)

"...uma estradinha que num dava pra dois carro junto (encontrando) um com o outro... () saía pra Divisa... essa saída pra Divisa também era um carrero..." (Entr.5, linha 186)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Carreiro. "Caminho estreito por onde anda a gente de pé. *Semita*, *ae*. Fem. Cic. *Callis*, *is*. Masc. Virg."

2. Moraes:

Carrêira. "sf. O lugar por onde se corre a pé, ou a cavallo."

3. Laudelino Freire:

Carreira. "s.f. Corrida veloz. 2. Caminho de carro. // 3. Estrada pouco larga; carril, carreiro."

4. Aurélio:

Carreiro. "[De *carro* + *-eiro*.] S.m. 2. Caminho estreito; atalho, vereda, carreira: "Arrimando-se ao bordão, subiu o carreiro íngreme que levava ao castelo" (Gustavo Barroso, Liv. dos Milagres, p. 102). 3. Caminho entre fileiras de plantas. 4. V. carreira (4)."

5. Cunha:

Carreira. "sf. 'caminho' / XIII, -eyra XIII / Do lat vulg. **carraria*, de *via carraria* 'caminho de carros'."

6. Amadeu Amaral:

Carrêro. "carreirinho, s.m. – caminho estreito, trilho."

Ficha 85 – **Casa-da-roda** (substantivo)_____

"... que eu morava mais uma mulher... aí nós tava até na casa-da-roda labutando com farinha e eles tava relando mandioca e nós ia observando a roda e ês mexendo forno..." (Entr.8, linha 244)

"...aquele couro era para labutar em casa-de-roda... quem tinha... era para labutar em casa de moagem de cana..." (Entr.5, linha 458)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 86 - **Catinga** (substantivo)_____

"... cabou as mata!... é tudo / só virou sertão velho que nem as catinga cabou... é." (Entr.7, linha 281)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Catinga. "s.f. Tupi *caá* + *tinga*. Mata enfezada de árvores pequenas e de folhas frágeis, tortuosas e um tanto raras: "Só se distinguia a ondulação da catinda" (J. A. de Almeida) // 2. Zona em que a vegetação é formada por essa mata."

4. Aurélio:

Catinga. "catinga2 S. f. Bras. 1. V. caatinga." "[De *caa-* + *-tinga*.] S. f. 1. Bras. Tipo de vegetação característico do Nordeste brasileiro, mas que alcança o N. de MG e o MA, formado por pequenas árvores, comumente espinhosas, que perdem as folhas no curso da longa estação seca [entre elas ocorrem numerosas plantas suculentas, sobretudo cactáceas] : "Andou como renegado no mato, furando as caatingas, farejando grotas" (José Lins do rego, Usina, p.21). 2. Bras. Zona cuja vegetação é de caatinga. 3. Bras. Amaz. Formação vegetal rarefeita, constituída por árvores de porte reduzido."

5. Cunha:

Catinga. "" sf. 'tipo de vegetação característica dos sertões do Nordeste do Brasil' / c1584, catinga 1587 etc. / Do tupi *kaa'tina* < *ka'a* 'mato' + *tina* 'branco'"

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 87 - **Catita** (substantivo)_____

"A pessoa adoecia... ficava esmagrecendo... dava umas pereba nas pernas do povo... chamava catita..." (Entr.1, linha 617)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 88 - **Cativeiro** (substantivo)_____

“...aqueles que morava lá no arraial / já tinha nós que morava lá pros recanto...como cativeiro...tinha nós como cativeiro...precisava deles nós era cativeiro...” (Entr.10, linha 249)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Cativeiro. “Escravidão. *Captivitas, atis*. Fem. Tacit. Plin. *Servitus, utis*. Fem. Cic.”

2. Moraes:

Cativeiro. “sm. Servidão; escravidão. *A tal obrigação* (de povoarem e morarem as ditas terras) *parece espécie de cativeiro, o qual se contra razão natural*. Ord. 4. T. 42.”

3. Laudelino Freire:

Cativeiro ou captiveiro. “s.m. Estado de quem se acha cativo. // 2.Lugar em que alguém está cativo. // 3. Perda da liberdade. // 4. Clausura.”

4. Aurélio:

Cativeiro. “[De *cativo* + *-eiro*.] S. m. 1. Qualidade ou caráter ou estado de cativo. 2. Escravidão, servidão. 3. Fig. Opressão, tirania, domínio. 4. Local em que se mantém cativo um indivíduo.”

5. Cunha:

Cativeiro. “sm. ‘escravidão, servidão’ XIV”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 89 - **Catuá** (substantivo)_____

“... começaram a tirar braúna... acabou a braúna eles voltou nas madeira ()... catuá... madeira tudo forte também...” (Entr.4, linha 287)

“...tinha braúna... tinha caboclo... tinha catuá... que era as madeira de lei que tinha né...” (Entr.5, linha 644)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Catuá. “s.m. Árvore da família das meliáceas, de madeira muito apreciada.”

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 90 - **Causo** (substantivo)_____

“Não... num podia estudar não porque se estudasse escrevia pros homem... então o causo meu foi esse...” (Entr.2, linha 652)

“É... parece que só come carvão... porque num tem outro causo aqui a não ser carvão...”
(Entr.7, linha 277)

“... essa meninada aí da escola... quando eles quer fazer um trabalho difícil sobre causo da cidade... eles vem pr’aqui...” (Entr.7, linha 421)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Causo. “s.m. Pop. História, lenda, conto, ocorrência: “e conta cada causo de deixar a gente pasma” (Valdomiro Silveira).”

4. Aurélio:

Causo. “[Var. pop. de caso.] S. m. Bras. Pop. 1. Conto, história, caso: “_ Joanhinha Vintém conte um causo” (Raul Bopp, Putirum, p. 73).”

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral:

Causo. “caso, s.m. – fato, ocorrência, anedota: “Vô lê contá um causo”. // Encontra-se em Gil Vicente., muitas vezes, *caiso*, como se encontra *aito* por *auto*. Terá a nossa forma dialetal relação com a Vicentina, ou tratar-se-á de mera influência de causa? Cp. A loc. Por causo de = por causa de.”

Ficha 91 – **Cerca-de-vara** (substantivo)_____

“É... e fazendo cerca-de-vara”. / Entr: Cerca-de-vara? / Inf: “É... porque num tinha condição de fazer outra cerca né...” (Entr.7, linha 46)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 92 - **Chimbando** (verbo)_____

“... quando ela vai fazer exame... que ela é meio adoentada... passa chimbando uma perna...”
(Entr.2, linha 263)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 93 - **Chinetinho** (substantivo)_____

"... *naquele tempo qu'eu vim pr'aqui num tinha... num tinha essas coisa não... a minha casinha mesmo quando eu casei... era feita só de chinetinho... pegava aqueles pauzinho... abria cá... e juntava todos pauzinho assim ó...*" (Entr.2, linha 112)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 94 - **Chumbar** (verbo)_____

"... *o povo de vez em quando tomava uma pinguinha... mas num bebia que nem hoje pra chumbar não...*" (Entr.1, linha 465)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes:

Chumbado. "O que está bêbado, de sorte que se move pesadamente."

3. Laudelino Freire:

Chumbar. "v. r. v. De *chumbo* + *ar*. 16. Pop. Embriagar(tr. dir.)."

4. Aurélio:

Chumbar. "V. t. d. e i. 11. Embebedar, embriagar."

5. Cunha:

Chumbado. " 'embriagado' 1858".

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 95 - **Coivara** (substantivo)_____

"... *ês jogava os cavaco tudo em cima... das coivara né...*" (Entr.6, linha 258)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Coivara. "s.f. Guar. *có* + *ibá*. Montinho de galhos ou gravetos, incompletamente queimados na roça, a que se deitou fogo, e que se juntam para serem reduzidos a cinzas: "O fogo foi uma faísca da coivara" (J. A. de Almeida)."

4. Aurélio:

Coivara. "[Do tupi.] S. f. 1. Bras. Restos ou pilha de ramagens não atingidas pela queimada, na roça à qual se deitou fogo, e que se juntam para serem incineradas a fim de limpar o terreno e adubá-lo com as cinzas, para uma lavoura. [Cf. paulama (2).]"

5. Cunha:

Coivara. "sf. 'técnica indígena, ainda hoje empregada no interior do Brasil, que consiste em pôr fogo em restos de mato, tronco e galhos de árvores para limpar o terreno e prepará-lo para

a lavoura; terreno coberto de galho e troncos quebrados' / 1863, *coibara* c1607 / De provável origem tupi.”

6. Amadeu Amaral:

Coivara. “s.f. – paus meio carbonizados que restam de uma queimada: “Assaltava, aqui, um monte de coivara velha; além, o sapê...” (C.P.). // Do tupi “co-ybá”, mato seco, gravetos.”

Ficha 96 - **Com pouco** (loc. Adv)_____

“... teve três dia... o velho fez purgante / deu ele... uma () de remédio... deu ele pra tomar... quando ele pensou que não... e com pouco chegou dois...dois praça no pé dele né...” (Entr.4, linha 513)

“...ele passou pra essa beira do córrego... e foi lá pra praça né... com pouco ele chegou aqui na carreira...” (Entr.2, linha 565)

“... com pouco cada pessoa vinha de novo...” (Entr.1, linha 164)

“... menino de hoje... como diz... já não dá / quandoês entende já brincar... o pai logo traz um carro... com pouco já traz uma bola...”(Entr.5, linha 24)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 97 - **Come e bebe** (substantivo)_____

“fazia um forró... um churrasco né.” / Entr: “Ah... sei.” / Inf: “Um come e bebe e... aquelas brincadeira né...” (Entr.4, linha 112)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 98 - **Comer boca** (loc. verbal)_____

“... mas num tinha essa história de abraçar beijar que nem eu vejo agora... comer boca como diz assim...” (Entr.8, linha 52)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 99 - **Comunismo** (substantivo)_____

"... ela casava quase sem ver o namorado... não... né igual hoje não... mas hoje virou comunismo." (Entr.7, linha 100)

"Num tinha festa religiosa não... tinha a festa do comunismo. / Entr: Festa do comunismo? / Inf: Sim. / Inf: Como que era isso? / Inf: É a festa do comunismo... fulano vai lá em () e vai... "Oê vai fulano?"... "Vou vou"... "Aprepare!"... nós ia tudo... chegava lá era uma cachaçada... era um pau () de fora a fora... era bater num' sos' outros aleijando e brigando... a festa só acabava em briga." (Entr.10, linha 259)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 100 - **Conto** (substantivo)_____

"Tomei essa pancada no olho... fui lá pra operar... o médico me operou... me cobrou setenta conto..." (Entr.10, linha 156)

"...se pagar um camarada todo dia dez quinze conto pro camarada a lavoura num dá pra pagar..." (Entr.10, linha 478)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Conto. "Numero. Não he outra cousa mais que Milhão, a saber, dez centos mil, com esta diferença, que conto se diz de reis, & Milhão de cruzados, & outras cousas."

2. Moraes:

Conto. "Milhão, ou dez vezes cem mil: mas dizemos de ordinário um conto de réis, e um milhão de cruzados, de libras tornezas, ou esterlinas."

3. Laudelino Freire:

Conto. "s.m. Lat. *computus*. O mesmo que conto de réis: "Não obstante, insistiu na idéia para liquidar os seus haveres contados por centenas de contos" (Camilo)."

4. Aurélio:

Conto¹. "conto1 [Do lat. *computu*, por via popular.] S. m. 1. Conta, cômputo, número. 2. Lus. Mil escudos. 3. Obsol. Conto de réis: "Pois o rapaz me pediu três contos e quinhentos pelo rádio, você já viu?" (José Carlos Cavalcanti Borges, O Assassino, p.22)."

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 101 - **Coronel** (substantivo)_____

"Era coronel daqui... era a casa que eu tou te falando..." (Entr.12, linha 467)

“Cabou negócio de coronel... cabou... quando parece um é ()... num faz nada que presta mais não...” (Entr.12, linha 486)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Coronel. “s.m. Ital. *colonello*. 2. Chefe político, no interior do Brasil.”

4. Aurélio:

Coronel. “coronel1 [Do fr. *colonel*.] S. m. 4. Bras. Chefe político, em geral proprietário de terra, do interior do Brasil.”

5. Cunha:

Coronel¹. “sm. ‘posto da hierarquia militar’ 1813. Do fr. *colonel*, deriv. do it. *colonello* ‘comandante de uma coluna’.”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 102 - **Culiou** (verbo)

“... um dia um negro matou um patrão... queimou ele... queimou dentro de um paiol de milho... na roça né... era muito judeu né... o patrão... e quando foi um dia... nêgo culiou...”
(Entr.4, linha 414)

“...aí eles culiou mais o outro moço... quando ele subiu lá pra cima... garrou no sono... riscou fogo no paiol de milho mais embaixo...” (Entr.4, linha 417)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 103 - **Cuma / cume** (pronome)

Entr: “Porque que esse rio aí chama rio Mosquito?” / Inf: “Cuma?” (Entr.12, linha 77)

“Fac.:... pa ganhar neném como que era... que eles fazia? / Inf: Cume?” (Entr.3, linha 75)

Entr: “E aonde o senhor foi casar então? / Inf: “Cuma?” (Entr. 4, linha 79)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 104 – **Curral-de-vara** (substantivo)_____

"... outra hora fazia um curral-de-vara... lá em... () fincando ()... fincava naquelas cerquinha dessa altura assim... de pedacinho de vara né..." (Entr.4, linha 30)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 105 - **Currião** (substantivo)_____

"Esse povo eu não sei... mãe diz que ês chegou aqui... disse que teve um currião... papai levou um mucado de gente pro mato..." (Entr.15, linha 191)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 106 - **Dar lombo** (loc. verbal)_____

"... o sujeito arribava cedo... viajava... meio dia derrubava pra ele almoçar e dar lombo os animal...e os animale também comer..." (Entr.5, linha 486)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 107 - **De comer** (substantivo)_____

"... aí ... jogou esse de comer tudo pra lá e fez essa nega fazer outros de comer..." (Entr.4, linha 434)

"...fazia armadilha de cá e agora arribava aquela vara e armava... e botava de comer lá... colocava de comer lá dentro do / daquele negocinho..." (Entr.7, linha 259)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Comer. “Tomar a refeição. ...Nos primeyros dias não se há de dar de comer ao doente. *Abstinendus a cibo primus diebus est aeger* Cels.; ... Levar de comer a alguém. *Cibum alicui ferre*. Cic.; ... Fazer de comer; ... Dar bem de comer a alguém, regalando-o com boas iguarias. *Alicui mensam conquisitissunis epulis estruere*. Cic.”

2. Moraes:

Comer. “sm. O que se come. *Seu comer son carnes crudas*. C. cartas. “he do seu comer”, i. e., coisa do seu gosto. A refeição que se toma entre dia: v.g. a cada comer beberá uma vez de vinho.”

3. Laudelino Freire:

Comer. “s.m. Comida, alimento. // 2. Refeição usual.”

4. Aurélio:

De comer. “[De *de* + *comer*.] S. m. 2 n. Bras. Pop. 1. Coisa de comer; alimento, comida: “Com o cheiro do de-comer seu estômago roncava” (Bernardo Élis, Veranico de janeiro, p.47)”

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral:

De-cumê(r). “s.m. – comida, provisão de comida: Eu ganho dois mi-réis i mais o de-cumê”. // Af. Taun. Regista “decomer”, farnel, como t. cearense, abonado com o romance “Luzia Homem”; mas é também paulista. – muito compreensível esta substantivação de uma locução que, em certas frases, devia soar a ouvidos rudes como um apelativo: Dar de comer a alguém, etc.”

Ficha 108 - **De junto** (locução adv)_____

“Ó o casamento... nós tratou o casamento só... ficou de junto uns aos outros muitas horas...” (Entr.14, linha 54)

“...uma enfuzada morou aqui de junto da gente ó...” (Entr.6, linha 390)

“... o cara casou... construíram essa casinha aqui de junto...” (Entr.5, linha 136)

“... num tinha direito de ficar de junto uns dos os’outros não...” (Entr.12, linha 148)

“... quem falou que ocê ia de junto dela...” (Entr.12, linha 155)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

De. “13. Combina-se com certas preposições, como *sobre*, *sob*, *entre* e outras a que o sentido permitir: De sobre as casas. De entre o arvoredo. Saiu de junto dele.”

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 109 - **De pouco** (loc. adv)_____

“Era bonito... ocê vê quando o rio enche fica um trem bonito... agora mesmo... de pouco que choveu...” (Entr.8, linha 119)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 110 - **De primeiro** (locução adverbial)_____

- “...que o namoro de primeiro... se agente fosse namorar...” (Entr.2, linha 325)
- “... e hoje em dia as mulher pra tirar as barriga tem que ir no médico... (quando elas ganhava) de primeiro era dez onze quinze filho...” (Entr.1, linha 537)
- “... de primeiro trabalhava só pra enricar eles...” (Entr.10, linha 489)
- “... num dou jeito mais modo eu contar caso que nem eu contava de primeiro não.” (Entr. 14, linha 419)
- “Roubaram o santo... porque de primeiro tinha muito ouro né...” (Entr. 6, linha 39)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

De primeiro. “loc. adv. Primeiramente, antes de tudo ou de todos: “de primeiro, Vasco Fernandes a puras bombardas impedia que o abordassem” (Aulete) // 2. Antigamente.”

4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 111 - **Deferençando** (verbo)_____

- “... no escuro nós num via não... é... aí foi... moço... daí a pouco foi deferençando o tempo... foi deferençando deferençando deferençando... até a hora que nós enxergou a luz do dia...” (Entr.7, linha 318)
- “Nós temos... as coisa nesse mundo anda muito deferente...” (Entr.6, linha 363)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 112 - **Derradeira** (Adjetivo)_____

- “...meus filho tudo é casado...eu criei oito filhos dos outros...num tem nenhum sem casar...a derradeira que eu criava pertinho desses menino que eu criei...” (Entr.2, l. 401)
- “É... quando casa derradeira tinha esse uso... num sabe não?” (Entr.13, linha 152)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Derradeiro. “último. *Exstremus, a,um*. Cic. Vid. Ultimo.”

2. Moraes:

Derradeiro. “adj. Ultimo, final.”

3. Laudelino Freire:

Derradeiro. “adj. Que fica ou vem atrás ou depois; o último, o restante. // 2. Final, extremo.”

4. Aurélio:

Derradeiro. “[Do lat. vulg. **derretrariu, derratrariu* < lat. *retro*, 'para trás'.] Adj. 1. Que vem atrás; que está depois; último. 2. Extremo, final; último: “Aplicaram tal medida como derradeiro recurso”. ”

5. Cunha:

Derradeiro. “adj. ‘último, extremo’ XIV. Do lat. **derrat(r)arius*, de **derretrarius*, de retro ‘para trás’.”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 113 - **Desapiar** (verbo)_____

“... aí eu falei: “Ô fulano vamo desapiar” ... aí o boi só ficou fungando...” (Entr.7, l. 316)
“...eu não minto... minha mulher tá ali... ela é sobrinha da... do dito que veio na casa... desapiou na cabeceira da cama / eu deitado assim ó...” (Entr.12, linha 252)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio:

Desapear. “[De *des-* + *apear*.] V. t. d. / V. t. d. e i. / V. int. / V. p. 1. V. *apear*: “A montaria mal se encostara à cerca de limão-brabo, e o cavaleiro já *desapeava*” (Mário Palmério, Chapadão do Bugre, p.5).”

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 114 - **Desmantelou** (verbo)_____

“... essa lapinha era do mato... tinha o cruzeiro... depois que foi aumentando as casa desmantelou a lapinha... depois uma igreja... ” (Entr.15, linha 4)
“... e o grupo escolar do lado da igreja... ali em cima perto daquela... porque aquela desmantelou... fez uma grande né... a pequena desmantelou e tinha o grupo que era mais do lado... aí desmantelou o grupo...” (Entr.15, linha 12)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Desmantelar. “humana cidade. Derrubar os muros que lhe servião como de manto para a cobrir. *Oppidi mania, ou muros diruere, (ruo, roi, rutum), ou disficeri, (cio, feci, fectum), muris urbem nudare. (o, aui, atum)*. Se o inimigo com sua bateria, *desmantelar* um dos flancos. Methodo Luft. Pág.161.”

2. Moraes:

Desmantelar. “v. at. Derribar a fortificação, que cobre a praça: v. g. *desmantelar um de nossos flancos. Desmantelar a cidade*. Demolir as fortificações. Freire, L. 2.”

3. Laudelino Freire:

Desmantelar. “v. r. v. Fr. *démanteler*. Demolir, arruinar (as muralhas de uma praça de guerra) (tr. dir.): “Se eu pudesse desmantelar as muralhas, invadir a cidade. Não posso.” (C. Neto). //

3. Desmanchar, descompor. // 5. Demoronar-se, vir a baixo.”

4. Aurélio:

Desmantelar. “[De *des-* + *mantel* + *-ar2*.] V. t. d. 1. Demolir, arruinar, derribar (muralha, fortificação, parede, etc.) 2. Separar as peças de, desarranjando o todo. 3. Desorganizar, desarranjar; transtornar. V. p. 4. Vir abaixo; desmoronar-se, ruir.
[Pres. ind.: desmantelo, etc. Cf. desmantelo (ê).]”

5. Cunha:

Desmantelar. “v. mantel” “desmantelar XVII. Adapt. do fr. *Démanteler*, do a. fr. *Manteler*, deriv. do ant. *mantel* (atual manteau) e, este, do lat. *mantēllum*, dimin. De *mantum*.”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 115 - **Depois** (Advérbio)_____

“... agora depois que o povo acabou com a floresta virou essa campina...” (Entr.4, l. 282)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Depois. “ou depois. Vid. No seu lugar.”

2. Moraes:

Depois. “v. depois. Como preposição, depois certo tempo. Ord. Af. 5. f. 380. ao modo castelhano.”

3. Laudelino Freire:

Depois. “adv. O mesmo que *depois*.”

4. Aurélio:

Depois. “Adv. Ant. Pop. 1. Depois: “Primeiro tratarei da larga terra, / Depois direi da sangüinosa guerra.” (Luís de Camões, Os Lusíadas, III, 5)”

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral:

Depois. “adv. // Frequentemente se apocopa: *despoi*; também não é raro aferesar-se: *espois*; e às vezes dão-se os dois fatos conjuntamente: *espois*; tudo depende, como em tantos outros casos, da pressa com que se fala, e da posição do voc. na frase: “Inté depois” – “Espoi mais vô lá”. // *Depois* é forma arcaica, que se encontra em Camões, entre outros clássicos, já em concorrência com a que veio prevalecer.”

Ficha 116 - **Desterrou** (verbo)_____

“... umas casou... morreu logo... outras desterrou pra outro canto...” (Entr.4, linha 90)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Desterrar. “Lançar alguém da sua terra. *Alliquem exílio officere*. Cic. / Desterrar-se voluntariamente. *Exiliu sibi concisceri*. *Deferere suas penates*. Tit. Liv. 5. ab urbe.”

2. Moraes:

Desterrar. “v. at. Mandar alguém para fora da terra em castigo. Desterrar-se. “Desterrou-se de sua pátria”. H. Pinto, f. 126 B. 1.4.9. e 2.6.1. Desterrar-se a terras estranhas. Vieira, 3. n.527. (Emigrar dizem hoje expatriar-se).”

3. Laudelino Freire:

Desterrar. “v. r. v. De *des* + *terra* + *ar*. Fazer sair ou expulsar da terra de residência ou da pátria (tr. dir.; bitr., com prep. de, para): “desde a hora em que a família a destyerrara” (Camilo). // 3. Emigrar, ausentar-se (pr., com prep. de, para): “Este é o primeiro rei que se desterra da pátria” (Camões).”

4. Aurélio:

Desterrar. “[De *des*- + *terra* + -*ar*2.] V. t. d. 1. Fazer sair da terra, do país; exilar, banir.

2. Condenar a desterro; deportar; degredar. 3. Afastar; afugentar. V. p. 4. Expatriar-se, emigrar. 5. Apartar-se, distanciar-se. [Pres. ind.: desterro, etc. Cf. desterro (ê), s. m., e o ant. top. Desterro (ê).]”

5. Cunha:

Desterrar. “v. terra” “desterrar XIII.”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 117 - **Deu por fé** (loc. Verbal)_____

“... fizeram aquele reбуçado de capim...() capim...botou fogo...e o fogo trançou lá nesse paiol...e ()... quando deu por fé tava aquela fogueira medonha...” (Entr.4, l. 419)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Dar fé de. “loc. verb. Ver, notar.”

4. Aurélio:

Dar por fé. “Dar por fé. 1. Afirmar como verdadeiro; certificar. 2. Garantir, por encargo legal, a verdade ou autenticidade do conteúdo de um documento ou relato; portar por fé.”

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 118 - **Devera** (advérbio)_____

“... “Ô meu filho foi ele... ele representa que nem um cachorro... ele representa que nem um porco... representa que nem um jegue”... “Ô pois eu topei um jegue”... e lá num tinha jegue... pois foi ele... foi ele devera...” (Entr.12, linha 275)

“Foi... voltou pra Taiobeira... eu vi falar nele devera... mudou pra lá.” (Entr.12, linha 517)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Deveras. “Verdadeiramente. Sem ficção. Ex animo, ou bonafide. Terent.”

2. Moraes:

Devéras. “v. véras.”

3. Laudelino Freire:

Deveras. “adv. De *de* + *veras*. Verdadeiramente, realmente: “É deveras lamentável esse caso da absorção do gênio do bom gosto pela clínica” (C. Neto).”

4. Aurélio:

Deveras. “[De *de* + *veras*.] Adv. 1. A valer; verdadeiramente, realmente; muito, em alto grau: “Tu crê deveras nessas cousas?” (Machado de Assis, Várias Histórias, p.4).

[Cf. *deveras* (ê), do v. *dever*.]”

5. Cunha:

Deveras. “adv. ‘a valer, verdadeiramente’ XVI. De de + *veras* (v. verdade).”
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 119 - **Diacho** (substantivo/interjeição)_____

“... montou numa bestona bonita diacho...” (Entr.4, linha 476)
“...e chegou lá na beira do rio / revoltoso encheu... falou: “Ê diacho... agora nós num... / como é que nós passa nesse rio?”” (Entr.4, linha 477)
“... () e dava conta daquilo... “Agora o abc ocês já tão sabendo... agora eu vou escrever pr’ocês o beabá”... aí né... ()... “Vamo ver diacho!”...” (Entr.1, linha 267)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes:

Diácho. “sm. t. vulgar. Diabo.”

3. Laudelino Freire:

Diacho. “s.m. Pop. O mesmo que diabo.”

4. Aurélio:

Diacho. “[F. eufêmica de *diabo*.] S. m. 1. V. diabo (2). Interj. 2. Diabo (7).”

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral:

Diacho. “s.m. – forma supersticiosa de *diabo*, palavra cuja pronunciação perfeita, ou mesmo imperfeita, se evita. // Cp. Dianho, demo, tinhoso, sujo, rabudo, etc. – Parece que é corrente também em Port., onde houve ainda uma forma, *decho*, que se encontra em Gil Vic., “Barca do Purg.”: “Esta noite é dos pastores / E tu, decho, estás em seco””

Ficha 120 - **Dispensa** (substantivo)_____

“... então ela num deixava que nós menina entrasse na dispensa... porque era dispensa né... e era muita carne...” (Entr.2, linha 305)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Dispensa. “Casa em que se goardão certas provisoens, & mantimentos. *Cella penaria*. No Cicero de Grutero está penaria, no livro de Senec. *Semper enim boni, assidue Domim referta cella vinaria, olearia, etiam penaria est*. Em Suetonio, na vida de Augusto, cap.6, se le *cellae penuariae*; mas adverte Beroaldo, que o antigo grammatico Caper, queria, que se dizesse, *penaria*, & não *penuaria*.”

2. Moraes:

Dispênsa. “sf. casa, onde se recolhe o mantimento, ucharia.”

3. Laudelino Freire:

Dispensa. “s.f. Do lat. *depensus*. Casa ou armário, em que se guardam provisões culinárias ou gêneros alimentícios, para uso doméstico; copa.”

4. Aurélio:

Dispensa. “[Do lat. *dispensa*.] S. f. 1. Repartimento de casa, navio, escola, hospital, etc., onde se guardam mantimentos. [Cf. dispensa, do v. dispensar e s. f.]”

5. Cunha:

Dispensa. “v. despender” “sf. ‘ant. despesa’ XIV; ‘compartimento de uma casa onde se guardam mantimentos’ XVI. Do lat. *dīspensa*, part. Pass. de *dīspēndere*.”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 121 - **Dizer missa** (loc. Verbal)_____

"... e chorando... e chamava o pai pra dizer missa ou oração..." (Entr.8, linha 233)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Dizer missa. "Celebrar o sacrificio da missa. *Sacra facere*, ou *rem divinam facere*, ou *peragere*, ou *sacris operari*, ou *celestem hostiam Deo offerre*. *Sanctissimo Christi corpore, & sanguine, Divino numini litare*, ou *sacrificare*. Alguas vezes basta que se diga, *Facere*, como quando dizemos, *Facit ad aram maximam*, Está dizendo missa no altar mor."

2. Moraes:

Dizèr. "Celebrar: v. g. dizer missa."

3. Laudelino Freire:

Dizer. "14. Celebrar (missa) (tr. dir.): "E com grande alegria de sua alma disse missa na capela do seráfico santo" (Frei Luiz de Sousa)."

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 122 - **Em ante** (loc.adverbial)_____

"... e o povo falou pra nós: 'Ô meus filhos é tantas horas aqui que ocês num vem... em ante num passar não'..." (Entr. 7, linha 308)

"... pois tava com setenta e oito anos que eu num fazia renda... eu falei: "deix'eu fazer em ante d'eu morrer"..."(Entr.6, linha 67)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 123 - **Embuçado** (verbo)_____

"... num couro daquele dormia quatro cinco menino... tudo embolado... embuçado com uma coberta só..." (Entr.5, linha 461)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Embuçado. "com a capa. O que tem parte do rosto coberto com a capa. *Pallio frontem involvens*." "Embuçado. Coberto de hum veio, ou cousa semelhante. *Velatus, a, um. Cic*."

2. Moraes:

Embuçádo. "p. pass. de embuçar. Coberto com veio."

3. Laudelino Freire:

Embuçado. “adj. P. p. de *embuçar*. Que se embuçou: “E somente de vez em quando uma ou outra mulher, encolhida de frio e embuçada no mantel até a altura dos olhos, pisava as sujas e mal unidas calçadas” (Rebêlo da Silva)”

4. Aurélio:

Embuçado. “[Part. de *embuçar*.] Adj. 1. Rebuçado (3).” “Rebuçado. [Part. de *rebuçar*.] Adj. 3. Encoberto com rebuço; embuçado. 4. Escondido, oculto.”

5. Cunha:

Embuçado. “v. boca” “embuçado XVI // embuçar vb. ‘cobrir o rosto até os olhos’ ‘disfarçar, encobrir’ XVI.”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 124 - **Embunecando** (verbo)_____

“...o milhozinho ta desse tamanho ó...já ta empenhando e embunecando.” (Entr.8, l. 127)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Embonecar. “v. r. v. De *em* + *boneca* + *ar*. 2. criar boneca ou espiga (o milho) (intr.): “Plantei o milho num mês e no outro embonecou” (Afrânio Peixoto).”

Carneiro.

4. Aurélio:

Embonecar. “[De *em*-2 + *boneca* + -*ar*2.] V. int. 3. Bras. Criar bonecas ou espigas (o milho); bonecar: “Os milhos nessa época embonecavam”(Alberto Rangel, Sombras n’Água, p.214).”

5. Cunha:

Boneca. “embonecar 1813”.

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 125 - **Encacimba** (verbo)_____

“Entr: Rio Pardo? / Inf: Esse lá é respeitado... esse vem... pega lá com o mar e vem pra’qui tudo e encacimba...” (Entr.12, linha 87)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 126 - **Encarcou** (verbo)_____

“... o senhor tá com o pé inchado!”... eu falei: “() não senhor doutor”... ele: “Tá”... puxou... num confiou em mim... puxou a calça até cá em cima... encarcou () e falou: “() e osso...”...” (Entr.4, linha 363)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 127 - **Enfermagem** (substantivo)_____

"Depois de velha... que eu tou com essas enfermagem..." (Entr.2, linha 756)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 128 - **Enfornou** (verbo)_____

"... "Ah agora que ocê veio saber?... lá que ocê enfornou... lá ocê fica enfornado... lá num vou não". (Entr.12, linha 508)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Enfornar. "metter no forno. Enfornar o pão. *Panem in furnum condere (do, didi, ditum) ou immittere (mitto, misi, missum) ou inducere (eo, xi, etum).*"

2. Moraes:

Enfornar. "v. at. Metter no forno. "enfornar o pão".

3. Laudelino Freire:

Enfornar. "v. tr. dir. B. lat. *infurnare*. Meter no forno."

4. Aurélio:

Enfornar. "[De *en-2* + *forno* + *-ar2*.] V. t. d. 1. Introduzir no forno."

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 129 - **Enfuazado** (adjetivo)_____

"... meu pai veio aqui e tinha um cavalo muito enfuazado..." (Entr.4, linha 625)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 130 - **Enfusada** (adjetivo)_____

"... uma enfusada morou aqui de junto da gente ó... é enfusada..." (Entr.6, linha 390)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 131 - **Enfusou** (verbo)_____

"{E pobre de ((nome)) casou} com uma tal de ((nome)) e enfusou né..." (Entr.6, linha 390)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Enfusar. "v. r. v. O mesmo que encalhar."

4. Aurélio:

Enfusar. "[Do esp. *enfusar*, 'atolar'; 'afundar', poss.] V. int. Bras. BA 1. Encalhar (3)."

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 132 - **Engrama** (verbo)_____

"... o primeiro ano ele sai aquela força... o gado comeu... cabou... volta pra terra... só fica na cova do capim... o capim não engrama..." (Entr.5, linha 286)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 133 - **Enguentada** (substantivo)_____

"... e era tudo quanto é remédio / remédio de horta... era... era... (mentraço)... fazia assim aquela enguentada e cozinava pra gente beber." (Entr.8, linha 97)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 134 - **Enrabou** (verbo)_____

Entr: “E os moleque... tem medo? / Inf: Os moleque... do boi tem porque o boi enraba.” (Entr. 7, linha 225)

“... gente que acompanha o boi... é um divertimento pra gente né... / Entr: A senhora gosta? / Inf: Eu gosto ((risos)) / Terc: O boi e a Maria Tereza né. / Inf: É... ((risos))... enraba a gente...” (Entr. 6, linha 338)

“Falava que enrabava gente... o povo tudo escondia... tudo andava no mato escondido com medo...” (Entr.11, linha 135)

“É bonito moço... bota um ali dentro... mas faz do jeitinho do boi... bota o chifre... bota tudo... ele enraba a gente / chifrando os menino...” (Entr.12, linha 338)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Enrabar. “v. tr. dir. De *em* + *rabo* + *ar*. 6. Andar sempre junto ou atrás de (outrem). // 7. Perseguir de perto na carreira.”

4. Aurélio:

Enrabar. “[De *en-2* + *rabo* + *-ar2*.] V. t. d. 1. Bras. S. Perseguir de perto, na carreira: “O vaqueiro enrabou o animal, até que o laçou.”. 2. Bras. S. P. ext. Acompanhar (outrem) persistentemente; andar no encalço de.”

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 135 - **Entendi por gente** (loc. verbal)_____

“...até hoje eu tenho recordação né... me recordo né... então... essa palavra... quando eu entendi por gente... eu já achei ela né...” (Entr.4, linha 322)

“... esse rio é Mosquito / de quando eu me entendi por gente... meu pai dizia...” (Entr.5, linha 225)

“Desde quando eu me entendi por gente eu já conheci por nome Mosquito...” (Entr. 12, linha 81)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes:

Entender. “Desde que me entendo; i.e., desde que tenho uso de razão.”

3. Laudelino Freire:

Entender. “v. r. v. Lat. *intendere*. 28. Ter uso da razão (pr.): “Desde que me entendo”.”

4. Aurélio:

Gente. “Entender-se de gente. 1. Começar, a criança, a ter percepção, noção das coisas, do mundo, da vida; entender-se por gente: “A velha Janoca, a minha avó, desde que me entendi de gente não tinha olhos para tomar conta das coisas.” (José Lins do Rego, Meus Verdes Anos, p.15)” / Entender-se por gente. 1. Entender-se de gente.”

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 136 - **Entonce** (Advérbio) _____

“Entonce era assim... o pai de família ficava procurando aí () trabalhador coisa e tal né...”
(Entr.1, linha 160)

“...alumiava com azeite e cera do mato né... entonce... aquela rua lá...” (Entr.6, linha 16)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Entonces. “Vid. então.”

2. Moraes:

Entõnces. “v. Então. Men. e Moça, 2. f.15.”

3. Laudelino Freire:

Entonce. “adv. O mesmo que entonces.” “Entonces, adv. Do cast. ant. O mesmo que então.”

4. Aurélio:

Entonce. “[Do lat. vulg. **intunce*.] Adv. Bras. Pop. Arc. 1. Então. [Var.: *entonces*.]”

5. Cunha:

Então. “adv. ‘nesse ou naquele tempo, momento ou ocasião / *entõ* XIII, *enton* XIII etc. / Do lat. *in tũnc*. No port. Méd. documentam-se, também, as formas *entonce* (<lat. **ĩntũnce*), desde o séc. XIII, *estonce* (< lat. **extũnce*) e *estõ* (< lat. *extũnc*), estas duas últimas a partir do séc. XIV.”

6. Amadeu Amaral:

Antãoce. “Antonce, intonces, outras formas de então. // Cp. O arc. *entonces*: “E do acabamento do livro eu dey encomenda ao lecenceado frey João uerba meu confessor fazendo per outrem o que de acabar per my entonces era ambargado”. (Inf. D. Pedro, Livro da Virtuosa Bemfeitoria).”

Ficha 137 - **Especado** (verbo) _____

“... e agora botava aqueles corão de boi / que o couro de boi... de primeiro era tirado e... e especado na vara para secar” (Entr.5, linha 457)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Especado. “adj. P. p. de *especar*. Sustido por espeques.” “Especar, v. r. v. Amparar com espeques ou escoras (tr. dir.; intr.): “tomar da foice, subir ao morro, cortar a canjerana, atorá-la, baldeá-la e especar a parede” (Monteiro Lobato).”

4. Aurélio:

Especar. “[De *espeque* + -ar2.] V. t. d. 1. Suster com espeque; amparar, escorar. V. int. 2. Ficar parado; estacar. V. p. 3. Escorar-se, encostar-se.”

5. Cunha:

Especar. “v. espeque.” “espeque sm. ‘alavanca’ ‘peça de madeira com que se escora qualquer objeto’ XVI. Do fr. *aspect*, deriv. do neerl. Ant. *handspaecke* (hoje *handspaak*) // especar 1881.”
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 138 - **Espiar** (verbo)

“... trabalhei pr’os outro demais... agora os outros num vai fazer conta nem de vir me espia ao meno.” (Entr.3, linha 7)

“... panhava eu e nós ia numa festa... só espiava / o noivo chegava / quando acabava... botava nós adiante e ia embora...” (Entr.3, linha 166)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Espiar. “Observar o que se passa. *Observare*, ou *Speculari*. Cic.”

2. Moraes:

Espiár. “v. at. Estar sem ser visto, notando o que alguém faz, ou sem o dar a entender, observando as suas acções, ditos, passos, &c.”

3. Laudelino Freire:

Espiar. “v. r. v. Ant. al. *spehon*. Vigiar secretamente (o que alguém faz ou diz). // 3. Observar muito atentamente.

4. Aurélio:

Espiar¹. “espia¹ [Do gót. *spaihôn*.] V. t. d. 4. Bras. Cabo-verd. Observar, olhar. V. int. 8. Observar, olhar.”

5. Cunha:

Espiar¹. “vb. ‘observar secretamente’ XVI.”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 139 - **Espuletrado** (adjetivo)

“... “*Espera aí que ocê me paga*”... nego...nego era meio espuletrado também...” (Entr.4, linha 416)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 140 - **Farinheira** (substantivo)

“... eu tava mexendo com o motor né...() a farinheira...tem o motor...o motorzinho ()... e já tem farinheira à força () né... aí ela produz muito por dia...” (Entr.1, linha 139)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 141 - **Fazia a banca** (loc. Verbal)_____

"... eu num trabalhei em terra minha também não... terra dos outros... eu dei muito lucro aos fazendeiro tudo... dei lucro / todo canto eu fazia a banca pra eles..." (Entr.10, linha 239)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 142 - **Fedegoso** (substantivo)_____

"Olha... tinha um tal / tinha o fedegoso...tinha uma artelã...tinha puejo..."(Entr.14, l. 161)

"Nós bebia fedegoso... tinha um tal fedegoção... que se uma comida fizesse mal... bebia né..." (Entr.6, linha 398)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Fedegosa. "He huã especie de ortiga morta, quente, & secca no primeiro grão; resolve os apostemas duros, flematicos, & melancolicos, & ao por eas cozida em agoa, & pisada com manteiga crua. Recopil. de chirurg. 278. vid. Ortiga morta."

2. Moraes:

Fedegoso. "Herva. Esp. de urtiga morta."

3. Laudelino Freire:

Fedegoso. "s.m. Nome dado a diversas plantas da família das leguminosas cesalpiniáceas do gênero *Cassia*, umas forrageiras (*Cassia calycioides*, DC.; *Cassia rotundifolia*, Pers.), outras medicinais (*Cassia hirsuta*, L.; *Cassia leiophylla*, Vog; *C. oblongifolia*, Vog.) e outras ornamentais (espécies várias)."

4. Aurélio:

Fedegoso. "(ô). [Do lat. **foeticosu*, poss.] S. m. 2. Bras. N. a S. Bot. Designação de vários arbustos ou árvores pequenas da família das leguminosas, pertencentes ao gênero *Cassia*, algumas medicinais, dotadas de flores amarelas, cujos frutos são vagens, às vezes recurvadas; bico-de-corvo, fedegoso-dos-jardins, feijão-bravo-amarelo, pasto-rasteiro, paramarioba, tararucu. 3. Bot. V. fedegoso-verdadeiro. 4. Bot. V. dartrial."

5. Cunha:

Fedegoso. "fedegoso XV, Do lat. **foeticosus*, formado a partir de **foeticus*, por *foetīdus* 'fétido'."

6. Amadeu Amaral:

Fedegoso. "s.m. – nome de um arbusto do campo."

Ficha 143 – **Feijão-catador** (substantivo)_____

"... aí num dá feijão não... só dá feijão-catador... é fava... agora o milho... quando era no quintal[e] tudo... dava milho..." (Entr.8, linha 131)

"... matei uma galinha e botei no fogo... e lá fomo pra roça... fomo catar catador pra nós comer farofa e botar o caldo da galinha... mas catei o feijão..." (Entr.6, linha 350)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 144 - **Finado** (substantivo)_____

"... ali tinha uma farmácia... do pai de João Costa... finado Nem... que eu cuidei desse velho quando tava doente..." (Entr.2, linha 92)

"...o finado Juca Venâncio foi enterrado lá ó..." (Entr.15, linha 16)

"... até pouco tempo eu morei de agregado... até quando eu vim pr'essa casa... com a companhia do finado Dário eu..." (Entr. 5, linha 132)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Finado. "(Palavra antiga). Defunto, morto. O que poz fim a vida. *Defunctus*. Plin. *Vita defunctus*. Virgil."

2. Moraes:

Finádo. "p. pass. de Finar. Morto."

3. Laudelino Freire:

Finado. "adj. P. p. de *finar*. Morto, falecido."

4. Aurélio:

Finado. "[Part. de *finar*.] Adj. 1. Que se finou. S. m. 2. Indivíduo que faleceu; defunto, falecido."

5. Cunha:

Finado. "v. fim" "finado XIV"

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 145 - **Findilizado** (verbo)_____

"... isso já aconteceu duas vezes né... o primeiro século foi findilizado com fogo... é... o segundo foi findilizado com água... pois bom... esse agora... diz que é com fome... peste e guerra né..." (Entr.4, linha 316)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 146 - **Fixa** (substantivo) _____

"Ela olhava pela fixa da porta ((risos))... e ocê de cá... num tinha direito de ficar de junto uns dos os'outros não... quem era?... ela ficava de lá... ali... olhando por um buraco e o pai tava olhando também..." (Entr.12, linha 148)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Fixa. "de machafemea. A parte que entra na madeira."

2. Moraes:

Fixa. "sf. A parte da machafemea, que se entra na madeira, cravada na umbreira."

3. Laudelino Freire:

Fixa. "s.f. Lat. *fixus*. Parte da macha-fêmea que se embute na Madeira. // 5. Travessa levemente despontada que se encaixa na parte posterior das portas e janelas não engradadas, para manter unidas as tábuas de que são formadas."

4. Aurélio:

Fixa. "(cs). [F. subst. do adj. *fixo*.] S. f. 2. Parte da dobradiça que se embute na madeira. 3. Bras. N.E. Travessa levemente despontada que se encaixa na parte posterior das portas e janelas não engradadas, a fim de manter-lhes unidas as tábuas."

5. Cunha:

Fixa. "sf. 1813. Do lat. *fixa*, fem. de *fixus*."

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 147 - **Folia de Reis / Festa de Reis** (substantivo) _____

"Eles canta assim nas rua... nas casa da gente... aquela folia de Reis... chamava folia de Reis né." (Entr. 2, linha 219)

"Festa de Reis... é... eles canta o reis seis dia... assim... sai cantando né... no dia seis de janeiro eles reza o terço e faz a festa." (Entr. 9, linha 75)

"Tinha... tinha... todo ano tinha festa de Reis né... tinha os rezeiro que saía no dia primeiro / saía no dia primeiro de janeiro né... e saía com o reis / uma folia de Reis...cantava uns seis dias né... no dia seis era o dia da festa... de Reis / chamava né..." (Entr.4, linha 146)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Festa. "s.f. Lat. *festa*. Festa dos reis, s.f. O mesmo que dia de reis."

4. Aurélio:

Folia. "[Do fr. *folie*.] S. f. 4. Lus. Nas Beiras, procissão de homens que cantam em louvor do Espírito Santo. 5. Bras. Grupo de rapazolas, vestidos de branco, que pedem esmolas para a festa do Espírito Santo ou dos Reis, e cantam ao som de violões, cavaquinho, pandeiro, pistom e tantã1."

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 148 - **Folião** (substantivo)_____

"... e aí os folião andava pr'as roça e um atrás / o animal de carga pra carregar as coisa que ganhava né." (Entr.4, linha 149)

"É... evem os folião... vem os folião né... aquele povo com aquelas viola tudo enfeitadinha..." (Entr.2, linha 221)

"Tinha muito folião aqui... o povo que vinha de fora né..." (Entr.5, linha 344)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Foliam. "Foliaõ. Aquele, que dança, ao som do tambor, pandeiro, &c, fazendo folias que movem a gente a riso. Vid. Folia. *Ridiculus saltator*, oris. Masc. Os nossos celebrados Folioens do, Amial.Ethiopia de Telles, p.96."

2. Moraes:

Folião. "sm. O que dança folias."

3. Laudelino Freire:

Folião. "s.m. De *folia*. Histrião, farsante. // 2. indivíduo folgazão."

4. Aurélio:

Folião. "[De *folia* + -ão2.] S. m. 2. Amigo da folia, dos folguedos. / Adj. 4. Diz-se de indivíduo folião. [Fem.: foliona.]"

5. Cunha:

Folião. "v.folia" "folião / foliões pl. XVI."

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 149 - **Forna** (substantivo)_____

"Fazia... ó... farinha meu filho... eu vou falar... nós mexia a forna era mês e mês..." (Entr.8, linha 137)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 150 - **Forra** (substantivo)_____

"... aí ela deu a forra pros negro... foi que os negro num ficou sendo escravo mais..." (Entr.12, linha 186)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 151 - **Forrou** (verbo)

"Contava tudo!... ela ficou branca... ela deu / forrou os negro." (Entr.12, linha 189)

"...nesse tempo mamãe já era moçona... que ela lembra o dia que forrou... que foi aquele festão." (Entr.6, linha 262)

"Sim... e forrou ês né... era escravo." (Entr.6, linha 269)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Forrar um escravo. "Dar-lhe carta de alforria. Dar-lhe liberdade."

2. Moraes:

Forrar um escravo. "Dar-lhe alforria."

3. Laudelino Freire:

Forrar. "v. r. v. De *forro*¹ + *ar*. Tornar forro ou livre; dar alforria a; pôr em liberdade; resgatar (tr. dir.; bitr., com prep. *de*): "e pague almas por si, isto é, forre algum escravo" (Bernardes)."

4. Aurélio:

Forrar². "[De *forro*² + *-ar*².] V. t. d. e i. 1. Tornar forro² ou livre; alforriar."

5. Cunha:

Forrar². "v.forro²" "forro² adj. 'liberto, alforriado' XIV. Do ár. *hurr* // forrar² XIII"

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 152 - **Funda** (verbo)

"Ele faz um boi direitinho de pano... e um funda debaixo e sai na rua..." (Entr.2, linha 229)

"...aí moço o povo fundou nesses mato..." (Entr.1, linha 340)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 153 - **Fuso** (substantivo)

"Essa velhinha era boa no fuso / no negócio né..." (Entr.1, linha 92)

"... mamãe punha uma linha... enfiou no fuso / que eu (pus pé num fuso)... eu quero mandar fazer um fuso assim pra mim..." (Entr.6, linha 316)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Fuso de torcer linhas. "He hum fuso mais grosso em cima, que em baixo, & em cima tem huma rodinha, & na ponta do fuso, que vay por cima da rodinha, tem hum ganchosinho de ferro, ou arame, onde se prendem as linhas, para não escaparem, & se torcerem."

2. Moraes:

Fuso. "sm. Peça de páo roliça grossa na base, que vem afinando-se, e adelgçando-se para cima. Alguns tem uma ponta de ferro com corte espiral até a ponta, e outros cabecinha nella. Deste instrumento usão as mulheres para torcer o fio, que fião, e enrolá-lo nelle até fazer certa

grossura. O fuso de torcer linha, é mais grosso em cima onde tem uma roda, e sobre ella um ganchinho, onde se prende a linha.”

3. Laudelino Freire:

Fuso. ‘s.m. Lat. *fusus*. Peça de pau roliça que vai adelgaçando para uma das extremidades a ponto de acabar quase em bico, e que serve para fiar e enrolar o fio até formar a maçaroca.”

4. Aurélio:

Fuso. “[Do lat. *fusu*.] S. m. 1. Instrumento roliço sobre o qual se forma, ao fiar, a maçaroca: “Ela dando alguns passos, ... com a sua roca, e fiando, com os dedos tão trêmulos, que o fuso lhe caía na relva.” (Eça de Queirós, Últimas páginas, p.376). [Aum.: fuseira.]”

5. Cunha:

Fuso. “sm. ‘instrumento roliço sobre que se forma a maçaroca ao fiar’, séc. XV. Do lat. *fusus*, -i.”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 154 - **Fuxicou** (verbo)_____

“Se eu perguntar pr’ocê... eu tou com a cabeça assim / minha cabeça fuxicou assim... eu tenho dois ano com outro registro.” (Entr.3, linha 51)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Fuxicar. “v. r. v. 4. remexer (tr. dir.) // 5. Lus. O mesmo que mexer (tr. dir.).”

4. Aurélio:

Fuxicar. “[Var. de *futicar*.] V. t. d. 4. Remexer, revolver; futicar.”

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 155 - **Galardão** (substantivo)_____

“...esse sofrimento que eu tou falando... vai ganhar galardão de Deus... vai ganhar galardão com Deus...” (Entr.10, linha 373)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Galardam. “Remuneração. Premio. Vid. Nos seus lugares. Derivase do francez *Gaerdon*. Atigamente diziaõ os francezes *Guerredon*, voz compostas destas duas *Guerre* & *don*; como quem dissera *dom de guerra*; & era o dom, ou premio que se dava a gente de guerra, a que (segundo Suetonio, e outros authores) os Romanos chamavaõ *Donativum*. Hoje o *Guerredon*, ou *Gerdon* dos francezes, & o nosso *galardão*, se tomaõ por qualquer premio, paga, ou recompensa. Vos há Deos de dar o galardão, & premio de todos os trabalhos. Lobo, Corte na Aldea 124.”

2. Moraes:

Galardão. “sm. Remuneração, premio.”

3. Laudelino Freire:

Galardão. “s.m. Ant. alt. al. *wilardon*. Recompensa de serviços importantes. // 2. Prêmio, glória.”

4. Aurélio:

Galardão. “[Do gót. *wRthralaum, *wedarlgaun, pelo romance antigo *gwelardaum (com metátese), e pelas f. (port. ant.) galardom, gualhardom.] S. m. 1. Recompensa de serviços valiosos; prêmio. 2. Honra, glória.”

5. Cunha:

Galardão. “sm. ‘recompensa de serviços valiosos, prêmio, glória’ / XV, -dom XIII, -don XIII etc. / De origem germânica.”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 156 - **Gamela** (substantivo)_____

"() lá na parambeira / o machado tenho / pra cortar madeira / pra fazer gamela pra vender na feira / pra comprar sapato pra dançar rancheira..." (Entr.6, linha 136)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Gamella. “Vaso de pao concavo, ou tronco vasado, comprido em que comem os porcos. // gamella também he outro vaso de pao cavado em redondo, largo, & pouco fundo, em que as mulheres costumão trazer mãos de carneiro.”

2. Moraes:

Gamella. “s.f. Vaso de páo como alguidar, ou côncavo por igual em redondo para banhos, ou lavar o corpo; para dar de beber as bestas, &c.”

3. Laudelino Freire:

Gamella. “s.f. Lat. *camella*. Vasilha em forma de tigela muito grande ou alguidar, ordinariamente de madeira, em que se dá a comer aos porcos e outros animais, e serve também para banhos, lavagens e outros fins.”

4. Aurélio:

Gamela². “gamela² [Do lat. vulg. **gamella*, cláss. *camella*, ‘certo vaso de madeira’.]

S. f. 1. Vasilha de madeira ou de barro, com a forma de alguidar ou de escudela grande, us. para lavagem (4) e/ou para dar comida aos animais domésticos.”

5. Cunha:

Gamela. “sf. ‘espécie de alguidar feito de madeira’ XIII. Do lat. *camella*, dimin. de *camēra* ‘vaso para beber’.”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 157 - **Gengiroba** (substantivo)_____

"Nós tomava era noz-moscada gengiroba folha de laranja... ()... é esse o remédio nosso..." (Entr.3, linha 217)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 158 - **Goma** (substantivo)_____

"... *aquele couro era para labutar em casa-de-roda... quem tinha... era para labutar em casa de moagem de cana... quem tinha... aquele couro era pra secar goma...*" (Entr.5, linha 459)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Gomma. "ou goma. Humor viscoso, que sahe de algumas arvores, & se endurece."

2. Moraes:

Gomma. "s.f. Humor viscoso, que deitão algumas arvores, que se seca, e congela, e se desmancha, ou dissolve com água."

3. Laudelino Freire:

Goma. "s.f. Lat. *gummi*. Substância viscosa, translúcida e insípida que corre ou se extrai de certas árvores. // 6. Tapioca.

4. Aurélio:

Goma¹. "goma¹ [Do b.-lat. *gumma* < lat. *gummi*, is.] S. f. 1. Designação genérica de resinas translúcidas e viscosas de alguns vegetais. 6. Bras. Tapioca (2).

5. Cunha:

Goma. "sf. 'seiva translúcida e viscosa de alguns vegetais' XV. Do lat. tardio *gumma*."

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 159 - **Harmônica** (substantivo)_____

"Era festa de tocação de harMônica... nem violão num tinha... era tocar harmônica." (Entr.14, linha 111)

"É sim... harmônica... nesse tempo as festa daqui era assim... num era com toque de violão não." (Entr.14, linha 113)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Harmônica. "s.f. fem. de *harmônico*. Instrumento de música que consiste numa espécie de caixa de ressonância com lâminas de vidro, que se tocam com uma baqueta; marimba. // 2. Harmônio portátil. // 3. Pequeno instrumento de foles, espécie de órgão portátil."

4. Aurélio:

Harmônica. "[Do ingl. *harmonica*, 'instrumento musical inventado na Alemanha e aperfeiçoado por Benjamin Franklin (1716-1790)'.] S. f. 1. Instrumento musical: caixa de ressonância provida de lâminas de vidro de comprimento desigual que são vibradas com uma baqueta. [Cf. *copofone*.] 2. V. gaita (2). 3. V. concertina. 4. Bras. Espécie de acordeão (1)."

5. Cunha:

Harmônica. "Harmônica sf. 1881. / Do ing. *harmonica*, instrumento e nome adaptados por Benjamin Franklin, em 1762, do al. *Harmonika*, deriv. do lat. *harmonica*, fem. de *harmonicus*."

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 160 - **Imbigo** (substantivo)

"... aquela mulher que pegava pra comunidade aqui tudo ó... ninguém tinha nada né... cortava o imbigo... ninguém tinha nada... no outro dia levantava ()..." (Entr.6, linha 426)

"...quando eles cortava imbigo a gente fazia era azeite... () pra passar no imbigo... e era assim... aí com três dia... quatro... o imbigo caía.." (Entr.9, linha 123)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Umbigo. "Embigo. Vid no seu lugar. O primeiro parece mais próprio pela analogia, que tem com *umbilicus*, que em latim significa o mesmo. Porém o uso he por embigo."

2. Moraes:

Umbigo. "V. *Embigo*, como se diz ordinariamente."

3. Laudelino Freire:

Umbigo. "s.m. Cicatriz no meio do ventre, originada pelo corte do cordão umbilical."

4. Aurélio:

Umbigo. "[Do lat. *umbilicu*, pela f. **umbiigo*.] S. m. 1. Anat. Cicatriz no meio do ventre, originada pelo corte do cordão umbilical. 2. Bot. Formação mais ou menos desenvolvida que se nota no centro e na base de certos frutos, como, p. ex., a laranja-da-baía."

5. Cunha:

Umbigo. "sm. 'cicatriz no meio do ventre, originada pelo corte do cordão umbilical' / XVI, *embiigo* XIII, *ynbiigo* XIV, *embijgo* XIV etc. / Do lat. *umbilicus* -i."

6. Amadeu Amaral:

Imbigo. "s.m. //" "Embigo é forma popular antiga, usada literariamente até que se introduziu "umbigo", mais chegada à latina."

Ficha 161 - **Inté** (preposição)

"... () qu'eu tou aí com Deus... inté hoje... ainda vejo muita coisa..." (Entr.8, linha 284)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Inté. "prep. Ant. e pleb. O mesmo que até."

4. Aurélio:

Inté. "Prep. Ant. Pop. 1. Até: "Inté veludos e crinolinas, sutaches e aljofres eram encontros nas vendas." (Nelson de Faria, Cabeça Torta, p .8)."

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral:

Inté. "até, prep. e adv."

Ficha 162 - **Intimidade** (substantivo)

"... hoje nós tomo aqui numa situação... tá tendo fartura e a gente sentindo muita intimidade das coisa. / Entr: Faltando as coisa. / Inf: Que num tem dinheiro." (Entr.12, linha 49)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 163 - **Intiriçado** (adjetivo)_____

"... *chegou lá eu tava intiriçado em riba da cama sem poder andar pra terra nenhuma...*"
(Entr.7, linha 358)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Inteiriçado. "de frio. Derivase do italiano *interizzito*, que significa o mesmo." "inteiriçarse, Entesarte como o pano molhado, quando faz muyto frio. *Frigore rigere* (*geo, gui*, fem. supino) ou *rigescere*. E os vestidos, se inteirição. Coita sobre Virgil. 107. Explicando este author o seu ditto, acrescenta logo, tal he o frio, que os vestidos no corpo se fazem hirtos, de modo que mais parece, que se podem quebrar, que cortar."

2. Moraes:

Inteiriçado. "p. pass. de inteiriçar-se." "inteiriçar-se com frio: ficar hirto, sem movimento."

3. Laudelino Freire:

Inteiriçado. "adj. Hirto."

4. Aurélio:

Inteiriçar. "[Cruz. do port. ant. *enterir*, 'ficar transido de frio, sem movimento', com *inteiro*.] V. t. d. 1. Tornar inteiriço ou hirto; entesar. V. p. 2. Ficar hirto; entesar-se: "O corpo inteiriçou-se no primeiro arranco." (João Alphonsus, *Pesca da Baleia*, p.34)"

5. Cunha:

Inteiriçar. "v. integrar" "inteiriçar, XVII"

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 164 - **Intradição** (substantivo)_____

"É... os mais velhos foram morrendo... uma parte da meninada / aconteceu que num aprenderam... num aprenderam essas intradição e nem seguiu as intradição velha..." (Entr.5, linha 393)

"É o que esse padre Silvano faz aqui na igreja... é incentivando a juventude... de criancada na igreja... pra ver se não acaba a intradição da igreja né..." (Entr.5, linha 399)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 165 - **Intrás** (Advérbio)_____

"Intrás dessa rua tem um córrego." (Entr.13, linha 79)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 166 - **Inutilizou** (verbo)_____

"... a sanfona era bonita... e afinal de contas um camarada me... me inutilizou ela de mim... ele comprou e num pagou... é... perdi meu... meu dinheiro." (Entr.4, linha 134)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 167 - **Invernada** (substantivo)_____

"... eles conta caso de... de... de invernada de boi que ficava na (indaga)... onde passava aquele gado que escapulia..." (Entr.5, linha 545)

"... acontecia dá caso... dá estória de contar... boi valente... boi de invernada difícil né." (Entr.5, linha 548)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Invernada. "s.f. De *inverno* + *ada*. 3. Pastagem convenientemente cercada de obstáculos naturais ou artificiais, onde se deixa ficar o gado para descansar e recuperar as forças."

4. Aurélio:

Invernada². "invernada² [Do esp. plat. *invernada*.] S. f. Bras. 1. Designação comum a certas pastagens rodeadas de obstáculos, naturais ou artificiais, onde se guardam eqüídeos, muares e bovinos, para repousarem e recobrem as forças.

[Nas estâncias gaúchas, a invernada também serve para, durante o inverno, engordar os novilhos, e às vezes fazer-se alguma criação especial, como cruzamentos, etc.]"

5. Cunha:

Invernada². "sf. 'pasto para o gado durante o inverno' 1881. Do esp. plat. *invernada*, do cast. *invernadero*."

6. Amadeu Amaral:

Invernada. “s.f. – pastagem onde se deixam descansar e refazer os animais eqüinos e bovinos, após viagem extensa ou longo tempo de serviço.”

Ficha 168 - **Izabelê** (substantivo)_____

“Tinha jacu... tinha izabelê... tinha caititu...” (Entr.5, linha 650)

“É grande...e é uma boa comida...tem umas izabelê também no mato...” (Entr.5, linha 659)

“Izabelê... é um pássaro tipo uma galinha... ela num senta em pau não... ela vive no chão...” (Entr.5, linha 661)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Zabelê. “s.m. Nambú, de corpo e pés vermelhos e de canto melodioso, conhecido por jaó (Crypturus noctivagus).”

4. Aurélio:

Zabelê. “S. 2 g. Bras. BA Zool. 1. V. jaó. [Var.: zabelê.]”

“jaó - [Voc. onom.] S. m. e f. Bras. 1. Designação comum a várias espécies de aves tinamídeas do gênero *Crypturellus*, especialmente às duas seguintes: *C. undulatus* e as suas subespécies, do Brasil central, de coloração escura com listras transversais brancas, largas e estreitas, e a *C. noctivagus* [esta com o sin. de *zabelê*], do PI ao RS, de coloração mais ou menos semelhante à da primeira, coberturas das asas pretas com faixas amarelas, peito castanho, barriga amarelada, nuca e pescoço posterior avermelhado, e cujo piado nostálgico é emitido ger. ao escurecer, sob a forma de quatro notas características. Como alimento, é dos mais procurados, e sua caça faz-se com o auxílio de um pio especial, de espera. [Var.: juó; sin.: macucau, macucauá.]”

5. Cunha:

Zabelê. “s2g. ‘jaó’ 1899. De origem obscura, talvez se trate de uma formação onomatopéica.”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 169 - **Jacu** (substantivo)_____

“... de qualidade de caça tinha demais nesse... nesse... nesses mato... a pessoa panhava uma espingarda... dava uma voltinha... quando pensava que não enchia a capanga... era izabelê... era jacu...” (Entr.4, linha 299)

“Pegava um canto de mata aí e jacu... ocê ficava com medo da jacuzada... o jacu é um passarinho grande... o jacu é um passarinho grande assim... mais de que um urubu...” (Entr.5, linha 654)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Jacú. “s.m. Ave do Brasil, de caça, da família das galináceas, e de que há várias espécies.”

4. Aurélio:

Jacu. “[Do tupi.] S. m. Bras. 1. Zool. Designação comum a várias aves galiformes, cracídeas, gênero Penelope, freqüentes nas matas primitivas do Brasil. Alimentam-se, sobretudo, de frutas e folhas.”

5. Cunha:

Jacu. “sm. ‘ave galiforme da fam. dos cracídeos’ 1576. Do tupi *ia’ku*.”

6. Amadeu Amaral:

Jacú. “s.m. – designa várias espécies do gen. “Penélope”. Tupi.”

Ficha 170 - **Jacuzada** (substantivo)

“... pegava um canto de mata aí e jacu... ocê ficava com medo da jacuzada...” (Entr.5, linha 654)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 171 - **Labutando** (verbo)

“...aí nós tava até na casa-da-roda labutando com farinha e eles tava relando mandioca e nós ia observando a roda e ês mexendo forno...” (Entr.8, linha 244)

“... aquele couro era para cobrir carga de animal... pra viajar... aquele couro era para labutar em casa de roda...” (Entr.5, linha 458)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Labutar. “Lidar. Trabalhar daqui, dali. No seu commento da canção 15. de Camoens, Estanc.7, diz Man. de Faria, que catar por buscar, & labuatr por lidar, são palavras de Lisboa, & juntamente estranha muito, que em hua Corte, tam presumida de fallar bem, se usem palavras tam impróprias, & grosseiras. Mas hoje são pouco usadas as ditas palavras. Vid. Lidar. (E com as mesmas ansias; com que estava labutando. Vasconc. Vida do Padre João de Almeida, pág.130.)”

2. Moraes:

Labutar. “v. n. Lidar, trabalhar, lutar.”

3. Laudelino Freire:

Labutar. “v. r. v. Lat. *laborare*. Trabalhar penosamente e com perseverance (intr.; tr. ind., com prep. *em, por*): “Vivemos labutando”. “Labutamos na cratera de um inferno” (Rui).”

4. Aurélio:

Labutar. “[De *labor*, poss.] V. int. 1. Trabalhar duramente e com perseverança; lidar, laborar.

2. Esforçar-se, empenhar-se. / V. t. d. 3. Levar, suportar, viver.”

5. Cunha:

Labutar. “v. labor” “labutar / lavutar XVI / O termo, que parece de criação vernácula, talvez se tenha originado do cruzamento de lab(or) com (l)utar, dada a sua acepção ‘trabalhar penosamente e com perseverança’.”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 172 - **Lambu** (substantivo)_____

"... na época que tinha aqui... tinha jacu... tinha izabelê... tinha juriti... tinha a lambru..."
(Entr.5, linha 688)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio:

Lambu: "S.m e f. Bras. PB Zool. 1. v. inhambu: "Também falam da caipora que pegou um sujeito na estrada, um tal de Pepé, caçador de lambu" (José Lins do Rego, Fogo Morto, p. 63)."

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 173 - **Lapinha** (substantivo)_____

"()... pois é... aqui... até aí nessas casa era mato... com a lapinha... essa lapinha era do mato... tinha o cruzeiro... depois que foi aumentando as casa desmantelou a lapinha..."
(Entr.15, linha 3)

"... o finado Juca Venâncio foi enterrado lá ó... nessas lapinha... aí essa lapinha foi ficando... foi fazendo casa... fazendo casa e desmantelou tudo..." (Entr.15, linha 17)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Lapa. "Concavidade na costa do monte, pouco profunda. *Specus [] profundus. In montis declivitate cavum*, i. Neut. Ou *parum altus in monte recessus*. Pois diz Marcial, *Lati in collibus recessus*, (As lapas, as concavidades, Cunha, Bispos de Braga, 347.)"

2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Lapinha. "s.f. De *lapa*¹. Presepe ou nicho que se arma para a festa do Natal."

4. Aurélio:

Lapa¹. "lapa1 [Do voc. pré-céltico *lappa*, 'pedra', poss.] S. f. 1. Grande pedra ou laje que forma um abrigo."

5. Cunha:

Lapa. "sf. 'grande pedra ou laje que forma um abrigo natural' XIV; Do lat. lus. *Lapa*, deriv. do pré-céltico *lappa* 'pedra'. // lapinha 1844."

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 174 - **Legalista** (substantivo)_____ -

"Legalista... os que andava perseguindo os revoltoso era assim...era praticamente coliado moço..." (Entr.4, linha 496)

"... e saiu um da turma moço... era um desses legalista... era um cidadão armado com um fuzilão danado e... um (capengão) de bala e..." (Entr.4, linha 506)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Legalista. “adj. Relativo às disposições legais. // Legalista, s.m. Aquele que pugna pela observância das leis ou pelo governo legal.”

4. Aurélio:

Legalista. “[De *legal* + *-ista*; fr. *légaliste*.] Adj. 2 g. 1. Relativo à lei, às normas legais.

2. Diz-se de quem pugna pelo respeito às leis ou pelo governo legal. / S. 2 g. 3. Pessoa legalista (2).”

5. Cunha:

Legalista. “v.lei” “legalista 1899. Do fr. *légaliste*.”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 175 – **Lote-de-burro** (substantivo)_____

“... meu pai... quando morreu... ele deixou um lote-de-burro pra mim... é dez burro arreado né... é dez burro...” (Entr.6, linha 216)

“... amarrava carga e mais cargas... lote-de-burro... o arreado de cangaia... e amarrava farinha amarrava rapadura e tocava... a gente passava nisso aqui e tocava e ia pra Pedra Azul... tocando no lombo do burro.” (Entr.5, linha 472)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Lote. “s.m. Gót. *hlauts*. 11. Cada grupo de sete cargueiros, com um condutor, em que se dividem as tropas de carga, no Brasil.”

4. Aurélio:

Lote¹. “lote1 [Do fr. *lot*.] S. m. 12. Bras. Cada grupo de animais cargueiros, em geral de sete, com um condutor, em que se dividem as tropas de carga: “Sua tropa de três lotes – cada lote dez burros! – era a melhor que batia o sertão aquém de Jacobina” (Nélson de Faria, Cabeça-Torta, p.7).”

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 176 - **Luitando** (verbo)_____

“... e eu fui luitando com isso... luitando... luitando até Deus me ajudou que eu tou aqui...” (Entr. 7, linha 347)

“Nessa época eu tinha... eu tinha / era luitando com a idade de oito ano... pra ganhar quinhentos réis...” (Entr.10, linha 139)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes:

Luita. “por Luta. Resend, Cron. F. II. C. 208. antiq. Luitar. B. 3. 7. 3. V. Lutar.”

3. Laudelino Freire:

Luitar. “v. r. v. O mesmo que lutar.”

4. Aurélio:

Luitar. “[Do lat. *luctare*, com vocalização.] V. int. Arc. 1. Lutar1.”

5. Cunha:

Lutar¹. “lutar XIII / Do lat. **luctāre*, por *luctāri*.”

6. Amadeu Amaral:

Luitá(r). “Aluita(r), lutar, v.i. // Forma arc.: “... que nos ajudavam deles a acaretar lenha e meter nos batees e lujtavam com os nossos...” (Caminha).”

Ficha 177 - **Lumiar** (verbo)_____

“... era bem pequenininho e tinha as cancelinha assim ao redor... e botava as candeia pra lumiar.” (Entr.6, linha 13)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes:

Lumiar. “v. at. V. Allumiar. Arraes, 3. 10. “O sol lumia.” E 3.3. “lumiar o entendimento”. ”

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 178 - **Mafabeto** (substantivo)_____

“Ocês me desculpem que eu sou mafabeto...num sei a ler...num sei nada...” (Entr.3, l. 230)

“A minha profissão () da minha profissão... fiquei mafabeto... eu fiquei mafabeto por isso... porque no meu tempo num deu pra estudar...” (Entr.10, linha 121)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 179 - **Mais** (preposição)_____

“É... esse velho mesmo que morou mais nós... era vizinho lá mais nós na roça...” (Entr.4, linha 412)

“Não... eu participava porque eu ia mais eles né.” (Entr.7, linha 209)

“... alembro meu filho... isso eu alembro... que eu morava mais uma mulher...” (Entr.8, linha 243)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio:

Mais. “[Do lat. *magis*] Prep. 10. Pop. Em companhia de; com: “E jornadaio em fantasia / Essas jornadas que eu fazia / Ao velho Douro, mais meu pai.” (Antônio Nobre, Só, p.38)”

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 180 – **Manaíba / Maniva** (substantivo)_____

“Manaíba é o pé da mandioca.” (Entr.5, linha 104)

“É pois é... a mandioca é da manaíba... depois planta... agora aí dá a mandioca e a gente faz a farinha.” (Entr.11, linha 246)

“... era trabalhar na roça... fazer roça... plantar feijão... maniva... pra gente fazer farinha né...” (Entr. 1, linha 3)

“Eu planto maniva milho feijão... isso eu planto até hoje...” (Entr.1, linha 303)

“Era milho feijão... era semente de moranga semente de melancia... é mandioca... maniva... era o que nós tinha.” (Entr.7, linha 43)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes:

Maniva. “sf. t. do Bras. O pão cuja raiz é a mandioca, de que se faz farinha; dos trços delle plantados nos matombos se reproduz a mandioca.”

3. Laudelino Freire:

Maniva. “s.f. Tupi *mani-iva*. Planta da família das euforbiáceas, conhecida por maniveira e mandioca brava (manihot utilíssima, Pohl.).”

4. Aurélio:

Manaíba/maniva. “[Var. de *maniva*, do tupi.] S. f. Bras. Bot. 1. Tolete do caule do aipim ou da mandioca, cortado para plantio; muda de aipim ou de mandioca.” / [Do tupi.] S. f. Bras. N. N.E. 1. Manaíba. 2. Bot. V. mandioca (1 e 2).”

5. Cunha:

Manaíba. “sf. ‘pé de mandioca’ / *mandiiba* c1607, *baniba* 1616, *manaíba* 1663 etc. / Do tupi *mani’iua*.”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 181 - **Mandacaru** (substantivo)_____

“...e nossos irmão foi pescar... aquele mandacaru... o senhor conhece?” (Entr.6, linha 307)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 182 - **Mandruscada** (substantivo)_____

"É... óleo de mamona... ia lá pegava o óleo... fervia uma água... botava ali umas mandruscada dentro... () né... botava um pouco de fedegoso... fazia um copo duplo e o camarada quebrava aquilo..." (Entr.1, linha 480)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 183 - **Manga** (substantivo)_____

"... o pasto é fraco... o terreno num guenta pasto... cê faz aquela manga... planta e arruma e tal... o capim / o primeiro ano ele sai aquela força... o gado comeu... cabou..." (Entr.5, linha 284)

"Até ali eu conheci aquilo ali... uma manga só de capim..." (Entr.5, linha 293)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Manga. "s.f. Pastagem cercada, onde se guardam cavalos e bois."

4. Aurélio:

Manga4. "manga4 [Do esp. plat. *manga*.] S. f. 3. Bras. CE à BA MG a GO Pastagem cercada onde se guarda o gado."

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 184 - **Marambaia** (substantivo)_____

"Eu faço renda... eu faço crochê... () faço franja... eu faço ponto de cruz... eu faço bordado... eu faço até ()... eu faço marambaia..." (Entr.6, linha 22)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Marambalha. "s.f. Renda de crivo do Norte de Minas Gerais."

4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 185 - **Maria Tereza** (substantivo)_____

“Maria Tereza era uma mulherona vestida de... faz uma mulherona... vestia uma saiona e o boi-janeiro né... havia essas festa aí...” (Entr.15, linha 227)

“Vestia e saía andando pelas rua com essa Maria Tereza e boi-janeiro e o povo atrás.”(Entr.15, linha 230)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 186 - **Marruê** (substantivo)_____

“... se ocê num ver um cachorro um jegue ou qualquer coisa ou um marruê o senhor conta...”
(Entr.7, linha 482)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Marruá. “s.m. Touro. // 2. Novilho não domesticado.”

4. Aurélio:

Marruá. “[Alter. de *marroaz*.] S. m. Bras. 1. Novilho que não foi domesticado: “Depois outro campeiro vinha; mais um laço desenrolava no ar, outra laçada sobre a primeira, e o marruá se imobilizava na imobilidade da invernada, donde o gado fugia espavorido!” (Amadeu de Queirós, os casos do Carimbamba, p.38). 2. Boi bravo; touro, marruás.”

5. Cunha:

Marruá. “sm. ‘touro bravio, novilho ainda não domesticado’ 1899. De origem obscura; talvez se relacione com marruaz².”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 187 - **Matutagem** (substantivo)_____

“... se ela tivesse sofrendo de resfriagem... resfriagem... era buscar alecrim... alecrim... esse outro... arruda... essas coisa e fazia uma matutagem assim misturada com esterco de gado... passava nesses trem tudo... e botava um pano... e botava em riba daquela dor... daquela resfriagem dela e marrava... era criado assim.” (Entr.10, linha 436)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Matutagem. “s.f. O mesmo que *matalotagem*.”

4. Aurélio:

Matutagem². “matutagem² S. f. Bras. N.E. Pop. 1. V. matalotagem.” “matalotagem [Do fr. *matelotage*.] S. f. 4. Fig. Montão de coisas confusas; amálgama, salgadeira.”

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 188 - **Miuchinho** (Adjetivo)_____

“... é... um caminhãozinho... um chevizinho... aqueles caminhãozinho antigo... miuchinho né... num é esses carrão que tem hoje não...” (Entr.4, linha 651)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 189 – **Mode / Modo** (Adv.)_____

“... chegava na roça num guentava pegar numa enxada, mode trabalhar...” (Entr.4, linha 37)

“... que ela levava um carrinho de mão modo eu tirar uma lenhazinha prali...” (Entr.7, linha 373)

“... fazia o parto dela... lá / fazia o caldo... fazia a a / um mulambo mode por a criança... e ajeitava...” (Entr. 10, linha 430)

“... pra mim tomar... pra mode poder... pra mode me controlar...” (Entr.8, linha 47)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 190 - **Montoeiro** (substantivo)_____

“... e tinha noite que dava falta de ar... eu amanhecia assim ó... com aquele montoeiro de travesseiro...” (Entr.8, linha 282)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Montoeira. ‘s.f. De *montão*. Grande quantidade.”

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 191 - **Mosquitinho** (substantivo)_____

"Rio Mosquito... mas porque que ele era rio Mosquito?... porque nesse tempo a correnteza era bonita e tinha muita areia / achava aqueles mosquitinho / falava mosquitinho / um brilhante na areia... no fundo do rio. / Entr: Ah tinha brilhante! / Inf: Tinha... então a gente falava era mosquito... "ó o mosquitinho"... o que achava ali / aqueles mosquitinho / falava era mosquitinho." (Entr.13, linha 57)

"... se ocê perguntar porque que chama rio Mosquito eu num sei... num sei se é porque tinha umas pedra... quando ia pescar tinha aqueles mosquitinho..." (Entr.15, linha 158)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Mosquito. "s.m. 2. Diamante pequeno: "nem um mosquito para remédio" (Afrânio Peixoto)."

4. Aurélio:

Mosquito¹. "mosquito1 [De *mosca* + *-ito*1.] S. m. 3. Bras. Em regiões diamantíferas, o diamante miúdo."

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 192 - **Mucado** (pronome)_____

"... a nega ia matar um mucado de gente..." (Entr.4, linha 433)

"Minha mãe falou que no tempo da escravidão ela correu pro mato com um mucado de filho dela..." (Entr.14, linha 131)

"... os rezeiro vinha de Pedra Azul... um mucado..." (Entr.8, linha 157)

"... disse que teve um currião... papai levou um mucado de gente pro mato..." (Entr. 15, linha 192)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 193 - **Mudernagem** (Substantivo)_____

"... é o que nós tomo enxergando... muita gente num... num... num tá / que num alcançou aqueles tempo / essa mudernagem né... mais esse povo mais antigo..." (Entr.4, linha 319)

"...e antigamente ocê amanhecia o dia tranqüilo... com os candieiro aceso assim ó... amarrado lá em cima da telha... e o povo amanhecia o dia... isso aqui já foi bom moço... agora depois dessa mudernagem... agora / d'agora porque de primeiro a mudernagem ia e podia confiar..." (Entr.7, linha 190)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 194 - **Novata** (substantivo)_____

"... aqueles povo mais velho assim que nem eu... envergonhoso... a novata pode até acompanhar... mas o povo de meia idade que tem a nação / de meia idade pra trás né... esse povo num vai aceitar..." (Entr.10, linha 336)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Novato. "Estudante novo, do primeiro anno. He termo usado na universidade. *Recens in gmnasio auditor, is.* Masc."

2. Moraes:

Novato. "sm. Estudante novel da universidade. Fig. Rude, imperito."

3. Laudelino Freire:

Novato. "s.m. Estudante novel; noviço, aprendiz, calouro, principiante. // 2. Estudante que frequenta o primeiro ano de qualquer faculdade em Coimbra. // 3. Indivíduo inexperiente, ingênuo."

4. Aurélio:

Novato. "[Do lat. novatu.] S. m. 1. Estudante novel; calouro. 2. Aluno do primeiro ano de qualquer faculdade. 3. Principiante, aprendiz, noviço. 5. Bras. Alcinha dada aos portugueses, no extremo S., no período colonial."

5. Cunha:

Novato. "v. novo" "novato XVII. Do lat. *novātus* -a."

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 195 - **O pau moendo** (fraseologia)_____

"Eles faz um boi direitinho de pano... e um funda debaixo e sai na rua... bota chifre bota () bota tudo né... e sai na rua a cantar e o pau moendo..." (Entr.2, linha 230)

"E cantava assobiava e o pau tava moendo." (Entr.1, linha 71)

"Machado tem duas ou três farinheira à força... aí (botei lá) o pau mói... num precisa nem mexer farinha... fica lá olhando..." (Entr.1, linha 141)

"Tinha!... () e o pau moia né... e era bonito!" (Entr.1, linha 438)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 196 - **Paíol de milho** (substantivo)_____

"... um dia um negro matou um patrão... queimou ele... queimou dentro d'um paíol de milho..." (Entr.4, linha 413)

"...tinha um paíolção de milho... eles subiram em cima..." (Entr.4, linha 415)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Paíol de polvora. "He no mais bayxo do navio hum lugar separado, & fechado, onde se guarda a polvora em barris, ou guarda cartuchos, & donde não se entra sem ordem do capitão."

2. Moraes:

Paiól. "sm. Nos navios é como caixão, ou divisão, onde vem mantimentos, carga de pimenta, a pólvora, &c."

3. Laudelino Freire:

Paíol. "s.m. 4. Casa para arrecadação dos gêneros da grande lavoura. // 5. Tulha de milho."

4. Aurélio:

Paíol. "[De *paíol*, f. dialetal do cat., em lugar de *pallol*.] S. m. 3. Bras. Armazém para depósito de gêneros da lavoura. 4. Bras. MG SP Depósito ou tulha de milho ou de outros cereais." [Pl.: paíóis.]

5. Cunha:

Paíol. "sm. 'depósito de pólvora e de outros petrechos de guerra' / *payoll* XV / Do cast. *pallol*."

6. Amadeu Amaral:

Paíol. "s.m. – tulha de milho. // É t. port., com outras signifs."

Ficha 197 - **Paíasca** (substantivo)_____

"...() a festa de São João... agora... hoje num tem mais porque... inventou essa... essa paíasca aí embaixo né... e aí a festa de São João é inaugurada lá." (Entr.5, linha 323)

"É no campo... inventaram essa paíasca aí... nesse... nesse ()... e... e aí... fizeram esse promo lá de paia e já tem esse outro novo aqui..." (Entr.5, linha 325)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 198 – **Pano-de-bunda** (substantivo)_____

"É... marcava o dia da data né... um padre era difícil na época pra vim aqui né... difícil... de quatro em quatro meses... "()"... "Vamo marcar hoje... vamo marcar hoje"... marcava hoje mesmo... aí () comprava os pano-de-bunda... ((risos))... ficava esperto aí... quando chegava o dia (fazia aquela festa bonita né)..." (Entr.1, linha 171)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 199 - **Parambeira** (substantivo)_____

"... e com essa perna quebrada eu fui assim na parambeira... eu fui cortar de machado... depois meu pé prancheou e tinha umas moita de espinho terrível assim... e eu ainda olhei pras moita de espinho..." (Entr.7, linha 352)

"() lá na parambeira / o machado tenho / pra cortar madeira / pra fazer gamela pra vender na feira / pra comprar sapato pra dançar rancheira / rancheira rancheira rancheira." (Entr.6, linha 133)

"... depois que sobe essas parambeira... que sai lá em cima..." (Entr.5, linha 642)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Perambeira. "s.f. Precipício, abismo."

4. Aurélio:

Pirambeira. "S. f. Bras. 1. V. perambeira." "Perambeira S. f. Bras. 1. Precipício; abismo:

"Quando a noite fechou deveras..., só Noss'enhô sabe porque não acompanhei o compadre para o outro mundo, rodando por alguma perambeira." (Afonso Arinos, Histórias e Paisagens, p.12)"

5. Cunha:

Pirambeira. "sf. 'bras. Precipício, abismo' XX. De etimologia obscura."

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 200 - **Parelha** (substantivo)_____

"... tinha uma parelha de boi muito grande... uns boião esgueirado..." (Entr.4, linha 673)

"...aí pegava uma parelhona de boi... enfiava a canga no cangote do bicho..." (Entr.1, linha 577)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Parelha. "Duas cousas iguaes. Duas cousas da mesma especie. Par, is. Neut. (Da ovelha, & do leão se fez huma parelha tão igual. Vieira. Tomo 5.176.)."

2. Moraes:

Parelha. "sf. Um par: v.g. numa parelha de bestas."

3. Laudelino Freire:

Parelha. "s.f. Lat. *parilia*. Um par (falando de alguns animais, especialmente de cavalos e muares)."

4. Aurélio:

Parelha. "(ê). [De *parelho*.] S. f. 1. Par de alguns animais, em especial muares e cavalares. [Cf. par (10) e junta (4).] 2. Par (14)."

5. Cunha:

Parelha. “sf. ‘ant. mulher legítima’ ‘par’ / XIII. – ella XIII / Do lat. vulg. **pariculus* –a, dim. De *par*.”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 201 - **Parteira** (substantivo)_____

“...*tinha... uma jovelina... ()... que tratava ela de parteira né.*” (Entr.2, linha 70)

“*Tudo... tudo tudo tudo... foi pela parteira... dos dezesseis filho... num fui no hospital de nenhum porque num tinha hospital nesse tempo.*” (Entr.14, linha 87)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Parteira. “A comadre que ajuda a parir. *Obstetrix, icis. Fem. Terent.*”

2. Moraes:

Parteira. “sf. de parteiro.”

3. Laudelino Freire:

Parteira. “s.f. Mulher que assiste a partos, auxiliando ou socorrendo as parturientes.”

4. Aurélio:

Parteira. “[De *parto* + *-eira*.] S. f. 1. Mulher que, sem ser médica, assiste a parto, ajudando ou socorrendo parturiente. [Sin.: obstetriz e (fam.) comadre, madama.]”

5. Cunha:

Parteira. “v. parto” “parteira XIV.”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 202 - **Patacão** (substantivo)_____

“... *enterrava prata e ouro naquele tempo... que era o dinheiro que tinha...é patacão de prata que eu conheci...*” (Entr.4, linha 552)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Patacão. “Moeda. Antigamente no Reyno de Portugal, & suas conquistas houve patações de cobre, & patações de prata. Mandou ElRey D. João III. bater o patacão de cobre, que pezava cinco oitavas, & valia dez reis. Tinha de huma parte o circulo real coroadado, na orla *Joam III, Port.* []. Da outra um X, & na orla, *Rex quintusdecimus*. Denotava o X o preço do seu valor. Chamou-se patacão pela semelhança que tinha com os patacoens de prata castelhanos. ...”

2. Moraes:

Patacão. “sm. Moeda de cobre de peso de 5/8: valia dez reis em tempo de D. João III. No de D. Sebastião vierão a valer 3. reis; no do Prior do Crato tornarão a subir a dez reis.”

3. Laudelino Freire:

Patacão. “s.m. Moeda de cobre do tempo de D. João III. // 2. Antiga moeda brasileira; pataco.”

4. Aurélio:

Patacão. “[Da mesma or. incerta que o esp. *patacón*.] S. m. 1. Designação comum a várias antigas moedas portuguesas, brasileiras, espanholas e sul-americanas. 2. Antiga moeda portuguesa, de cobre, do valor de 40 réis, que, com o tempo, passou a chamar-se pataco. 3. Bras. Moeda antiga, de prata, de dois mil-réis. [No RS, pelo menos, a palavra designava tb. as cédulas de igual valor.]”

5. Cunha:

Pataca. “sf. ‘moeda antiga de prata, do valor de 320 réis’ XVI. Provavelmente do prov. *patac* // patação XVI.”

6. Amadeu Amaral:

Pataca. “s.f. – 320 réis.”

Ficha 203 - **Pé-de-bode** (substantivo)_____

“É... aprendi mexer / tocar sanfoninha... pé-de-bode...” (Entr.4, linha 121)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio:

Pé-de-bode. “S. m. Bras. N.E. MG 1. Sanfona de oito baixos. [Pl.: pés-de-bode.]”

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 204 - **Pedir um arrogo** (locução verbal)_____

“... e este tantinho que eu já aprendi pois tem se servido... tem me servido porque ao menos me livra de pedir um arrogo...” (Entr.5, linha 88)

“...livra de eu pedir um arrogo pra uma assinatura...” (Entr.5, linha 89)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Arrogar. “Atribuir, apropriar, pretender, que he cousa nossa própria. Arrogarse títulos, honras, glórias. *Sibi arrogare, tribuere, assumere, vindicare*, com accusativo. Cicero em varios lugares. Muitos se arrogarão horas sobre natu, racs. Macedo Dom. sobre a fortuna, p.50.”

2. Moraes:

Arrogar. “v. at., tomar, ou exigir a qualidade, o direito, foro, que não compete a alguma pessoa.”

3. Laudelino Freire:

Arrôgo. “s.m. De *arrogar*. Des. O mesmo que arrogância.” “Arrogar, v. r. v. Lat. *arrogare*. Tomar como sendo seu, apropriar-se de (tr. dir.; bitr., com prep. a, para): “Arrogando a Cúria romana os direitos da soberania temporal” (Moraes).”

4. Aurélio:

Arrogo. “(ô). [Dev. de *arrogar*.] S. m. Desus. 1. V. arrogância. [Pl.: arrogos (ô). Cf. arrogo, do v. *arrogar*.]”

5. Cunha:

Arrogar. “vb. ‘apropriar-se de, atribuir a si’ XVI. Do lat. *arrogare*”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 205 - **Peguei** (verbo)_____

“... e o resto peguei tomar casca de aroeira também na água aí.” (Entr. 4, linha 376)

“Peguei trabalhar ni casa de família...” (Entr.14, linha 93)

“... mas depois que o rio pegou ficar ruim” (Entr.8, linha 114)
“... pegou a comprar / arranhou um companheiro que botou pra tocar boiada na estrada...”
(Entr. 13, linha 36)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Pegar. “v. r. v. Lat. *picare*. 27. Começar, principiar (tr. ind., com prep. *de, a*): “Pegaram logo de estar tristes e a sentirem saudades.” (Camilo).”

4. Aurélio:

Pegar. “[Do lat. *picare*, 'untar de pez'.] V. t. i. 33. Começar, principiar, entrar: “Persignou-se, levantou-se e pegou a vestir a roupa.” (Bernardo Elis, Veranico de Janeiro, p.34).”

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 206 - **Pessuiu** (verbo)_____

“... meu pai nunca pessuiu terra não...” (Entr.5, linha 129)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha:

Possuir. “vb. ‘ter ou reter em seu poder’ / *pesoir* XIII, *pussuyr* XIII, *pusuir* XIII, *possoir* XIV, *pessoir* XIV / Do lat. *possidere*.”

6. Amadeu Amaral:

Pissuí. “possuir, v.t. – adquirir, comprar: “... senão quando u’a galinha já esporuda que eu pissuí no levantá aquele rancho...” (V.S.) // Quanto à forma, veio ela, muito provavelmente, de Port., haja vista ao galego “pessuir” (L. de Vasc., Textos). Quanto ao sentido, esse acreditamos que resultou de evolução realizada aqui. Para exprimir a idéia do nosso “possuir”, usa o caipira de “ter” ou de algum circunlóquio. Ao Nordeste, a aceitar-se como documento válido um verso de Cat., o verbo conserva o sentido castiço: Era rico, apois pissuia / uma furtuna de gado. (“Quinca Micuá”)

Ficha 207 - **Pilão** (substantivo)_____

“... aquilo ela pegava oito sete cacho de mamona... botava no forno de fazer farinha... pegava aquilo verde né... () torrar né... quando aquela bicha tava bem verde né... pegava no pilão e socava... pilaozão assim pá pá pá...” (Entr.1, linha 53)

“...agora a gente compra é o saco de arroz limpinho... e nesse tempo num era meu filho... era tudo pisado no pilão... o café era pisado tudo no pilão pra poder beber...” (Entr.14, linha 198)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Pilaõ. “Instrumento com que se pila. *Pilum*, i. Neut. Plin. Na sua Hist. Das Plantas do Brasil, liv. I. cap.II, diz que os portugueses chamaõ pilaõ ao vaso de pao, a modo de graõ, o almofariz em que pilaõ gergelim.”

2. Morais:

Pilão. “sm. Mão do gral. No Brasil, o gral de páo rijo, onde se pila, e descasca o arroz, milho, &c.”

3. Laudelino Freire:

Pilão. “s.m. De *pilar*. Mão do gral. // 5. Gral de madeira rija, onde se descasca e tritura café, milho, etc.”

4. Aurélio:

Pilão. “[De *pilar*2 + -ão2.] S. m. 2. Maço dos moinhos onde se pisa o papel, a casca de carvalho, a massa da pólvora, etc. 3. Designação comum a diversos instrumentos que servem para bater, triturar, calcar. 7. Afric. Bras. Gral de pau rijo, us. para descascar e triturar arroz, café, milho, etc.”

5. Cunha:

Pilão. “v.pilar2” “pilão / pilões pl. XVI / do fr. *pilon*.”

6. Amadeu Amaral:

Pilão. “s.m. – gral de madeira, em que se pila a canjica, a paçoca, etc. // Pilão, t. port., que passou aqui a designar o gral, é propriamente o pau com que se pila. A este chamam aqui *mão de pilão*.”

Ficha 208 - **Pinga** (substantivo)_____

“... era divertido demais moço... e ês tinha uma cachaça pura... o povo / de vez em quando tomava uma pinguinha...” (Entr.1, linha 465)

“...o truçisco é uma raiz que tem nesses mato aí... peguei usar na pinga...” (Entr.4, linha 352)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Pinga. “Gota que cahe de hum lambique, ou de outra cousa.”

2. Morais:

Pinga. “s.f. Gota que cai. // fig. Uma porção mínima. // boa pinga; de vinho bom.”

3. Laudelino Freire:

Pinga. “s.f. De *pingar*. 4. Bebida alcoólica, especialmente aguardente.”

4. Aurélio:

Pinga. “[De *pingo*1.] S. f. 4. Bras. Pop. Bebida alcoólica, sobretudo aguardente [v. cachaça (1)]”

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 209 - **Piou** (verbo)_____

“...pegou essa nega moço e piou... tirou a roupa dela todinha e piou ela bem piada... amarrou as mãos... amarrou as pernas e... () e botou lá dentro do forno...” (Entr.4, linha 438)

“...o camarada ia fazer uma casa né... ia no mato pegar madeira (onde que tinha)...() piava a madeira...” (Entr.1, linha 380)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Pear bestas. “Porlhes a pea. Vid. Pea. Pear o cavallo. *Equi pedes fune vincire*. O Adágio português diz: Quem sua burra mal pea, nunca a veja. Pear. Impedir o movimento dos pés. Embaraçar o caminho com cousas que pegam nos pés.”

2. Moraes:

Peàr. “v. at. Por pèa, prender com ella as bestas. Impedir o passo.”

3. Laudelino Freire:

Pear. “v.tr. dir. De *peia* + *ar*. Lançar peias a; prender com peia: “Não pode enfraquecer a força e a lucidez da lógica, nem pear os voos ardentes da imaginação” (Paranapiacaba). // 2. Pôr obstáculos a; impedir, embaraçar.”

4. Aurélio:

Pear. “[De *peia* + -*ar*2.] V. t. d. 1. Lançar peia(s) a. 2. Prender com peia(s). 3. Embaraçar; impedir; estorvar. [Conjug.: v. frear. Cf. piar.]”

5. Cunha:

Pear. “v. peia.” “peia sf. ‘grilhão’ ‘prisão de corda ou de ferro que segura os pés das bestas’ XIII. Do lat. *pedīca* -*ae* // pear XIII. Cp. pejar.”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 210 - **Pirão** (substantivo) _____

“... o joelho tava pr’aqui assim... as perna inchava... podia fazer aqueles pirão...” (Entr.4, linha 351)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Pirão. “s.m. Papa grossa de farinha de mandioca escaldada.”

4. Aurélio:

Pirão. “[Do tupi.] S. m. 1. Bras. Angol. Cabo-verd. Papa grossa, feita de farinha de mandioca escaldada. 2. Angol. Caldo de peixe temperado com óleo de palma e acompanhado de farinha de mandioca.”

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral:

Pirão. “s.m. – papas de farinha de mandioca. // Dão-lhe origem tupi em “ypirô”. Mas, seg. Capelo e Ivens, citados por B.R., é corrente na África ocidental.”

Ficha 211 - **Piti** (substantivo) _____

“E eu acho que ela tinha mesmo cem ano... mas mãe era durinha igual um piti...” (Entr.2, linha 433)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Piti. “s.m. Bot. O mesmo que cipó de alho.”

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 212 - **Pitimbado** (adjetivo)_____

"...é moço eu já sofri na minha vida... é... e ainda num sarei não... tou aí ainda pitimbado." (Entr.7, linha 88)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio:

Pitimbado. "[De *pitimba* + *-ado*1.] Adj. Bras. 1. Que tem pitimba; achacado, indisposto."

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 213 - **Planta** (substantivo)_____

"...eu era molecote mas tenho isso na planta toda vida... tenho isso na planta porque / quando eu tinha oito ano..." (Entr.10, linha 230)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 214 - **Plataforma** (substantivo)_____

"... o povo tinha / muito dinheiro né enterrado... aqui mesmo perto aqui mesmo tiraram um pote de dinheiro... aqui na / pra cá de Maristela... aí... e parecia muita plataforma nessas estrada aí naquele tempo... mas depois que tirou essas coisa aí desapareceu / acabou tudo..." (Entr.4, linha 563)

"() uma plataforma... jogando pedra fazendo coisa... aí minha mãe falou tudo rezando... quando nós foi rezando / de repente desapareceu da casa nossa graças a Deus." (Entr.14, linha 401)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Plataforma. "s.f. Fr. *plate-forme*. 12. Pop. Simulacro, aparência."

4. Aurélio:

Plataforma. "[Do fr. *plate-forme*.] S. f. 11. Fig. Pop. Aparência, simulacro."

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 215 - **Pocava** (verbo)_____

"... e acabava ele plantava todo e entregava pra nós aquele toquinho de enxada e agora pocava no mundo..." (Entr.7, linha 271)

"...aí moço diz que todo ano essa carneira pocava e saía aquele fio de cabelo na / no caixão da carneira né." (Entr.7, linha 470)

"... quando ele tava virando bicho... pocou o carneiro... pocou o carneiro... ês foram lá e remendou... tornou pocar..." (Entr.5, linha 570)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio:

Pocar. "[Do tupi = 'arrebentar', de or. onom.] V. int. Bras. Pop. 1. V. pipocar (1). / V. t. d. 2. Bater com força em; rebentar. [Conjug.: v. trancar. Normalmente é defect., só conjugável nas 3as pess.]"

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 216 - **Purgante** (substantivo)_____

"... num tinha remédio assim... muito comprimido não... mais era chá... era uns purgante." (Entr.14, linha 168)

"Ó... tinha um velha que fazia uns purgante de remédio pra dar os doente..." (Entr.14, linha 172)

"Quando adoecia custava muito caçar médico... era difícil... eles botava as mulher pra () alguma coisa... ferve outra... vai na casa de um amigo... toma purgante... dá isso e aquilo." (Entr.15, linha 119)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Purgante. "ou purgativo. O que tem virtude para purgar. *Purgans, tis.* [] gen. Ovid."

2. Moraes:

Purgante. "subst. Dar hum purgante, huma purga."

3. Laudelino Freire:

Purgante. "s.m. Purga."

4. Aurélio:

Purgante. "[Do lat. *purgante*.] Adj. 2 g. 1. Que faz purgar; desistivo, purgativo, purgatório, purgador. / S. m. 2. Terap. Substância que causa forte evacuação intestinal; purga, purgativo."

5. Cunha:

Purgante. "purgante XVIII"

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 217 - **Quebra** (substantivo)_____

"Tinha... tinha... fazer quebra também no mato. / Entr: Fazer quebra? / Inf: É... pra pegar / o laço... pegar / fazer um quebra aqui... aquela armadilha / pegava aquela vara comprida assim... fazia armadilha de cá e agora arribava aquela vara e armava..." (Entr.7, linha 256)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 218 - **Quermesse** (substantivo)_____

"... em festa aqui eu fazia sucesso em quermesse... e dançava muito bem..." (Entr.2, l. 331)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Quermesse. "s.f. Feira paroquial, feira anual celebrada com grandes folguedos populares, na Holanda. // 2. Quadro que representa essa feira. // 3. Bazar com leilão de prendas, ao ar livre."

4. Aurélio:

Quermesse. "[Do flamengo *kerkmisse*, pelo fr. *kermesse*.] S. f. 1. Feira paroquial que era celebrada anualmente nos Países Baixos, com grandes folguedos populares.

2. Bazar ou feira beneficente, em geral com leilão de prendas."

5. Cunha:

Quermesse. "sf. 'feira paroquial, anual, realizada nos Países Baixos' 'bazar ou feira beneficente' / *kermesse* 1881 / Do fr. *kermesse*, deriv. do flamengo *kerkmisse*."

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 219 - **Ramo fraco** (substantivo)_____

"... meu pai era um ramo fraco... só tinha a graça de Deus..." (Entr.4, linha 660)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 220 - **Rancheira** (substantivo)_____

"... tudo sei dançar... revoltosa... tuinga / ninguém dança mais né... rancheira / esse povo mais novo aí... () ensinar lá no sindicato né... pra dançar lá no festival." (Entr.6, linha 106)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Rancheira. “s.f. 2. Música de dança campestre de origem hispano-americana, muito usada pelos gaúchos, que a trouxeram para os salões.”

4. Aurélio:

Rancheira. “[Do esp. plat. *ranchera*.] S. f. Bras. 1. Dança popular, de compasso ternário, originária da Argentina, comum no RS e mais tarde divulgada nos salões. 2. A música dessa dança.”

5. Cunha:

Rancheira. “sf. ‘dança popular’ XX. Do cast. *ranchera*.”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 221 - **Rancho** (substantivo)

“... muita gente mudou pro mato... () fez rancho dentro da mata né...” (Entr.4, linha 464)

“...chegava lá no meio do mato limpava uma área bem grande... e fazia um rancho pra lá () que o revoltoso tá lá em tal lugar...” (Entr.1, linha 646)

“... morava num ranchinho de pindoba...” (Entr.7, linha 49)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Rancho. “Rancho he palavra castelhana mas quer dizer pousada.”

2. Moraes:

Rancho. “sm. Casa ou tenda movível que se faz pelos caminhos.”

3. Laudelino Freire:

Rancho. “s.m. Esp. *rancho*. 14. Habitação tosca, de palhas. // 15. Habitação rústica do pessoal de campo e do seringal.”

4. Aurélio:

Rancho. “[Do esp. *rancho*.] S. m. 2. Acampamento ou barraca para abrigar rancho (1); ranchada. 8. Bras. Casa ou cabana no campo, nas roças, em canteiro de obras, etc., para abrigo provisório ou descanso dos trabalhadores. 9. Bras. Casa pobre, da roça; choça, ranchinho. [Dim. irreg.: ranchel.]”

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral:

Rancho. “s.m. – cabana, geralmente de sapé, que se faz nas roças para abrigo de trabalhadores; casa rústica sem compartimentos; telheiro ou cabana para abrigo de viajantes, à beira das estradas; por ext., casa pobre. // T. geral no Br. Usa-se no R. G. do Sul.: “... dos fogões a que se aqueceu; dos ranchos em que cantou, dos povoados que atravessou...” (S.L.). Usa-se no Nordeste: Na barranca do caminho / abandonado, um ranchinho / entre o mato entonce viu. (Cat.)

Ficha 222 - **Rapariga** (substantivo)

“... quando foi de noite meu marido foi () comprar um açúcar e uma rapariga veio e () quebrei o resguardo...” (Entr.3, linha 105)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Rapariga. “moçazinha. *Puella*, ae. Fem. Cic.”

2. Moraes:

Rapariga. “sf. Moçazinha.”

3. Laudelino Freire:

Rapariga. “s.f. 2. Mulher que está no período intermédio da infância e da adolescência; mulher moça. // 3. moça do campo; moça rústica. // 4. O mesmo que donzela. // 5. Pej. O mesmo que amásia ou meretriz.”

4. Aurélio:

Rapariga. “S. f. 1. P. us. no Brasil. Mulher nova; moça. 2. P. us. no Brasil. Adolescente do sexo feminino. 3. Lus. Moça do campo. 4. Bras. N. N.E. MG GO Amante² (6) ou concubina. 5. Bras. N. N.E. MG GO Meretriz.”

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 223 - **Rastel** (substantivo)

“A gente tava vindo da lagoa e fazia aquele rastel pronto pra puxar os peixe...” (Entr.1, linha 239)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 224 - **Rebuçado** (substantivo)

“... riscou fogo no paiol de milho mais embaixo... fizeram aquele rebuçado de capim...” (Entr.4, linha 418)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Rebuçado. “Metaforicamente. Disfarçado, oculto, dissimulado. Vid. nos seus lugares. (Estes são os sucessos mais importantes, que pude descobrir dos portugueses, bem rebuçados na enveja de Tito Lucio.Mon.lusit. tom.1.fl.8.col.1.”

2. Moraes:

Rebuçado. “p. pass. de rebuçar. “Rebuçada com huma fina beatilha. Fig. Encoberto, dissimulado, dito.”

3. Laudelino Freire:

Rebuçado. “adj. P. p. de rebuçar. Embuçado, oculto, disfarçado, meio encoberto.”

4. Aurélio:

Rebuçado. “[Part. de rebuçar.] S. m. 1. Bala¹ (3) à qual se acrescentam essências de frutas ou de plantas, e que geralmente é embrulhada em papel. 2. Fig. Aquilo que se faz ou diz com esmero.

5. Cunha:

Rebuçado. “v.boca” “rebuçado XVI”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 225 - **Réis** (substantivo)

"... duzentos e cinqüenta mi[l] réis... vendi uma vaca bonita..." (Entr.4, linha 129)

"... de primeiro era mi[l] réis... ocê ia as vez com vinte mi[l] réis ou quinze ou o quanto que for..." (Entr.8, linha 176)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Réis. "Moeda bayxa de Portugal. He abreviatura de reaes, (como advertio o commentador de Camoes sobre o cant. 3. oyt. 46.)..."

2. Moraes:

Réis. "sm. pl. reaes. A ultima espécie de moeda, e ideal, em que se resolve o dinheiro, e de que usamos no nosso modo de contar: vinte réis."

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio:

Réis. "S. m. pl. 1. Pl. de real² (3)."

5. Cunha:

Réis. "v.rei" "réis sm. pl. 'real²' XVIII"

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 226 - **Renca** (substantivo)

"Vai... ih mas só ocê ver a renca de gente que vai atrás." (Entr.7, linha 223)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Renque. "Parece derivado da palavra franceza *rang*, ou como quer Duarte Nunes do Liaõ, no seu livro da Origem da Língua Portuguesa, pág.83, de *rench*, que (segundo a observação do dito author) nos antigos poetas francezes, particularmente os provençaes, vai o mesmo que tea [], donde dizemos das cousas postas em ordem, ou ala, estarem em renque."

2. Moraes:

Rénque. "sf. Ala, serie, linha, fileira. Castan. L.5. c. 75. e L. 6. c. 25. "postos em renque de huma parte e da outra"."

3. Laudelino Freire:

Renque. "s.m. Ant. alt. al. *hring*. Alinhamento, fileira. // 2. Disposição de cousas ou pessoas na mesma linha."

4. Aurélio:

Renque. "[Do frâncico **hring*, 'círculo', pelo cat. *renc*, 'fila'.] S. m. e f. 1. Disposição de coisas ou de pessoas na mesma linha; ala, fileira, alinhamento, série: (...) "Ao pé de uma das colunas de pedra, que subindo ao teto se dividiam como os ramos de uma palmeira em artesões de castanho, os quais... pareciam sustentar a renque de lampadários gigantes pendentes da escura profundesa daquelas voltas; - ao pé de uma destas colunas, ... três personagens falavam também havia largo tempo" (Alexandre Herculano, O Bobo, p.41). [P. us. no fem. Var., pop.: renga.]"

5. Cunha:

Renque. "sm. e f. 'ala, fileira, série, alinhamento' XVI. Do cat. *renc*, deriv. do frâncico **hring*."

6. Amadeu Amaral: n/e.

Ficha 227 - **Requereu** (verbo)

"... ele foi e requereu ela... o que que ela queria..." (Entr.4, linha 573)

"...eu já fui atropelado por um ladrão... eu requeri ele..." (Entr.10, linha 307)

"... bandido entrou na minha casa... Deus me ajudou qu'eu requeri ele..." (Entr.10, linha 321)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Requerer alguem. "ou contra alguém. Accusallo. Requerer contra alguém, que governando levou o alheyo, ou roubou o publico."

2. Moraes:

Requerer. "Pedir em juízo. Requerer alguém de algum crime, acusa-lo em juízo."

3. Laudelino Freire:

Requerer. "v.r.v. Lat. *requirere*. Pedir ao governo ou aos poderes públicos por meio de petição (o que pode ou deve ser concedido) (tr. dir.; bitr. com prep. *a, de, para*): "Terminava, pedindo a el-rei não o culpasse por ter vindo a Roma e por continuar requerer o perdão dos cristãos-novos" (Herculano)."

4. Aurélio:

Requerer. "[Do lat. vulg. *requaerere.] V. t. d. 1. Pedir, solicitar, por meio de requerimento. 2. Encaminhar (petição) a autoridade ou pessoa em condições de conceder o que se pede. 3. Pedir em juízo; impetrar ação de.

V. t. d. e i. 9. Pedir, solicitar, instar, rogar. 10. Pedir por meio de requerimento."

5. Cunha:

Requerer. "vb. 'pedir, solicitar, por meio de requerimento' XIV. Do lat. vulg. *rēquaerēre* (cláss. *requirēre*)"

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 228 - **Rês** (substantivo)

"... juntava cada uma... cada uma junta daquela era uma rês né... fizeram uma bezerra... fizeram uma vaca... fizeram um touro..." (Entr.4, linha 33)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Res de gado. "Vid. rez." "Rez ou res. Deriva [] esta palavra do Hebraico *Ros*, que vai o mesmo que cabeça, & assim quer este author, que *Res* em castelhano se tome por *cabeça de gado*, & que tantas rezes, v.g. valha o mesmo, que tantas cabeça de gado."

2. Moraes:

Rês. "sf. Cabeça de gado, pl. rezes: outros escrevem rez no singular."

3. Laudelino Freire:

Rês. "s.f. Qualquer quadrúpede que serve para alimento do homem."

4. Aurélio:

Rês. "[Do ár. *rays*, 'cabeça'.] S. f. 1. Qualquer quadrúpede us. na alimentação humana."

5. Cunha:

Rês. "sf. 'Qualquer quadrúpede us. na alimentação humana' XVI. Do ár. *rá's* 'cabeça'."

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 229 - **Revoltoso** (substantivo)_____

“...tinha uns trem / uns tal de trem que chamava revoltoso... sei lá. / Entr: Revoltoso?... como que era isso? / Inf: Era um povo que andava no mundo matando gente...” (Entr.2, linha 418)

“Agora eu só num vi os revoltoso né... mas eu vi meu pai falar... minha mãe... e do povo que ficava no mato... escondido por causa deles...” (Entr.8, linha 201)

“... porque nessa época do revoltoso... de... 1926... foi a época do revoltoso... meu pai era solteiro ainda... meu pai contava caso desses revoltoso...” (Entr.5, linha 518)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 230 - **Rezeiro** (substantivo)_____

“Tinha... tinha... todo ano tinha festa de reis né... tinha os rezeiro que saía no dia primeiro / saía no dia primeiro de janeiro né...” (Entr.4, linha 146)

“Cantava... meu pai era um rezeiro que o povo gostava muito do reis dele.” (Entr.14, linha 320)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 231 - **Riba** (advérbio)_____

“...passando arreio nas costa... em riba d’umas pinguela de pau né...” (Entr.4, linha 200)

“... marrava de vara de riba em baixo... marrava com cipó...” (Entr.1, linha 382)

“... e cá pra riba naquela fila tinha uma casa de... tinha a casa de Dió...” (Entr. 7, linha 14)

“... eu sofri uma febre muita perigosa qu’eu tive... fiquei em riba da cama...” (Entr.14, linha 148)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

De riba. “De lugar alto. Causa de riba. *Supernus*, a, um. Plin. Alguas vezes se diz, *Superus*, a, um.”

2. Moraes:

De riba. “i. e., do alto para baixo, de cima. A riba, a cima; v.g., ir a riba, ir a cima.”

3. Laudelino Freire:

Riba. “s.f. Lat. *ripa*. Margem elevada de rio. // 2. Arriba, ribanceira.” “riba, adv. Em cima.”

4. Aurélio:

Riba. “[Do lat. *ripa*.] S. f. 1. Margem alta de rio; ribanceira; ribeira, arriba. 2. Pop. A parte mais elevada; cima: “Tiravam as colchas de seda de riba dos cestos” (Vitorino Nemésio, O Mistério do Paço do Milhafre, p.45).

u Em riba de. 1. Em cima de.

u Pra riba de. 1. Pra cima de.”

5. Cunha:

Riba. “sf. ‘ribeira, margem’ XIII. Do lat. *rīpa* –ae.”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 232 - **Roda** (substantivo)_____

"Era tear da ()... nós hoje chama roda." (Entr.1, linha 62)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Roda de fiar. “s.f. Máquina, com uma roda movida por um pedal e que servia outrora para fiar linho, cânhamo, etc.”

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 233 - **Rodagem** (substantivo)_____

"... Daqui pra Águas Vermelhas num tinha rodagem não. / Entr: Num tinha estrada nenhuma. / Inf: Num tinha rodagem não..." (Entr.1, linha 346)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 234 - **Rompendo** (verbo)_____

"... eu falei: “Não... ocê pode ir rompendo que eu vou com o cacetinho e Deus me ajuda que eu chego lá”... aí ela rompeu... “Ô senhor () mas vão embora!”... eu falei: “Não... vá rompendo e eu lhe acompanho”...” (Entr.7, linha 377)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes:

Romper. “Cortar, atravessar, sem descontinuar.”

3. Laudelino Freire:

Romper. “v. r. v. Lat. *rumpere*. 9. Entrar violentamente por; abrir caminho através de; penetrar com violência (tr. dir.): “E vê-lo estendendo trilhos pelos sertões, através de montanhas, por sobre rios, rompendo selva para levar vida aos desertos” (Coelho Neto). // 10. Atravessar, penetrar.”

4. Aurélio:

Romper. “[Do lat. *rumpere*.] V. t. d. 7. Abrir caminho por; passar pelo interior de; atravessar. 8. Dar princípio a; principiar, iniciar. / V. int. 25. Principiar, começar.”

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 235 - **Seguimento** (substantivo)_____

“... aí o dia que ele casou... eu... () fez um favor né... todo rapaz que um dia casasse tinha um seguimento né.” / Entr: {Tinha o que?} / Inf: {Um forró}... fazia um forró... um churrasco né.” (Entr.4, linha 108)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 236 - **Senhorinha** (substantivo)_____

“... minha mãe: “Beto... cê num tem medo de matar esses menino seu de comer não?”... “Ô senhorinha... num mata não... Deus num deixa morrer não...” (Entr.12, linha 316)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Senhorinha. “s.f. Moça solteira.”

4. Aurélio:

Senhorinha. “[De *senhora* + *-inha*.] S. f. Bras. 1. Senhorita (2 e 3).”

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 237 - **Sinhá** (substantivo)_____

“... pegaram esses nego moço... a mulher... a patroa... a sinhá...” (Entr.4, linha 422)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Sinhá. “s.f. Pop. O mesmo que senhora.”

4. Aurélio:

Sinhá. “[De *sinhô*.] S. f. Bras. Pop. 1. Tratamento dado pelos escravos a sua senhora; siá: “Conhecera(m) (as negras) muito dono: / Embalaram tanto sono / De tanta *sinhá* gentil!” (Gonçalves Crespo, Obras Completas, p.352)”

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral:

Sinhara. “*sinhá*, formas enclíticas e pronominais de senhora. V. *Sinhor*.”

Ficha 238 - **Sobrescrição** (substantivo)_____

“... Deus confiou em mim catorze filho... morreu cinco... esses cinco Deus num deixou tirar sobrescrição pra enterrar...” (Entr.10, linha 147)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 239 - **Suaiada** (adjetivo)_____

“... aquela casa que é de dona Diva... aquela casa / ês chamava suaiada... eles falava que era suaiada... casa de taco... e levantava a casa por baixo ficava ocado...” (Entr.2, linha 134)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Soalho. “Solho. Forro de taboas, em superfície plana de casa.” “Soalhar ou assoalhar. Forrar de taboas.”

2. Moraes:

Soalhado. “p. pass. de soalhar. Subst. Taboado de soalhado, i.e., de assoalhar.”

3. Laudelino Freire:

Soalhado. “Adj. De *soalhar*¹. Sobradado.”

4. Aurélio:

Soalhado. “[Part. de *soalhar*².] Adj. 1. Assoalhado¹.”

5. Cunha:

Assoalhar¹. “vb. ‘unir ou pregar as tábuas do assoalho de (pavimento, estrado etc.)’ 1844” “soalho¹ sm. ‘revestimento de madeira’ 1813. Do lat. **solăcŭlum*, diminutivo de *sŏlum*.”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 240 - **Sura** (adjetivo)_____

“É...uma galinha sura...ocê via uma galinha sura...via uma izabelê né.” (Entr.4, linha 303)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes:

Suro. “adj. Derrabado naturalmente, sem cauda: v.g. galinha sura, tem-se por mais amigas dos galos; poedeiras, e criadeiras.”

3. Laudelino Freire:

Suro. “adj. cast. *zuro*. Que não tem rabo; derrabado.”

4. Aurélio:

Suru. “[V. *suro*.] Adj. 2 g. 1. Bras. Zool. Diz-se de animal sem cauda ou que só tem o coto da cauda; suri, suro, surrote, bicó, cotó, nabuco, nambi, pitoco, rabi, rabicó, torado.

[Fem.: sura.]”

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 241 - **Taca** (substantivo)_____

“... aí veio um lá... com uma taca cheio de argola sacudindo assim... “Porque que esse () num panha?”... e puxou a taca na cacunda do velho...” (Entr.12, linha 195)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Taca. “s.f. Correia, o mesmo que *manguá*. // 2. Fasquia de madeira, em forma de bordão, presa por uma correia ao pulso, empregada para esbordoar os escravos.”

4. Aurélio:

Taca¹. “taca1 [F. aferética de *ataca*, poss.] S. f. Bras. 1. Pancada, bordoadada. 2. Relho, mangual: “O rapazola... estalou a taca. A Faísca amiudou o passo puxando a tropa.” (Coelho Neto, Banzo, p.83). / u Meter a taca em. Bras. Fam. 1. Meter o pau em (2).”

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 242 - **Tiçou** (verbo)_____

“... daí a pouco tá todo mundo abrindo sepultura... () esse velho... tiçou lá dentro do buraco e enterrou...” (Entr.12, linha 202)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio:

Atiçar. “[Do lat. vulg. **attitiare*.] V. t. d. e c. 6. Fig. Pop. Dar; arremeter. 7. Fig. Pop. Atirar, jogar.”

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 243 - **Tigurezinho** (substantivo)_____

“... só num tinha surubim aqui nesse rio... mas no mais esses peixinhos... o curumatá... o piau... piabanha... uma tal de piapara e... traíra... bagre... tinha tudo quanto era peixe... tinha

uns figurezinho branco... um peixinho pequeninho assim... era o melhor peixe que tinha dentro desse rio... esses figurezinho né..” (Entr.4, linha 208)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 244 - **Topar** (verbo)

“... outra hora cê topa com ele na estrada...” (Entr.5, linha 589)

“..ele anda por aqui tudo... topa ele na estrada...”. (Entr.5, linha 590)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Topar. “Deriva-se do grego *Topazein*, que he buscar, & topar, he achar a cousa que andamos buscando, & estendese a qualquer outra cousa, com a qual nos encontramos, aindaque a não busquemos.”

2. Moraes:

Topar. “v.n. Encontrar com alguém, ou alguma coisa à caso, e imprevistamente, ou de propósito.”

3. Laudelino Freire:

Topar. “v. r. v. De *tope* + *ar*. Encontrar (tr. dir.): “Se eles cá vem, é contar que não deixam nada; diz que metem a saque tudo quanto topam, pois não metem?” (Camilo). // 2. Deparar, encontrar (tr. ind. com prep. *com*): “A curta distância toparam com a cavalgada da rainha” (Rebêlo da Silva).”

4. Aurélio:

Topar. “[De *top*, onom. de um choque brusco, + *-ar*2.] V. t. d. 1. Encontrar, achar. / V. t. i. 5. Encontrar, achar. 6. Encontrar(-se), deparar. 7. Ir de encontro; encontrar-se, chocar-se. / V. p. 12. Encontrar-se, deparar.”

5. Cunha:

Topar. “vb. ‘encontrar(-se) com’ XIII. De origem onomatopaica.”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 245 - **Tostão** (substantivo)

“... deve tá lá embaixo do chão... mas que vem... vem... tenho certeza... certeza que vem... se ficar devendo um tostão...” (Entr.12, linha 264)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Tostão. “Deriva se do italiano *testa*, ou do francez *teste*, que he toda a cabeça. E como em Italia foi chamada *testone*, & em francez *teston*, a moeda, em que estava representada a cabeça do príncipe, que a mandara cunhar, assim em Portugal foi chamada *testaõ*, & corruptamente *tostaõ* hua moeda, que el Rey D. Manoel mandou lavrar, da qual porem não sabemos de certo que nella estivesse cunhada a cabeça deste príncipe. ... Em Portugal houve

tostoens de ouro, & prata. Tostoens, moeda de ouro, lavrou el Rey D. Manoel anno 1517. Tihaõ o preço dos quarto dos portuguezes, segundo parece.”

2. Moraes:

Tostão. “sm. Moeda de prata que vale 100 réis. (De teston francez, testom dicerão os antigos)”

3. Laudelino Freire:

Tostão. “s.m. Ital. *testone*. Moeda portuguesa de prata, do valor de cem réis. // 2. Moeda brasileira do valor de cem réis. // 3. Quantia de cem réis.”

4. Aurélio:

Tostão. “[Do it. *testone*, pelo fr. *teston*, com assimilação.] S. m. 1. Antiga moeda de níquel, de Portugal e do Brasil, que valia cem réis. 2. Bras. V. dinheiro (5).”

5. Cunha:

Tostão. “sm. ‘antiga moeda portuguesa’ XVI. Do fr. *teston*, deriv. do it. *testóne*.

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 246 - **Traçadá** (substantivo)_____

“... o rio aí era sujo... era cheio d’um mato que a gente enfrentava... traçadá... traçadá...” (Entr.2, linha 147)

“O rio Mosquito era... um riozinho estreitinho cheio de traçadá né...” (Entr.7, linha 128)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 247 - **Transferiu** (verbo)_____

“Meu pai tinha... meu pai... meu pai transferiu né... meu pai transferiu três famílias né... meu pai transferiu três famílias...” (Entr.10, linha 53)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 248 - **Tropa** (substantivo)_____

“Animal...carregava uma tropa de cinco ou seis animal...e fundava aí.” (Entr.1, linha 316)

“... aqui já teve muita fatura... tropa e mais tropa entrava () na rua da Fé... panhava um negócio ali e levando pra Bahia.” (Entr.12, linha 25)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Tropa. “s.f. Lat. *turba*. 5. Grande porção de gado ou de bestas de carga, que segue em jornada.”

4. Aurélio:

Tropa. “[Do fr. *troupe*, 'bando de pessoas ou de animais'.] S. f. 6. Bras. Caravana de animais eqüídeos, especialmente os de carga.”

5. Cunha:

Tropa. “sf. ‘conjunto de soldados’ ‘multidão’ ‘grande porção de animais’ XVII. Do fr. *troupe*, provavelmente deriv. regr. de *troupeau*, a. fr. *tropel* ‘rebanho’ (logo empregado adverbialmente, com o sentido de ‘muito, demasiadamente’).”

6. Amadeu Amaral:

Tropa. “s.f. – caravana de bestas de carga, ‘comboio’; manada de eqüídeos, quantidade desses animais; fig., corja, cambada (de marotos, de ladrões, de patifes, de estúpedos).”

Ficha 249 - **Tropeiro** (substantivo)_____

“... era esses homem... era o canoeiro que viaja pro rio... era o tropeiro que é esse... o homem que eu tou contando que derrubava os burro...” (Entr.5, linha 537)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Tropeiro. “s.m. De *tropa*. 2. Aquele que conduz bestas de carga ou manadas de gado grosso, como cavalos e bois.”

4. Aurélio:

Tropeiro. “[De *tropa* + *-eiro*.] S. m. 1. Bras. Condutor de tropa (6); arrieiro, bruaqueiro.

2. Bras. RS Indivíduo que compra e vende tropas de gado, de mulas ou de éguas.”

5. Cunha:

Tropeiro. “v. tropa” “tropeiro 1844”

6. Amadeu Amaral:

Tropêro. “s.m. – negociante de animais eqüídeos, que viaja com eles; condutor de tropa de eqüídeos.”

Ficha 250 - **Tropicando** (verbo)_____

“... que aqui mesmo a gente tá tropicando neles aí na rua...” (Entr.2, linha 688)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes:

Tropicar. “v.n. Tropeçar, e ir cahindo; v.g. este burro tropica, t. vulgar.”

3. Laudelino Freire:

Tropicar. “v. intr. Tropeçar muitas vezes (falando de bestas).

4. Aurélio:

Tropicar. “[Do arc. *tropigo*, 'hidrópico' (v. trôpego), + -ar2.] V. int. 1. Tropeçar numerosas vezes: “Sem botar reparos ao chão em que pisam, tropicando em raízes, formigueiros, buracos de tatus, cavalos correm, rebatendo fujões.” (Nélson de Faria, Tiziu e outras Estórias, p.208)”

5. Cunha:
Tropicar. “v. trôpego” “tropicar vb. ‘tropeçar numerosas vezes’ 1813. Liga-se, provavelmente ao arc. **tropigo* ‘trôpego’.”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 251 - **Trucisco** (substantivo)_____

"... aí peguei arrancar o *trucisquinho* né...o *trucisco* é uma raiz que tem nesses mato aí... peguei usar na pinga..." (Entr.4, linha 351)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Trochisco. “ou trocisco (termo pharmaceutico) Deriva-se do grego *Trochiscos*, que quer dizer *roda pequena*, porque dão ao trochisco a figura de hum bolinho redondo, a modo de Tremoço, e facil de rodar. Sem embargo de que se fazem trochiscos, em forma de triangulo, & outras figuras. He medicamento composto de hum, ou de muitos ingredientes, reduzidos a hum pó muito subtil, incorporados, & amassados com agoa destilada, ou com vinho, ou com vinagre, ou com outro licor.”

2. Moraes:

Trociscos. “sm. pl. farm. Massa medicinal feita em rodinhas, ou pastilhas.”

3. Laudelino Freire:

Trocisco. “s.m. De *troço*. Ant. Pequeno troço, fragmento.’ “Trocisco, s.m. Lat. *trochiscus*. Medicamento sólido, composto de substâncias pulverizadas e com forma cônica, piramidal, cúbica, etc.”

4. Aurélio:

Trocisco. “[Do gr. *trochískos*, 'pastilha redonda', pelo lat. *trochiscu*.] S. m. Farm. Desus.

1. Designação de medicamentos apresentados sob forma de pastilha, de cone, etc.; morsolo.”

5. Cunha:

Trocisco. “sm. ‘tipo de preparação farmacêutica’ 1813. Do fr. *trochisque*, deriv. do lat. tard. *trochiscus* e, este, do gr. *trochískos*.”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 252 - **Urdir** (verbo)_____

"Fazia um novelão grande... a minha avó chamava *urdir*... *urdiu* aquilo... ocê lembra disso... () chamava tial né..." (Entr.1, linha 83)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Urdir. “Dispor os primeiros fios da tea. *Telam ordiri*. Plin. (dior, orsus, sum) (Para acabar de urdir a tea, que trazia entre mãos. Mon. Lusit. Tom.1.224.col.3.”

2. Moraes:

Urdir. “v. at. Principiar a tea, lançar no engenho de tecer os primeiros fios della.”

3. Laudelino Freire:

Urdir. “v. r. v. Lat. *ordiri*. Dispor ou arranjar os fios da teia para fazer o tecido (tr. dir.): “Teia cinzenta a solitária aranha vai nas paredes, lentamente, urdindo” (Paranapiacaba). //

2. Fabricar por meio da urdidura; tecer (tr. dir.): “Tem o fuso na mão e a passadeira como que urde no tear um manto” (Porto Alegre).”

4. Aurélio:

Urdir. “[Do lat. *ordire, por ordiri, 'começar o trabalho da tecelagem'.] V. t. d. 1. Dispor os fios da tela (1). 2. Tecer, entrelaçar os fios de (a teia): “Uma pequenina aranha urde no peitoril da janela a teiazinha fininha.” (Manuel Bandeira, Estrela da Vida Inteira, p.94). 3. Preparar o entrecho de.”

5. Cunha:

Urdir. “vb. ‘tecer, dispor os fios da teia’ fig. Enredar, tramar’ / 1572, *ordir* XIII / Do lat. *ordīri*.”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 253 - **Vadiar** (verbo)_____

“Não... nós nunca fazia boneca não... meu pai num deixava nós vadiar com boneca não...” (Entr. 3, linha 16)

“...ele ia fazer aquelas cancela pra botar nas (divisão) dos curral... que tava tudo feito / tudo curral de gado... ((risos))... que eu vadiava né... era minhas brincadeira... e a não ser isso... era montado em cavalo de pau.” (Entr.5, linha 16)

“Cantava re[i]s... mas dançava... vadiava... naquele tempo tinha cachaça boa... cê bebia a noite toda...” (Entr.12, linha 308)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Vadiar. “v. intr. De *vadio* + *ar*. 5. Andar em pagodeiras; brincar, divertir-se.”

4. Aurélio:

Vadiar. “[De *vadio* + -*ar*2.] V. int. 4. Bras. Andar em pagodes; brincar, divertir-se.”

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 254 - **Valava** (verbo)_____

“É buraco... onde valava as enxurrada né...” (Entr.5, linha 184)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Valar ou vallar. “v. tr. dir. Lat. *vallare*. Fazer valas em. // 2. Cercar de valas.”

4. Aurélio:

Valar². “valar² [Do lat. *vallare*.] V. t. d. 1. Fazer valas em. 2. Cercar de valas” .

5. Cunha:

Valar. “v. valo” “valar¹ vb. ‘fazer valas em’ XI. Do lat. *vallāre*.”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 255 - **Vaqueiro** (substantivo)_____

"... ficava um vaqueiro sozinho naquele trecho pra cuidar daqueles boi... e assim () era boiada na estrada..." (Entr.5, linha 547)

"...aí o vaqueiro chega... roda aquele boi e manda deitar.. o boi deita por ali e tal..." (Entr.5, linha 379)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Vaqueiro. "Pastor de gado grosso, como vacas, boys."

2. Moraes:

Vaqueiro. "sm. Pastor, guardador de gado vacum."

3. Laudelino Freire:

Vaqueiro. "s.m. Guarda ou condutor de vacas ou de gado vacum."

4. Aurélio:

Vaqueiro. "[De vaca + -eiro.] S. m. 1. Guarda ou condutor de vacas, ou de qualquer gado vacum. [Sin. bras.: campeiro (N.E.), casaca-de-couro (PE) e chapadeiro (MG).]"

5. Cunha:

Vaqueiro. "v. vaca" "vaqueiro / -eyro XIII."

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 256 - **Vau** (substantivo)_____

"Ah... esse rio quando era ocasião das água mesmo...seis meses... ninguém tinha condição de passar nele... num dava vau em canto nenhum né..." (Entr.4, linha 198)

"...e o rio () cheio direto... só ficava passarinho trançando de um lado pro outro aí... num tinha vau era outro canto mesmo né.." (Entr.4, linha 203)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Vao. "A paragem por onde se possa passar hum rio, ou hua lagoa, sem barco, sem nadar, & sem se enlodar. *Vadum*, i. Neut. Caesar."

2. Moraes:

Vao. "sm. No rio, he o lugar onde elle he mais baixo, e se pode vadear. Passar a vao, vadear."

3. Laudelino Freire:

Vau. "s.m. Lat. *vadum*. Sítio do rio onde a água é pouco funda, de sorte que se pode passar a pé ou a cavalo."

4. Aurélio:

Vau¹. "vau1 [Do lat. *vadu*.] S. m. 1. Trecho raso do rio ou do mar, onde se pode transitar a pé ou a cavalo. 2. V. baixio (1)."

5. Cunha:

Vau. "sm. 'baixio, trecho raso de rio, lago etc., que se pode passar a pé' / *uaao* XIII / Do lat. *vādum*."

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 257 - **Vendeiro** (substantivo)_____

"... o vendeiro... é... o vendeiro... o velho que eu costume comprar na mão dele." (Entr.12, linha 330)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Vendeiro. “Taverneiro. O Adágio português diz: Ninguém seria vendeiro, senão fosse o dinheiro.”

2. Moraes:

Vendeiro. “sm. Homem que tem venda, ou taverna.”

3. Laudelino Freire:

Vendeiro. “s.m. De *venda* + *eiro*. O mesmo que taberneiro.”

4. Aurélio:

Vendeiro. “[De *venda* + *-eiro*.] S. m. 1. Dono de venda¹ (2 e 3). [Sin.: taberneiro, taverneiro (bras., N.E.), vendilhão e (p. us.) vendelhão.]”

5. Cunha:

Vendeiro. “vendeiro 1844”

6. Amadeu Amaral: n/e

Ficha 258 - **Vultado** (substantivo)_____

“... ele saiu da cova e... aí virou bicho... e ficou na cidade... e o vultado atentando a família e cumendo tudo que tinha nas fazenda...” (Entr.5, linha 579)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Após apresentar as 258 fichas lexicográficas, elaboradas junto à pesquisa em seis dicionários, acompanhadas de abonações e classificações gramaticais, passemos à análise quantitativa dos nossos dados.

4.2. Análise quantitativa

Considerando os objetivos traçados para a presente pesquisa – levantamento e análise do léxico do município mineiro de Águas Vermelhas – examinaremos esses dados com o intuito de melhor operacionalizarmos o processo de sistematização dessas unidades lingüísticas e verificarmos a incidência de fatores socioculturais na configuração da construção do léxico do português dessa região.

4.2.1. Quanto ao número de lexias presentes em cada dicionário

Das 258 lexias apresentadas nas fichas lexicográficas, verificamos que 149 são dicionarizadas em pelo menos uma das seis obras escolhidas. A fim de termos uma idéia do

número de vocábulos que constavam em cada um dos seis dicionários pesquisados, fizemos um levantamento quantitativo que é mostrado no gráfico a seguir¹²⁰:



Gráfico n.º 1 – Número de lexias encontradas em cada dicionário.

O gráfico n.º1 mostra, em números absolutos, quantas lexias entre as 149 dicionarizadas constam em cada dicionário: a) a barra azul representa os 65 vocábulos encontrados em Bluteau, o que corresponde a 43,6% dos 149 vocábulos dicionarizados. b) Moraes apresenta 77 lexias entre aquelas dicionarizadas, o que representa 51,7% desse total. c) Laudelino Freire, representado pela barra verde, apresenta 134 lexias ou 89,9% dos vocábulos dicionarizados. d) Aurélio, representado pela barra amarela, é aquele que mais apresenta em suas páginas aquelas lexias constantes do grupo das dicionarizadas, com 135 ou 90,6% dos vocábulos respectivamente. e) Cunha, representado no gráfico pela barra de cor azul clara, apresenta 80 lexias entre aquelas dicionarizadas, o que representa um percentual de 53,7%. Por último, em Amadeu Amaral, verificamos a presença de 40 unidades léxicas (15,5%) entre aquelas existentes no *corpus*.

4.2.2. Quanto à classe gramatical.

Ao analisarmos as fichas, verificamos que os substantivos e os verbos somam 211 ocorrências, totalizando 81,7% dos dados. Os substantivos se destacaram com 154 ocorrências, representando 60,4% dos vocábulos escolhidos. Os verbos, por sua vez, totalizam 21,3% das lexias, ou seja, 55 ocorrências. Na tabela abaixo, não consta uma unidade

¹²⁰ Na legenda ao lado do gráfico apresentamos apenas um dos nomes dos autores dos seis dicionários pesquisados (Cf. os autores na seção 2.2.)

fraseológica do nosso *corpus* que representa 0,4% do total. A seguir, apresentamos a distribuição, segundo a classe gramatical dos dados analisados:

Classe gramatical	Número de lexias	Percentual
Substantivo	156	60,4
Verbo	55	21,3
Adjetivo	15	5,8
Advérbio	10	3,9
Locução verbal	09	3,5
Locução adverbial	5	1,9
Preposição	3	1,2
Pronome	3	1,2
Interjeição	1	0,4
Total	257	99,6

Tabela nº 1 – Classe gramatical dos dados analisados.

4.2.3. Quanto às lexias dicionarizadas e não dicionarizadas.

Após analisar as 258 fichas, identificamos várias lexias que não foram encontradas em nenhum dos dicionários consultados, ao passo que outras foram encontradas em pelo menos um desses dicionários. Cabe ainda salientar: a) aquelas lexias que no contexto das entrevistas apresentaram sentido incompatível às acepções dicionarizadas foram computadas como não dicionarizadas; b) vocábulos que apresentavam alguma variação resultante de processos fonológicos ocorridos em relação às formas das entradas nos dicionários também foram computados como não-dicionarizados; c) diferenças ortográficas como consoantes duplas ou terminações em *am*, bem como diferenças de gênero, número e grau não foram consideradas como diferentes das formas encontradas nas entradas dos dicionários consultados. O gráfico a seguir mostra os números encontrados:

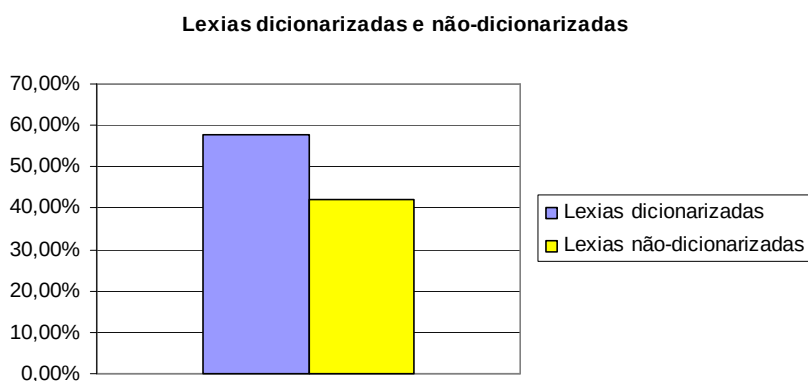


Gráfico n.º 2 – Distribuição percentual das lexias dicionarizadas e não dicionarizadas.

As 258 lexias utilizadas nas fichas lexicográficas foram divididas em dois grupos: lexias dicionarizadas, representadas pela barra azul do gráfico, e as lexias não dicionarizadas, representadas pela barra amarela. Entre os dois grupos predominaram as primeiras com 57,8% ou 149 lexias dicionarizadas, ao passo que as demais somaram 42,2% ou 109 lexias não dicionarizadas.

4.2.3.1. Dicionarização segundo a classe gramatical

Como se viu em 4.2.2., os 258 vocábulos das fichas lexicográficas foram distribuídos em 9 grupos, os quais representavam as funções gramaticais dessas unidades, sendo quantificado o número de vocábulos em cada um desses grupos. A fim de conhecer o número de lexias dicionarizadas ou não dicionarizadas em cada um desses grupos fez-se necessária a elaboração de outras duas análises quantitativas. O gráfico a seguir mostra o percentual de unidades léxicas por classe gramatical entre aquelas dicionarizadas:

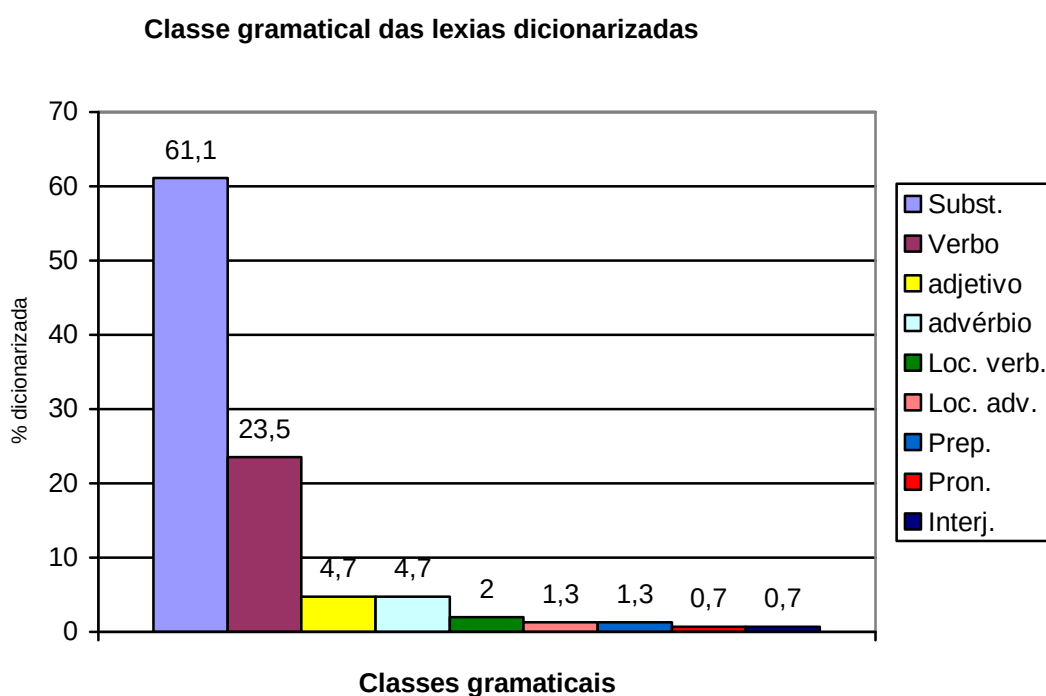


Gráfico nº 3 – Percentual de lexias dicionarizadas por classe gramatical

Após análise das 149 lexias dicionarizadas, constatamos que 91 delas, contextualizadas, desempenhavam a função de substantivos, o que equivale aos 61,1% mostrados no gráfico nº 3. Este percentual dos substantivos dicionarizados é bem próximo ao percentual dos substantivos do total de vocábulos levantados. Os verbos somaram 35 lexias, o que equivale aos 23,5% mostrados no gráfico nº3. Assim como os substantivos, o percentual dos verbos dicionarizados também é próximo ao percentual dos verbos dicionarizados e não-dicionarizados. Os adjetivos e advérbios somaram cada um 7 unidades lexicais, contribuindo

com 4,7% do total de vocábulos dicionarizados. As lexias dicionarizadas classificadas como locuções verbais contabilizaram 3 casos, o que equivale aos 2% mostrados no gráfico. As locuções adverbiais e as preposições contribuíram com 2 casos cada ou 1,3% do total dicionarizado. Finalmente os pronomes e interjeições representam cada um 0,7% do total dicionarizado ou 1 caso.

Passemos, agora, à quantificação das lexias não dicionarizadas por classe gramatical. Veja a seguir o gráfico nº 4:

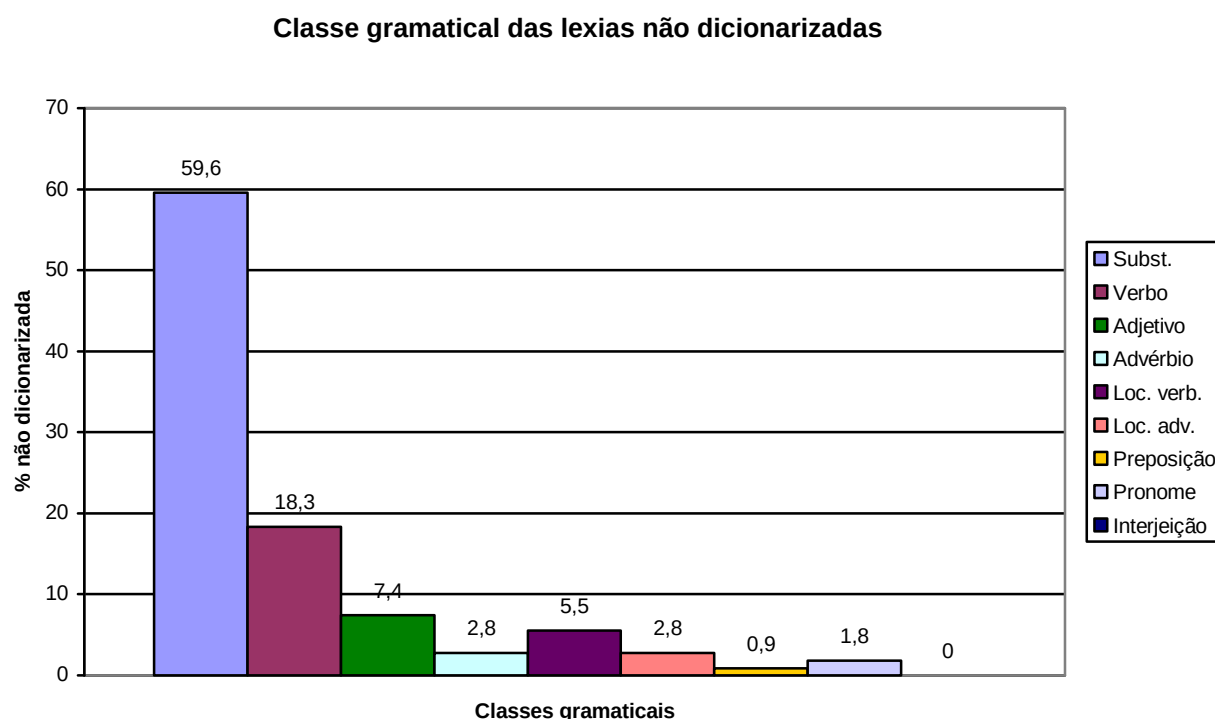


Gráfico nº 4 – Percentual de lexias não dicionarizadas por classe gramatical

Quanto aos 109 vocábulos não-dicionarizados, mais uma vez os substantivos se destacaram com 65 casos ou 59,6%. A seguir aparecem os verbos, totalizando 20 unidades, o que representa 18,3% dos casos. Os adjetivos vêm em terceiro lugar com 8 lexias ou 7,4% do total não-dicionarizado. As locuções verbais não dicionarizadas aparecem em quarto lugar com 6 casos, o que representa 5,5% do total não-dicionarizado. Os advérbios, as locuções adverbiais, os pronomes, e as preposições aparecem, respectivamente, com o seguinte número de ocorrências: 3 (2,8%), 3 (2,8%), 2 (1,8%), 1 (0,9%). Entre as lexias não dicionarizadas há um caso de unidade fraseológica, o que totaliza 0,9% desse total.

4.2.4. Quanto à origem

Analizando as fichas apresentadas, verificamos etimologias diversas para as lexias, como empréstimos de línguas românicas, asiáticas, árabes, etc. Como essas lexias já foram incorporadas à nossa língua, e não são vistas mais como estrangeirismos, optamos por fazer um levantamento apenas das lexias que tiveram origem indígena ou africana. Para definir se um vocábulo constante das fichas lexicográficas é de origem indígena ou africana apoiamos-nos na classificação feita pelo Aurélio.

Ao analisarmos as fichas lexicográficas, constatamos que, dentre as 149 lexias dicionarizadas, 14 são de origem indígena e 4 de origem africana. Estes 18 vocábulos representam juntos 12,1% do total dicionarizado. Ressaltamos que todas as lexias classificadas como de origem indígena são dadas pelo Aurélio como simplesmente de origem tupi, não sendo especificado qual família tenha contribuído com a lexia para a língua portuguesa. Os vocábulos de origem indígena encontrados foram: *arapuca*, *brocotó*, *beiju*, *caboclo*, *caititu*, *capoeira*, *carapina*, *catanga*, *coivara*, *jacu*, *manaíba*, *maniva*, *pirão*, *pocava*.

Há ainda outra duas lexias dicionarizadas apenas em Laudelino Freire que podem ser exemplos de palavras de origem indígena, mas que carecem de melhor pesquisa. É o caso de *catuá* e *piti*.

Os vocábulos de origem africana encontrados, segundo Aurélio são: *cacimba*, *capanga*, *cacunda*, *pilão*.

Além de identificarmos essas 18 lexias como exemplos de vocábulos de origem indígena ou africana, verificamos também que há um número expressivo de vocábulos nas fichas que são definidos pelo Aurélio como *brasileirismo*. De acordo com Oliveira¹²¹, o termo *brasileirismo* se refere à “todo fato lingüístico, de caráter geral ou regional, que caracterize o português em uso no Brasil, em contraste com o usado na Europa”. Assim, para essa pesquisadora, enquadram-se como *brasileirismos* as seguintes categorias: os indigenismos, os africanismos, os brasileirismos semânticos, as formações e derivações brasileiras de base vernácula ou de base híbrida e as lexias de origem expressiva própria dos brasileiros. O termo *indigenismo* usado por Oliveira se refere ao repertório lexical originado do conjunto das diversas famílias indígenas brasileiras que contribuíram para o português do Brasil. De forma semelhante, o termo *africanismos* se refere ao conjunto dos vocábulos oriundos dos diversos falares africanos que também contribuíram para o português do Brasil.

¹²¹ OLIVEIRA, 1999, p. 96.

Após análise das 258 lexias, verificamos que além dos 18 vocábulos classificados anteriormente como sendo de origem indígena ou africana – também incluídos como *brasileirismos* - encontramos ainda outras 38 lexias classificadas como *brasileirismos* no Aurélio: *Andu, agregado, aranhando, assuntando, badoque, barroca, bestagem, boneca, cachaça, cadê, camarada, capadão, causo, coronel, de comer, embonecar, enfusou, enrabou, fedegoso, fixa, harmônica, inverno, lambu, manga, matutagem, mosquitinho, pé-de-bode, pinga, pitimbado, rancheira, rancho, senhorinha, sinhá, sura, taca, tostão, tropeiro, vadiar*.

O gráfico a seguir mostra, de forma separada, o percentual de *brasileirismos* (incluído aí apenas os *brasileirismos* semânticos, as formações brasileiras de bases vernaculares ou híbridas e as formações expressivas próprias dos brasileiros), de origem indígena e de origem africana entre as lexias dicionarizadas, mesmo reconhecendo que os indigenismos e africanismos também são *brasileirismos*:

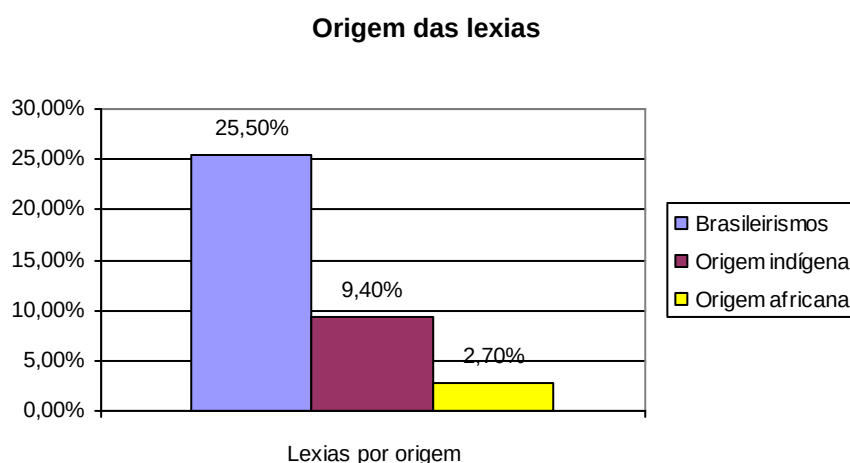


Gráfico n.º 5 – Percentual de *brasileirismos*, e de lexias de origem indígena e africana entre as lexias dicionarizadas.

O gráfico n.º 5 mostra que os *brasileirismos* (conforme explicitado), identificados pela barra azul, representam 25,5% das lexias dicionarizadas, ou 38 vocábulos. Os vocábulos de origem indígena, identificados no gráfico pela cor vermelha, responderam por 9,4% das lexias dicionarizadas ou 14 vocábulos. Os vocábulos de origem africana, identificados no gráfico pela cor amarela, representam 4 vocábulos, o que equivale a 2,7% do total dicionarizado.

Após análise e quantificação dos dados constantes das 258 fichas, passemos ao capítulo 5, em que discutiremos os dados.



Foto n.º 5 – Bois no engenho - foto de Saulo Mazzoni e outros (MARTINS, 1992, p.103).

CAPÍTULO 5 – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1. Variação, manutenção e mudança dos lexemas ao longo do tempo

Conforme abordamos na seção 2.1.2., a língua é um processo dinâmico - muitas palavras passam por mudanças ou são substituídas ao longo do tempo, outras permanecem estáveis. Ao analisarmos as 149 lexias dicionarizadas, tomando como referência os seis dicionários pesquisados, verificamos que 23 vocábulos (15,4%) passaram por mudanças desde o século XVIII até os dias de hoje, seja no sentido ou na forma ou simplesmente foram substituídos por outros na língua culta. São eles: *acá, adonde, aguardente, alembro, alevantei, alumiava, antonte, arribava, barro, cacatua, cachaça, candeia, candieiro, carneira, causo, depois, dispensa, dizer missa, entonce, inté, luitando, pessuiu, riba*.

Por outro lado, verificamos também que muitos desses vocábulos mantiveram a mesma forma e o mesmo sentido desde sua primeira dicionarização até os dias de hoje. Cabe ressaltar que muitos adquiriram novas acepções, mas a acepção original ainda ocupa o seu espaço na língua contemporânea. Entre os 149 vocábulos dicionarizados, verificamos que 107 (71,8%) mantiveram a mesma forma e o mesmo sentido. Algumas pequenas diferenças ortográficas como gênero, número, consoantes geminadas, substituição do *am* por *ao* e outros casos que não apresentam alterações expressivas foram contabilizados como “sem mudanças”. A seguir, apresentamos essas lexias: *acolá, agregado, amorosa, andu, aranhando, arapuca, arranchado, arreou, arrieiro, assombramento, assuntando, avexado, avultado, barroca, batistério, beiju, bestagem, bodoque, boiadeiro, boneca, boqueirão, brocotó, caboclo, cabrocha, cacimba, cacunda, camarada, caititu, cancela, canga, canoeiro, capadão, capanga, capoeira, carapina, carneira, carrancismo, carreira, carreiro, catinga, cativoiro, chumbar, coivara, coronel, conto, derradeira, desmantelou, desterrar, diacho, embonecando, embuçado, enfusou, enrabar, especado, espiar, fedegoso, finado, fixa, folião, forrou, fuso, fuxicou, gamela, galdão, harmônica, goma, inverno, jacu, labutando, lapinha, manga, maniva, matutagem, mosquito, parelha, parteira, patação, peguei, pilão, piou, pinga, pirão, plataforma, purgante, quermesse, rancheira, rancho, rapariga, réis, requereu, rês, rompendo, senhorinha, sinhá, sura, taca, topar, tostão, tropa, tropeiro, tropicando, urdir, valava, vadiar, vaqueiro, vau, vendeiro*.

Ao lado da manutenção lingüística, analisamos também entre os vocábulos dicionarizados - independente de serem da língua padrão ou da linguagem popular - exemplos de coexistência de duas ou mais variantes lexicais ou formais para um mesmo vocábulo nos

dicionários atuais. Foram verificados 50 casos, representando 33,5% do total. São eles: *adonde, alembro, alevantei, alumiar, arapuca, assombramento, avexado, arribava, bodoque, barro, barroca, bestagem, brocotó, caboclo, cacunda, cadê, caititu, carapina, carneira, carreira, carreiro, catinga, causo, de comer, de primeiro, derradeiro, depois, deveras, diacho, entonce, fedegoso, inté, lambu, lumiar, manaíba, maniva, mais, matutagem, pessuiu, pinga, plataforma, rapariga, riba, senhorinha, sinhá, sura, taca, tropeiro, vaqueiro e vendeiro.*

A seguir, apresentamos um gráfico, ilustrando os casos de mudança e manutenção lingüística. Vale lembrar que 19 lexias (12,8%) não entraram nessa contagem porque apareceram em apenas um dicionário.

Distribuição percentual dos casos de mudança e manutenção lingüística

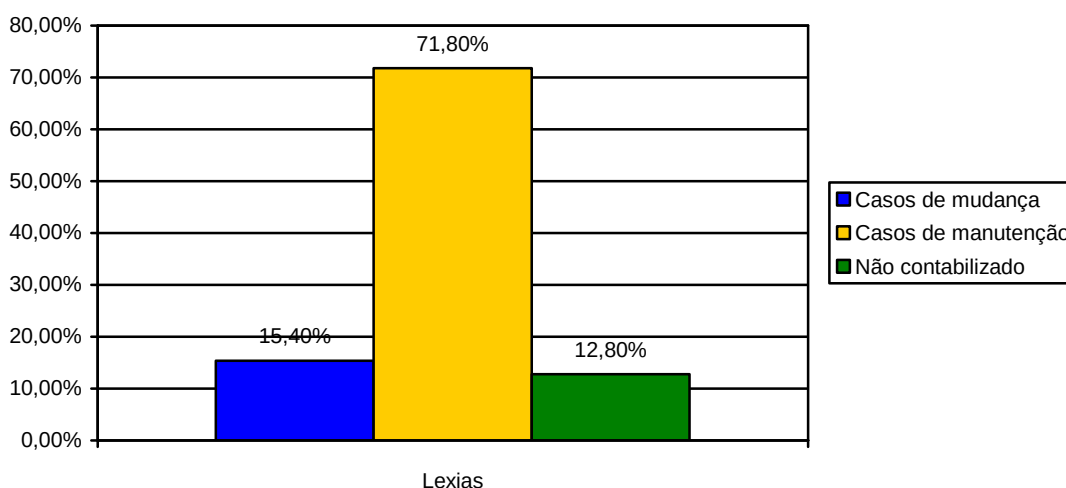


Gráfico n.º 6 – Distribuição percentual dos casos de mudança e manutenção lingüística.

Ao relacionarmos esses casos de mudança, manutenção ou variação lingüística com a questão do mundo rural, podemos inferir que o modo de vida, bem como as realidades que fazem parte do entorno das pessoas que moram no campo estão menos sujeitas às constantes modificações verificadas nos meios urbanos, favorecendo a manutenção de um léxico pouco sujeito às mudanças verificadas na língua. Essa manutenção lingüística verificada na fala do meio rural, em descompasso com as constantes mudanças verificadas na língua como um todo, contribui para os casos de variação lingüística, conforme apresentamos acima, e, também, para casos de arcaísmos.

5.2. Quanto aos arcaísmos

Precisar o período que caracteriza a língua arcaica do português não é tarefa de consenso entre os vários estudiosos da história da nossa língua. Segundo Mattos e Silva¹²², as principais características lingüísticas do período arcaico são encontradas em documentos e obras dos séculos XIII e XIV, sendo que no século XVI algumas dessas características permanecem e outras desaparecem. Ivo Castro¹²³ determina uma data simbólica para servir de limite entre o período arcaico e o português moderno: 1536. Esta data foi escolhida por representar o último auto de Gil Vicente – *Floresta de Enganos* - e por ser o ano de publicação da *Gramática da linguagem portuguesa* de Fernão de Oliveira, obra essa que contribui para um processo progressivo de normatização da língua portuguesa. Segundo Ivo Castro, o português moderno tem início a partir do século XVI.

Ao trabalhar com exemplos de arcaísmos lexicais em nosso estudo, levamos em consideração essa cronologia proposta por Ivo Castro. Desse modo, consideramos como arcaísmos aqueles vocábulos usuais entre os séculos XIII e XV, os quais, por motivos vários, perderam espaço ao longo do tempo, não sendo mais usuais na língua portuguesa padrão, ficando restritos à linguagem popular ou do meio rural.

Analisando as fichas lexicográficas, encontramos 11 casos de lexias consideradas arcaísmos, representando 7,4% daquelas dicionarizadas. São arcaísmos: *acá*, *adonde*, *alembro*, *alevantei*, *alumiava*, *despois*, *dizer missa*, *entonce*, *imbigo*, *luitando*, *pessuiu*.

Acá: Quanto à lexia *acá*, Morais dá a entrada na forma: *a cá*. Entretanto, em Cunha ela é variante de *aqui* e *cá* desde o português medieval, sendo grafadas das seguintes formas: *aca*, *acaa* e *aqua*. Segundo Huber¹²⁴, o advérbio *acá* consta no *Cancioneiro d'el Rei D. Denis*.

Adonde: Embora não seja dicionarizada por Cunha e, portanto, não apresenta datação de seu uso em documentos antigos, *adonde* aparece na literatura em prosa do século XIV – *Milagres de Santo Antonio de Lisboa* – o que consta na Revista Lusitana XV (1912), conforme cita Huber¹²⁵. Apesar de ser um vocábulo ainda usado na linguagem popular em regiões distantes dos grandes centros, conforme consta no Aurélio, é considerado um arcaísmo.

¹²² MATTOS e SILVA, 2002, p. 29.

¹²³ CASTRO, *apud* MATTOS e SILVA, 2002, p. 29.

¹²⁴ HUBER, 1986, p. 255.

¹²⁵ *Ibidem*, p.297.

Alembro: O vocábulo *alembro*, também não dicionarizado por Cunha, é antigo na língua portuguesa e aparece nos dicionários atuais como forma popular. Segundo Amadeu Amaral, esse vocábulo aparece na obra de Gil Vicente (Cf. a ficha respectiva).

Alevantei: Assim como *alembro*, *alevantei* é antigo na língua portuguesa, sendo encontrado desde o século XIII conforme consta em Cunha. Embora os dicionários mais atuais não descrevam esse vocábulo como de uso popular, tal como faz com *alembro*, essa variante não é usual no português padrão dos dias atuais.

Alumiava: Este vocábulo é também atestado na língua portuguesa desde o século XIII, conforme consta em Cunha, e é um vocábulo em desuso, conforme cita Aurélio.

Despois: O vocábulo *despois* é outro arcaísmo, sendo encontrado na obra de Camões e, desde muito, só é usado na fala popular, conforme cita Aurélio. Segundo Huber¹²⁶, esse vocábulo consta no *Cancioneiro da Ajuda* (2069 e 3565).

Dizer missa: Em relação à locução verbal *dizer missa*, somente o dicionário pesquisado de Bluteau dá a entrada grafada dessa forma. Nos dicionários pesquisados de Antônio de Moraes e de Laudelino Freire, a locução está inserida como subentrada do lexema *dizer*. Era uma locução usual no século XV, conforme podemos ver nas *Chronicas breves e memorias avulsas de S. Cruz de Coimbra*¹²⁷, bem como em uma carta do P. Manuel da Nóbrega ao P. Simão Rodrigues datada de 1549 (Cf. acervo do BTLH¹²⁸ no anexo 4).

Entonce: O vocábulo *entonce* aparece dicionarizado em Bluteau e Moraes, grafado com um s no final. Segundo Cunha, a forma *entonce* é documentada desde o século XIII e hoje é vista como um arcaísmo de acordo com o Aurélio.

Imbigo: Essa lexia é dicionarizada, desta forma, como entrada, apenas no Amadeu Amaral. Entretanto, os dicionários pesquisados de P. Bluteau, de Antônio de Moraes e de Antônio Geraldo da Cunha apresentam variantes ortográficas para a mesma. Esse vocábulo, na forma assimilada, é documentado desde o século XIV, segundo Cunha e atualmente só é encontrado na linguagem popular.

Luitando: Assim como *despois*, *luitando* também é forma arcaica e aparece grafada dessa forma desde o século XIII, segundo Cunha. *Luitando* atualmente é encontrado apenas na modalidade oral e normalmente no vocabulário de pessoas mais idosas e com baixa escolaridade.

¹²⁶ HUBER, 1986, p. 256.

¹²⁷ Portugaliae Monumentae Histórica, códice 79, vol.1, fol. 28, linhas 19 e 22 (Cf. no anexo 3).

¹²⁸ Acervo BTLH – Projeto Banco de Textos para Pesquisa em Linguística Histórica – COHEN, M. A. et alli (1999).

Pessuiu: Em relação ao verbo *pessuiu*, o mesmo aparece dicionarizado apenas em Cunha, mas não como entrada e, sim, citado nas suas formas variantes. É documentado em formas similares como *pessoyr* desde o século XIV.

Além dos casos de arcaísmos lexicais apresentados, há também casos de retenções lexicais. Em nossa análise, as retenções lexicais seriam constituídas por aqueles vocábulos que existiram na língua em épocas passadas, mas que, por diversos motivos, não mais fazem parte da língua portuguesa padrão. Desse modo, os arcaísmos fazem parte das retenções lexicais, embora as retenções lexicais abarquem, também, aqueles vocábulos usuais a partir do século XVI, mas que não o são mais na língua portuguesa padrão. Assim, além dos arcaísmos apresentados, listamos outros casos de retenções lexicais: *antonte*, *barro*, *cuma*, *inté*, *lumiar*, *mode/modo*, *riba*.

Antonte: Essa forma é dicionarizada por P. Raphael Bluteau e por Antonio de Moraes. Já no dicionário de Laudelino Freire é apresentada como forma popular, e no Aurélio já não mais aparece dicionarizada.

Barro: A lexia *barro* aparece como entrada em Bluteau, embora esse autor mostre que há preferência pela variante *varro*. Não há indicação dessa forma em Cunha, o que não nos permite afirmar que ela seja arcaica. Em Aurélio e em Laudelino Freire o verbo *barrer* é indicado como de uso popular.

Cuma: O vocábulo *cuma* não aparece como entrada em nenhum dos dicionários pesquisados, embora Gladstone Chaves de Melo¹²⁹ afirme que ele é antigo na língua portuguesa.

Inté: Quanto ao vocábulo *inté*, não o encontramos como entrada nos dicionários pesquisados mais antigos. Entretanto, em Aurélio, ele aparece lematizado e consta como forma antiga na língua portuguesa, sendo atualmente de uso popular.

Lumiar: O verbo *lumiar* aparece como entrada somente em Moraes. Não estando essa variante entre as formas variantes de *alumiar* em Cunha, e sabendo que tal forma é restrita à linguagem popular, preferimos reconhecê-la como um caso de retenção lexical.

Mode / modo: As variantes *mode* e *modo* não aparecem como entrada em nenhum dos dicionários pesquisados. Entretanto, Amadeu Amaral¹³⁰ sugere que *mode* vem da locução *por amor de*, locução essa usual em obras do século XIV e XVI, conforme cita Mattos e Silva¹³¹.

¹²⁹ MELO, 1975, p. 113.

¹³⁰ AMARAL, 1976, p. 81.

¹³¹ MATOS E SILVA, 2002, p. 234.

Riba: A lexia *riba* aparece como entrada nos dicionários mais antigos acompanhada de preposição, ao passo que em Laudelino Freire e em Aurélio ela aparece na forma simples. Trata-se de uma forma de uso popular, em especial do meio rural. Cabe ressaltar que a lexia *riba* é documentada desde o século XIII, conforme descrito por Cunha, porém com outra acepção.

Embora tenhamos feito uma distinção entre retenções lingüísticas e arcaísmos, não descartamos a hipótese de que alguns vocábulos acima descritos como exemplos de retenções lexicais possam ser também casos de arcaísmos, o que será confirmado apenas mediante uma pesquisa mais exaustiva.

5.3. Campos lexicais

Após tratarmos das questões de variação, mudança e manutenção lingüística, bem como da questão dos arcaísmos, passemos agora a uma análise léxico-cultural a partir da noção de campos lexicais, conforme propomos no início deste trabalho. Assim, tentaremos reunir esses dados segundo redes de significações, estabelecendo possíveis elementos lingüísticos e extralingüísticos que se mostrem determinantes na conformação dos significados. Acreditamos, pois, considerando os objetivos da presente pesquisa, que a sistematização dos dados por meio do processo de agrupamento em campos lexicais favorecerá a visualização e o tratamento do conjunto de unidades lexicais selecionadas e seus significados no conjunto do léxico do português do Brasil. Assim, neste item, reforçamos alguns pontos básicos da ciência lexicológica, merecendo destaque a Teoria dos Campos, percurso metodológico por nós assumido no tratamento dos dados desta pesquisa.

Ao tratarmos da noção de campos lexicais na seção 2.1.1., vimos que os lexemas de uma língua podem-se associar uns aos outros a partir dos seus significados, formando um *campo lexical*. Esse campo lexical, por sua vez, representa um subconjunto do léxico de uma língua e a soma de todos eles constitui o vocabulário dessa língua.

Ainda na seção 2.1.1., vimos a posição teórica adotada por Trier, o qual considera o vocabulário de uma língua como uma massa léxica semanticamente articulada e estruturada em campos lexicais, os quais podem-se relacionar entre si por relações de coordenação ou hierarquia.

Biderman (1978), ao trabalhar com a questão do armazenamento do léxico na memória do falante, também reconhece a existência de processos mnemônicos que, de forma ordenada, constituem subsistemas léxicos formados por palavras que mantêm certa relação entre si. Essa

relação é resultado da estruturação do léxico em redes semânticas, as quais, por sua vez, são compostas pela integração estruturada de vários campos léxicos.

Ao tratarmos da história e povoamento da região norte de Minas no capítulo 3, e da história do município de Águas Vermelhas na seção 3.2, verificamos que um elemento essencial na formação social e cultural da população da região é a pecuária. Boa parte da economia, bem como os costumes e tradições das pessoas da região giram em torno das atividades ligadas à criação de gado. Essa forte presença da cultura do boi na região é tão marcante que Diégues Jr. (1960), ao propor a divisão do Brasil por regiões culturais, conforme tratado na seção 2.1.3.1., caracteriza a região como fazendo parte do que ele chama “mediterrâneo pastoril”. A partir dessa importância da figura do boi para as pessoas da região, propomos abordar os dados apresentados nas fichas lexicográficas a partir de campos lexicais que se relacionam ao tema em questão.

Após analisarmos todas as lexias constantes nas fichas, fizemos uma distribuição das mesmas em vários campos lexicais, a partir das relações que as palavras mantêm entre si. Tomamos como parâmetro para nossa análise três macrocampos a fim de ordenar o tratamento dos dados: natureza; sociedade; atitudes. A seguir, listamos a ordenação desses campos lexicais:

<u>Macrocampo</u> Natureza	<u>Macrocampo</u> Sociedade	<u>Macrocampo</u> Atitudes
<u>Campos léxicos:</u> flora/fauna; água; espaço; tempo	<u>Campos léxicos:</u> sociedade; estado; saúde; crenças/costumes; produtos; fazenda; comida/bebida; quantidade; morfologia	<u>Campos léxicos:</u> vontade; convivência; conhecimento; existência; sentimento; causalidade; conduta/moral; relação; movimento

Tabela nº 2 – Distribuição dos campos lexicais.

O macrotempo - Natureza - foi dividido em quatro campos lexicais conforme demonstra a tabela acima: a) o campo léxico flora/fauna justifica-se pelo grande número de lexias que representam a diversidade de vegetação e animais da região; b) o campo lexical – água – reflete por meio de suas lexias a importância dos dois rios que banham o município – rio Pardo e rio Mosquito – para a economia e sobrevivência de muitos moradores da região; c) o

terceiro e quarto campos lexicais – espaço e tempo – mostram como o homem da região se relaciona com o mundo físico e temporal.

O macrocampo – Sociedade – subdivide-se em nove campos lexicais. Esse macrocampo procura mostrar como os habitantes da região nomeiam os seus pares e as profissões exercidas por eles: a) o campo lexical *crenças/costumes* procura retratar, a partir das suas lexias, parte da cultura dos moradores da região, como suas festas, suas crenças, sua religiosidade; b) os campos lexicais *produtos* e *fazenda* mostram a riqueza material produzida ou vivenciada pelo homem da região, especialmente aquele do meio rural; c) os campos lexicais *comida/bebida* e *saúde* trazem ao nosso conhecimento os hábitos alimentares e a relação do homem da região com a natureza, e com a cura de suas enfermidades; d) em relação aos campos lexicais *quantidade* e *estado*, procuramos mostrar como o povo do município quantifica as coisas a sua volta e como essas coisas são vistas sob a sua ótica; e) o campo lexical relacionado à morfologia, por sua vez, revela-nos como são nomeadas as formas dos seres vivos pelas pessoas do lugar.

O macrocampo – Atitudes - foi subdividido em nove campos lexicais: vontade, convivência, conhecimento, existência, sentimento, causalidade, conduta/moral, relação e movimento: a) no campo lexical *vontade* procura-se mostrar como são nomeados os desejos, as necessidades e o trato do homem com seus semelhantes; b) o campo lexical *convivência* procura demonstrar como se dão as relações sociais, políticas e econômicas do lugar; c) no campo *conhecimento*, podemos conhecer as lexias que são utilizadas pelo homem da região para se referir à sua memória, sua razão, e sua relação com o conhecimento; d) em relação ao campo lexical *existência*, podemos perceber pelas lexias, a ótica em que os seres humanos são vistos pelo homem do meio; e) o campo lexical *sentimento* revela-nos como o homem da região mostra a sua disposição afetiva em relação às coisas a sua volta; f) o campo lexical *causalidade* realça as lexias que fazem parte das transformações das coisas do mundo e das conseqüências físicas, psicológicas ou morais a que o homem está sujeito ao longo de sua vida; g) o campo lexical *conduta/moral*, como diz o próprio nome, relaciona-se às questões do dia-a-dia das pessoas da região, da sua luta pela sobrevivência, da sua ideologia, das suas tradições; h) o campo lexical *relação* diz respeito à comparação entre objetos, seres ou situações que rodeiam as pessoas do lugar; i) o campo lexical *movimento* procura evidenciar como o homem da região nomeia as ações relacionadas às brincadeiras, aos namoros, à lida da casa.

Após apresentar os três macrocampos e seus campos lexicais, torna-se evidente que há grande relação entre esses diversos campos lexicais enumerados, podendo um lexema

perfeitamente fazer parte de mais de um grupo, ou ainda campos lexicais de grande similaridade serem aglutinados. A análise dos dados a partir do agrupamento das lexias coletadas, agrupadas, posteriormente em campos lexicais, permite que visualizemos a forte relação do homem norte-mineiro, mais especificamente o homem de “Águas Vermelhas” com o boi. Plenamente adaptada à natureza local, a pecuária centenária que vem sendo desenvolvida na região é mantida por um conjunto de atitudes de uma sociedade com características próprias: a sociedade norte-mineira.

Passemos a seguir à apresentação dos três macrocampos e seus campos lexicais.

5.3.1. Macrocampo: natureza

Neste primeiro macrocampo foram agrupados quatro campos lexicais, conforme já descrito, responsáveis principalmente por refletir os diferentes aspectos físicos que contribuem para o modo de ser do povo da região. É a partir da fauna, da flora, da água e do espaço físico que o homem busca o seu alimento e a cura de suas enfermidades, garantindo assim a sua sobrevivência. Somando-se aos aspectos físicos, há também a questão temporal, mostrando como o homem do lugar relaciona a linguagem com o tempo.

5.3.1.1. Campo léxico: flora/fauna

Neste campo léxico foram agrupadas doze lexias, que refletem a fauna e flora da região. O quadro a seguir mostra esse campo léxico dividido em duas partes:

<u>Flora</u>	<u>Fauna</u>
catuá, fedegoso, feijão-catador, gengiroba, manaíba / maniva	cacatua, caititu, izabelê, jacu, jacuzada, lambu

Em relação à flora, podemos destacar as lexias que se referem às plantas utilizadas pelo povo da região para fazer seus remédios caseiros - chás, banhos ou outras formas transmitidas por meio das várias gerações. É o caso de *fedegoso* e de *gengiroba*, nomes de plantas muito utilizadas pelos moradores da região. A lexia *fedegoso* parece ser bastante comum, pois foi encontrada em todos os dicionários pesquisados. A lexia *gengiroba*, ao contrário, parece ser um caso de regionalismo, pois não foi encontrada em nenhum dos dicionários.

Ainda em relação à flora temos, também neste grupo, lexias que se relacionam às plantas utilizadas para a alimentação humana. É o caso de *feijão-catador* e de *manaíba/maniva*. O produto referente à primeira lexia é muito comum na região e é utilizado principalmente para fazer farofa, prato típico da região. Não é dicionarizado, por isso

julgamos tratar-se de um regionalismo. A manaíba ou maniva, mais conhecida como mandioca, é outro produto elementar na alimentação da região, serve para a produção da farinha - produto indispensável no prato do norte-mineiro. *Manaíba* ou *maniva*, é indigenismo conforme descrito em alguns dos dicionários pesquisados e é um regionalismo do NE, segundo o Aurélio.

A lexia *catuá* refere-se a uma árvore que foi muito comum na região, mas devido à sua grande procura, por ser considerada madeira de lei, quase não é mais encontrada. Essa lexia parece tratar-se de um indigenismo, embora não tenha sido descrita como tal no único dicionário em que foi encontrado, o Laudelino Freire.

Em relação à fauna, destacam-se aquelas lexias que remetem às aves e animais de caça da região. É o caso de *caititu*, que tem como variante o vocábulo *porco-do-mato*, de *izabelê*, *jacu* e *lambu*. A lexia *lambu* é um regionalismo da Paraíba, ao passo que *izabelê*, variante de *zabelê*, é um regionalismo da Bahia, segundo o Aurélio. Todas as quatro lexias citadas são brasileirismos, sendo que *caititu* e *jacu* são de origem tupi¹³². Temos ainda a palavra híbrida *jacuzada*, coletivo da ave *jacu*. A lexia *cacatua* se refere a uma ave ornamental.

5.3.1.2. Campo léxico: água

Neste campo foram agrupadas nove unidades lexicais que se relacionam de alguma maneira aos dois rios da região, rio Pardo e rio Mosquito:

<u>água</u>
alvinha; cacimba; canoeiro; encacimba; mandacaru; mosquitinho; tigurezinho; traçadá; vau.

As lexias *alvinha*, *cacimba*, *traçadá* e *vau* retratam a água e o entorno dos rios. *Alvinha* é um adjetivo diminutivo de *alva* - realça as águas límpidas dos rios da região em tempos pretéritos. A *cacimba* é uma lexia de influência do NE¹³³ e é tão usual entre os moradores, que foi criado o verbo relacionado a esse substantivo: *encacimba*. A lexia *traçadá* refere-se a uma espécie vegetal muito comum nas beiras dos córregos e rios da região, embora não tenha sido encontrada a lexia referente ao vegetal em nenhum dos dicionários pesquisados. Entretanto, em uma carta de doação de terra do município datada de 1º de janeiro de 1844 (cf. anexo 2) encontramos um topônimo da região denominado Vereda do Traçadal, o que confirma ser comum o uso dessa lexia na região. Somando-se às características físicas da água e do seu entorno, temos também as lexias que nomeiam alguns peixes encontrados no rio como

¹³² Aurélio Séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa.

¹³³ *Ibidem*.

mandacaru e *figurezinho*. A lexia *figurezinho* é variante de *timburé* – peixinho pequeno de cor branca, muito encontrado nos rios da região. Parece tratar-se também de regionalismo, visto que não consta em dicionários. *Mandacaru* não foi encontrada dicionarizada com essa acepção.

Outra lexia que ilustra bem a importância do rio para a atividade econômica e social da região é *canoeiro*. O *canoeiro* é figura muito comum na região, especialmente ao longo do rio Pardo, rio este onde foi construída uma barragem para geração de energia e que, portanto, é navegável por longo trecho, e onde há também boa produção de peixes.

A lexia *mosquitinho* está ligada à história da região - segundo alguns moradores, deu nome ao rio que banha a cidade de Águas Vermelhas. Segundo ainda esses moradores, algumas pessoas que passavam pela região, ao procurar as águas do rio para matar a sede ou tomar banho, perceberam que ao fundo havia pontos brilhantes, semelhantes aos olhos de um mosquito, tratando-se de ouro ou diamante. Daí o nome rio Mosquito. É dicionarizada em Aurélio com essa acepção na sua forma canônica: mosquito.

5.3.1.3. Campo léxico: espaço

O campo léxico *espaço* pode ser subdividido em dois blocos: um que retrata a paisagem, os contornos e as formações da natureza da região e outro bloco que se identifica com as lexias utilizadas pelos falantes da região para se tratar das relações espaciais. Veja a seguir a constituição deste campo léxico:

<u>espaço</u>	
Espaço físico	Relações espaciais
barroca; boqueirão; brocotó; calundum; campesta; capoeira; catinga; coivara; lapinha; parambeira.	acá; acolá; adonde; de junto; intrás; riba.

Em relação ao primeiro bloco, a lexia *barroca* e também *boqueirão* retratam características físicas do relevo da região, sendo vocábulos antigos da língua portuguesa. As lexias *brocotó*, *capoeira*, *catanga* e *coivara* – de origem indígena – referem-se às características físicas do relevo e vegetação da região.

Calundum e *campesta* não foram encontradas em nenhuma das obras consultadas. Essas duas unidades léxicas se referem a uma formação vegetal característica das regiões secas. Morfologicamente, o vocábulo *campesta* origina-se a partir do substantivo *campo*, ao qual foi

acrescentado o sufixo *-esta*. Apesar de não ser produtivo, é uma construção possível na língua portuguesa. *Calundum*, por sua vez, parece se tratar de uma criação lexical.

Lapinha e *parambeira* retratam dois casos distintos. A lexia *parambeira* retrata um caso de variação lingüística, pois, embora não sendo dicionarizada nessa forma, foi encontrada como *perambeira* e *pirambeira* nos dicionários consultados. Trata-se de um caso de assimilação. *Lapinha*, por sua vez, foi encontrada dicionarizada com a mesma acepção encontrada na entrevista na forma *lapa*. A forma no diminutivo também foi encontrada, porém com outra acepção.

Em relação ao segundo bloco, as lexias *acá*, *acolá* e *adonde* são advérbios bastante antigos na língua portuguesa e concorrem com suas variantes *aqui* ou *cá*, *lá* e *onde*. A locução adverbial *de junto*, embora não encontrada como entrada no Aurélio, aparece como exemplo em Laudelino Freire e, segundo nossa pesquisa, ainda é usual na fala do meio rural. Tratamento diferente é dado por Aurélio ao vocábulo *riba*, que também sendo um exemplo da fala rural, é dicionarizado nessa obra e também nas demais obras pesquisadas. *Intrás* é uma variante da forma dicionarizada *atrás* – forma essa que passou por processo de alçamento com nasalização.

5.3.1.4. Campo léxico: tempo

O campo léxico *tempo* é constituído de 10 lexias:

<u>tempo</u>
altura; até; antigório; antonte; com pouco; de pouco; de primeiro; depois; em ante; inté.

A lexia *altura* foi encontrada com a acepção encontrada nas entrevistas, ou seja, com o sentido de idade ou época, apenas no Aurélio, ao passo que *antonte*, embora não dicionarizada nessa obra, foi encontrada nas demais. *Antonte* é uma forma ainda bastante usual na linguagem das pessoas do mundo rural.

Em relação às lexias *até* e *antigório*, nenhuma das duas formas foram encontradas como entrada nos dicionários pesquisados. A primeira é uma variante de *até* ou mesmo de *inté*, essa dicionarizada no Aurélio. *Antigório*, por seu lado, trata-se de uma formação a partir do substantivo *antigo*, acrescido do sufixo *-ório*, sufixo este comum na língua portuguesa, como formador de adjetivo, quando associado a outro adjetivo como em *simples* > *simplório*.

Em relação às locuções deste campo léxico, somente a locução *de primeiro* foi encontrada dicionarizada, e assim mesmo apenas em Laudelino Freire. Essa variante de *antigamente* parece-nos bastante usual no meio rural.

Por último a lexia *despois*, arcaísmo da língua portuguesa, encontrada em todos os dicionários pesquisados. Essa variante de *depois* coletada na fala de pessoas mais velhas da região de Águas Vermelhas deve ter sido mantida em virtude do isolamento e distanciamento da região em relação aos grandes centros urbanos, e, ainda pelo pouco contato de seu povo com os meios de comunicação, aliado a uma desfavorável condição econômica e baixa escolaridade.

5.3.2. Macrocampo: sociedade

Neste segundo macrocampo foram reunidos nove campos lexicais, os quais, por meio de suas lexias, procuram ressaltar os aspectos humanos da região pesquisada - as relações sociais da comunidade, os costumes e valores que foram formados através das gerações, a riqueza material produzida ou utilizada pelo homem da região, a culinária e os remédios, bem como algumas visões de mundo em relação à quantidade, estado ou formas das coisas que estão em seu entorno.

5.3.2.1. Campo léxico: sociedade

Este campo léxico é constituído de dezessete lexias, as quais retratam os principais agentes humanos que fazem parte da história da região, seja do meio rural ou da sede do município:

<u>sociedade</u>
agregado; arrieiro; boiadeiro; caboclo; carapina; cativeiro; coronel; folião; legalista; parteira; vendeiro; cabrocha; rapariga; senhorinha; sinhá; tropeiro; vaqueiro.

A lexia *agregado* refere-se ao trabalhador pobre que presta seus serviços nas fazendas em troca de pagamento ou direito de produzir para si. Trata-se de um brasileirismo semântico, visto que tal vocábulo já existia na língua portuguesa com outra acepção. Segundo o Aurélio, é uma lexia usual no NE, podendo seu uso na região pesquisada ser influência da Bahia.

Os vocábulos *arrieiro*, *boiadeiro*, *tropeiro* e *vaqueiro*, todos dicionarizados, são relacionados à lida com o gado ou tropas de burro. *Arrieiro* e *tropeiro* são vistos como sinônimos e estão ligados ao trabalho com as bestas de carga. Da mesma forma *boiadeiro* e *vaqueiro* também são palavras sinônimas, relacionadas ao trato com o gado. *Arrieiro* e *vaqueiro* são lexias antigas na língua portuguesa, ao passo que *boiadeiro* e *tropeiro* são formações dicionarizadas a partir do século XIX e são brasileirismos conforme o Aurélio. Cabe ressaltar que no Moraes há a entrada *boieiro* com a mesma acepção que temos para *boiadeiro*.

Em relação à *caboclo* e *carapina*, ambos são dicionarizados e são de origem tupi, conforme consta em Aurélio. O vocábulo *carapina* é sinônimo de *carpinteiro* e apresenta ainda a variante *carpina*.

As lexias *cativeiro*, *senhorinha* e *sinhá* remetem à questão da escravidão e retratam as relações sociais em épocas em que a escravidão era uma realidade na região pesquisada. A unidade léxica *cativeiro*, embora mais antiga na língua portuguesa, só foi encontrada dicionarizada com o sentido de “escravo” nas obras mais atuais. Quanto à *senhorinha* e *sinhá*, a primeira formada a partir do feminino de *senhor* e a segunda formada a partir de *sinhô*, trata-se de brasileirismos, segundo Aurélio.

A lexia *coronel* reflete uma importante figura da sociedade em épocas passadas em muitas cidades e vilas do Brasil. Não diferente das outras cidades que tiveram os seus coronéis, Águas Vermelhas também teve os seus, os quais eram verdadeiros zeladores da ordem local. Essa lexia é antiga na língua portuguesa, embora com o sentido de “chefe político” seja mais recente, sendo considerado brasileirismo semântico.

Folião é outro vocábulo antigo na nossa língua, evidenciando as festas populares de Águas Vermelhas. Antigo também é o vocábulo *parteira*, representando outra importante figura humana não só de Águas Vermelhas mas de todos os lugarejos onde a presença do médico raramente é vista. Marcante também é a figura do vendeiro, o dono dos pequenos estabelecimentos comerciais onde se vende de tudo. Assim como *parteira*, *vendeiro* é também lexia antiga na língua portuguesa.

Duas lexias que tratam de significados próximos é *rapariga* e *cabrocha*. A diferença é que enquanto *rapariga* se refere a qualquer moça nova, independente de cor, *cabrocha* é relacionada exclusivamente à mulata jovem. *Rapariga* é antiga na língua portuguesa ao passo que *cabrocha* só foi encontrada, entre as obras pesquisadas, naquelas mais atuais.

Por último, entre os vocábulos desse campo lexical, temos *legalista*, o qual não foi encontrado nos dicionários consultados, na acepção que os falantes nos forneceram. No contexto das entrevistas *legalista* se refere às tropas do governo federal que perseguiram a Coluna Prestes em 1926 e que passaram pela região. É, portanto, uma lexia que resgata parte da história do município de Águas Vermelhas.

5.3.2.2. Campo léxico: crenças/costumes

Este campo léxico, subdividido em três grupos, é constituído de 10 lexias relacionadas às crenças e costumes da região:

<u>crenças e costumes</u>		
superstições	religiosidade	festas populares
assombramento; bicho-da-carneira; plataforma; vultado.	batistério; dizer missa.	boi-janeiro; folia de Reis; Maria Tereza; rancheira.

As lexias *assombramento*, *bicho-da-carneira*, *plataforma* e *vultado* estão relacionadas às superstições e medos dos habitantes da região pesquisada. *Assombramento* é variante concorrente de *assombração* e é mais antiga na língua portuguesa. Quanto ao substantivo *bicho-da-carneira*, constatamos que o mesmo não é dicionarizado e se refere a um caso de um “falecido” que aparecia para as pessoas na forma de vários animais. É um substantivo formado a partir do substantivo *bicho* + de + o substantivo *carneira* (sepultura), sendo essa formação muito comum na nossa língua. O vocábulo *plataforma* também se refere à assombração, embora nessa acepção seja pouco usual na língua portuguesa. *Vultado* é outra lexia que se refere à fantasma ou à assombração, embora não tenha sido encontrada em nenhum dos dicionários pesquisados. Trata-se de um substantivo formado a partir do substantivo *vulto* acrescido do sufixo *-ado*, sufixo este que acrescentado a uma base substantiva normalmente forma um adjetivo, conforme ROCHA¹³⁴ (1999, p. 113).

As lexias *batistério* e *dizer missa* estão ligados à questão da religiosidade. A primeira, embora seja antiga na língua portuguesa, não foi encontrada nos dicionários pesquisados com o sentido de “cerimônia de batismo”. A segunda trata-se de uma locução verbal e foi encontrada nos dicionários mais antigos pesquisados. É considerada um arcaísmo, sendo encontrada nas *Chronicas breves e memorias avulsas de S. Cruz de Coimbra* (código 79 – Portugaliae Monumentae Histórica), conforme já mencionamos..

As lexias *boi-janeiro*, *folia de reis*, *Maria Tereza* e *rancheira* estão ligadas às festas e danças da comunidade pesquisada. O vocábulo *boi-janeiro*, festejado no mês de janeiro em Águas Vermelhas, é uma variante local do bumba-meu-boi, comum em outras regiões do país. O substantivo *Maria Tereza* se refere à figura de uma pessoa fantasiada de uma boneca gigante, que sai pelas ruas juntamente com o boi-janeiro. Ambas as lexias citadas não foram encontradas nos dicionários consultados. A lexia *folia de Reis* ou sua variante *feira de Reis* é outro substantivo que resgata as tradições de Águas Vermelhas. Embora seja uma tradição

¹³⁴ ROCHA, 1999.

comum em várias regiões do Brasil, não encontramos, com essas formas, essas duas variantes como entrada nos dicionários consultados. Por fim, o substantivo *rancheira*, que se refere a uma espécie de dança apresentada em festivais na cidade. É de origem hispano-americana, segundo alguns dos dicionários consultados.

5.3.2.3. Campo léxico: produtos

O campo léxico *produtos* é constituído de 24 lexias e está subdividido em seis grupos:

<u>produtos</u>	
caça e pesca	arapuca; badoque; capanga; quebra; rastel.
pecuária	arreado-de-cangaia; campá; cancela; canga.
artesanato	birro; fuso; marambaia.
mobília, ferramentas, objetos	cacetinho; caixão-de-vara; cama-de-vara; candeia; candieiro; taca; gamela.
instrumentos musicais	harmônica; pé-de-bode.
Geral	carneira; pano-de-bunda; rodagem

As lexias *arapuca*, *badoque*, *capanga*, *quebra* e *rastel* estão ligadas às atividades de caça ou pesca. As lexias *arapuca* e *quebra* se referem às armadilhas para pegar pequenos pássaros ou aves. A primeira que tem como variante a lexia *urupuca* é de origem tupi, conforme os dicionários pesquisados. A segunda não foi encontrada em nenhum dos dicionários pesquisados. *Badoque* é uma variante de *bodoque* e foi encontrada dicionarizada no dicionário Aurélio, sendo considerada um regionalismo de Alagoas. Outros significantes para esse objeto são *atiradeira* e *estilingue*. *Capanga*, por sua vez, é um brasileirismo de origem africana segundo os dicionários consultados. Refere-se a uma bolsa usada a tiracolo durante as caçadas. *Rastel* se refere a uma espécie de rede para apanhar peixes, não sendo encontrada nos dicionários consultados. Pode ser uma analogia com *rastelo*.

As lexias *arreado-de-cangaia*, *campá*, *cancela* e *canga* estão relacionadas com o mundo do gado ou das tropas de burro. O *arreado-de-cangaia* está relacionado ao conjunto de adereços utilizados nos animais no transporte de carga. Não foi dicionarizado dessa forma, embora tenhamos encontrado a lexia *arreio* com a mesma acepção. Trata-se de uma formação pouco usual na língua portuguesa. A lexia *campá*, que também está relacionada à atividade dos tropeiros, não foi encontrada dicionarizada. Trata-se de uma espécie de mala usada pelos

vendedores ambulantes. As lexias *cancela* e *canga*, diferentemente das duas primeiras, são antigas na língua portuguesa.

Quanto às lexias *birro*, *fuso* e *marambaia*, as três são associadas a atividades artesanais. A lexia *birro*, embora tenha sido encontrada com essa forma em dois dos dicionários consultados, apresentava outra acepção. A forma mais usual, ou seja, *bilro*, é antiga na língua portuguesa. A lexia *fuso* foi encontrada em todos os dicionários consultados. O vocábulo *marambaia*, o qual se refere a uma espécie de renda de crivo produzida no Norte de Minas, foi encontrada apenas em Laudelino Freire, mesmo assim com uma pequena variação: *marambalha*.

Ligadas à mobília, utensílios, ferramentas e objetos pessoais, apresentam-se as seguintes lexias: *cacetinho*, *caixão-de-vara*, *cama-de-vara*, *candeia*, *candieiro*, *taca* e *gamela*. A primeira foi encontrada em dois dos dicionários na sua forma canônica, ou seja, *cacete*, significando “bordão, bengala”. As lexias *caixão-de-vara* e *cama-de-vara* não foram encontradas em nenhum dos dicionários consultados. As lexias *candeia*, *candieiro* e *gamela* são palavras antigas na língua portuguesa, embora apresente alguma variação ortográfica. A lexia *taca* que se refere a um bastão usado para surrar os escravos remete ao tempo da escravidão e é lembrada pelas pessoas mais velhas da região pesquisada.

As lexias *harmônica* e *pé-de-bode* referem-se a instrumentos musicais de mesma categoria. Ambas são brasileirismos, segundo Aurélio. *Harmônica* é uma espécie de acordeão e *pé-de-bode* se refere a uma sanfoninha de oito baixos, bem mais simples que a primeira.

Por último, temos as lexias *carneira*, *pano-de-bunda* e *rodagem*. A primeira é lexia antiga na língua portuguesa, porém na forma masculina. Esta lexia relaciona-se à cova, sepultura. A segunda lexia não foi encontrada nos dicionários consultados, podendo-se inferir, pelas entrevistas, seu significado como “roupa de casamento, enxoval”. Rodagem significa “estrada de carro” na fala das pessoas da região e não foi encontrada como lema nos seis dicionários pesquisados.

5.3.2.4. Campo léxico: fazenda

O campo léxico fazenda é constituído de 25 lexias e está subdividido em 3 grupos:

<u>fazenda</u>	
humano	agregado; camarada; senhorinha; sinhá.
animal	capadão; lote-de-burro; marruê; rês.
Coisas e plantas	boneca; casa-da-roda; cerca-de-vara; chinetinho; curral-de-vara; dispensa; engrama; farinheira; fixa; forna; manga; paiol de milho; paiosca; pilão; rancho; roda; suaiada.

Neste campo léxico reunimos aqueles vocábulos relativos às pessoas, animais ou coisas típicas das fazendas. Em relação às pessoas, temos os substantivos *agregado*, *camarada*, *senhorinha* e *sinhá*. A lexia *camarada*, embora antiga na língua portuguesa, é um brasileirismo na acepção utilizada pelos entrevistados. As outras três já foram citadas em outros campos lexicais.

Quanto aos animais, apresentamos os vocábulos *capadão*, *lote-de-burro*, *marruê* e *rês*. O primeiro é dicionarizado na sua forma canônica, ou seja, *capado*, e se refere ao porco castrado para engorda. A lexia *lote-de-burro* não foi encontrada dessa forma nos dicionários consultados. Entretanto, a lexia simples *lote* foi encontrada com a mesma acepção. Trata-se de um brasileirismo, segundo Aurélio. Quanto à *marruê*, não foi encontrado com essa forma como entrada nos seis dicionários pesquisados. Entretanto, a forma *marruá* é dicionarizada e se refere a um touro bravo. Trata-se de um caso de dissimilação. A lexia *rês* foi encontrada em todos os dicionários consultados.

Em relação às coisas e plantas foram encontradas as seguintes lexias: *boneca*, *casa-da-roda*, *cerca-de-vara*, *chinetino*, *curral-de-vara*, *dispensa*, *engrama*, *farinheira*, *fixa*, *forna*, *manga*, *paiol de milho*, *paioasca*, *pilão*, *rancho*, *roda* e *suaiada*. *Boneca* e *manga* são dicionarizados nas acepções encontradas nas entrevistas e são consideradas brasileirismos semânticos. Por outro lado, as lexias *casa-da-roda*, *cerca-de-vara*, *curral-de-vara*, *chinetinho*, *engrama*, *farinheira*, *forna*, *paiol de milho*, *paioasca* e *suaiada* não foram encontradas dicionarizadas dessa forma nos seis dicionários consultados - as três primeiras talvez por se tratar de realidades bem específicas. No caso de *chinetinho* parece ser um exemplo de “geração espontânea” (cf. ROCHA, 1999, p. 99) dado o seu caráter assistemático e imprevisível. No caso da lexia *engrama* foi criado um verbo a partir de um substantivo. Caso parecido é o da lexia *farinheira*, porém formado um substantivo a partir de outro, resultando em uma lexia que significa “máquina de produzir farinha”. A *forna* é um tacho grande e raso em que se torra a farinha de mandioca. No caso de *paiol de milho* só encontramos dicionarizada a forma simplificada *paiol*, que é vista como brasileirismo em Aurélio. *Paioasca* pode ser alteração de *palhoça*. O mesmo acontece com *suaiada*, a qual teria passado por processos de aférese, alçamento e vocalização da lateral palatal (assoalhada > suaiada).

Ainda fazendo parte deste último grupo, encontramos algumas lexias dicionarizadas: *dispensa*, *fixa*, *pilão*, *rancho* e *roda*. A primeira é palavra antiga na língua portuguesa, embora tenha passado por alterações semânticas ao longo do tempo. O mesmo acontece com a lexia *fixa* que na acepção encontrada na entrevista é considerado um brasileirismo, segundo Aurélio, sendo considerada um regionalismo do NE. *Pilão* também é um brasileirismo, mas

de origem africana, segundo esse mesmo dicionário. *Rancho* é palavra antiga na língua portuguesa, mas no sentido de “cabana provisória de palha feita no mato” é também um brasileirismo. A palavra *roda* só foi encontrada dicionarizada com a mesma acepção encontrada na entrevista em um dos dicionários e na forma composta: *roda de fiar*. Trata-se de um caso de elipse.

5.3.2.5. Campo léxico: comida/bebida

Este campo léxico é constituído de oito lexias e subdivide-se em dois grupos:

<u>comida / bebida</u>	
comida	bebida
andu; beiju; de comer; goma; pirão	aguardente; cachaça; pinga.

As lexias *aguardente*, *cachaça* e *pinga*, costumam, no mundo contemporâneo, remeter sempre a um mesmo produto. O vocábulo *aguardente*, apesar de ser antigo na língua portuguesa, passou por uma ampliação de sentido e se refere a qualquer produto alcóolico resultante de processo de fermentação. A lexia *cachaça*, diferente de *aguardente*, refere-se exclusivamente ao destilado de cana-de-açúcar. Trata-se de um brasileirismo de origem desconhecida, segundo os dicionários consultados, embora o dicionário de P. Raphael Bluteau dê a entrada para esse vocábulo com o significado de “a parte do pescoço posterior à garganta”. Castro¹³⁵, em livro sobre a influência africana na Bahia, apresenta a lexia *cachaça* como de origem africana, em especial do banto. A lexia *pinga*, por sua vez, também é um brasileirismo, segundo Aurélio e carrega o mesmo sentido de *aguardente*. O produto referente a esses três vocábulos, que antes era visto como de uso exclusivo das classes inferiores da população, hoje se tornou um produto importante para a economia de vários municípios do Norte de Minas e é exportado para vários países do mundo.

As lexias *andu*, *beiju*, *goma* e *pirão* referem-se à matéria-prima ou produtos que fazem parte da mesa das pessoas de Águas Vermelhas. O andu, servido como farofa, é uma tradição alimentar do norte-mineiro, assim como o beiju, feito a partir da farinha de mandioca. Tanto *andu* como *beiju* são brasileirismos segundo Aurélio, sendo *beiju* de origem tupi. A lexia *andu* é outra a qual Castro¹³⁶, em seu vocabulário, dá como de origem africana, em especial do banto. A lexia *goma*, por sua vez, se refere a uma massa viscosa extraída da mandioca e da

¹³⁵ CASTRO, 2001.

¹³⁶ CASTRO, 2001.

qual é produzido o beiju. O vocábulo *pirão* também é um brasileirismo de origem tupi¹³⁷. Todos os quatro produtos têm como elemento comum a farinha de mandioca, produto elementar na alimentação das pessoas da região pesquisada.

Por último, o substantivo *de comer*, que significa “comida, provisão de comida”, é registrada em Aurélio como brasileirismo de uso popular.

5.3.2.6. Campo léxico: saúde

Este campo léxico é constituído de dez lexias:

<u>saúde</u>
água inglesa; água venença; catita; enfermidade; engüentada; mandruscada; matutagem; purgante; pitimbado; trucisco.

As lexias *água inglesa* e *água venença* são associadas a remédios adquiridos nas farmácias da região em épocas passadas. A água inglesa era muito utilizada pelas mulheres no pós-parto para recompor as forças mais rapidamente ou para ativar a memória, segundo consta em Chernoviz¹³⁸. A *água venença*, segundo moradores da região, refere-se a um remédio muito usado no passado para casos de febre e resfriados. Nenhuma das duas lexias foi encontrada dicionarizada nas obras consultadas. O dicionário pesquisado de Laudelino Freire apresenta como entrada o vocábulo *água de Inglaterra*, mas que não se refere ao mesmo produto representado pela água inglesa.

As lexias *engüentada*, *mandruscada*, *matutagem* e *trucisco* estão associados a chás ou raízes usadas no combate de enfermidades pelos moradores da região de Águas Vermelhas. As duas primeiras não foram encontradas como entrada nos dicionários consultados. *Engüentada* parece ser formada a partir do substantivo *ungüento* acrescido do sufixo –ada, passando também por um processo de assimilação. A lexia *matutagem* é considerada brasileirismo em Aurélio, e considerada um regionalismo do NE. *Trucisco*, apesar de ser antigo na língua portuguesa, não foi encontrado com a acepção presente na entrevista.

Por fim, temos as lexias *catita*, *enfermagem*, *purgante* e *pitimbado*. A primeira se refere a umas feridas que aparecem no corpo das pessoas, não sendo encontrada em nenhum dos dicionários consultados. O vocábulo *enfermagem* com o significado de “doença, enfermidade” também não foi encontrado dicionarizado. *Purgante* é palavra antiga na língua portuguesa, ao passo que *pitimbado* se trata de um brasileirismo, segundo Aurélio.

¹³⁷ Aurélio Séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa.

¹³⁸ CHERNOVIZ, 1908.

5.3.2.7. Campo léxico: quantidade

O campo léxico *quantidade* é composto pelas lexias que dizem respeito à quantificação de gente, animais ou objetos e é constituído de doze vocábulos:

<u>quantidade</u>
aparrambado; avultado; conto; lote-de-burro; montoeiro; mucado; parelha; patacão; renca; réis; tostão; tropa.

As lexias *aparrambado*, *lote-de-burro*, *montoeiro*, *mucado*, *parelha*, *renca* e *tropa* dizem respeito à quantificação principalmente de gente ou animais. *Aparrambado* que no contexto das entrevistas significa “grande quantidade, muitos” não foi encontrado lematizado. *Montoeiro*, por sua vez, foi encontrado como entrada e tem como variante o vocábulo *montão*. Assim como *aparrambado*, *mucado* também não foi encontrado dicionarizado e embora possa ser confundido com *bocado* representam acepções diferentes. *Bocado* significa “pequena porção de alguma coisa” ao passo que *mucado*, no contexto das entrevistas, significa “tanto, quantidade indefinida”. A lexia *renca*, também não dicionarizada, no contexto das entrevistas, significa “fileira, alinhamento de pessoas ou coisas”, tem como variante dicionarizada a palavra *renque*. A unidade lexical *tropa*, considerada brasileirismo em Aurélio, resgata parte da história da região, sendo ainda muito usual entre os mais velhos. *Parelha*, ao contrário da anterior, é antiga na língua portuguesa.

Avultado, *conto*, *patacão*, *réis* e *tostão* estão associados à idéia de moeda ou dinheiro em geral e são todos dicionarizados. Alguns como *patacão* e *réis*, que nas entrevistas têm significado específico, resgatam a memória de uma época.

5.3.2.8. Campo léxico: estado

Este campo léxico é constituído de quatro lexias:

<u>estado</u>
alvinha; intiriçado; rebuçado; capenga.

A lexia *alvinha*, diminutivo de *alva*, embora apareça como entrada na forma masculina não é dicionarizada no feminino com a mesma acepção fornecida pelos entrevistados. *Intiriçado* não foi dicionarizado dessa forma, mas sua variante, *inteiriçado*, é antigo na língua portuguesa. Em relação à *rebuçado*, embora antigo na língua portuguesa, não foi encontrado como substantivo com o sentido de “maço, molho, feixe”, conforme extraído das entrevistas. O mesmo acontece com *capenga*, que, mesmo sendo encontrado como adjetivo em alguns dos

dicionários consultados, não carrega a mesma acepção encontrada nas entrevistas. Há uma diferença semântica.

5.3.2.9. Campo léxico: morfologia

Este campo léxico está relacionado à forma de partes do corpo humano e é constituído de três lexias:

<u>morfologia</u>
buguelão; cacunda; imbigo.

A unidade léxica *buguelão* não foi encontrada em nenhum dos dicionários consultados. Parece tratar-se de uma analogia com o substantivo *bugalho*, relativo à globo ocular. *Cacunda* é um brasileirismo de origem africana, segundo Aurélio, embora outros dicionários dêem essa lexia como corruptela de *corcunda*. A lexia *imbigo* aparece como entrada somente em Amadeu Amaral. No dicionário etimológico de Antônio Geraldo da Cunha, encontram-se algumas formas usuais na idade média em que essa palavra aparece como *embiigo* ou *ynbiigo*. Desse modo, a grafia assimilada dessa lexia parece tratar-se de um arcaísmo.

5.3.3. Macrocampo: atitudes

Neste terceiro e último macrocampo foram reunidos nove campos lexicais os quais procuram mostrar as lexias utilizadas pelas pessoas da região pesquisada para expressar as suas ações, suas relações de convivência, os seus sentimentos, conhecimentos, etc.

5.3.3.1. Campo léxico: vontade

Neste campo léxico foram agrupadas dezesseis lexias:

<u>vontade</u>
alumiava; arrepresentava; assuntando; botar sentido; culiou; dar lombo; desterrou; enforrou; espiar; forrou; inutilizou; lumiar; pedir um arrogo; peguei; pessui; requereu.

As lexias *alumiava*, *assuntando*, *desterrou*, *espiar*, *forrou*, *lumiar*, *peguei*, *pessuir* e *requereu* foram encontradas em alguns dos dicionários pesquisados. Algumas como *alumiar*, *desterrar*, *espiar*, *forrar* e *requereu* são antigas na língua portuguesa, e ainda bastante usuais. *Lumiar*, no entanto, só foi encontrada dicionarizada em Moraes. O vocábulo *peguei*, com a acepção encontrada na entrevista, só aparece dicionarizado nos dicionários mais atuais, o mesmo acontecendo com *assuntando* que ainda é assinalado como um brasileirismo por Aurélio. Por outro lado, temos *pessui*, o qual se trata de um arcaísmo.

Os demais vocábulos deste campo léxico, não citados no parágrafo anterior, não foram encontrados como entrada em nenhum dos seis dicionários pesquisados. *Arrepresentava* é um caso de epêntese. *Botar sentido* é uma construção semelhante a *prestar atenção*, bastante comum na nossa língua, embora essa locução tenha sido formada com um verbo não usado na língua culta. O caso de *culiou* parece ser uma alteração de *coligar*, o qual teria passado pela seguinte transformação: *coligou* > *culigou* > *culiou*. A locução *dar lombo*, embora apresente uma construção comum na língua portuguesa, ou seja, verbo + substantivo, é mais complexa semanticamente. A lexia *enfornou* mostra uma analogia semântica com a acepção original dicionarizada, ou seja, carrega o sentido de “ficar isolado”. *Inutilizou*, que no contexto da entrevista carrega o significado de “tomar, levar”, carrega um sentido inusual. A locução *pedir um arrogo* carrega na entrevista o significado de “pedir arrogo, dar por vencido” - parece tratar-se de uma analogia com *rogar*, ou seja, pedir ajuda.

5.3.3.2. Campo léxico: convivência

Neste campo léxico foram reunidas sete lexias:

<u>convivência</u>
adbençoa; amigalhou; come e bebe; quermesse; seguimento; fazia a banca; sobrescrição.

Dentre os vocábulos acima apenas *quermesse* foi encontrado dicionarizado. Trata-se de uma palavra de origem flamenga, segundo Aurélio, retratando bem uma parte da cultura da cidade de Águas Vermelhas. A lexia *adbençoa*, variante de *abençoa*, parece ser uma redução do sintagma “há de abençoar”. *Amigalhou*, formada a partir do verbo *amigar*, é resultado de um processo de epêntese (*amigar* > *amigalhar*). No caso de *come e bebe* temos uma unidade lexical formada a partir de dois verbos comuns na língua portuguesa, unidos por uma conjunção. Embora similar, porém no singular, essa lexia carrega o significado de “festa ou reunião de amigos regada de comida ou bebida”, diferente de *comes e bebes*, dicionarizada em Aurélio, significando “comida e bebida”. Quanto à *seguimento*, de acordo com a acepção encontrada na entrevista, é um substantivo formado a partir de uma base verbal, tendo uma motivação cronológica, ou seja, um evento, no caso uma festa, é nomeado a partir de um fato temporal. A seguir a locução verbal *fazia a banca*, apresenta a seguinte estrutura gramatical: verbo + artigo + substantivo. Essa locução, cujo significado no contexto da entrevista significa “dar lucro”, explora uma acepção do substantivo *banca* pouco usual na língua portuguesa. Por fim, a lexia *sobrescrição*, que no contexto da entrevista significa “certidão de batismo”, pode ter sido criada em analogia com *sobrescrito*.

5.3.3.3. Campo léxico: conhecimento

Este campo léxico que reúne lexias relacionadas à memória, razão, entendimento, é constituído de oito unidades lexicais:

<u>conhecimento</u>
aduquei; alembro; bestagem; deu por fé; devera; entendi por gente; mafabeto; planta.

A lexia *aduquei*, a qual teria passado por um processo de dissimilação, é variante não dicionarizada de *eduquei*. Por outro lado, a lexia *alembro*, variante de *lembro*, é antiga na língua portuguesa e ainda bastante corrente na língua popular. *Bestagem*, também dicionarizada, é variante de *besteira* e *asneira* e é considerada brasileirismo em Aurélio. A locução *deu por fé* também aparece dicionarizada em Aurélio, mas com acepção diferente daquela encontrada na entrevista. Entretanto, o dicionário de Laudelino Freire apresenta como entrada a locução *dar fé de* que apresenta a mesma acepção encontrada na fala do entrevistado, ou seja, “ver, notar”. A lexia *devera* aparece dicionarizada apenas com o s final. A locução verbal *entendi por gente*, por sua vez, aparece dicionarizada em alguns dos dicionários, porém em dois deles – Moraes e Laudelino Freire - está inscrita dentro da entrada *entender*, ao passo que em Aurélio está inserida na entrada *gente*.

5.3.3.4. Campo léxico: existência

Este campo léxico está constituído de sete lexias:

<u>existência</u>
arranchado; espuletrado; enfuazado; enfusada; mudernagem; novata; ramo fraco.

Dentre os vocábulos apresentados, apenas *arranchado* foi encontrado nos dicionários consultados. *Espuletrado* é um adjetivo formado a partir do substantivo *espoleta* acrescido do sufixo *-ado* e que significa “endiabrado, espertalhão”. *Enfuazado*, diferente de *espuletrado*, é formado a partir de uma base estranha à língua portuguesa e carrega o significado de “bravo, arredo”. A lexia *enfusada* é um adjetivo formado a partir da construção verbo + *-ada*, formação esta comum na nossa língua. *Mudernagem* e *novata* são variantes de *juventude* na fala dos entrevistados. *Mudernagem* é formado a partir de uma analogia com o adjetivo *moderno*. A lexia *novata*, embora antiga na língua portuguesa, é novidade com a acepção encontrada na fala do entrevistado. O substantivo *ramo fraco*, o qual significa “pessoa pobre, sem riqueza material” é formado por meio de um processo de analogia semântica e retrata

bem a maior parte da população norte-mineira, sendo, portanto, bastante usual entre seus habitantes.

5.3.3.5. Campo léxico: sentimento

O campo léxico *sentimento* reúne as lexias que se relacionam aos sentimentos, ao comportamento das pessoas e se constitui de cinco unidades lexicais:

<u>sentimento</u>
amorosa; avexado; bravando; carrancismo; intimidade.

A lexia *amorosa* é dicionarizada, porém não com a acepção usada por nossos entrevistados. *Avexado* é variante antiga da forma *vexado* e apresenta ainda a variante lexical *envergonhado*. A lexia *bravando*, ao contrário, não foi encontrada em nenhum dos seis dicionários consultados e na fala dos entrevistados é variante de *gabando*. *Carrancismo* é forma dicionarizada nos dicionários mais atuais, ao passo que *intimidade*, com o significado encontrado na fala do entrevistado, não foi encontrado dicionarizado.

5.3.3.6. Campo léxico: causalidade

Este campo léxico é constituído pelas lexias que estão ligadas a relações de causa e efeito e reúne doze unidades lexicais:

<u>causalidade</u>
atropelado; caindo pra idade; chumbar; embunecendo; encarcou; enfusou; especado; finado; findilizado; forra; topar; transferiu.

As lexias *chumbar*, *embunecendo*, *enfusou*, *especado*, *finado* e *topar* são dicionarizadas. *Embunecendo* e *enfusou* são consideradas ainda brasileirismos por Aurélio, sendo que a segunda é um regionalismo da Bahia, segundo esse dicionário. A lexia *finado*, variante de *falecido*, é antiga na língua portuguesa, assim como *topar*, que, segundo Cunha, remonta ao século XIII. *Chumbar* e *especado* são mais recentes, segundo esse mesmo dicionário.

Entre as lexias não dicionarizadas foi incluído o verbo *atropelado*, o qual apresentou acepção diferente daquelas encontradas nas obras consultadas. A locução verbal *caindo pra idade* é outra não dicionarizada e concorre na fala das pessoas da região com a lexia *envelhecendo*. Trata-se de uma formação usual na língua portuguesa (verbo + preposição + substantivo), tal como *cair na folia*, *entrar pelo cano*, etc. *Encarcou* é outra lexia não encontrada nos dicionários consultados e parece ser uma alteração de *encalacrou*, que teria passado pelas seguintes transformações: *encalacrar* > *encacrar* > *encarcar*. *Findilizado*

também não é dicionarizado e carrega o significado de “terminado”. Ao contrário de *findilizado*, *transferiu* é corrente na fala das pessoas, mas não com a acepção encontrada na fala do entrevistado: “possuir, adquirir”.

5.3.3.7. Campo léxico: conduta/moral

Este campo lexical é constituído de oito lexias:

<u>conduta / moral</u>
bramura; comunismo; galardão; intradição; labutando; luitando; o pau moendo; vadiar.

A lexia *bramura* na fala dos entrevistados significa “bagunça, diabrura” e não foi encontrada nos seis dicionários consultados. Ao contrário de *diabrura*, que é derivada de um substantivo existente na língua portuguesa, *bramura* não deriva de uma base substantiva existente na nossa língua que carrega significado semelhante. Caso diferente é o da lexia *comunismo* que, embora tenha sua forma dicionarizada na língua portuguesa, não apresenta a acepção encontrada na entrevista. Trata-se de uma lexia que espelha uma visão de mundo da pessoa entrevistada. *Galardão*, embora nos pareça menos usual e talvez restrita a alguns contextos discursivos, é antiga na língua portuguesa. *Intradição*, por sua vez, é o mesmo que *tradição*, a qual teria passado por processo de prótese na fala do entrevistado. *Labutar* e *luitar* são lexias antigas na língua portuguesa, sendo que a segunda lexia é considerada um arcaísmo por Aurélio. *Labutar*, embora apresente um significado mais específico, pode ter como variantes lexicais os verbos *laborar*, *lutar*, *trabalhar*. *O pau moendo* trata-se de uma expressão muito utilizada pelas pessoas da região e significa “continuidade de alguma coisa”. A lexia *vadiar* é comum na língua portuguesa, mas na acepção encontrada nas entrevistas é menos usual, sendo considerada ainda um brasileirismo, de acordo com Aurélio. Na região de Águas Vermelhas, *vadiar* é variante corrente de *brincar*, *divertir*, conforme nossa experiência de falante/ouvinte.

5.3.3.8. Campo léxico: relação

Este campo léxico reúne as lexias que se relacionam à dimensão ou tamanho, posição, igualdade, e é constituída de três unidades lexicais:

<u>relação</u>
deferencando; derradeira; miuchinho.

A lexia *deferencando* é uma variante de *diferenciando* e não foi encontrada dicionarizada nas seis obras consultadas. Trata-se de um caso de assimilação e síncope. No

caso de *derradeira*, bastante comum na fala das pessoas mais velhas de Águas Vermelhas conforme nossa experiência de falante/ouvinte, é variante muito antiga da lexia *último* conforme demonstra os dicionários consultados. Tal fato demonstra que duas variantes podem coexistir por muito tempo em uma língua sem que uma delas tome o lugar da outra de forma definitiva. Quanto à lexia *miuchinho*, nenhum dos dicionários pesquisados continha tal entrada. Essa unidade léxica pode ter sido formada a partir de uma analogia com *miúdo*.

5.3.3.9. Campo léxico: movimento

Este campo léxico reúne as lexias utilizadas pelos falantes da região de Águas Vermelhas para se referir às ações e atividades do seu dia-a-dia e é constituída por vinte unidades lexicais:

<u>movimento</u>
alevantei; aranhando; arreou; arribava; barro; beijaiada; bodocar; cachimbando; chimbando; comer boca; currião; desapiar; desmantelou; funda; fuxicou; pocava; rompendo; tiçou; urdir; valava.

A lexia *alevantei* é variante antiga de *levantei*, conforme podemos ver nos dicionários consultados. Outra variante antiga de *levantar* é *arribar*. Entretanto, na língua culta, hoje *arribar* não é variante usual de *levantar*, sendo mais usual na linguagem popular. A lexia *arreou* também é antiga na língua portuguesa, embora a acepção encontrada em Bluteau seja diferente daquela encontrada na entrevista. A lexia *aranhando*, diferente das anteriores, é mais recente e é considerada como brasileirismo em Aurélio. Entretanto, esse dicionário aponta tal lexia como um regionalismo do sul do país, o que vai de encontro com nossos dados. A lexia *barro*, variante de *varro*, é outra antiga na língua portuguesa e é mais usual na linguagem popular. Antiga também na nossa língua é a lexia *desmantelou* que, segundo Cunha, teria entrado na língua portuguesa por empréstimo do francês. *Desapear*, em contrapartida, é uma lexia mais recente na nossa língua, partindo do pressuposto de que a mesma não foi encontrada dicionarizada nas obras lexicográficas mais antigas pesquisadas, mas somente em Aurélio. Uma observação quanto a essa lexia é que, embora seja formada a partir da base *apear* acrescida do prefixo *des-*, o qual normalmente contraria o significado da base verbal, ela carrega o mesmo sentido de *apear*. O vocábulo *fuxicou*, que tem como variante *futicar*, também aparece lematizado somente nos dicionários pesquisados mais recentes. *Pocava* é outra palavra não encontrada nos dicionários pesquisados mais antigos e é de origem tupi, sendo, portanto, considerada um brasileirismo. Quanto a *rompendo*, não é um

vocábulo tão recente na língua portuguesa, visto que já se encontrava dicionarizado na obra de Antonio de Moraes. *Urdir* é outra palavra antiga na língua portuguesa e revela parte dos costumes de alguns antigos moradores da região de Águas Vermelhas. A lexia *valava*, embora apareça como entrada somente nos dicionários mais atuais, é corrente na nossa língua desde a Idade Média, conforme descrito em Cunha.

Ao contrário dos vocábulos descritos no parágrafo anterior, alguns não foram encontrados dicionarizados nas obras consultadas. É o caso de *beijaiada*, formado a partir de uma base substantiva comum na língua portuguesa, acrescida do sufixo *-ada*, formando um novo substantivo. *Bodocar* também foi criado a partir de uma base substantiva, porém acrescida do sufixo *-ar*, formando um novo verbo, retratando muito bem os costumes e brincadeiras do meio rural. Quanto à lexia *cachimbando* – o mesmo que “andar mancando, andar torto” – parece-nos que há uma motivação semântica em relação ao objeto cachimbo. *Chimbando*, variante lexical, na região, de *cachimbando*, seria uma redução dessa última. A locução verbal *comer boca* é uma variante local de *beijar* e parece resultar de uma analogia com o ato em si. *Currião*, por seu turno, é variante local de *correria*., embora o falante procure, mediante essa lexia, dar mais ênfase ao fato. Finalmente, as lexias *funda* e *tiçou* são resultados de processo de aférese, por isso não sendo encontradas dicionarizadas.

Ao organizarmos os vocábulos em campos lexicais, verificamos que alguns não foram enquadrados em nenhum deles. A explicação para este fato é que esses vocábulos não carregam em si um significado, mas apenas funcionam como conjunções, pronomes, interjeições, etc. Essas unidades, as quais marcam as relações entre palavras e grupos de palavras em uma estrutura frasal são denominadas *gramemas* de acordo com Niklas-Salminen¹³⁹, diferente dos *lexemas*, os quais veiculam conceitos sobre uma especificidade própria. Não constam em nenhum dos campos lexicais: *cuma/cume*, *entonce*, *diacho*, *mais (com)*, *mode*, *causo* e *cadê*.

A totalidade dos campos lexicais apresentados nesta seção constitui o “mundo rural”, representando as visões de mundo e as relações entre o homem e o seu meio e, que, por sua vez, integra o vocabulário do município de Águas Vermelhas. Estes campos também mostram que as palavras agrupadas em campos lingüísticos dependem do significado umas das outras dentro do sistema, não sendo reunidas de forma arbitrária, mas segundo uma relação de coordenação ou hierarquia, conforme a proposta de Trier (Cf. seção 2.1.1.). O estudo lingüístico a partir da noção de campos também mostrou que léxico de uma língua não se

¹³⁹ NIKLAS-SALMINEN, 1997, p. 19.

configura como uma estrutura plana, ao contrário possui lacunas, evidenciando vários campos, de acordo com Coseriu (Cf. seção 2.1.1.).

5.4. A influência de redes sociais no léxico de águas Vermelhas

Conforme descrevemos na seção 2.1.2.2., J. Milroy vê a língua como um fato social - para ele os estudos lingüísticos devem ser focados na interação entre os indivíduos de uma comunidade. Quando aborda a palavra *social*, ele não se refere à classe ou prestígio, mas sim às normas da variedade aceitas pela comunidade. Em relação à manutenção da linguagem, J. Milroy diverge em seus estudos dos trabalhos de Labov em Nova Iorque. Enquanto o primeiro prioriza seus estudos na manutenção e estabilidade da língua, o segundo direciona seus estudos para a mudança lingüística. Deste modo, Milroy procura mostrar os padrões em consenso na comunidade.

A respeito do vocabulário constante nas fichas lexicográficas, verificamos que há um repertório lexical comum entre os entrevistados, ou seja, há um grande número de palavras que são recorrentes na sua fala. Além disso, muitas dessas palavras são variantes não padrões da língua portuguesa atual, tal como a comparação feita por J. Milroy em relação a formas não-padrões encontradas na fala de pessoas de Belfast e o médio inglês¹⁴⁰. Assim como J. Milroy também reconhece em sua pesquisa, algumas dessas lexias são tidas como variantes regionais e outras são mais espalhadas pelo país.

Ao analisarmos as características da comunidade pesquisada, em especial o grupo de entrevistados, formados por pessoas mais idosas e oriundas do meio rural, podemos inseri-las naquilo que J. Milroy chama de “comunidade fechada”. Estas comunidades são caracterizadas por uma coesão interna bem forte e com poucas e fracas ligações externas. É o caso deste grupo de entrevistados, os quais mantiveram estreitas relações econômicas, sociais e culturais ao longo de suas vidas e que ao mesmo tempo mantiveram-se, de certa forma, fechados em relação às pessoas “de fora”, até mesmo em decorrência de sua condição econômica. Desta forma, esse grupo de pessoas pode pertencer ao que J. Milroy chama de “rede social”.

Para Milroy, uma rede social é caracterizada por laços fortes entre seus membros, o que restringe ou dificulta a mudança lingüística, havendo, portanto, uma relação entre a estrutura de uma “rede social” e mudança lingüística. Se uma rede é fraca, ela é mais aberta às influências externas, e conseqüentemente, a mudança lingüística se opera de uma maneira mais fácil. O grupo por nós pesquisado pode ser caracterizado como uma rede de laços fortes, o que se confirma pelo uso comum de lexias pouco usuais no português atual.

¹⁴⁰ MILROY, 1992, p. 136.

Mesmo sendo considerada uma rede forte, nada impede que casos de inovações lingüísticas ou influências externas possam entrar no sistema lingüístico desse grupo e com o tempo fazer parte de sua norma lingüística. Isto porque, mesmo dentro de uma rede forte há indivíduos que servem de pontes com outras redes e que transmitem inovações de um grupo a outro. Tal fato talvez explique o uso, entre os falantes pesquisados, de lexias que, segundo em Aurélio, sejam usuais na Bahia ou outros estados do nordeste como *agregado*, *badoque*, *cacimba*, *enfusar*, *fixa*, *zabelê*, *lambu*, *manaíba* e *matutagem*.

Historicamente, um elemento que ao longo do tempo certamente exerceu este papel de ponte entre várias redes foi o tropeiro, uma vez que circulava por diversas vilas e cidades, mantendo contatos lingüísticos com membros de diversas outras redes. O vaqueiro ou boiadeiro é outra figura que exerceu este papel de ponte entre diversas redes. A relação entre o tropeiro ou o vaqueiro com os indivíduos dessas diversas redes são tidas como laços fracos e, portanto, mais abertas a inovações lingüísticas.

Quando afirmamos, no início desta seção, que dentro de um grupo ou rede há uma norma lingüística de consenso entre os seus diversos integrantes, isto não quer dizer que não haja aí espaço para variação lingüística. Para confirmar este fato, relacionamos a seguir várias lexias e suas variantes encontradas nas 15 entrevistas:

adonde / aonde / onde	bodoque / badoque	cuma / cume / como
aguardente / pinga	caboclo / índio	de comer / comida
altura / época	caititu / porco do mato	de junto / junto
alvinha / clarinha	carapina / carpinteiro	de pouco / a pouco
arapuca / urupuca	carneira / sepultura	de primeiro / antigamente
arribar / alevantar	carreira / correria / currião	derradeira / última
arrieiro / tropeiro	com pouco / daí a pouco	desapiar / apear / descer
barroca / buraco / vala	come e bebe / festa / seguimento	desmantelou / desmanchou
bestagem / besteira	comer boca / beijar	devera / verdade
finado / falecido	manaíba / maniva / pé de mandioca	quebra / armadilha
folia de Reis / festa de Reis	mandruscada / matutagem	rapariga / moça
forra / liberdade	montoeiro / montão	riba / cima

harmônica / sanfona / pé-de-bode	mudernagem / novata / juventude	rodagem / carreiro / estrada
intrás / atrás	plataforma / assombramento / assombração	senhorinha / sinhá
lapinha / gruta	pocava / estourava / rachava	topar / encontrar

5.5. A relação entre o léxico de Águas Vermelhas e sua cultura

Vimos na seção 1.2. que a língua de um povo tem grande relação com sua cultura, sendo inegável o caráter social da linguagem. Para Saussure, a língua muda, posto que a sociedade muda. A partir dessa premissa, podemos verificar que a manutenção de um léxico conservador pela população de Águas Vermelhas está relacionado a uma sociedade que não experimentou grandes mudanças na sua estrutura social, diferente do que aconteceu em muitas cidades do Brasil. Nossos entrevistados são pessoas que passaram a maior parte de suas vidas no meio rural, estando, portanto, menos sujeitos às inovações, fato que explicaria a manutenção de um vocabulário que remonta a períodos mais antigos da nossa língua.

Outra característica visível verificada no vocabulário analisado em nossa pesquisa é sua estreita relação com a cultura local. Conforme a perspectiva da Antropologia Lingüística, apresentada na seção 1.2., o estudo do léxico deixa transparecer o modo de pensar e encarar o mundo num determinado tempo e espaço. De acordo com a proposta de Duranti¹⁴¹, nossos entrevistados podem ser vistos como “atores sociais” e pelo estudo do léxico utilizado por essas pessoas pudemos conhecer suas crenças e valores culturais, fato que pode ser confirmado em nossa pesquisa.

Outra relação que podemos detectar é entre a noção de “rede social” proposta por J. Milroy (Cf. seção 2.1.2.2.) e a cultura de um povo. Quanto mais forte são os laços entre os integrantes de uma rede, aliado ainda a um reduzido contato cultural com outros grupos, mais evidente se torna sua cultura.

De acordo com Sapir (Cf. seção 1.2.), a língua é uma condição imprescindível para o desenvolvimento da cultura. Sendo o léxico o resultado da interação social, é por meio de uma “rede” forte que se dá a sobrevivência e perpetuação da cultura de uma comunidade, tal como a verificada em nosso estudo. Retomando a seção 2.1.3., podemos afirmar que a língua serve de ponte entre sociedade e cultura, havendo uma interdependência entre as três.

¹⁴¹ DURANTI, 2000, p. 21.



Foto n.º 6 – Casarão antigo de Águas Vermelhas, fevereiro de 2006. (Acervo particular)

CAPÍTULO 6 – GLOSSÁRIO

Este glossário faz parte do repertório lexical que compõe as 15 entrevistas que constituem o *corpus* desta dissertação. Todas os lemas que apresentamos foram já analisados nas fichas do capítulo 4 e discutidos no capítulo 5, em que propusemos agrupamentos em campos lexicais.

a) Procedimentos adotados

Foram adotados os seguintes procedimentos na organização dos verbetes:

- as entradas estão em ordem alfabética e impressas em versalete e em negrito;
- os substantivos e os adjetivos apresentam-se no masculino e no singular, ao passo que os verbos estão no infinitivo;
- após a entrada é indicado, entre parênteses, se o vocábulo é dicionarizado pelo Aurélio¹⁴² (A); se não é dicionarizado em nenhum dos seis dicionários consultados (n/d); se não é dicionarizado no Aurélio, mas é em algum dos outros dicionários consultados (n/A);
- a categoria gramatical indica se a palavra é um substantivo, um verbo, um adjetivo, etc. Essas indicações vêm abreviadas. Para saber o que as abreviaturas significam consulte a lista de “abreviaturas e convenções” em b;
- após esses procedimentos, apresentamos a definição da palavra, construída a partir do significado que apresenta em nosso *corpus*. Em alguns verbetes fazemos observações que se encontram entre parênteses;
- a frase de abonação (em itálico) mostra como a palavra é usada na região estudada;
- quando aparece a indicação Cf., sugerimos que se veja a outra palavra indicada.

b) Abreviaturas e convenções

A – dicionarizado em Aurélio

adv. – advérbio

Cf. - conferir

Entr. – entrevistador

Inf. – informante

interj. – interjeição

loc. verb. – locução verbal

loc. adv. – locução adverbial

n/A – não-dicionarizado em Aurélio

n/d – não dicionarizado em nenhuma das obras consultadas

prep. - preposição

pron. int. – pronome interrogativo

s. – substantivo

v. – verbo

* hipótese

¹⁴² Aurélio Séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa.

GLOSSÁRIO

A

ACÁ (n/A) adv. Neste lugar. "*... tudo era mato... acá tinha uma casinha nesse ponto.*" (Entr. 15, linha 6)

ACOLÁ (A) adv. Lugar afastado, distante, outra parte. "*Toda hora saía... saía um conjunto de gente né... cantando pelas casas né... cantava aqui cantava ali cantava acolá...*" (Entr. 1, linha 455)

ADBENÇOAR (n/d) v. Conceder proteção a alguém. Variante de abençoar (abençoar > adbençoar – redução de “há de abençoar”). "*Deus que adbençoa o senhor também...*" (Entr. 3, linha 228)

ADONDE (A) adv. Em que lugar. Variante de aonde. "*... num sei adonde que tá chovendo... num sei adonde que diz que o sol tá quente...*" (Entr. 6, linha 365);

ADUCAR (n/d) v. Dar escolaridade a uma pessoa. Variante de educar. (educar > aducar – caso de dissimilação). "*... trabalhei muito...adunquei meus filho tudo... tem filho formado...*" (Entr. 6, linha 200)

AGREGADO (A) s. Trabalhador rural que vive em terras que não são de sua propriedade. "*...quem tinha suas fazenda dava a pessoa pra morar de agregado...*" (Entr.4, linha 597)

ÁGUA INGLESA (n/d) s. Espécie de remédio indicado para mulheres que tiveram filho recentemente. Usado para combate a anemia e, também, como tônico revigorante. "*... lá dentro tinha um creme e tinha o sal amargo... pra beber com purgante né... e tinha a resina... que vendia né... aguardente... (carnevan) pra pereba né... e bebia né... saúde das mulher e água inglesa...*" (Entr.6, linha 404)

ÁGUA VENENÇA (n/d) s. Espécie de remédio muito usado no combate à febre e resfriados. (alteração de Água Venence – caso de dissimilação) "*... tinha a farmácia / só vendia era água venença...*" (Entr.6, linha 402)

AGUARDENTE (A) s. Bebida alcóolica destilada da cana de açúcar. "*... lá dentro tinha um creme e tinha o sal amargo... pra beber com purgante né... e tinha a resina... que vendia né... aguardente...*" (Entr.6, linha 403)

ALEMBRAR (A) v. Trazer lembranças à memória. Recordar-se. Variante de lembrar (lembrar > alembrar – caso de prótese). "*Eu alembro... um mucado eu alembro...*" (Entr.7, linha 9)

ALEVANTAR (A) v. Colocar-se de pé. Variante de levantar (levantar > alevantar – caso de prótese). "*... quebrei o resguardo... mas eu alevantei inflada de camisa...*" (Entr.3, linha 105)

ALTURA (A) s. Época da vida, idade. "*... brincava bastante até uma altura... até uma altura eu brinquei...*" (Entr.5, linha 4)

ALUMIAR (A) v. Tornar claro um local. Variante de iluminar (*iluminar > ilumiar > alumiar – caso de síncope e dissimilação). Cf. **lumi**ar. "*... naquele tempo num tinha vela...alumiava com azeite e cera do mato né...*" (Entr.6, linha 15)

ALVINHA (n/A) adj. Que é clara, límpida, transparente. “...uma folha que tinha dentro d’água que ocê pisava assim... afundava... a água vinha... aquela água alvinha...” (Entr.2, linha 151)

AMIGALHAR (n/d) v. Tornar-se amante de alguém, amancebar-se. Variante de amigar (amigar > amigalhar – caso de epêntese). “...e ela amigalhou com dezoito anos” (Entr.2, linha 360)

AMOROSA (A) adj. Que ama fazer alguma coisa, disposta, animada. “... era de minha casa pra fonte e pro meu quintal... num sou amorosa caminhar pra casa de ninguém não.” (Entr.3, linha 195)

ANDU (A) s. Espécie de um legume ou vagem, de cor esverdeada, arredondada, similar a uma ervilha. “Nós plantava tudo né... nós plantava as mesma coisa de hoje... era manaíba... feijão... milho... é cacatua... andu...” (Entr.5, linha 102)

ANTÉ (n/d) prep. Limite em um espaço de tempo. Variante de até (até > até – caso de epêntese). Cf. **inté**. “Foi a vida toda anté / apareceu esse sofrimento ni mim e eu parei de trabalhar.” (Entr.14, linha 98)

ANTIGÓRIO (n/d) adj. Que é antigo, distante no tempo. Variante de antigo (antigo > antigório – caso de paragoje). “... mas se o governo num fazer lei nós já vai pr’um caminho de ficar pior... nós já vai pr’aquela caminho antigório que era...” (Entr.10, linha 328)

ANTONTE (n/A) adv. O dia que antecede ao de ontem. Variante de anteontem (anteontem > antontem > antonte – caso de síncope e apócope). “Essa semana mesmo eu fui lá duas vezes... eu fui lá antonte e fui ontem.” (Entr.11, linha 259)

APARRAMBADO (n/d) s. Grande quantidade, muitos. “É dez filho...ele tinha um aparrambado de menino pequeno ainda... ainda tinha um tanto né...” (Entr.5, linha 150)

ARANHAR (A) v. Trabalhar vagarosamente, trabalhar sem pressa. “... e nunca deixei também de tá aranhando meu servicinho não...” (Entr.8, linha 149)

ARAPUCA (A) s. Armadilha feita de pequenos pauzinhos em forma de pirâmide para apanhar pássaros. Cf. **urupuca**. “...amarrou uma corrente lá no carrinho lá e nos boi... aí arrastou igual uma arapuca.” (Entr.4, linha 675)

ARRANCHAR (A) v. Estabelecer, morar. “... hoje eu tou arranchado aqui... como tou até hoje...” (Entr.5, linha 58)

ARREADO-DE-CANGAIA (n/d) s. Conjunto de adereços utilizados em cavalos, bestas e mulas para o trabalho de carga. “... amarrava carga e mais cargas... lote-de-burro... o arreado-de-cangaia...” (Entr.5, linha 472)

ARREAR (A) v. Colocar os arreios em. “... montou numa bestona bonita diacho / arreou bem arreado... e chegou lá na beira do rio...” (Entr.4, linha 476)

ARREPRESENTAR (n/d) v. Dar a conhecer. Variante de apresentar (apresentar > arrepresentar – caso de epêntese). “Ah... o namoro de antigamente a moça só casava com vinte e cinco anos e assim mesmo num arrepresentava o rapaz.” (Entr.7, linha 93)

ARRIBAR (A) v. Levantar, erguer. “... fazia armadilha de cá e agora arribava aquela vara e armava...” (Entr.7, linha 259)

ARRIEIRO (A) s. Aquele que trabalha com tropas de burro, tropeiro. "... *bota um lote-de-burro nesse asfalto e vê se ele acha quem vai trabalhar de arrieiro.*" (Entr.5, linha 507)

ASSOMBRAMENTO (A) s. O mesmo que assombração, fantasma. "... *eu nunca vi não mas... o povo contava muito esses caso de assombramento né...*" (Entr.4, linha 547)

ASSUNTAR (A) v. Prestar atenção; observar. "*Pois é... cê vai assuntando ó... ele arribou cedo e viajou... meio dia derrubou... e tornou arribar outra vez meio dia...*" (Entr.5, linha 490)

ATROPELAR (n/d) v. Roubar, furtar. "... *eu já passei na barba da morte porque... eu já fui atropelado por um ladrão / eu requeri ele... o que eu fui atropelado por gente de olho grande querendo tomar o que eu tinha... eu num quis entregar porque... enfrentei com eles...*" (Entr.10, linha 307)

AVEXADO (A) adj. Que é envergonhado, acanhado. "... *se eu gostei das menina... eu nunca namorei... eu muito avexado... eu num podia dar decisão nenhuma...*" (Entr.4, linha 56)

AVULTADO (A) adj. Relativo a volumoso, quantidade maior. "... *tem hora que a gente vai com o dinheiro mais avultado pro armazém ou prum açougue e... e... num dá pra nada...*" (Entr.8, linha 183)

B

BADOQUE (A) s. Atiradeira; variante de bodoque (bodoque > badoque – caso de dissimilação). "*Entr: Quando o senhor era pequeno o senhor caçava também?/ Inf: Caçava. / Entr: É mesmo! / Inf: Era badoque ((risos)) / Entr: Ah! / Inf: Era badoque de linha.*" (Entr.7, linha 250)

BARRER (A) v. Varrer, limpar com vassoura. Variante de varrer (varrer > barrer – caso de bilabialização). "... *lavo uma roupa lavo um prato barro casa... barro terreiro.*" (Entr.8, linha 9)

BARROCA (A) s. Vala, buraco. "... *o carro virou... também caiu dentro de uma barroca...*" (Entr.4, linha 664)

BATISTÉRIO (n/d) s. A cerimônia de batismo, batizado. "... *o povo era tão simples... todo mundo... só o padre que dava batistério... dali ninguém sabia... num perguntava...*" (Entr.12, linha 3)

BEIJAIADA (n/d) s. Ação ou resultado da ação de beijar. "*Agora a gente vê essas beijaiada tudo nojenta... é um nojo...*" (Entr.15, linha 69)

BEIJU (A) s. Massa de farinha de mandioca cozida no forno e servida em formato de placas do tamanho da palma da mão e bem crocantes. "... *aqui era um areão só... nós fazia aqueles fornão de areia né... e fazia beiju dentro...*" (Entr.15, linha 52)

BESTAGEM (A) s. Besteira, asneira. "... *o médico falou: ‘Deixa de bestagem dona Maria!... o homem num vai morrer não!’...*" (Entr.7, linha 345)

BICHO-DA-CARNEIRA (n/d) s. Caso de assombração difundido em Pedra Azul (MG). Trata-se de um falecido que reaparece para as pessoas em forma de bichos como cachorro, porco, jegue, etc. "*o povo fala que tem... esse bicho-da-carneira... os povo fala isso... que tem né...*"

(Entr.8, linha 209) “*Tem um tal de homem de Pedra Azul que chama Joaquim Antunes... diz que ele chama bicho-da-carneira...*” (Entr.9, linha 107)

BIRRO (n/d) s. Peça usada para fazer rendas de almofada. Variante de bilro (bilro > birro – caso de assimilação regressiva). “*Agora eu num faço... de primeiro quando eu fazia os birro...*” (Entr.6, linha 65) “*... o cara lá que fazia os birro... nos torno né... de madeira né...*” (Entr.6, linha 65)

BODOCAR (n/d) v. Ação de atirar com bodoque. “*Ah naquele tempo num tinha o que fazer não!... (brinquedo) era bodocar... fazer urupuca né...*” (Entr.1, linha 101)

BOI-JANEIRO (n/d) s. Indivíduo que se veste de boi e sai pelas ruas, seguido pelas pessoas, no mês de janeiro. “*Vestia e saía andando pelas rua com essa Maria Tereza e boi-janeiro e o povo atrás.*” (Entr.15, linha 230)

BOIADEIRO (A) s. Indivíduo que guia os bois nas estradas para alcançarem novas pastagens ou serem vendidos nos mercados. “*... era boiadeiro... o boiadeiro é que toca / tocava o gado na estrada...*” (Entr.5, linha 539)

BONECA (A) s. Espiga de milho ainda nova. “*... que as rocinha que nós faz num... e olha porque tá de noite e eu () chamar o senhor pro senhor ver meu quintal aí... é... é um () de terreno... tá todo papado no meio e banana e... cana mandioca... é... mas tudo ()... tá tudo crescidinho assim esperando secar... e já tá todo empenhado já com as boneca.*” (Entr.7, linha 292)

BOQUEIRÃO (A) s. Abertura larga entre montes onde o terreno é propício ao cultivo de roça. “*... fui aí num boqueirão... eu tinha roça... três roça num boqueirão aí...*” (Entr.7, linha 351)

BOTAR SENTIDO (n/d) loc. verb. Prestar atenção; observar ou escutar algo cuidadosamente. “*... botaram duas mulher solteira pra botar sentido...*” (Entr.6, linha 456)

BRAMURA (n/d) s. Bagunça; diabrura. “*...eles passou só naqueles meio aí do Berizal aí ó... eles fizeram muita bramura aí.*” (Entr.4, linha 456) “*Ô moço... quando eu era menino eu recordo de algumas coisa... e eu fazia bastante bramura né...*” (Entr.5, linha 4)

BRAVAR (n/d) v. Gabar; sentir-se superior. “*É... e... ainda saiu bravando aí... isso porque ele num disse nada né... dissesse qualquer coisa... ainda saiu gabando...*” (Entr.4, linha 485)

BROCOTÓ (A) s. Terreno ruim, muito irregular, de mata seca e que dificulta o caminhar. “*... hoje que eu num vou mais... que eu num guento mais ir nesses brocotó... mais caçar essas coisas...*” (Entr.4, linha 368)

BUGUELÃO (n/d) s. Olhos grandes e arregalados. “*... se andar com fé em Deus aqui ele num passa... () que chegou dois buguelão... preto assim... ()... tem parente dele aqui... ele fala que é pra comer... os parente comer... daí comer numa redondeza de dez léguas... ele tá eternado lá... ele num acabou não... ele andava aqui... feito uma roda de carretão... dois olhão assim...*” (Entr.6, linha 454)

C

CABOCLO (A) s. Índio ou descendente de índios. “...*meu pai era folgado (engraçado) a caboclo... a mãe dele foi pegada até de cachorro... meu pai era caboclo... agora minha mãe não...*” (Entr.8, linha 107)

CABROCHA (A) s. Mulata nova, moça mestiça. “*Sem mulher num vou ficar / arrumo uma cabrocha / nem que seja um pururu / tem de lá da banda nova / ou então da banda sul / está tudo azul.*” (Entr.6, linha 126)

CACATUA (A) s. Espécie de ave branca, da família dos papagaios. “... *era manaíba... feijão... milho... é cacatua....*” (Entr.5, linha 101)

CACETINHO (A) s. Bastão de madeira, bengala. “... *ocê pode ir rompendo que eu vou com o cacetinho e Deus me ajuda que eu chego lá...*” (Entr.7, linha 377)

CACHAÇA (A) s. Aguardente extraída da cana de açúcar; pinga. “...*era divertido demais moço... e ês tinha uma cachaça pura...*” (Entr.1, linha 464)

CACHIMBAR (n/d) v. Mancar; andar meio torto. Cf. **Chimbando**. “... *ela era morena... ela andava assim... meio cachimbaro né...*” (Entr.6, linha 372)

CACIMBA (A) s. Cova feita em lugares úmidos onde se acumula água. “*Esse rio... ele era um rio muito limpo... ninguém fazia panhar água em cacimba... só panhava no rio...*” (Entr.12, linha 68)

CACUNDA (A) s. Costas, dorso. “...*por fim eu casei foi com esta aí... minha prima carnal aí... porque... que eu carreguei até na minha cacunda.*” (Entr.4, linha 83)

CADÊ (A) Pron. Interrog. Onde está; quede. “...*ela falou: ‘Cadê a menina?... ela passou melhor?’...*” (Entr.6, linha 411)

CAINDO PRA IDADE (n/d) loc. verb. Envelhecendo, adquirindo mais idade. “... *enquanto eu tava agüentando eu ainda tava trabalhando... depois que eu fui caindo pra idade aí eu não trabalhei mais não...*” (Entr.8, linha 7)

CAITITU (A) s. O mesmo que porco-do-mato. “*Tinha jacu... tinha izabelê... tinha caititu... tinha... aí já num é pássaro... é animal...*” (Entr.5, linha 650)

CAIXÃO-DE-VARA (n/d) s. Espécie de uma mesa feita de tábuas finas, porém sem os pés. “*Esse boi janeiro é um homem... que a gente coloca dentro de / faz um caixão-de-vara... como se fosse / como essa mesa né... igual essa mesa tá aí...*” (Entr.5, linha 371)

CALUNDUM (n/d) s. Espécie de arbusto encontrado geralmente no cerrado e na caatinga. “... *isso aqui era só mato... aquele matagal... só tinha aqueles calundum...*” (Entr.2, linha 50)

CAMA-DE-VARA (n/d) s. Cama rústica feita de varas. “*É... e cama-de-vara... com umas teinha velha de tapuia até ().*” (Entr.7, linha 57)

CAMARADA (A) s. Indivíduo empregado para serviços variados nas fazendas. “...*então quando eu morava mais meus pais... quando era no tempo de fazer roça... ele num / era*

fraquinho... nós tudo fraquinho... ele num podia botar um camarada... era nós era mulher era homem...” (Entr.7, linha 267)

CAMPA (n/d) s. Espécie de mala antiga, usada pelos vendedores ambulantes. *“As mala tinha... tinha um lugar de botar candieiro... botar tudo pra sair vendendo... era diferente... a outra era mais diferente um pouco... chamava campa... () põe o candieiro de um lado... põe um trem do outro e deixa encher de coisa.”* (Entr.15, linha 38)

CAMPESTA (n/d) s. Campo de vegetação rala e seca. *“Aí virou essa campesta desse jeito aí ó... num chove... tem época que a chuva vem curta né...”* (Entr.5, linha 678)

CANCELA (A) s. Portão, geralmente feito de ripas ou tábuas distanciadas uma das outras. *“... meu pai depois que chegava da roça... de tardinha... ele ia fazer aquelas cancela pra botar nas divisão dos curral...”* (Entr.5, linha 15)

CANDEIA (A) s. Objeto usado para iluminação, geralmente feito de barro, e alimentado por azeite ou cera do mato. *“É... candeia... naquele tempo num tinha vela... alumiaava com azeite e cera do mato né...”* (Entr.6, linha 15)

CANDIEIRO (A) s. objeto usado para iluminação, geralmente feito de metal, e alimentado por óleo ou gás. *“É... hoje é... e antigamente ocê amanhecia o dia aí tranqüilo... com os candieiro aceso assim ó... amarrado lá em cima na telha...”* (Entr.7, linha 188)

CANGA (A) s. Peça de madeira que une os bois pelo pescoço e é acoplada ao carro de boi. *“... chama carro de boi... aí pegava uma parelhona de boi... enfiava a canga no cangote do bicho...”* (Entr.1, linha 577)

CANOEIRO (A) s. Indivíduo que dirige uma canoa e vive desse ofício. *“... então as pessoas contador dessas estória... era esses homem... era o canoeiro que viaja pro rio... era o tropeiro que é esse...”* (Entr.5, linha 537)

CAPADÃO (A) s. Porco grande e castrado para engorda. *“... ês chegava aqui / aqueles capadão gordo / naquele tempo tinha fartura demais... atirava na cacunda de um porco...”* (Entr.12, linha 227)

CAPANGA (A) s. Espécie de bolsa rústica, geralmente de couro, que os caçadores levam quando saem para caçar. *“... a pessoa panhava uma espingarda... dava uma voltinha... quando pensava que não enchia a capanga...”* (Entr.4, linha 298)

CAPENGA (n/d) adj. Relativo a alguém ou alguma coisa pobre, de pouco valor. *“...ali tinha um mercado... mercado capenga... ocê precisa de ver...”* (Entr.2, linha 100)

CAPOEIRA (A) s. Lugar onde o mato cresceu após a derrubada da mata original. *“...isso aqui era um matão... esquisito... que tinha aqui... aquela capoeira esquisita que tinha aqui tudo.”* (Entr.14, linha 229)

CARAPINA (A) s. Aquele que trabalha com a madeira; carpinteiro. *“Era de madeira e barro... o (sujeito) enchia de madeira assim e embarriava né... e as portas... arrumava um carapina ()...”* (Entr.1, linha 398)

CARNEIRA ~ CARNEIRINHO (A) s. Cova, lápide da sepultura. *“...aí o moço diz que todo ano essa carneira pocava e saía aquele fio de cabelo na/no caixão da carneira né.”* (Entr.7, linha 223)

470) “é falava carneirinho...enterrava o povo e levantava aquelas carneirinha...chamava carneirinha.” (Entr.2, linha 128)

CARRANCISMO (A) s. Apego ao passado; aversão à mudança. “O filho quer ensinar o pai... e de primeiro num tinha isso né... então isso é o que eu quero dizer... mais carrancismo pra trás que eu não alcancei...” (Entr.5, linha 432)

CARREIRA (A) s. Corrida, correria. “... ele passou pra essa beira do córrego... e foi lá pra praça né... com pouco ele chegou aqui na carreira...” (Entr.2, linha 566)

CARREIRO (A) s. Estrada, caminho; trilha feita no mato. “Num tinha rodagem não... aí moço () de madeira... o povo fazendo aqueles carreiro velho... cortava de machado e limpando...” (Entr.1, linha 348)

CASA-DA-RODA (n/d) s. Lugar apropriado onde se produz a farinha de mandioca. “... que eu morava mais uma mulher... aí nós tava até na casa-da-roda labutando com farinha e eles tava relando mandioca e nós ia observando a roda e ês mexendo forno...” (Entr.8, linha 244)

CATINGA (A) s. Região onde a vegetação é caracterizada por árvores baixas e retorcidas, com poucas folhas e espinhentas. “... cabou as mata!... é tudo / só virou sertão velho que nem as catunga cabou... é.” (Entr.7, linha 281)

CATITA (n/d) s. Feridas que aparecem no corpo das pessoas. “A pessoa adoecia... ficava esmagrecendo... dava umas pereba nas pernas do povo... chamava catita...” (Entr.1, linha 617)

CATIVEIRO (A) s. Condição de cativo; escravo. “... aqueles que morava lá no arraial / já tinha nós que morava lá pros recanto... como cativeiro... tinha nós como cativeiro... precisava deles nós era cativeiro...” (Entr.10, linha 249)

CATUÁ (n/A) s. Espécie de árvore, de madeira muito apreciada. “...tinha braúna... tinha caboclo... tinha catuá... que era as madeira de lei que tinha né...” (Entr.5, linha 644)

CAUSO (A) s. História, conto, fato. “... essa meninada aí da escola... quando eles quer fazer um trabalho difícil sobre causo da cidade... eles vem pr’aqui...” (Entr.7, linha 421)

CERCA-DE-VARA (n/d) s. Cerca feita de varas finas extraídas das matas. “É... e fazendo cerca-de-vara”. Entr: Cerca-de-vara? Inf: “É... porque num tinha condição de fazer outra cerca né...” (Entr.7, linha 46)

CHIMBAR (n/d) v. Mancar; andar meio torto. Cf. **Cachimbar**. “... quando ela vai fazer exame... que ela é meio adoentada... passa chimbando uma perna...” (Entr.2, linha 263)

CHINETINHO (n/d) s. pedaços de pau finos e compridos. “... naquele tempo qu’eu vim pr’aqui num tinha... num tinha essas coisa não... a minha casinha mesmo quando eu casei... era feita só de chinetinho... pegava aqueles pauzinho... abria cá... e juntava todos pauzinho assim ó...” (Entr.2, linha 112)

CHUMBAR (A) v. Embriagar, embebedar. “... o povo de vez em quando tomava uma pinguinta... mas num bebia que nem hoje pra chumbar não...” (Entr.1, linha 465)

COIVARA (A) s. Terreno coberto de galhos e troncos que restaram de uma queimada. “... ês jogava os cavaco tudo em cima... das coivara né...” (Entr.6, linha 258)

COM POUCO (n/d) loc. adv. Daí a pouco, logo depois. “...ele passou pra essa beira do córrego... e foi lá pra praça né... com pouco ele chegou aqui na carreira...” (Entr.2, linha 565)

COME E BEBE (n/d) s. Festa ou encontro de amigos, regada de comida e bebida. “{Um forró...} fazia um forró... um churrasco né.” / Entr: “Ah... sei.” / Inf: “Um come e bebe e... aquelas brincadeira né...” (Entr.4, linha 112)

COMER BOCA (n/d) loc. verb. O mesmo que beijar na boca. “... mas num tinha essa história de abraçar beijar que nem eu vejo agora... comer boca como diz assim...” (Entr.8, linha 52)

COMUNISMO (n/d) s. Bagunça, briga, confusão. “Num tinha festa religiosa não... tinha a festa do comunismo. / Entr: Festa do comunismo? / Inf: Sim. / Inf: Como que era isso? / Inf: É a festa do comunismo... fulano vai lá em () e vai... “Oê vai fulano?”... “Vou vou”... “Aprepare!”... nós ia tudo... chegava lá era uma cachaçada... era um pau () de fora a fora... era bater num’ sos’ outros aleijando e brigando... a festa só acabava em briga.” (Entr.10, linha 259)

CONTO (A) s. Dinheiro, moeda sem valor específico. “...se pagar um camarada todo dia dez quinze conto pro camarada a lavoura num dá pra pagar...” (Entr.10, linha 478)

CORONEL (A) s. Chefe político no interior do Brasil e geralmente detentor de grandes riquezas em sua região. “Cabou negócio de coronel...cabou...quando parece um é ()... num faz nada que presta mais não...” (Entr.12, linha 486)

CULIAR (n/d) v. Combinar, ajustar, coligar. “...aí eles culiou mais o outro moço... quando ele subiu lá pra cima... garrou no sono... riscou fogo no paiol de milho mais embaixo...” (Entr.4, linha 417)

CUMA ~ CUME (n/d) pron. Interrog. Variante de como. Entr: “E o rio aqui... como era esse rio?” / Inf: “Cuma?” (Entr.12, linha 64) “Fac.:... pa ganhar neném como que era... que eles fazia? / Inf: Cume?” (Entr.3, linha 75)

CURRAL-DE-VARA (n/d) s. Curral mais rústico, feito de varas ou tábuas irregulares. “... outra hora fazia um curral-de-vara... lá em... () fincando ()... fincava naquelas cerquinha dessa altura assim... de pedacinho de vara né...” (Entr.4, linha 30)

CURRIÃO (n/d) s. Correria, fuga. “Esse povo eu não sei... mãe diz que ês chegou aqui... disse que teve um currião... papai levou um mucado de gente pro mato...” (Entr.15, linha 191)

D

DAR LOMBO (n/d) loc. verb. Dar descanso aos animais no intervalo de uma jornada de trabalho. “... o sujeito arribava cedo... viajava... meio dia derrubava pra ele almoçar e dar lombo os animal...e os animale também comer...” (Entr.5, linha 486)

DE COMER (A) s. Comida, provisão de comida. “... aí ... jogou esse de comer tudo pra lá e fez essa nega fazer outros de comer...” (Entr.4, linha 434)

DE JUNTO (n/A) loc. adv. Junto, próximo. “...uma enfuzada morou aqui de junto da gente ó...” (Entr.6, linha 390) “... num tinha direito de ficar de junto uns dos os’outros não...” (Entr.12, linha 148)

DE POUCO (n/d) loc. adv. Há pouco, agorinha. “Era bonito... ocê vê quando o rio enche fica um trem bonito... agora mesmo... de pouco que choveu...” (Entr.8, linha 119)

DE PRIMEIRO (n/A) loc. adv. Antigamente; outrora. “O forró... de primeiro... num tinha esse negócio de... de... mulher num dançava não...” (Entr.4, linha 100)

DEFERENÇAR (n/d) v. Modificar, mudar. Variante de diferenciar (diferenciar > deferençar – caso de assimilação e síncope). “... no escuro nós num via não... é... aí foi... moço... daí a pouco foi deferençando o tempo... foi deferençando deferençando deferençando... até a hora que nós enxergou a luz do dia...” (Entr.7, linha 318)

DERRADEIRA (A) adj. Relativo a última, a mais nova. “É... quando casa derradeira tinha esse uso... num sabe não?” (Entr.13, linha 152)

DESAPIAR (A) v. Descer de; apear. “... aí eu falei: “Ô fulano vamo desapiar”... aí o boi só ficou fungando...” (Entr.7, linha 316)

DESMANTELAR (A) v. Desmanchar; destruir. “... essa lapinha era do mato... tinha o cruzeiro... depois que foi aumentando as casa desmantelou a lapinha... depois uma igrejinha...” (Entr.15, linha 4)

DEPOIS (A) adv. Que vem logo a seguir. Variante de depois (depois > despois – caso de epêntese). “... agora despois que o povo acabou com a floresta virou essa campina...” (Entr.4, linha 282)

DESTERRAR (A) v. Largar a terra natal; ir embora. “... umas casou... morreu logo... outras (desterrou) pra outro canto...” (Entr.4, linha 90)

DEU POR FÉ (n/A) loc. verb. Perceber; notar. “... fizeram aquele (rebuçado) de capim... () capim... botou fogo... e o fogo trançou lá nesse paiol... e ()... quando deu por fé tava aquela fogueira medonha...” (Entr.4, linha 419)

DEVERA (n/d) adv. Realmente, com certeza. Variante de deveras (deveras > devera – caso de apócope). “... “Ô meu filho foi ele... ele representa que nem um cachorro... ele representa que nem um porco... representa que nem um jegue”... “Ô pois eu topei um jegue”... e lá num tinha jegue... pois foi ele... foi ele devera...” (Entr.12, linha 275)

DIACHO (A) interj. Diabo. “...e chegou lá na beira do rio / revoltoso encheu... falou: ‘Ê diacho... agora nós num... / como é que nós passa nesse rio?’” (Entr.4, linha 477)

DISPENZA (A) s. Compartimento ou cômodo da casa onde se guardam alimentos. Variante de despensa (despensa > dispensa – caso de dissimilação). “... então ela num deixava que nós menina entrasse na dispensa... porque era dispensa né... e era muita carne...” (Entr.2, linha 305)

DIZER MISSA (n/A) loc. verb. Rezar. “... e chorando... e chamava o pai pra dizer missa ou oração...” (Entr.8, linha 233)

E

EM ANTE (n/d) loc. adv. Antes, anteriormente. “... mas em ante dessa barragem aí esse rio dava enchente de fazer medo viu?” (Entr.4, linha 231)

EMBUÇAR (A) v. Cobrir, enrolar. "... num couro daquele dormia quatro cinco menino... tudo embolado... embuçado com uma coberta só..." (Entr.5, linha 461)

EMBUNECAR (A) v. Formar espigas. "É... o milhozinho tá desse tamanho ó... já tá empenando e embunecendo." (Entr.8, linha 127)

ENCACIMBAR (n/d) v. Formar cacimbas; Formar poços de água ao lado do rio. "Entr: Rio Pardo? / Inf: Esse lá é respeitado... esse vem... pega lá com o mar e vem pra'qui tudo e encacimba..." (Entr.12, linha 87)

ENCARCAR (n/d) v. Encalacrar; se dar mal (encalacrar > encacrar > encarcar – casos de síncope e hipértese). "... o médico me viu com esse pé inchado lá... 'É senhor ((nome)) o senhor tá com o pé inchado!'... eu falei: '() não senhor doutor'... ele: 'Tá'... puxou... num confiou em mim... puxou a calça até cá em cima... encarcou () e falou: '() e osso...'..." (Entr.4, linha 363)

ENFERMAGEM (n/d) s. Enfermidade, doença. "Depois de velha... que eu tou com essas enfermagem..." (Entr.2, linha 756)

ENFORNAR (n/d) v. Esconder-se; isolar-se. "... 'Ah agora que ocê veio saber?... lá que ocê enfornou... lá ocê fica enornado... lá num vou não'." (Entr.12, linha 508)

ENFUAZADO (n/d) adj. Bravo, arredio. "... meu pai veio aqui e tinha um cavalo muito enfuzado..." (Entr.4, linha 625)

ENFUSADA (n/d) adj. Diz-se de pessoa mal amada, de gênio ruim. "... uma enfusada morou aqui de junto da gente ó... é enfusada..." (Entr.6, linha 390)

ENFUSAR (A) v. Se dar mal; dar com os burros n'água. "{E pobre de ((nome)) casou} com uma tal de ((nome)) e enfusou né..." (Entr.6, linha 390)

ENGRAMAR (n/d) v. Crescer, tornar-se grama. "... o primeiro ano ele sai aquela força... o gado comeu... cabou... volta pra terra... só fica na cova do capim... o capim não engrama..." (Entr.5, linha 286)

ENGUENTADA (n/d) s. Raizada; mistura de várias plantas medicinais. "... e era tudo quanto é remédio / remédio de horta... era... era... (mentraço)... fazia assim aquela enguentada e cozinava pra gente beber." (Entr.8, linha 97)

ENRABAR (A) v. Perseguir; correr atrás. "Entr: E os moleque... tem medo? / Inf: Os moleque... do boi tem porque o boi enraba." (Entr.7, linha 225)

ENTENDI POR GENTE (A) loc. verb. Passar a ter consciência das coisas. Fazer uso da razão. "Desde quando eu entendi por gente eu já conheci por nome Mosquito..." (Entr.12, linha 81)

ENTONCE (A) adv. Então, nesse caso. "Entonce era assim... o pai de família ficava procurando aí () trabalhador coisa e tal né..." (Entr.1, linha 160)

ESPECAR (A) v. Espetado; dependurado. "... e agora botava aqueles corão de boi / que o couro de boi... de primeiro era tirado e... e especado na vara para secar" (Entr.5, linha 457)

ESPIAR (A) v. Ver; visitar. "... trabalhei pr'os outro demais... agora os outros num vai fazer conta nem de vir me espiar ao meno." (Entr.3, linha 7)

ESPULETADO (n/d) adj. Característica de quem é endiabrado; espertalhão. "... *“Espera aí que ocê me paga”... nêgo... nêgo era meio espuletado também...*” (Entr.4, linha 416)

F

FARINHEIRA (n/d) s. Máquina manual ou elétrica em que se produz a farinha. "... *eu tava mexendo com o motor né... () a farinheira... tem o motor... o motorzinho ()... e já tem farinheira à força () né... aí ela produz muito por dia...*” (Entr.1, linha 139)

FAZIA A BANCA (n/d) loc. verb. Dar lucro. "... *eu num trabalhei em terra minha também não... terra dos outros... eu dei muito lucro aos fazendeiro tudo... dei lucro / todo canto eu fazia a banca pra eles...*” (Entr.10, linha 239)

FEDEGOSO (A) s. Arbusto usado para fazer chá. "*Olha... tinha um tal / tinha o fedegoso... tinha uma artelã... tinha puejo...*” (Entr.14, linha 161)

FEIJÃO-CATADOR (n/d) s. Tipo de feijão. "... *aí num dá feijão não... só dá feijão-catador... é fava... agora o milho... quando era no quintal[e] tudo... dava milho...*” (Entr.8, linha 131)

FINADO (A) s. Pessoa que faleceu, morto. "...*o finado Juca Venâncio foi enterrado lá ó...*” (Entr.15, linha 16)

FINDILIZAR (n/d) v. Finalizar; terminar. "... *isso já aconteceu duas vezes né... o primeiro século foi findilizado com fogo... é... o segundo foi findilizado com água... pois bom... esse agora... diz que é com fome... peste e guerra né...*” (Entr.4, linha 316)

FIXA (A) s. Buraco ou fresta junto à travessa da porta. "*Ela olhava pela fixa da porta ((risos))... e ocê de cá... num tinha direito de ficar de junto uns dos os'outros não... quem era?... ela ficava de lá... ali... olhando por um buraco e o pai tava olhando também...*” (Entr.12, linha 148)

FOLIA DE REIS ~ FESTA DE REIS (n/d) s. Agrupamento de homens que saem pelas ruas no mês de janeiro, vestidos de branco e cantando, dançando e orando em homenagem ao dia de Reis. "*Eles canta assim nas rua... nas casa da gente... aquela folia de reis... chama folia de reis né.*” (Entr.2, linha 219) "*Festa de reis... é... eles canta o reis seis dias... assim... sai cantando né... no dia seis de janeiro eles reza o terço e faz a festa.*” (Entr.9, linha 75)

FOLIÃO (A) s. Aquele que acompanha e participa da folia de Reis. "*É... evem os folião... vem os folião né... aquele povo com aquelas viola tudo enfeitadinha...*” (Entr.2, linha 221)

FORNA (n/d) s. Tacho grande e raso onde se torra a farinha de mandioca. "*Fazia... ó... farinha meu filho... eu vou falar... nós mexia a forna era mês e mês...*” (Entr.8, linha 137)

FORRA (n/d) s. Liberdade; alforria. "... *aí ela deu a forra pros negro... foi que os negro num ficou sendo escravo mais...*” (Entr.12, linha 186)

FORRAR (A) v. Libertar; dar alforria. "...*nesse tempo mamãe já era moçona... que ela lembra o dia que forrou... que foi aquele festão.*” (Entr.6, linha 262)

FUNDA (n/d) v. Ir ao fundo. Variante de afundar (Afundar > fundar – caso de aférese). "*Ele faz um boi direitinho de pano... e um funda debaixo e sai na rua...*” (Entr.2, linha 229)

“...aí moço o povo fundou nesses mato...” (Entr.1, linha 340)

FUSO (A) s. Instrumento de madeira, roliço, onde se torce o fio até o mesmo atingir a grossura desejada. “... mamãe punha uma linha... enfiou no fuso / que eu (pus pé num fuso)... eu quero mandar fazer um fuso assim pra mim...” (Entr.6, linha 316)

FUXICAR (A) v. Misturar; remexer. “Se eu perguntar pr’ocê... eu tou com a cabeça assim / minha cabeça fuxicou assim... eu tenho dois ano com outro registro.” (Entr.3, linha 51)

G

GALARDÃO (A) s. Recompensa; honra, glória. “...esse sofrimento que eu tou falando... vai ganhar galardão de Deus... vai ganhar galardão com Deus...” (Entr.10, linha 373)

GAMELA (A) s. Utensílio, geralmente de madeira ou barro, em forma de tigela, usado para lavar alimentos ou mesmo para servi-los. “() lá na parambeira / o machado tenho / pra cortar madeira / pra fazer gamela pra vender na feira / pra comprar sapato pra dançar rancheira...” (Entr.6, linha 136)

GENGIROBA (n/d) s. Planta medicinal, tomada em forma de chá. “Nós tomava era noz-moscada gengiroba folha de laranja... ()... é esse o remédio nosso...” (Entr.3, linha 217)

GOMA (A) s. Substância viscosa que se extrai de vários vegetais, em especial da mandioca. “... aquele couro era para labutar em casa de roda... quem tinha... era para labutar em casa de moagem de cana... quem tinha... aquele couro era pra secar goma...” (Entr.5, linha 459)

H

HARMÔNICA (A) s. Instrumento musical. O mesmo que sanfona, acordeão. “Era festa de tocação de harMÔNica... nem violão num tinha... era tocar harmônica.” (Entr.14, linha 111)

I

IMBIGO (n/A) s. Cicatriz produzida pelo corte do cordão umbilical. Variante antiga de umbigo (Umbigo > imbigio – caso de assimilação). “...quando eles cortava imbigio a gente fazia era azeite... () pra passar no imbigio... e era assim... aí com três dia... quatro... o imbigio caía..” (Entr.9, linha 123)

INTÉ (A) Prep. Limite em um espaço de tempo. Variante de até (até > inté – caso de alçamento com nasalização). Cf. **anté**. “... () qu’eu tou aí com Deus... inté hoje... ainda vejo muita coisa...” (Entr.8, linha 284).

INTIMIDADE (n/d) s. Falta de alguma coisa; necessidade. “... hoje nós tomo aqui numa situação... tá tendo fatura e a gente sentindo muita intimidade das coisa. / Entr: Faltando as coisa. / Inf: Que num tem dinheiro.” (Entr.12, linha 49)

INTIRIÇADO (n/d) adj. Relativo a teso, rígido. Variante de inteiriçado (Inteiriçado > intiriçado – caso de monotongação). “... chegou lá eu tava intiriçado em riba da cama sem poder andar pra terra nenhuma...” (Entr.7, linha 358)

INTRADIÇÃO (n/d) s. Transmissão de lendas e costumes através das gerações. Variante de tradição (tradição > intradição – caso de prótese). “*É... os mais velhos foram morrendo... uma parte da meninada / aconteceu que num aprenderam... num aprenderam essas intradição e nem seguiu as intradição velha...*” (Entr.5, linha 393)

INTRÁS (n/d) adv. Na retaguarda, após. Variante de atrás (atrás > intrás – caso de alçamento com nasalização). “*Intrás dessa rua tem um córrego*”. (Entr.13, linha 79)

INUTILIZAR (n/d) v. Tomar, levar. “*... a sanfona era bonita... e afinal de contas um camarada me... me inutilizou ela de mim... ele comprou e num pagou... é... perdi meu... meu dinheiro.*” (Entr.4, linha 134)

INVERNADA (A) s. Pastagem cercada para dar descanso aos cavalos, bois, vacas e bezerros após longa jornada de trabalho. “*... acontecia dá caso... dá estória de contar... boi valente... boi de invernada difícil né.*” (Entr.5, linha 548)

IZABELÊ (n/d) s. Ave de caça, bem colorida, de asas pretas com faixas amarelas, peito castanho, barriga amarelada e a cabeça e parte de trás do pescoço meio avermelhada; jaó. Variante de zabelê (zabelê > izabelê – caso de prótese). “*Izabelê... é um pássaro tipo uma galinha... ela num senta em pau não... ela vive no chão...*” (Entr.5, linha 661)

J

JACU (A) s. Ave de caça que se assemelha a uma galinha, mas ao contrário destas, vivem nas árvores. Possuem a cauda e o corpo alongados e o bico curto, se alimentando de folhas e frutos. “*Pegava um canto de mata aí e jacu... ocê ficava com medo da jacuzada... o jacu é um passarinho grande... o jacu é um passarinho grande assim... mais de que um urubu...*” (Entr.5, linha 654)

JACUZADA (n/d) s. O coletivo de jacu. “*... pegava um canto de mata aí e jacu... ocê ficava com medo da jacuzada...*” (Entr.5, linha 654)

L

LABUTAR (A) v. Trabalhar duro em uma atividade repetitiva. “*...aí nós tava até na casa da roda labutando com farinha e eles tava relando mandioca e nós ia observando a roda e ês mexendo forno...*” (Entr.8, linha 244)

LAMBU (A) s. Ave de caça, sem cauda, de pernas curtas e fortes, também conhecida como inhambu, nambu, inambu. “*... na época que tinha aqui... tinha jacu... tinha izabelê... tinha juriti... tinha a lambu...*” (Entr.5, linha 688)

LAPINHA (A) s. Laje natural ou de cimento e que forma um abrigo. “*É... e o de lá de baixo daquele túnel... que tem lá aquela igrejinha / aquela lapinha que teve... ali é São Vicente...*” (Entr.2, linha 176)

LEGALISTA (n/d) s. Designação dada pelos habitantes locais às tropas do governo federal que estavam no encalço da Coluna Prestes em 1926. “*Legalista... os que andava perseguindo os revoltoso era assim...era praticamente coliado moço...*” (Entr.4, linha 496)

LOTE-DE-BURRO (n/d) s. Cada conjunto de dez animais cargueiros em que se dividem as tropas de carga. "... meu pai... quando morreu... ele deixou um lote-de-burro pra mim... é dez burro arreado né... é dez burro..." (Entr.6, linha 216)

LUITAR (A) v. Trabalhar duro. (luctare > lutar > lutar). "... e eu fui luitando com isso... luitando luitando até Deus me ajudou que eu tou aqui..." (Entr. 7, linha 347)

LUMIAR (n/A) v. Tornar claro algum lugar. Variante antiga de alumiar (alumiar > lumiar – caso de aférese). Cf. **alumiar**. "... era bem pequenininho e tinha as cancelinha assim ao redor... e botava as candeia pra lumiar." (Entr.6, linha 13)

M

MAFABETO (n/d) s. Pessoa que não foi escolarizada (*mal + alfabeto > malafabeto > mafabeto) "A minha profissão () da minha profissão... fiquei mafabeto... eu fiquei mafabeto por isso... porque no meu tempo num deu pra estudar..." (Entr.10, linha 121)

MAIS (A) prep. Com; em companhia de. "É... esse velho mesmo que morou mais nós... era vizinho lá mais nós na roça..." (Entr.4, linha 412)

MANAÍBA ~MANIVA (A) s. O caule da mandioca. A parte que se planta. "É pois é... a mandioca é da manaíba... depois planta... agora aí dá a mandioca e a gente faz a farinha." (Entr.11, linha 246) "...era trabalhar na roça... fazer roça... plantar feijão... maniva... pra gente fazer farinha né..." (Entr.1, linha 3)

MANDACARU (n/d) s. Espécie de peixe. "... e nossos irmão foi pescar... aquele mandacaru... o senhor conhece?" (Entr.6, linha 307)

MANDRUSCADA (n/d) s. Mistura de ervas para fazer chá; Raizada. "É... óleo de mamona... ia lá pegava o óleo... fervia uma água... botava ali umas mandruscada dentro... () né... botava um pouco de fedegoso... fazia um copo duplo e o camarada quebrava aquilo..." (Entr.1, linha 480)

MANGA (A) s. Pastagem cercada próxima à casa da fazenda, especialmente preparada para guardar o gado. "Até ali eu conheci aquilo ali... uma manga só de capim..." (Entr.5, linha 293)

MARAMBAIA (n/A) s. Espécie de renda produzida no norte de Minas Gerais. "Eu faço renda... eu faço crochê... () faço franja... eu faço ponto de cruz... eu faço bordado... eu faço até ()... eu faço marambaia..." (Entr.6, linha 22)

MARIA TEREZA (n/d) s. Fantasia grande de mulher, usada por alguém com a finalidade de sair pelas ruas desfilando, em festa local. "Maria Tereza era uma mulherona vestida de... faz uma mulherona... vestia uma saiona e o boi-janeiro né... havia essas festa aí..." (Entr.15, linha 227)

MARRUÊ (n/d) s. Touro ou novilho bravo. Variante de marruá (marruá > marruê – caso de dissimilação). "... se ocê num ver um cachorro um jegue ou qualquer coisa ou um marruê o senhor conta..." (Entr.7, linha 482)

MATUTAGEM (A) s. Massa feita de mistura de raízes com esterco de gado, usada, amarrada, junto ao corpo, em locais doloridos. "... se ela tivesse sofrendo de resfriagem... resfriagem... era buscar alecrim... alecrim... esse outro... arruda... essas coisa e fazia uma matutagem

assim misturada com esterco de gado... passava nesses trem tudo... e botava um pano... e botava em riba daquela dor... daquela resfriagem dela e marrava... era criado assim.” (Entr.10, linha 436)

MIUCHINHO (n/d) adj. Que é simples; pequeno. “... é... um caminhãozinho... um chevizinho... aqueles caminhãozinho antigo... miuchinho né... num é esses carrão que tem hoje não...” (Entr.4, linha 651)

MODE ~ MODO (n/d) adv. A fim de; para. “...me escreveu pra tornar a voltar lá... pra resolver... mode eu namorar a outra menina...” (Entr.4, linha 75) “... que ela levava um carrinho de mão modo eu tirar uma lenhazinha prali...” (Entr.7, linha 373)

MONTOEIRO (n/A) s. Montão; quantidade. “... e tinha noite que dava falta de ar... eu amanhecia assim ó... com aquele montoeiro de travesseiro...” (Entr.8, linha 282)

MOSQUITO ~ MOSQUITINHO (A) s. Brilhante miúdo, encontrado no fundo do rio. “Rio Mosquito... mas porque que ele era rio Mosquito?... porque nesse tempo a correnteza era bonita e tinha muita areia / achava aqueles mosquitinho / falava mosquitinho / um brilhante na areia... no fundo do rio. / Entr: Ah tinha brilhante! / Inf: Tinha... então a gente falava era mosquito... “ó o mosquitinho”... o que achava ali / aqueles mosquitinho / falava era mosquitinho.” (Entr.13, linha 57)

MUCADO (n/d) pron. Tanto; quantidade indefinida. “... eu namorei um mucado de moça...” (Entr.4, linha 81) “É... eu fiquei morando ali um mucado de tempo...” (Entr.2, linha 31)

MUDERNAGEM (n/d) s. Juventude; mocidade. “... é o que nós tomo enxergando... muita gente num... num... num tá / que num alcançou aqueles tempo / essa mudernagem né... mais esse povo mais antigo...” (Entr.4, linha 319)

N

NOVATA (n/d) s. Juventude; mocidade. “... aqueles povo mais velho assim que nem eu... envergonhoso... a novata pode até acompanhar... mas o povo de meia idade que tem a nação / de meia idade pra trás né... esse povo num vai aceitar...” (Entr.10, linha 336)

O

O PAU MOENDO (n/d) Fraseologia. Prosseguimento de alguma coisa; continuidade de algo. “Eles faz um boi direitinho de pano... e um funda debaixo e sai na rua... bota chifre bota () bota tudo né... e sai na rua a cantar e o pau moendo...” (Entr.2, linha 230) “E cantava assobiava e o pau tava moendo.” (Entr.1, linha 71)

P

PAIOL DE MILHO (n/d) s. Construção próxima à casa da fazenda onde é armazenado o milho seco. “... tinha um paiolzinho que / um paiolzinho que usava / botar um paiol de milho... fazia um paiolzinho pra botar / pra botar milho / pra criação comer na seca né.” (Entr.10, linha 73)

PAIOSCA (n/d) s. Espécie de cabana coberta de palha; palhoça. “É no campo... inventaram essa paiosca aí... nesse... nesse ()... e... e aí... fizeram esse promo lá de paia e já tem esse outro novo aqui...” (Entr.5, linha 325)

PANO-DE-BUNDA (n/d) s. Roupas de casamento; enxoval. “É... marcava o dia da data né... um padre era difícil na época pra vim aqui né... difícil... de quatro em quatro meses... “()”... “Vamo marcar hoje... vamo marcar hoje”... marcava hoje mesmo... aí () comprava os pano-de-bunda... ((risos))... ficava esperto aí... quando chegava o dia (fazia aquela festa bonita né)...” (Entr.1, linha 171)

PARAMBEIRA (n/d) s. Precipício, abismo. Variante de pirambeira (Pirambeira > parambeira – caso de assimilação). “... e com essa perna quebrada eu fui assim na parambeira... eu fui cortar de machado... depois meu pé prancheou e tinha umas moita de espinho terrível assim... e eu ainda olhei pras moita de espinho...” (Entr.7, linha 352)

PARELHA (A) s. Par de alguns animais, em especial de gado e cavalos. “... tinha uma parelha de boi muito grande... uns boião esgueirado...” (Entr.4, linha 673)

PARTEIRA (A) s. Mulher que ajuda no trabalho de parto. “... as mulher lá chamava as parteira e pegava o filho né... e nunca foi no médico...” (Entr.1, linha 531)

PATACÃO (A) s. Moeda antiga de prata usada no Brasil. “... enterrava prata e ouro naquele tempo... que era o dinheiro que tinha...é patacão de prata que eu conheci...” (Entr.4, linha 552)

PÉ-DE-BODE (A) s. Instrumento musical. Pequena sanfona de oito baixos, bem mais simples que um acordeão. “É... aprendi mexer / tocar sanfoninha... pé-de-bode...” (Entr.4, linha 121)

PEDIR UM ARROGO (n/d) loc. verb. É o mesmo que pedir arrêgo; dar-se por vencido. “... e este tantinho que eu já aprendi pois tem se servido... tem me servido porque ao menos me livra de pedir um arrogo...” (Entr.5, linha 88)

PEGUEI (A) v. Começar, principiar. “...peguei a comer muita comidinha fraca...” (Entr.2, linha 509) “Peguei trabalhar ni casa de família...” (Entr.14, linha 93)

PESSUIR (n/A) v. Ter; adquirir; comprar. “... meu pai nunca pessuiu terra não...” (Entr.5, linha 129)

PILÃO (A) s. Espécie de vaso de madeira onde se pila e descasca arroz, milho, café, etc. “...agora a gente compra é o saco de arroz limpinho... e nesse tempo num era meu filho... era tudo pisado no pilão... o café era pisado tudo no pilão pra poder beber...” (Entr.14, linha 198)

PINGA (A) s. Bebida alcóolica destilada da cana de açúcar; cachaça. “... era divertido demais moço... e ês tinha uma cachaça pura... o povo / de vez em quando tomava uma pinguinha...” (Entr.1, linha 465)

PIAR (A) v. Pear; prender com peias; amarrar com corda. “...pegou essa nega moço e piou... tirou a roupa dela todinha e piou ela bem piada... amarrou as mãos... amarrou as pernas e... () e botou lá dentro do forno...” (Entr.4, linha 438)

PIRÃO (A) s. Mingau ou papa grossa feita de farinha de mandioca. “... o joelho tava pr’aqui assim... as perna inchava... podia fazer aqueles pirão...” (Entr.4, linha 351)

PITI (n/A) s. O cipó do alho. "E eu acho que ela tinha mesmo cem ano... mas mãe era durinha igual um piti..." (Entr.2, linha 433)

PITIMBADO (A) adj. Enfermo; sem vigor físico. "...é moço eu já sofri na minha vida... é... e ainda num sarei não... tou aí ainda pitimbado." (Entr.7, linha 88)

PLANTA (n/d) s. Memória; lembrança. "...eu era molecote mas tenho isso na planta toda vida... tenho isso na planta porque / quando eu tinha oito ano..." (Entr.10, linha 230)

PLATAFORMA (A) s. Fantasma; assombração. "Eu tive medo... quando teve uma vez apareceu uma plataforma perto da casa da gente... nós correu... o povo quase morre de medo... mas minha mãe cabou tudo com reza." (Entr.14, linha 398)

POCAR (A) v. Rachar; estourar; pipocar. "...aí moço diz que todo ano essa carneira pocava e saía aquele fio de cabelo na / no caixão da carneira né." (Entr.7, linha 470)

PURGANTE (A) s. Óleo extraído de alguns vegetais, entre eles a mamona ou de gordura animal e usado como remédio caseiro. "... num tinha remédio assim... muito comprimido não... mais era chá... era uns purgante." (Entr.14, linha 168)

Q

QUEBRA (n/d) s. Armadilha; engenho para pegar pequenos animais. "Tinha... tinha... fazer quebra também no mato. / Entr: Fazer quebra? / Inf: É... pra pegar / o laço... pegar / fazer um quebra aqui... aquela armadilha / pegava aquela vara comprida assim... fazia armadilha de cá e agora arribava aquela vara e armava..." (Entr.7, linha 256)

QUERMESSE (A) s. Festa geralmente ao ar livre, com leilão de prendas em benefício da paróquia. "... em festa aqui eu fazia sucesso em quermesse... e dançava muito bem..." (Entr.2, linha 331)

R

RAMO FRACO (n/d) s. Pessoa pobre, sem riqueza material. "... meu pai era um ramo fraco... só tinha a graça de Deus..." (Entr.4, linha 660)

RANCHEIRA (A) s. Dança popular na região. "... tudo sei dançar... revoltosa... tuinga / ninguém dança mais né... rancheira / esse povo mais novo aí... () ensinar lá no sindicato né... pra dançar lá no festival." (Entr.6, linha 106)

RANCHO (A) s. Cabana provisória feita no mato ou nas roças, geralmente de palha. "... muita gente mudou pro mato... () fez ranchinho dentro da mata né..." (Entr.4, linha 464)

RAPARIGA (A) s. Mulher nova; moça. "... quando foi de noite meu marido foi () comprar um açúcar e uma rapariga veio e () quebrei o resguardo..." (Entr.3, linha 105)

RASTEL (n/d) s. Espécie de rede para tirar os peixes da água. "A gente tava vindo da lagoa e fazia aquele rastel pronto pra puxar os peixe..." (Entr.1, linha 239)

REBUÇADO (n/d) s. Maço; molho; feixe. "... riscou fogo no paiol de milho mais embaixo... fizeram aquele rebuçado de capim..." (Entr.4, linha 418)

RÉIS (A) s. Moeda usual no início do século passado; plural de real. “... *de primeiro era mi[l] réis... ocê ia as vez com vinte mi[l] réis ou quinze ou o quanto que for...*” (Entr.8, linha 176)

RENCA (n/d) s. Linha, fileira, alinhamento de pessoas ou coisas. Variante de renque. “*Vai... ih mas só ocê ver a renca de gente que vai atrás.*” (Entr.7, linha 223)

REQUERER (A) v. Denunciar alguém por algum crime. “... *bandido entrou na minha casa... Deus me ajudou qu’eu requeri ele...*” (Entr.10, linha 321)

RÊS (A) s. Cabeça de gado. “... *juntava cada uma... cada uma junta daquela era uma rês né... fizeram uma bezerra... fizeram uma vaca... fizeram um touro...*” (Entr.4, linha 33)

REVOLTOSO (n/d) s. Nome que se dá na região de Águas Vermelhas à Coluna Prestes que por lá passou no ano de 1926, causando pavor e morte aos moradores. “... *pegava as coisa e escondia o povo tudo lá dentro daquela mata... mode os revoltoso não atacar né.*” (Entr.1, linha 649) “*É... era... tinha os revoltoso que invadia mesmo... tinha os revoltoso... depois dos revoltoso tinha os cigano... tinha os cigano... tinha os cigano... o revoltoso vinha destruindo panhando / se mexesse eles matava...*” (Entr.10, linha 219)

REZEIRO (n/d) s. Aquele que canta na festa de Reis. “*Tinha o re[i]s... todo ano tinha um rezeiro que vinha cantar... saía de casa em casa cantando...*” (Entr.10, linha 276)

RIBA (A) adv. Em cima de algum lugar. “...*passando arreio nas costa... em riba d’umas pinguela de pau né...*” (Entr.4, linha 200)

RODA (n/d) s. Máquina de fiar linho; variante de roda de fiar (roda de fiar > roda – caso de elipse). “*Era tear da ()... nós hoje chama roda.*” (Entr.1, linha 62)

RODAGEM (n/d) s. Estrada de carros, rodovia. “... *Daqui pra Águas Vermelhas num tinha rodagem não. / Entr: Num tinha estrada nenhuma. / Inf: Num tinha rodagem não...*” (Entr.1, linha 346)

ROMPER (A) v. Andar na frente; sair antes de outra pessoa. “... *eu falei: “Não... ocê pode ir rompendo que eu vou com o cacetinho e Deus me ajuda que eu chego lá”... aí ela rompeu... “Ô senhor () mas vão embora!”... eu falei: “Não... vá rompendo e eu lhe acompanho”...*” (Entr.7, linha 377)

S

SEGUIMENTO (n/d) s. Festa após o casamento. “... *aí o dia que ele casou... eu... () fez um favor né... todo rapaz que um dia casasse tinha um seguimento né.*” / Entr: {Tinha o que?} / Inf: {Um forró}... *fazia um forró... um churrasco né.*” (Entr.4, linha 107)

SENHORINHA (A) s. Diminutivo de senhora. “... *minha mãe: “Beto... cê num tem medo de matar esses menino seu de comer não?”... “Ô senhorinha... num mata não... Deus num deixa morrer não...*” (Entr.12, linha 316)

SINHÁ (A) s. Feminino de sinhô; a dona da fazenda. “... *pegaram esses nego moço... a mulher... a patroa... a sinhá...*” (Entr.4, linha 422)

SOBRESCHRIÇÃO (n/d) s. Certidão de óbito. "*... Deus confiou em mim catorze filho... morreu cinco... esses cinco Deus num deixou tirar sobreschrição pra enterrar...*" (Entr.10, linha 147)

SUAIADA (n/d) adj. Que tem o piso de tábuas. Variante de assoalhada (Assoalhada > suaiada – caso de aférese, alçamento, e vocalização da lateral palatal. "*... aquela casa que é de dona Diva... aquela casa / ês chamava suaiada... eles falava que era suaiada... casa de taco... e levantava a casa por baixo ficava ocado...*" (Entr.2, linha 134)

SURA (A) adj. Que não tem cauda ou que apresenta somente o cotó. "*É... uma galinha sura... ocê via uma galinha sura... via uma izabelê né.*" (Entr.4, linha 303)

T

TACA (A) s. Espécie de bastão cheio de argolas usado para surrar os escravos. "*... aí veio um lá... com uma taca cheio de argola sacudindo assim... “Porque que esse () num panha?”... e puxou a taca na cacunda do velho...*" (Entr.12, linha 195)

TIÇAR (n/d) v. Arremessar, jogar. Variante de atiçar (atiçar > tiçar – caso de aférese). "*... daí a pouco tá todo mundo abrindo sepultura... () esse velho... tiçou lá dentro do buraco e enterrou...*" (Entr.12, linha 202)

TIGUREZINHO (n/d) s. Espécie de peixe miúdo, de cor branca. Variante de timburé. "*... só num tinha surubim aqui nesse rio... mas no mais esses peixinhos... o curumatá... o piau... piabanha... uma tal de piapara e... traíra... bagre... tinha tudo quanto era peixe... tinha uns tigurezinho branco... um peixinho pequenininho assim... era o melhor peixe que tinha dentro desse rio... esses tigurezinho né.*" (Entr.4, linha 208)

TOPAR (A) v. Encontrar, achar. "*... outra hora cê topa com ele na estrada...*" (Entr.5, linha 589)

TOSTÃO (A) s. Designação de moeda em geral; dinheiro. "*... deve tá lá embaixo do chão... mas que vem... vem... tenho certeza... certeza que vem... se ficar devendo um tostão...*" (Entr.12, linha 264)

TRAÇADÁ (n/d) s. Planta de folhas compridas e entrelaçadas que cresce normalmente às margens do rio. "*... o rio aí era sujo... era cheio d’um mato que a gente enfrentava... traçadá... traçadá...*" (Entr.2, linha 147)

TRANSFERIR (n/d) v. Possuir, adquirir. "*Meu pai tinha... meu pai... meu pai transferiu né... meu pai transferiu três famílias né... meu pai transferiu três famílias...*" (Entr.10, linha 53)

TROPA (A) s. Caravana de animais, geralmente burros ou bestas, usados para o trabalho de carga. "*... aqui já teve muita fartura... tropa e mais tropa entrava () na rua da Fé... panhava um negócio ali e levando pra Bahia.*" (Entr.12, linha 25)

TROPEIRO (A) s. Condutor de tropas de carga; arrieiro. "*... era esses homem... era o canoeiro que viaja pro rio... era o tropeiro que é esse... o homem que eu tou contando que derrubava os burro...*" (Entr.5, linha 537)

TROPICAR (A) v. É o mesmo que tropeçar. "*... que aqui mesmo a gente tá tropicando neles aí na rua...*" (Entr.2, linha 688)

TRUCISCO (n/d) s. Raiz usada como remédio. "... *aí peguei arrancar o trucisquinho né...o trucisco é uma raiz que tem nesses mato aí... peguei usar na pinga...*" (Entr.4, linha 351)

U

URDIR (A) v. Tecer; entrelaçar os fios. "*Fazia um novelão grande... a minha avó chamava urdir... urdia aquilo... ocê lembra disso... () chamava tial né...*" (Entr.1, linha 83)

URUPUCA (A) s. Armadilha feita de pequenos pauzinhos em forma de pirâmide para apanhar pássaros. Cf. **arapuca**. "*Ah naquele tempo num tinha o que fazer não... (brinquedo) era bodocar... fazer urupuca né...*" (Entr.1, linha 101)

V

VADIAR (A) v. Brincar; divertir. "*Não... nós nunca fazia boneca não... meu pai num deixava nós vadiar com boneca não...*" (Entr.3, linha 16)

VALAR (A) v. Escorrer através de valas. "*É buraco... onde valava as enxurrada né...*" (Entr.5, linha 184)

VAQUEIRO (A) s. Guarda ou condutor de gado. "... *ficava um vaqueiro sozinho naquele trecho pra cuidar daqueles boi... e assim () era boiada na estrada...*" (Entr.5, linha 547)

VAU (A) s. Trecho raso do rio onde se pode passar a pé. "*Ah... esse rio quando era ocasião das água mesmo...seis meses... ninguém tinha condição de passar nele... num dava vau em canto nenhum né...*" (Entr.4, linha 198)

VENDEIRO (A) s. Dono de venda. "... o vendeiro... é... o vendeiro... o velho que eu costume comprar na mão dele." (Entr.12, linha 330)

VULTADO (n/d) s. Fantasma; vulto. "... *ele saiu da cova e... aí virou bicho... e ficou na cidade... e o vultado atentando a família e cumendo tudo que tinha nas fazenda...*" (Entr.5, linha 579)



Foto n.º 7 – Zona rural de Águas Vermelhas / MG. (Acervo particular)

CAPÍTULO 7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciarmos este trabalho, apresentamos a proposta de analisar o léxico do município de Águas Vermelhas / MG, relacionando-o à história e cultura da região. Essa proposta partiu do pressuposto de que é o léxico a área dos estudos lingüísticos que melhor espelha a realidade sócio-histórico-cultural de um povo.

Na **Introdução**, procuramos mostrar que este trabalho se trata de um estudo sócio-lingüístico-cultural, visto que nossa proposta era relacionar o léxico usado pelos falantes da região à sua história e à sua cultura.

No Capítulo 1 – **Léxico e Cultura** – procuramos apresentar um resumo dos estudos lexicais ao longo do tempo, mostrando desde seus primeiros contornos na antigüidade até as teorias atuais. A seguir, tratamos da relação entre língua, sociedade e cultura, mostrando o seu desenvolvimento desde o século XIX até os estudos de Duranti e Hymes. Ainda nesse capítulo, apresentamos algumas definições de cultura propostas por Duranti.

No capítulo 2 – **Procedimentos Teórico-metodológicos** – apresentamos, na primeira parte, as principais teorias que serviram de base para este estudo, e na segunda parte, os métodos e procedimentos adotados. Em relação às teorias apresentadas, destacam-se os campos lexicais, apoiados em Biderman, Saussure, Coseriu, Trier, Matoré e outros. A seguir, tratamos da teoria da variação e mudança lingüística, abordando principalmente a proposta da Sociolingüística e a proposta apresentada por J. Milroy sobre “redes sociais”.

Tratamos, ainda na primeira parte do segundo capítulo, do conceito de “região cultural” proposto por Diégues Jr., que revelou um contexto cultural mais amplo em que se insere o município de Águas Vermelhas: o mediterrâneo pastoril. Na segunda parte desse capítulo, tratamos dos aspectos práticos da presente pesquisa. Primeiramente, apresentamos a ficha de análise e os dicionários que foram utilizados para analisarmos o léxico levantado. Na sequência, tratamos dos procedimentos adotados para a coleta dos dados, como se deu a escolha dos informantes e quais foram os procedimentos adotados para a transcrição dos dados das entrevistas.

No capítulo 3 – **Aspectos Históricos da Região Norte de Minas** – procuramos mostrar como se deu o processo de ocupação da região norte do nosso estado, mostrando desde as primeiras entradas e bandeiras no século XVI até o processo de colonização e povoamento da região, e apresentamos uma breve história do município de Águas Vermelhas / MG, bem como sua condição socioeconômica atual.

No capítulo 4 – **Apresentação e Análise dos Dados** – apresentamos as 258 fichas lexicográficas extraídas do *corpus*, contendo as principais informações que auxiliaram em nossa análise. A seguir, demos início a nossa análise quantitativa a partir das informações colhidas nas fichas citadas.

O capítulo 5 – **Discussão dos Resultados** – apresentou a análise descritiva dos dados coletados no *corpus*. Primeiramente foram analisados os casos de mudança, variação e manutenção lingüística, a partir das informações extraídas dos seis dicionários constantes nas fichas lexicográficas. Na seqüência, apresentamos os casos de retenções lingüísticas presentes entre as 258 lexias. A terceira parte desse capítulo foi reservada à análise dos dados, a partir da noção de “campos lexicais” proposta na seção 2.1.1. Esse capítulo foi encerrado com uma análise, demonstrando a influência das redes sociais na formação do repertório léxico apresentado na fala dos entrevistados.

No capítulo 6 – **Glossário** – apresentamos o vocabulário constante das 258 fichas com informações gramaticais, significado das lexias (segundo a acepção constante nas entrevistas), algumas análises lingüísticas, abonações e sua identificação no *corpus*.

A partir da análise quantitativa e qualitativa dos dados, comprovamos algumas de nossas hipóteses iniciais: a) a existência de casos de retenções lingüísticas e de arcaísmos; b) a confirmação do uso de lexias pelos entrevistados apresentadas nos dicionários pesquisados como recorrentes na Bahia ou nos estados do Nordeste do Brasil; c) a confirmação de que o léxico pode revelar aspectos históricos, ideológicos, sociais e culturais de um povo; d) a existência de um vocabulário de origem indígena ou africana; e) a existência de um vocabulário próprio do meio rural, comum a outras partes do país.

A partir da análise lingüística dos dados apresentados e das informações coletadas com informantes do município pesquisado e em fontes históricas, podemos apresentar as seguintes conclusões:

a) a existência de um vocabulário conservador na fala dos entrevistados, constando inclusive alguns casos de arcaísmos, é resultado de um isolamento dessas pessoas em relação aos grandes centros urbanos, decorrente principalmente da condição econômica dos mesmos e também da existência de uma “rede fechada” que possibilita a manutenção lingüística e uma maior restrição às inovações externas;

b) o repertório lexical de nossos entrevistados contém lexias que são identificadas por alguns dicionaristas como de uso da Bahia ou de outros estados do Nordeste do Brasil. Isso se dá pelo fato de o município de Águas Vermelhas fazer fronteira com o estado da Bahia, havendo um contato lingüístico entre seus falantes. Além disso, esta região estava inserida no

“caminho do boi”, ou seja, o município estava localizado em uma rota econômica que ligava várias cidades norte-mineiras a municípios da Bahia e Pernambuco, como também é relevante a existência de pessoas que funcionam como “pontes” entre diversas “redes sociais”, conforme defende J. Milroy;

c) a existência de um vocabulário de origem indígena e africana no repertório lexical dos entrevistados (somados, responderam por 12,1% das lexias dicionarizadas) pode ser explicado, em hipótese, pela presença do índio e do negro no processo de povoamento da região, o qual pode ter favorecido o uso de tais vocábulos. Ressaltamos que entre os entrevistados havia algumas pessoas de origem negra e que são descendentes de escravos;

d) há um vocabulário encontrado nas entrevistas que é próprio da linguagem do meio rural, o que é confirmado na obra de Amadeu Amaral, *O Dialeto Caipira*, apesar de 90% dos entrevistados morarem atualmente na cidade. A existência desse vocabulário na região pesquisada nos permite afirmar que o mesmo não está restrito à região do interior paulista como pensava Amaral no início do século passado, mas, ao contrário, parece ser comum a diversas regiões do país;

e) a análise dos casos de mudança, variação e manutenção lingüística entre os vocábulos pesquisados, tomando por referência as informações dos seis dicionários consultados, permitiu verificarmos que a proposta de Milroy em dar ênfase ao estudo da manutenção lingüística, em detrimento da proposta de Labov em focar os estudos na mudança, é em parte justificável, pelo menos no campo lexical, visto que em nossos dados constatamos apenas 15,4% de casos de mudanças lingüísticas ou substituição, frente aos 71,8% de casos de manutenção entre as lexias dicionarizadas;

f) a análise quantitativa revelou um alto índice de lexias não dicionarizadas (42,2%) nos dicionários consultados. Tal fato pode ser explicado pela existência no vocabulário dos entrevistados de vários casos de variantes fonológicas, bem como pelo uso de lexias constantes no léxico português, mas que foram utilizadas com outras acepções. O uso de vocábulos que parecem ser de uso específico da região também contribuiu para essa não-dicionarização;

g) a análise das lexias não dicionarizadas por classe gramatical também nos permite concluir que os vocábulos que desempenham as funções de substantivos e verbos são, de longe, aqueles mais produtivos, representando 77,9% dos casos. São essas duas categorias gramaticais que mais deixaram transparecer a cultura da região pesquisada. Soma-se a isso o fato que, como afirma Barbosa (1998), a dinâmica lexical não acontece de forma igual em

todo o léxico de uma língua, existindo uma parte nuclear do vocabulário em que essa mudança se processa mais lenta, garantindo, pois, a possibilidade de comunicação;

h) o estudo lingüístico com ênfase no léxico e ainda relacionado à cultura, como propõe Duranti, permite-nos descobrir padrões interativos que revelam visões de mundo e formas de relação entre os indivíduos. Concluímos, a partir deste estudo, que a cultura deve ser vista como um somatório de valores de um povo e, sendo a língua parte da cultura, ela se mostra um instrumento revelador do pensamento e dos costumes daqueles que a utilizam;

i) o estudo do léxico a partir da noção de campos lexicais permite-nos visualizar melhor a relação que as palavras mantêm entre si. Tal fato reforça a idéia de que a palavra não pode ser vista de forma isolada, mas apenas diante de outras que fazem parte do mesmo campo. O estudo a partir da noção de campos se mostrou ainda como uma importante ferramenta para a análise das lexias, pois permitiu uma análise mais homogênea e organizada de um vocabulário que, à primeira vista, mostrava-se bastante difuso;

j) a análise do léxico de Águas Vermelhas confirmou a existência de um conjunto de elementos que caracterizam a região como parte de uma área cultural comum a outras regiões do Nordeste, confirmando a proposta de Diégues Junior de dividir o Brasil em “regiões culturais”;

l) a ênfase nos estudos lingüísticos à modalidade oral, pressuposto da Sociolingüística e também da teoria apresentada por J. Milroy (Cf. seção 2.1.2.2.), revela uma maior presença das variedades mais distantes da norma dita “padrão”. Como visto, essa opção é que nos permitiu encontrar os casos de retenções lexicais apresentados, bem como a existência de variantes para as lexias reconhecidas como “padrão” na língua portuguesa.

Acreditamos ter cumprido nossa proposta ao iniciar esta pesquisa, embora reconhecemos que um levantamento lexical mais amplo a partir das 15 entrevistas poderia resultar em um estudo bem mais completo. Mesmo assim, esperamos ter contribuído para com a descrição do léxico da língua portuguesa falada em parte da região norte-mineira.

REFERÊNCIAS

ABREU, Capistrano de. *Capítulos de história colonial & Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil*. 5ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.

_____. *Capítulos de História Colonial e os caminhos antigos e o povoamento do Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

ALKIMIM, Tânia Maria. Sociolinguística Parte I. In: *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. 2ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 2000, p. 21-47.

AMARAL, Amadeu. *O Dialeto Caipira*. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1976.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. *A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimo em três localidades de Minas Gerais: Campanha, Minas Novas e Paracatu*. 2001. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO – APM. Belo Horizonte. *Planta Geográfica do Continente que corre da Bahia de Todos os Santos até a Capitania do Espírito Santo e da Costa do mar até o rio São Francisco*. Coleção de documentos cartográficos. Mapa 5/1 – Env. 2. [17..].

BALDINGER, Kurt. *Teoria Semantica: hacia uma semantica moderna*. Madrid: Alcala, 1970.

BARBOSA, Maria Aparecida. Da Neologia à Neologia na Literatura. In: *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande: UFMS, 1998.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: [s.n.], 1995.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria lingüística: lingüística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros técnicos e Científicos, 1978.

_____. As ciências do léxico. In: *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande (MS): Ed. UFMS, 1998.

_____. *Teoria Lingüística: teoria lexical e lingüística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BLUTEAU, Padre Raphael. *Vocabulario Portuguez e Latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística Parte II. In: *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. 2ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 2000, p.49-75.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *História da Lingüística*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

CAMPOS, Helena Guimarães; FARIA, Ricardo de Moura. *História de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Ed. Lê, 2005.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares Africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2001

CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic Theory*. Linguistic variation and its social significance. Cambridge: Blackwell, 1995.

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Formulário e guia médico*. 18ª ed. Paris: Livraria de R. Roger e F. Chernoviz, 1908.

COHEN, Maria Antonieta Amarante de Mendonça et alii. Filologia Bandeirante. In: *Filologia e Lingüística Portuguesa*. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1997, p. 79-94.

COHEN, Maria Antonieta Amarante de Mendonça et alii. BTLH - Banco de textos para pesquisa em lingüística histórica (1999) – Carta do P. Manuel da Nóbrega ao P. Simão Rodrigues, Lisboa, Baía [10?de abril] de 1549, p.110 – FALE/UFGM.

COSTA, João Batista de Almeida. *Mineiros e baianos: englobamento, exclusão e resistência*. 2003. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília.

_____. Cultura, natureza e populações tradicionais: o Norte de Minas como síntese da nação brasileira. *Revista Verde Grande*, Montes Claros, v.1, nº 3, p.8-45, fev. 2006.

COSERIU, Eugenio. *Princípios de Semántica Estructural*. Madrid: Gredos, 1977.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

CUNHA, Luiz Alexandre Gonçalves. Sobre o conceito de região. *Revista de História Regional*. Ponta Grossa, v.3, nº2, p.39-54, 1998.

DIÉGUES JUNIOR, Manuel. *Regiões culturais do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1960.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1993.

DURANTI, Alessandro. *Antropologia Lingüística*. Trad. espanhola: Pedro Tena. Madrid: Cambridge University Press, 2000.

ELIA, Silvio. *A unidade lingüística no Brasil*. Rio de Janeiro: Padrão, 1974.

FARACO, Carlos Alberto. *Lingüística Histórica*. São Paulo: Editora Ática, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda; FERREIRA, Marina Baird; ANJOS, Margarida dos. *Aurélio Séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3ª ed. totalm. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA NETO, W.; RODRIGUES, A. C. de S. Transcrição de inquéritos: problemas e sugestões. In: *Filologia Bandeirante*. São Paulo: Humanitas, 2000, p.171-194.

FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

GUILBERT, L. Peut-on définir un concept de norme lexicale? In: *Langue Française*, nº16. Paris, 1972, p.29-47.

GUIRAUD, Pierre. *A Semântica*. Trad. e adaptação de Maria Elisa Mascarenhas. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

GECKELER, Horst. *Semántica Estructural y Teoria del Campo Léxico*. Madrid: Editorial Gredos, 1976.

HERNÁNDEZ, H. *Los diccionarios de orientación escolar: contribución al estudio da la lexicografía monolingüe española*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1989.

HOCK, Hans Henrich. *Principles of Historical Linguistics*. 2ª ed. rev. e aum. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1991.

HUBER, Joseph. *Gramática do Português Antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

HYMES, Dell. *Language in culture and society. A Reader in Linguistics and Antropology*. New York: Harper and Row, 1964.

IBGE – Município de Águas Vermelhas: banco de dados. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>. Acesso em 07/09/2006.

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: Pennsylvania University Press, Oxford, Blackwell, 1972.

_____. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Yakov. (Eds.) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1982. p. 17-92.

_____. *Principles of linguistic change*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.

MAGALHÃES, Basílio de. *Expansão Geographica do Brasil Colonial*. 2ª ed. aum. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

MARTINET, André; JORGE, Moraes Barbosa. *Elementos de Lingüística Geral*. 3ª ed. Lisboa: 1971.

MARTINET, André. *Elementos de Lingüística Geral*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1975.

MARTINS, Sebastião. *Caminhos de Minas*. São Paulo: Editoração Publicações e Comunicações, 1992.

MATORÉ, George. *La méthode en lexicologie*. Domaine Française. Paris: Didier, 1953.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. Reconfigurações socioculturais e lingüísticas no Portugal de quinhentos em comparação com o período arcaico. In: MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia; MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes (Org.). *O Português Quinhentista: Estudos Lingüísticos*. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS; 2002.

MELO, Gladstone Chaves de. *A Língua do Brasil*. 3ª ed. melh. e aum. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1975.

MILROY, James. *Linguistic Variation and Change*. On the historical sociolinguistics of English. GB: Basil Blackwell, 1992.

MIRANDA, Avay. *Taiobeiras: seus fatos históricos*. v.1. Brasília: Thesaurus, 1997.

MOUNIN, George. *História de la Lingüística: desde los orígenes al siglo XX*. Madrid: Gredos, 1968.

MURUKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. *Antônio de Moraes Silva: lexicógrafo da língua portuguesa*. Araraquara: Editora Cultura Acadêmica, 2006.

NIKLAS-SALMINEN, Aino. *La Lexicologie*. Paris: Armand Colin, 1997.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. *O Português do Brasil: Brasileirismos e Regionalismos*. 1999. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras da UNESP/Araraquara – Araraquara.

Portugaliae Monumentae Histórica – Códice 79, vol. 1, fol. 28. Disponível em: <http://www.irib.org.br/portugaliae/pmhv.asp>. Acesso em 12/03/2008.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROBINS, R. H. *Pequena História da Lingüística*. Tradução de Luiz Martins Monteiro de Barros. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas Morfológicas do Português*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

SAPIR, Edward. *Linguística como ciência*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.

SANTIAGO, Luis; SOUZA, Maria das Graças Cordeiro. *Pedra Azul: Cinco visões de uma cidade*. Pedra Azul: Prefeitura Municipal de Pedra Azul, 1996.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 9ª ed. São Paulo: Cultrix, 1970.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da região do Carmo*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – UFMG – Belo Horizonte.

SILVA, António de Moraes. *Diccionario da Lingua Portuguesa*. 2ª ed. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.

TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolinguística*. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1986.

TEIXEIRA, Yolanda Mourão. *Constituição do léxico*. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1975.

VASCONCELOS, Diogo de. *História Média de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas, 1918.

_____. *História Antiga de Minas Gerais*. v.1. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1974.

_____. *História Antiga de Minas Gerais*. v.2. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1974.

VASCONCELOS, Salomão de. *Bandeirismo*. Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura, 1944.

VERDELHO, Telmo. Dicionários portugueses, breve história. In: *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 2002.

VILELA, Mário. *Estruturas léxicas do português*. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

WEEDWOOD, Bárbara. *História concisa da Linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Empirical foundations for a theory of language change*. Directions for historical linguistics: A Symposium, ed. Winfred P. Lehmann and Yakov Malkiel. Austin: University of Texas Press, 1968, p.95-188.

WIKIPÉDIA: Minas Gerais MesoMicroMunicípios. Disponível em:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:MinasGerais_MesoMicroMunicip.svg. Acesso em
25/jul. 2007.

ZEMELLA, Mafalda P. *O abastecimento da Capitania de Minas Gerais no século XVIII*. 2ª ed. São Paulo: Editora Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo, 1990.